

Viagens que tomam Partido:
Comunistas portugueses no País dos Sovietes

Manuel José Leal Canudo

Dissertação em História Contemporânea

Março, 2025

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Contemporânea, realizada sob a orientação científica de José Manuel Viegas Neves e sob coorientação científica de João Manuel Martins Madeira.

Ora em todas as partes do mundo há bebês bonitos e há bebês feios, há camisolas que não resistem a um puxão violento. Em todo o lado há o sonho, o sonho ou a utopia, de ambos se nutre o ser humano.

(Fernando Namora, *URSS mal amada bem amada*, 1986)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi uma espécie de viagem. Viagem turbulenta, mas, nem por isso, enfadonha. Uma viagem hesitante quanto à fixação de um destino, com avanços e recuos, e que durou entre os finais de 2023 e março de 2025. Deambulou de Évora para a Amadora, depois, para Campanário, Ribeira Brava e para o Funchal, regressando não poucas vezes a coordenadas alentejanas. Transitou por Lisboa e por Caneças. Foi levada de férias e para o trabalho. Andou por discussões amigáveis animadas a copos e por campanhas eleitorais. Passeou por alegrias, anseios, melancolias e inquietações. Foi sendo transformada à medida que embatia com novas paisagens, com novas gentes. Ela é, tal como aquilo que se propõe a estudar, um resultado de vários trânsitos. Trânsitos esses, felizmente, quase sempre feitos em coletivo.

Devo dizer que não foram menos importantes os trânsitos anteriores cuja memória – sem que de convide necessitasse – se foi intrometendo, modelando a experiência da viagem propriamente dita. Assim, nesta frágil narrativa que monto para potenciar sentido a esta trajetória, vários são os nomes de outras andanças que merecem ficar aqui registados. Os primeiros, o professor Carlos Santos e a professora Guilhermina Rebocho – a ambos devo mais do que alguma vez poderei retribuir. Da mesma forma, são devidos agradecimentos aos professores do Departamento de História da Universidade de Évora. Especialmente, para duas professoras daquele departamento. À professora Maria Filomena Barros, cuja saudosa gargalhada jamais será esquecida pelos que por ela foram contagiados, e que nos ensinou que são as *dúvidas*, as *achegas* e as *questões* que verdadeiramente transformam. À professora Maria Fátima Nunes, com quem desenvolvi o meu fascínio pelo século XX e que nunca deixou de acompanhar e incentivar os caminhos da minha investigação em História Contemporânea.

Inscrita no Mestrado em História Contemporânea, esta viagem foi passando por diferentes salas da FCSH-UNL e, mais importante, por diferentes professores. Aos professores deste 2.º ciclo de estudos é devido, de igual forma, um reconhecimento. Mas, no final de contas, os principais agradecimentos dirigem-se aos orientadores desta dissertação. Ao professor Zé Neves, que aceitou embarcar nesta atribulada jornada, agradeço-lhe a disponibilidade, liberdade, confiança e a paciência – aparentemente inesgotável – para aturar e guiar os meus desvios e desvarios. Mas agradeço-lhe, sobretudo, a recomendação para interromper uma viagem que parecia não querer terminar, impossibilitando o início de outros trânsitos, de outras viagens. A orientar-me esteve também o professor João Madeira que, desde o início, se mostrou sempre disponível. Também com uma paciência aparentemente inesgotável, guiou desvios, fez

sugestões, respondeu a inquietações e facultou pistas. Se méritos houver, eles pertencem aos orientadores desta dissertação.

A minha gratidão vai ainda para os *compagnons de route* que comigo sonharam durante a travessia. Ao Gil Gonçalves e ao Leonardo Aboim Pires, pelas errâncias sem fronteiras e pelas estimulantes discussões. À Beatriz Fernández e à Inês Almeida, pelo constante incentivo e pela leitura e comentário destas precárias páginas que se seguem. Ao Ignacio Pereda, por, desde cedo, me incentivar a perseguir a investigação. À Beatriz Felício pelo incansável acompanhamento desta e de outras itinerâncias e pela leitura crítica das páginas desta dissertação. À M^a. Helena Figueiredo (com resignificação, carinho e amor, *Leni...*), à M^a. Josefina Palma (*Finita*), à Patrícia Correio Rico, ao Zé Pinto, ao Raul Rasga e ao Pedro Ferreira, pela camaradagem, amizade e solidariedade. À Amália Oliveira, que me contou um pouco do muito que *viu* na União Soviética. À Joana Faria e à Rita Anjos pelo longo e desprezioso companheirismo. À Jéssica Canário, à Rita Piruleira, ao Nelson Silva, ao João Bonifácio e aos (meus) irmãos Chaveiro, João e Zé, pela amizade, pela partilha e, especialmente, pela pachorra.

Devo à minha ~~outra~~ família madeirense um irretribuível acolhimento numa terra que nunca julguei ver como *minha*, sobretudo, à Maria José, que não dispensou de ler e corrigir estas páginas.

Mas, se agradecimento incalculável há a fazer, ele destina-se à minha mãe. Sem ela, nenhuma viagem tinha sido possível e, sem ela, isto nem tinha tido piada. Devo-lhe, claro, tudo.

À Cristina, por ter construído as condições para o início, o decurso e o desfecho desta viagem, por me propiciar as maiores felicidades e por tornar tudo, enfim, mais bonito. Foi ela que foi ocupando o meu pensamento durante as deambulações e os desvios, durante a investigação e a escrita, durante as incertezas e as hesitações. Ainda assim, nada que possa escrever ou dizer consegue corresponder àquilo que ela para mim significa.

As últimas palavras vão para a memória de meu pai, reconhecendo que as páginas desta dissertação ficaram, certamente, mais pobres por não terem passado pela sua sempre desconfiada esferográfica.

Viagens que tomam Partido:
Comunistas portugueses no País dos Sovietes

Manuel José Leal Canudo

A apreensão da *realidade soviética* foi incansavelmente almejada no decorrer do século XX. Em torno dela mobilizaram-se distintas ferramentas e grelhas analíticas. Uma delas, apesar de desconsiderada não poucas vezes: a observação direta informada por um dispositivo biológico transportado pela maioria dos humanos, os olhos. Esta dissertação trata daqueles que colocaram as mochilas às costas e partiram rumo à União Soviética para a verem *tal como ela era*. E fá-lo concentrando-se, particularmente, em alguns dos militantes comunistas portugueses. Dois principais objetivos guiaram esta investigação. O primeiro, a reconstrução de alguns dos trânsitos percorridos entre Portugal e a União Soviética no decurso do século XX – especialmente, os trânsitos realizados através dos canais do Partido Comunista Português. O segundo, a identificação e análise das narrativas de viagem divulgadas no contexto português e as produzidas por aqueles que, idos de Portugal, visitaram a URSS. Trata-se, por isso, de uma dissertação que combina os estudos dos comunismos com a análise daquilo que se tende a nomear de literatura de viagem. Uma dissertação que, em última análise, procura responder à seguinte pergunta: *o que é que os comunistas portugueses disseram ter visto no País dos Sovietes?*

PALAVRAS-CHAVE: Viagens; União Soviética; Partido Comunista Português, Narrativas de viagem; Ideologia

Journeys with the Party:
Portuguese Communists in the Land of the Soviets

Manuel José Leal Canudo

The apprehension of *soviet reality* was tirelessly pursued throughout the 20th century. Various tools and analytical frameworks were mobilized around it. One of them, often disregarded: direct observation, informed by a biological device carried by most humans – the eyes. This dissertation examines those who strapped their backpacks on and set off for the Soviet Union to see it *as it truly was*. It does so by focusing particularly on some Portuguese communist militants. Two main objectives guided this research. The first was the reconstruction of some of the journeys between Portugal and the Soviet Union during the 20th century—especially those undertaken through the channels of the Portuguese Communist Party. The second was the identification and analysis of the travel narratives disseminated in the Portuguese context and those produced by individuals who, having left temporarily Portugal, visited the USSR. This is, therefore, a dissertation that combines the study of communisms with the analysis of what is commonly referred to as travel literature. Ultimately, it seeks to answer the following question: *what did Portuguese communists claim to have seen in the Land of the Soviets?*

KEYWORDS: Journeys; Soviet Union; Portuguese Communist Party; Travel Narratives; Ideology

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Livros de viagem publicados por escritores portugueses (1925 – 1986)	174
Tabela 2 – Narrativas de viagem publicadas na revista <i>Paz e Amizade</i> (1976 – 1989)	180
Tabela 3 – Relatos de viagem (à URSS) nos relatórios de livros censurados (1934 – 1974)	182

LISTA DE ABREVIATURAS

- AD – Aliança Democrática
- AIT – Associação Internacional dos Trabalhadores
- AP-URSS – Associação Portugal-URSS
- CC – Comité Central
- CEE – Comunidade Económica Europeia
- CGT – Confederação Geral do Trabalho
- COMECON – Conselho para Assistência Económica Mútua
- CTT – Correios de Portugal
- CUF – Companhia União Fabril
- DGS – Direção Geral de Segurança
- DIA – Defense Intelligence Officer for European and Soviet Political/Military Affairs
- EUA – Estados Unidos da América
- FJCP – Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas
- GPU – *Gossydzártsvenoe Politicheskoe Upravlenie* (Direção Política Estatal)
- IC – Internacional Comunista / III Internacional
- IJC – Internacional da Juventude Comunista
- IS – Internacional Socialista / II Internacional
- ISV – Internacional Sindical Vermelha
- MUD – Movimento de Unidade Democrática
- NEP – *Novaya ekonomicheskaya politika* (Nova Política Económica)
- NKVD (GUPB) – *Glávnoe Upravlenie Gossudárstvenoi Besopastnosti* (Direção Principal de Segurança de Estado)
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PCE – Partido Comunista de Espanha
- PCF – Partido Comunista Francês
- PCI – Partido Comunista Italiano
- PCP – Partido Comunista Português
- PCUS – Partido Comunista da União Soviética
- PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado
- PREC – Processo Revolucionário em Curso
- PS – Partido Socialista
- PSD – Partido Social-Democrata

PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado

RDA – República Democrática Alemã

RTP – Radio e Televisão de Portugal

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VOKS – *Vsesoiuznoe Obshchestvo Kul'turnoi Sviasi s zagraniitsei* (Sociedade de Relações Culturais entre a URSS e o Estrangeiro)

INDÍCE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I: COMUNISTAS PORTUGUESES NO PAÍS DOS SOVIETES	6
CAPÍTULO 1: ROTAS VERMELHAS	6
CAPÍTULO 2: VISITAR O PAÍS DOS SOVIETES	20
2.1. 1917-1945	20
2.2. 1946 - 1991	31
CAPÍTULO 3: LISBOA-MOSCOVO	40
3.1. A muralha e as fendas	41
3.2. Do País dos Cravos para o País dos Sovietes	77
PARTE II: TRAJETÓRIAS DA EXPERIÊNCIA, TRAJETÓRIAS DA NARRATIVA	88
CAPÍTULO 4: DA IDA À URSS AO RELATO DA VIAGEM	88
4.1. As narrativas de viagem e o século XX	88
4.2. O País dos Sovietes nas narrativas de viagem do século XX	97
4.3. O caso português	102
CAPÍTULO 5: RELATOS, MODOS DE OS LER	108
5.1. Um produto do poder totalitário do estado e da manipulação?	109
5.2. Um produto da ideologia do escritor-viajante?	118
5.3. Um produto da condição social do escritor-viajante?	127
5.4. O PCP e as narrativas de viagem	131
CONCLUSÃO	141
FONTES	155
BIBLIOGRAFIA	163
ANEXOS	174

INTRODUÇÃO

«Não fui à Rússia, confesso, não fui. Não sei de quem foi a culpa, não sei na verdade! Minha não!»¹. Estas palavras serviram de abertura a um curto texto de Ercílio de Azevedo, publicado n' *O Comércio do Porto* a 22 de outubro de 1975. O texto era reativo. Reagia aos que haviam sido convidados a passear temporariamente pela Rússia. Mas reagia, sobretudo, «às maravilhas desse reino esquecido de Milton»² que alguns viajantes portugueses juravam encontrar no território administrado pelo regime soviético. Desconfiado, Ercílio não hesitou em pôr em causa estas «maravilhas», convocando, para tal, as particularidades sociais dos que para lá foram e a manipulação totalitária exercida, por exemplo, pelos «cicerones eficientes»³ soviéticos. Para ele era simples: as «maravilhas» eram um produto daqueles «que, a poder de amizades e de influências, foram chamados a dizer da União Soviética muito somente o que a União Soviética pretendia dizer»⁴. Por isso, Ercílio julgou-se em melhores condições para observar, à distância, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Por um lado, e ao contrário da maioria dos viajantes portugueses, ele era um «leitor de Puskin, de Dotoiewski, de Tolstoi, de Gorky, e de quantos autores que ilustraram a literatura russa»⁵. Por outro, por pertencer ao difuso grupo dos «que não fomos à Rússia»⁶, Ercílio julgou deter, por oposição aos viajantes, «os olhos bem abertos», conseguindo, assim, avaliar «a realidade de todo um povo que vive acorrentado a um sistema que visa protegê-lo, mas ao fim e ao cabo se limita somente a amordaçá-lo»⁷. Apesar de «relegado para o vale dos caídos» por não ter beneficiado de qualquer convite, Ercílio sentia-se sortudo, confessando, por fim: «ainda bem que nós, os que não fomos à Rússia, não visitamos a União Soviética»⁸.

Longe do vale dos caído e com os olhos bem abertos estaria, naquele mesmo ano, José Augusto Nunes. Todavia, num sentido muito diferente do de Ercílio de Azevedo. José Nunes foi um dos tais que, no caso, a poder da insistência de seu filho, foi chamado a visitar a União Soviética, num momento em que as relações bilaterais entre o estado português e o soviético começavam a consolidar-se, ante cinquenta e seis anos de inexistência de ligações oficiais. Fê-lo em companhia. A ele juntaram-se nove indivíduos, todos inclinados para ver, *com-olhos-de-*

¹ Ercílio de Azevedo, «Os que não fomos à Rússia», em *Os cravos na ferradura*, por Fernando Barradas e Ercílio de Azevedo (Lisboa: Intervenção, 1975), p. 161.

² Ercílio. p. 162.

³ Ercílio. p. 162.

⁴ Ercílio. p. 162.

⁵ Ercílio. p. 162.

⁶ Ercílio. p. 162.

⁷ Ercílio. p. 162.

⁸ Ercílio. p. 162.

ver, Moscovo e Leningrado. José Nunes decidiu relatar a sua viagem através de uma carta aberta enviada ao embaixador de Portugal em Moscovo, Mário Neves e, depois, publicada num pequeno opúsculo bem encadernado e recheado de fotografias. No texto expôs uma descrição genérica da sua viagem que, a ser lida por Ercílio, por este seria certamente mal apreciada – também a carta conta, com entusiasmo, algumas maravilhas do lugar da visita. José Nunes estava fascinado com o acesso dos «filhos de sapateiros e das criadas [...] às universidades e a todos os meios de cultura»⁹. Fora o «Povo» – «quem faz as Pátrias»¹⁰ – que o encantara. José Nunes também se deixara admirar por Lenine. E, ressaltando que «quem me ler faça favor de não me julgar candidato a comunista», assim o era pelo seu gosto por «políticos sérios e valentes», como Lenine, como Vasco Gonçalves (escreve ele), que fazem «do nada alguma coisa»¹¹ que constroem e pensam nos outros. Mas a viagem não servira somente para Nunes dilatar a sua admiração por Lenine ou expandir os seus conhecimentos sobre as gentes soviéticas: ela tinha sido tão ou mais relevante para a sua reflexão em torno do «novo PORTUGAL»¹² que se queria construir no enquadramento revolucionário espoletado pelo 25 de abril de 1974. Nunes reclamava para Portugal parte do que assistira na URSS. Queria um Portugal «onde cada português possa ter acesso à instrução e à participação efectiva nos destinos do País»¹³.

A narrativa de viagem de Nunes não seria por ele só divulgada através da carta e, depois, do opúsculo. Nunes descrevera oralmente as maravilhas que viu no *Pais dos Sovietes* àqueles com quem se cruzaria. Fê-lo, por exemplo, num hotel lisboeta, ainda em 1975. Ao fazê-lo também recebeu críticas. Vejamos:

«Estava eu a almoçar, a um canto, quando o chefe de mesa me perguntava impressões da Rússia e eu respondi no mesmo tom e entusiasmo com que escrevo esta carta a V. Ex.^a, quando, no canto oposto, ouvi uma jovem senhora chamar a empregada que a servia – era a Inês – e lhe [disse] em voz que eu ouvi perfeitamente: [...] “ele é mas é do Governo, ou então é mentiroso, que eu vim de lá há pouco tempo e aquilo na Rússia não é nada do que ele para ali está a dizer”. Ouvi tudo, e porque se tratava duma Senhora, fiquei calado a pensar. Maneiras de ver... Como queria eu que a Senhora visse a Rússia com os mesmos olhos que eu, se o meu filho foi comigo, andou quase pelos mesmos locais que eu – eu fugia por vezes ao Grupo para poder fazer juízos sozinho – e a impressão dele, não sendo desfavorável, é um tanto diferente da minha? E pensei: ou há Democracia, e então terei de respeitar a opinião da Senhora, ou se lhe dou resposta, tenho também de lhe chamar mentirosa, porque ela acrescentou ainda que, praticamente, “andava lá um polícia atrás de cada turista”, e, ou eu sou quase cego – mas o nosso querido amigo Dr. Artur Pina dizia-me que eu via demais... – ou então os polícias lá,

⁹ José Augusto Nunes, *Breves impressões duma curta viagem à U.R.S.S. Carta aberta ao embaixador de Portugal em Moscovo Senhor Dr. Mário Neves* (Lisboa, 1975).

¹⁰ Nunes.

¹¹ Nunes.

¹² Nunes.

¹³ Nunes.

são invisíveis, porque eu não vi nenhum, nem ninguém atrás de mim, nem à frente, nem aos lados, em jeito de me espiar. [...] E já agora, gostava de ter tido a coragem de dizer à Senhora – cuja opinião muito respeito -: olhe, minha Senhora: mentiroso, ainda podia ser, mas lá do Governo, é que não sou com certeza, porque eu até era da A.N.P. e lá na minha terra quase me saneavam da Junta de Freguesia se eu não soubesse sair a tempo...»¹⁴

Observemos como aquela silenciosa tensão decorrida no hotel lisboeta e descrita por José Nunes tem, em parte, uma ligação interessante com o modo utilizado por Ercílio de Azevedo para analisar discursos de viagem. Ao apontar para a sua correspondência à Ação Nacional Popular¹⁵, também José Nunes recorre às particularidades sociais para ler e, no caso, legitimar a narrativa do viajante – a sua. Por seu turno, também ele prima por compreender a interação do viajante com a URSS através das microrelações que os órgãos de poder soviéticos estabeleceram com os forasteiros – consigo. E se é certo que a este propósito a descrição das (poucas) polícias é relevante, não são menos importantes aquelas ditas fugas que o viajante alega ter fruído longe do seu grupo, momentos onde o livre-arbítrio se cruza com a produção dos «juízos sozinhos», momentos indomados por qualquer espécie de aparato de poder. Em todo o caso, é curioso notar que a tensão ocorrida na mente de Nunes é resolvida por aquela despreziosa expressão – «maneiras de ver...»¹⁶.

E, afinal, qual das duas «maneiras de ver» se inclinou mais para a *realidade* do *País dos Sovietes*? A de José Nunes ou a da «*Senhora*» que o acusou de ser mentiroso? Ou, no final de contas, terá sido a «maneira de ver» de Ercílio de Azevedo, aquele que nem sequer *lá* foi?

A apreensão da *realidade soviética* foi incansavelmente almejada no decorrer do século XX. Em torno de tal objetivo mobilizaram-se distintas ferramentas e grelhas analíticas – umas consideradas mais legítimas que outras. No campo das portadoras de maior legitimidade, estiveram, a título de exemplo, os dispositivos teóricos e conceptuais empregues pelos cientistas políticos das escolas da *sovietologia* norte-americanas, as reflexões historiográficas enformadas a partir dos arquivos soviéticos ou, ainda, as reportagens, entrevistas e fotografias realizadas por jornalistas. Todavia, fora destes campos tradicionalmente tidos como legítimos, fez caminho um outro método – não poucas vezes desconsiderado – que partilhou o objetivo da apreensão da *realidade soviética*. Um método que alguns até chegaram a julgar como um instrumento à mercê da captura científica da *realidade*, mas que ao longo da modernidade foi perdendo gradualmente a sua qualificação de científico. Refiro-me à observação direta informada por um dispositivo biológico transportado pela maioria dos humanos, os olhos.

¹⁴ Nunes.

¹⁵ Organização política do final do Estado Novo, originada da redenominação e reorganização da União Nacional.

¹⁶ Nunes.

Esta dissertação não trata dos métodos empregues pelos historiadores, nem das teorias dos cientistas políticos, nem das fabricações conceptuais elaboradas pelos estudiosos da URSS. Tampouco trata da cobiçada *realidade soviética* propriamente dita. Ela ocupa-se daqueles que, ao contrário de Ercílio de Azevedo e assim como José Nunes, colocaram as mochilas às costas e partiram rumo à União Soviética para a verem *tal como ela era*. Fá-lo concentrando-se, particularmente, naqueles que mais do que candidatos a comunistas, foram, de facto, militantes comunistas. É, por isso, uma dissertação que, articulada com a historiografia dos comunismos, procura responder à seguinte pergunta:

o que viram os comunistas portugueses na União Soviética?

Para dar resposta a esta interrogação, a investigação seguiu dois trajetos separados, mas cruzados. Dois trajetos que estruturaram a própria organização da dissertação.

Assim, na primeira parte desta dissertação descrevem-se viagens ocorridas no século XX. Trata-se, sobretudo, de um exercício incompleto de reconstituição, onde, além de se procurar traçar as principais movimentações que ligaram Portugal e o *País dos Sovietes* no decorrer do século XX, investiga-se a formação de práticas de *viagens militantes* associadas aos meios comunistas e, reconhecendo alguma validade ao sinalizado por Ercílio de Azevedo, integram-se estas experiências de viagem na história da receção soviética aos forasteiros que a visitaram.

A segunda parte, por sua vez, diz respeito às narrativas decorrentes das viagens descritas na primeira parte, aceitando que elas são fontes pertinentes para lidar com a pergunta central desta investigação. Descreve-se a produção de narrativas de viagem engajadas com a União Soviética no século XX e a forma como elas se foram formando e reformando diacronicamente no contexto português, dando especial atenção às narrativas provenientes dos militantes do Partido Comunista Português. Simultaneamente, tento compreender as formas como em Portugal (mas não só) essas narrativas foram sendo recebidas e interpretadas (isto é, perseguem-se casos como os de Ercílio de Azevedo e como o da dita «*Senhora*» que embate com José Nunes). Em síntese, podemos dizer que a primeira parte cuida do contexto histórico e a segunda trata da descrição do campo discursivo donde emergiram e em que atuaram as narrativas de viagem.

Uma terceira parte era, no entanto, ambicionada. Ela seria, enfim, o momento onde se procurava apresentar a resposta à pergunta atrás destacada. Essa parte concentrar-se-ia apenas na análise dos conteúdos ideológicos presentes nas narrativas de viagem dos militantes comunistas portugueses. Apesar desse exercício analítico não se encontrar explicitamente no corpo da dissertação, mas, ainda assim, ir permeando os seus diferentes segmentos, a ele referir-

me-ei concretamente no momento das conclusões, momento onde formulo mais problemas que soluções. Dito isto, e para utilizar as palavras de um escritor-viajante que será adiante estudado, esta dissertação trata-se mais de um *ponto de partida* e menos de um *ponto de chegada*.

Explicitado sumariamente o percurso, resta fazer uma ponderação final. Esta dissertação não conseguirá, certamente, responder à pergunta acima destacada. E não o consegue, porque tal permanece e permanecerá de acesso interdito ao historiador. No final de contas, o historiador não pode, nem consegue, aceder às imagens, sons, paladares, sensações e emoções a que os viajantes tiveram acesso. Os próprios viajantes sabiam disto quanto procuraram recriar as suas viagens através da literatura. E, por isso, em alguns relatos, podemos ler expressões como: «limito-me a transferir *um pouco* do que vi, ouvi, senti (e não se evaporou)»¹⁷. No máximo, é este «*pouco*» que o historiador pode trabalhar. Um «*pouco*» que pode ser, na verdade, muito. Por isso, esta dissertação responde (ou, pelo menos, tenta responder) a outra, não menos oportuna, pergunta:

o que é que os comunistas portugueses afirmaram ter observado no País dos Sovietes?

¹⁷ Urbano Tavares Rodrigues, *Viagem à União Soviética e outras páginas* (Lisboa: Seara Nova, 1973), p. 11. Itálicos meus

PARTE I: COMUNISTAS PORTUGUESES NO PAÍS DOS SOVIETES

Capítulo 1: Rotas Vermelhas

“Gente que adora este país, Portugal. Gente que gosta de nele passear, nele veraneiar, nele comer, nele viver e conviver, nele trabalhar. Gente que luta para que Portugal seja mais livre, mais justo, mais belo. Gente que conhece e ama a história do seu país e do seu povo. Que toma partido. Sempre pelo Mestre e contra D. Miguel, sempre dispostos a ser a muralha de aço do próximo Vasco que a mereça e necessite. Somos filhos e netos dos capitães de Abril, e na nossa quadra de Santo António, Portugal rima com Cunhal e Cabral. Mas sabemos que vivemos numa parcela do Cosmos que só é grande porque é a nossa. Por isso, em todos os países, povos e culturas encontramos o que nos maravilha na raça humana: a sua capacidade de sonhar, de acreditar, de se superar, de avançar.”¹⁸

Assim se apresenta, hoje, a associação Rotas Vermelhas. Uma associação sem fins lucrativos sediada na Amadora, que, fundada em dezembro de 2021, faz da organização de viagens a sua atividade central. Mas, nem aquela é só mais uma associação que concentra o seu esforço na promoção de efêmeras experiências de digressão, nem as viagens por ela comercializadas pretendem ser meros passeios turísticos. Ali, as viagens «não são cegas à realidade política e social das terras»¹⁹, muito menos cegas às lutas que nelas se travaram e travam. São viagens que, no dizer dos seus promotores, tomam «partido, ao lado dos explorados contra os exploradores, ao lado dos povos em luta contra o imperialismo, ao lado dos povos em luta pelo socialismo»²⁰. Com a Rotas Vermelhas fazem-se «excursões de classes»²¹. Excursões que se realizam em coletivo, com programas «economicamente acessíveis», conduzidas por guias que «falam português e são comunistas» e que recorrem, com frequência, a transportes públicos, afinal, ali os associados têm «uma pancada por comboios»²². Não será de estranhar que os posicionamentos ideológicos, que a designação da Associação não omite, se refletem nas coordenadas que são eleitas para o cardápio das rotas, nos edifícios selecionados para se visitarem e no que se escolhe para apreciar.

São várias as excursões que a Rotas Vermelhas programa anualmente. A sua grande maioria fora daquela parcela do Cosmos que é Portugal. Em Paris, a associação faz da sede do PCF património visitável e da Place de la Résistance, símbolo de luta antifascista, um lugar de fotografias de grupo. Em Madrid, no país vizinho, a associação vê nas passadas outrora dadas pelo movimento operário um percurso digno de ser percorrido – um percurso que, sem envolver

¹⁸ Em: <https://rotasvermelhas.com/quem-somos/> (consultado em 10/08/2024)

¹⁹ <https://rotasvermelhas.com/quem-somos/>

²⁰ <https://rotasvermelhas.com/quem-somos/>

²¹ <https://rotasvermelhas.com/quem-somos/>

²² <https://rotasvermelhas.com/quem-somos/>

a história da Coroa ou dos seus dourados edificadas, não ousa esquecer os passados dolorosos da Guerra Civil espanhola. Em Londres, é a teia tecida desde a casa de Marx que a Rotas Vermelhas sugere perseguir, sem, contudo, desprezar as obras monumentais erguidas pela força do trabalho, como a Catedral de Westminster, o Palácio de Buckingham ou o Big Ben. Na Albânia, a associação quer Tirana, Durrës, Vlora e Karpen ocupadas por turistas que tenham tanta vontade de ir à praia como vontade de discutir os particularismos do socialismo albanês.

E a Rotas Vermelhas não se fica só por roteiros na velha Europa. Na Guiné-Bissau, os trilhos outrora percorridos por Amílcar Cabral – trilhos que dão acesso às exóticas praias da costa ocidental africana – inspiram digressões pelo passado da luta anticolonial e das relações fraternas entre comunistas portugueses e o PAIGC. Na ilha de Cuba, a observação das concretizações da revolução cubana e a celebração do passado de libertação de Cuba coligam-se com aspirações a aventuras tropicais folgadas e animadas por jazz. Num *pack* agradável por coordenadas asiáticas, a Rotas Vermelhas promove deambulações pelas tradições locais e pelo património natural de Vietname, Laos e Camboja, deambulações que se confrontam também com as tramas do socialismo no sudoeste asiático. Pequim, Xangai e Xi'an pertencem a um outro *pack*, esse centrado na China e no seu passado comunista, musealizado, por exemplo, no Museu do Partido, na casa onde, em 1921, se realizou o I congresso do Partido Comunista Chinês.

A associação opera ainda em outros destinos. Bélgica, Cabo Verde, Catalunha, Chile, Chipre, Grécia, Inglaterra, Irlanda, Itália, Nova Iorque, País Basco, Sérvia e, ainda, alguns destinos que surgem, hoje, como mais polémicos: no caso, o da República Popular da Coréia e o da Federação Russa. Este último é, de resto, um dos destinos que se distingue dos demais, sobretudo pelo número de ofertas que a associação tende a organizar nele. Um destino, crê-se, que empolgará mais por aquilo que representou em tempos idos do que por aquilo que representa no tempo presente²³.

Excursões de classe como as que a Rotas Vermelhas continua a reivindicar encontraram mais ou menos a sua origem no momento histórico da entrada da locomotiva em cena e da chamada revolução industrial, processo histórico igualmente marcado pelo que o historiador E. P. Thompson designou de *the making of the english working class*. Afinal, à concretização deste tipo de movimentações voluntárias e organizadas de indivíduos esteve subjacente o abrangente

²³ Os roteiros da Rotas Vermelhas dos quais se partiram para escrever estes parágrafos podem ser encontrados aqui: <https://rotasvermelhas.com/viagens/> (consultado em 10/08/2024)

fenómeno de formação de culturas e identidades de classe. Pela segunda metade do século XIX, ainda que com rastros históricos anteriores, iniciativas excursionistas voltadas para os trabalhadores percorriam já a geografia britânica. E, pesem embora fatores como a ampliação da disponibilidade dos transportes, dos mercados de consumo, das acomodações hoteleiras, das ofertas de turismo e as próprias investidas empregues pelos estados e por agentes como Thomas Cook, tais iniciativas decorriam igualmente da própria *agencialidade* de uma minoria de trabalhadores. Esta foi, pelo menos, a proposta da historiadora Susan Barton que observou, em alguns clubes de poupanças, cooperativas operárias e sindicatos, importantes centros de dinamização de excursões cujos almanaques de roteiros levaram a classe operária, não ao *Paraíso*, mas a coordenadas por si reclamadas (das balneares às industriais)²⁴.

Práticas de *excursionismo de classe* (ou, como prefere Barton, de *turismo popular*) como as que aqui se referem, viriam a adquirir, contudo, uma organização e extensão mais sólidas nos finais do século XIX e inícios do XX. Estruturas como a *Co-operative Holiday Association* (1891) ou a *Holiday Fellowship* (1913) e campos de férias como o *Campo de Férias Socialista no Caistor* (1906)²⁵ foram, ainda na Inglaterra, disso exemplo. Estruturas que revelavam que, ainda que inscrito na história da luta de classes, o excursionismo não pertenceu só às classes dominantes.

Em Portugal, práticas a que aqui são designadas como *excursionismo de classe*, apesar de predominantemente esquecidas nos estudos sobre a classe operária, podem ser identificadas logo nas primeiras décadas do século XX, com possíveis antecedentes no último quartel do século XIX. Em 1916, a publicação anarquista *A Sementeira* anunciava que «para um dos primeiros domingos de Julho, o grupo editor [...] prepara uma excursão de fraternização e recreio a Setúbal, onde os camaradas daquela localidade se nos juntarão e facilitarão uma visita às matas e lapas da admirável serra da Arrábida»²⁶. «Trinta e tantos camaradas de ambos os sexos» partem, exatamente às 8 horas e 15 minutos da estação do Terreiro do Paço, ficando em terra «alguns retardatários que chegaram momentos depois do vapor ter largado»²⁷. A falta de tempo fez com que o propósito de visitar a serra da Arrábida ficasse para outra viagem. Todavia, a excursão cumpre-se entre um almoço no restaurante Bocage com direito a uma «quete a favor dos presos por questões sociais que rendeu 2\$800 reis»²⁸, seguido de uma visita à Associação

²⁴ Ver: Susan Barton, *Working-Class Organisations And Popular Tourism, 1840-1970* (Manchester: Manchester University Press, 2011).

²⁵ Exemplos estudados por Susan Barton.

²⁶ «Uma excursão», *A Sementeira*, nº 5, maio de 1916, p. 79

²⁷ «A excursão de «A SEMENTEIRA»», *A Sementeira*, nº 8, agosto de 1916, p. 127

²⁸ *A Sementeira*, nº 8, p.127

dos Soldadores e dos Marítimos e à escola para os filhos dos operários ali instalada. Depois, os excursionistas partiram em direção à vila de Palmela para visitarem o castelo e ainda a sede da Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais. Excursões como esta, e *A Sementeira* não o esconde, constituíram-se, além de “meios particularmente populares de convívio e distracção”, como “momentos de propaganda, educação e solidariedade”²⁹. Momentos de festividade que, como mostrou o historiador Diogo Duarte citando diretamente d’*A Batalha*, “nem por sê-lo perde[m] a significação revolucionária.”³⁰

Vejam, contudo, que ao contrário das opções que a Rotas Vermelhas consegue hoje oferecer, as opções excursionistas que, no longo século XIX, sindicatos, associações de classe, cooperativas operárias e partidos dos trabalhadores conseguiram apresentar aos seus eram, em termos gerais, muito mais limitadas. Assim o eram, desde logo, em função das condições materiais. Por exemplo, os transportes³¹ e os custos³² associados às movimentações circunscreveram, em muito, as próprias experiências de movimentação voluntária da classe trabalhadora. Não é, por isso, difícil compreender que as *excursões de classe* ficaram, modo geral, confinadas àquilo que as classes dominantes, a várias escalas e a diferentes ritmos, se encontravam a projetar e a construir, material e ideologicamente: a nação. Afinal, os caminhos que as classes dominantes prescreveram às paisagens para conectar centros de produção e portos comerciais e para responder às ambições de unificação dos mercados nacionais foram mais ou menos os mesmos utilizados pelos coletivos nos seus passeios animados a cantigas revolucionárias e a agitates de bandeiras sindicalistas.

Não se quer com isto sugerir que os integrantes dos movimentos operários ficaram, no decorrer do século XIX, enclausurados nas fronteiras nacionais correspondentes às suas

²⁹ Diogo Duarte, *O anarquismo e a arte de governar. Portugal (1890-1930)* (Lisboa: Outro Modo, Le Monde diplomatique – edição portuguesa, 2023), p. 175.

³⁰ Ver: «O passeio fluvial a Vila Franca», *A Batalha*, n.º 112, 16 de Junho de 1919, p. 1 e «O passeio fluvial a Vila Franca», *A Batalha*, n.º 112, 16 de Junho de 1919, p. 1 em Duarte, p. 175.

³¹ Para o caso português ver: Magda Pinheiro, «Transportes e urbanização na margem sul do estuário do Tejo: o concelho de Almada», *Ler História*, n.º 43 (2002), pp. 157–77. e Joana Dias Pereira, «Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo da península de Setúbal», em *Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo da península de Setúbal*, vol. I (Lisboa: NOVA-FCSH, 2013), pp. 260–71.

³² Ver, por exemplo, nos textos de Engels: “When the Government determined during the session of 1844 to force the all monopolising railways to make travelling possible for the workers by means of charges proportionate to their means, a penny a mile, and proposed therefore to introduce such a third class train upon every railway daily, the “Reverend Father in God”, the Bishop of London, proposed that Sunday, the only day upon which workingmen in work can travel, be exempted from this rule, and travelling thus be left open to the rich and shut off from the poor. This proposition was, however, too direct, too undisguised to pass through Parliament, and was dropped. I have no room to enumerate the many concealed attacks of even one single session upon the proletariat. One from the session of 1844 must suffice. An obscure member of Parliament, a Mr. Miles, proposed a bill regulating the relation of master and servant which seemed comparatively unobjectionable. The Government became interested in the bill, and it was referred to a committee”. Em Friedrich Engels, *Condition of the Working Class in England* (Moscovo, [1845] 1969), p. 186.

naturalidades, impedidos de deambular pelas *terras* de outros trabalhadores. Nesse sentido, a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864 – 1872) compusera-se, talvez, como um dos ensaios mais relevantes na promoção de viagens temporárias transnacionais destinadas a indivíduos que nem eram migrantes ou exilados, nem engenheiros ou técnicos, nem exploradores ou colonizadores, nem burgueses ou aristocratas. Em torno dela constituíram-se itinerários perseguidos por alguns sujeitos que labutavam pelas aspirações dos trabalhadores. Itinerários que, por exemplo, inscreveriam Genebra, Lausanne, Bruxelas e Basileia na história do internacionalismo proletário ou que tornariam Haia, em 1872, numa cidade ocupada pelos que ambicionavam, ainda que desentendidos, a transformação social rumo a uma *terra sem amos*. De resto, os congressos não foram os únicos momentos que incentivaram as movimentações transnacionais dos aderentes da AIT. Ao redor do “campeão do movimento socialista”³³, teceram-se relações que difundiram o internacionalismo, não só na sua dimensão teórica, mas na sua praticidade. Casos das viagens realizadas em 1871 por Francisco Mora, Anselmo Lorenzo e Tomás Morago a Lisboa ou, ainda, da visita de Paul Lafargue e Laura Marx também a Portugal – movimentações, de resto, ligadas à própria expansão política da AIT.

Antes mesmo da consolidação da AIT, já vários trabalhadores e integrantes dos movimentos operários haviam sido assimilados por redes transnacionais de circulação de sujeitos. Foi disso caso, a título ilustrativo, o que o historiador Bertel Nygaard nomeou de “german communism diaspora”, a qual, originada ante os efeitos da derrota das revoluções de 1848 e 1849, conduziu “many German radicals [...] [to] London or the United States”³⁴. No entanto, não só os efeitos desta ou daquela concretização política, deste ou daquele fenómeno económico, tiveram o condão de atirar, muitas vezes involuntariamente, os trabalhadores para a estrada: importa não esquecer a dimensão dos fluxos migratórios de trabalhadores no século XIX e, da mesma forma, os caminhos percorridos por exilados³⁵. Exposições e eventos internacionais temporários, como a *Great Exhibition* de 1851³⁶ ou, mais tarde, a exposição de Paris de 1889³⁷, são disso um exemplo pertinente.

³³ Antero de Quental, *O que é a Internacional? — O Socialismo Contemporâneo. O Programma da Internacional. A Organização da Internacional. Conclusões* (Lisboa: Typographia do Futuro, 1871), <https://www.marxists.org/portugues/quental/1871/mes/40.htm>.

³⁴ Bertel Nygaard, «Wilhelm Weitling and Early German Socialism», em *The Cambridge History of Socialism*, ed. Marcel van der Linden (Cambridge: Cambridge University Press, 2022), p. 230.

³⁵ Veja-se, por exemplo, o capítulo 11 da *Era do Capital* de Eric Hobsbawm.

³⁶ Ver: Barton, *Working-Class Organisations And Popular Tourism, 1840-1970*.

³⁷ Ver, por exemplo, os efeitos no caso português: “Em 1889, a Indústria Social, juntamente com outras associações operárias de Lisboa, participou na iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa com o objetivo de enviar operários à exposição industrial a realizar em Paris entre julho e agosto de 1889. Em março desse ano foram eleitos os operários que visitariam a exposição, constando, em representação da cooperativa, Sousa Brandão. Entretanto, tinha chegado a Portugal um importante dirigente socialista francês, André Gely, que ambicionava convencer o

Se hoje os viajantes das Rotas Vermelhas dizem tomar «partido, ao lado dos explorados contra os exploradores, ao lado dos povos em luta contra o imperialismo, ao lado dos povos em luta pelo socialismo», ontem os delegados da AIT aludiam a princípios semelhantes para justificar aos seus camaradas os custos associados aos indispensáveis roteiros constituídas em torno dos congressos. Após a dissolução da I Internacional, viagens deste género continuam, ininterruptamente, ora através das relações bi ou multilaterais estabelecidas entre partidos socialistas, movimentos sindicalistas e/ou coletivos políticos ligados ao movimento operário, ora através de outros congressos e reuniões internacionalistas. O estabelecimento, em 1889, da II Internacional – Internacional Socialista (1889 - 1916) – veio mesmo a contribuir para a perpetuação destas práticas de movimentação transnacional em larga escala. Nove foram os congressos entrosados com a atividade da IS nos quais participariam variados delegados de distintas partes do mundo. Cidades como as de Paris, Bruxelas, Zurique, Londres, Amsterdão, Estugarda e Copenhaga tornar-se-iam espaços de intercâmbios entre sujeitos ligados aos movimentos operários e socialistas, espaços onde se formariam sociabilidades internacionalistas entusiasmadas com hinos, bandeiras e datas comemorativas alternativas às inventadas pelos nacionalismos. Foi, precisamente, no quadro da ampliação da atividade política da II Internacional e dos seus congressos que três sujeitos ligados ao universo do movimento socialista português se deslocaram para cidades como Paris e Londres, seus nomes Luís de Figueiredo, Viterbo de Campos (Paris, 1889) e Azedo Gneco (Londres, 1896).

Novamente, nem só de congressos se fez a história dos trânsitos militantes no contexto da Internacional Socialista. Da mesma forma, não só a Internacional Socialista serviu de pretexto para a organização de viagens transnacionais no seio do movimento operário, neste período. Relações entre coletivos anarquistas, como as tecidas entre anarquistas franceses e britânicos³⁸, congressos fora do perímetro de influências da IS, como o Congresso de Londres (Londres, 1881), os “Congresos Obreros Galaico-Portugueses”³⁹ (Tuy, 1901; Viana do Castelo, 1902; Braga, 1903) ou o Congresso Internacional Pró-Paz (Ferrol, 1915) e as redes de circulação de sujeitos montadas em torno de movimentos sindicalistas, anticoloniais e feministas também fizeram suscitar viagens militantes através de fronteiras nacionais e dos limites geográficos

movimento operário português a participar no intitulado congresso possibilista. O tipógrafo francês realizou uma visita à cooperativa acompanhado pela elite socialista portuguesa” João Lazaro, «A Cooperativa Indústria Social. Uma experiência coletiva na monarquia constitucional», *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 21 (2021): 37–55, <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/24523>. p. 49

³⁸ Ver: Constance Bantman, ‘Internationalism without an International? Cross-Channel Anarchist Networks, 1880-1914’, *Revue belge de Philologie et d’Histoire*, 84 (2006), pp. 961–981.

³⁹ João Freire, «O pensamento anarquista (e algumas das suas práticas) e o iberismo», em *Península Ibérica – Nações e Transnacionalidade entre dois séculos (XIX-XX)*, ed. Sérgio Campos Matos e Luís Bigotte Chorão (Lisboa: Húmus, 2017), p. 196.

continentais, algumas delas decorridas, até mesmo, quando os violentos tambores da Grande Guerra se faziam escutar.

O internacionalismo proletário, a “militância sem fronteiras”⁴⁰, as aspirações revolucionárias e os imaginários e lutas anticoloniais influíram, neste sentido, na consolidação de viagens transnacionais conexas aos movimentos sociais desde a década de 60 de oitocentos⁴¹; viagens essas não poucas vezes comprometidas pelos constrangimentos impostos pelos estados (cujas sofisticação dos seus aparatos repressivos e da sua capacidade de vigilância e controlo de fronteiras se constrói de forma simultânea e combinada com a emergência destas viagens) e muitas vezes só realizadas mediante a pré-existência de redes de solidariedade e de apoio mútuo. Ainda assim, e como afigura Susan Barton, “the biggest contribution made by workers in the growth of mass tourism was the fight for paid holidays”⁴², uma reivindicação que encontra origens dispersas no século XIX, mas que só viria a consubstanciar resultados, a diferentes escalas e ritmos, em pleno século XX.

Uma renovada e mais extensa rede transnacional de viajantes militantes viria a despontar – sob os escombros da IS – em paralelo com a emergência, em 1917, da situação revolucionária no Império Russo. Uma rede cujo centro se instalou, precisamente, no epicentro da revolução. Em 1920, Moscovo representava “the material and symbolic birthplace of a worldwide revolutionary movement. It was a meeting point for numerous political activists from all over the globe, young revolutionaries and long-serving politicians, anticolonial campaigners and trade union leaders from the imperialist countries, who brought with them their different ideas about organizing the radical transformation of the existing order.”⁴³ E se assim o era muito se devia à atividade da Internacional Comunista. Como argumentou a historiadora Brigitte Studer, “the twentieth century knew of no other organization or social movement so international in its rhetoric, so transnational in its practice, so global in its ambitions”⁴⁴. No decorrer da década de 20 e de 30 a IC seria responsável pela promoção de séries de trânsitos militantes transnacionais, inscrevendo cidades como Baku, Tashkent, Berlim, Paris, Bruxelas, Zurique, Guangzhou,

⁴⁰ O conceito é importado de: Gil Gonçalves, «Península Rubro-Negra – F.A.I. e o iberismo libertário no Entre Guerras (1927-1936)», *História. Revista da FLUP* 10, n.º 1 (2020), pp. 29–52.

⁴¹ Não é irrelevante associar as crescentes viagens transnacionais ao despertar do que Joana Dias Pereira nomeou de *Era dos Congressos*. Ver: Joana Dias Pereira, «A era dos congressos: reivindicações políticas do movimento associativo na crise do liberalismo», em *Construção do Estado, Movimentos Sociais e Economia Política*, ed. Joana Dias Pereira, Ana Sofia Ferreira, e Manuel Loff (Lisboa: Instituto de História Contemporânea, 2021), pp. 37–52, <https://ihc.fcsh.unl.pt/era-congressos/>.

⁴² Barton, *Working-Class Organisations And Popular Tourism, 1840-1970*, p. 217.

⁴³ Brigitte Studer, *Travellers of the World Revolution - A Global History of the Communist International* (Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2023), p. 56.

⁴⁴ Studer, p. 19

Wuhan, Shangai, Barcelona, Madrid e Valência nas rotas da revolução que se queria global. Rotas essas que foram perseguidas pelos demais profissionais revolucionários, homens e mulheres, do Komintern. Continua Brigitte Studer:

“The revolutionary travellers of the Comintern [...] developed a political practice in transnational space. Their personal commitment saw them start life afresh in one place after another, whether escaping the police or simply moving on at their employer’s behest. An internationalism not only theoretical but practical thus combined with repression and persecution to generate what can be called transnational life-courses, spinning a variably dense web of clandestine activity across the world. As Comintern employees, they carried out lengthy missions abroad, accepted long-term postings far from either Moscow or the countries of their birth. They uprooted themselves continually, moving on after months or years, in the hope of nourishing or supporting revolutionary movements or participating in revolutionary events, while everyday work likewise saw them constantly travelling, to a rendezvous, a meeting, an international conference. They covered vast distances, both geographical and cultural, changing names, deploying countless aliases, disguising themselves as writers, journalists, commercial travellers... They travelled with false passports and double-bottomed suitcases. Living often in illegality and in hiding from the authorities, they attended ‘conspiratorial’ gatherings and communicated through encrypted telegrams and despatches smuggled across borders by secret couriers. [...] The boundaries they ignored or flouted were more than lines on a map, and for the bourgeois world, Moscow’s emissaries were ‘foreign agitators’, the hostile Other personified.”⁴⁵

Central na produção de trânsitos militantes no contexto das décadas de 20 e 30, a IC não foi, contudo, a única instância de intermediação de experiências de viagem associada aos bolcheviques. Outras organizações internacionalistas como a Internacional Sindical Vermelha ou o Socorro Vermelho Internacional, assim como o próprio estado soviético e demais organizações soviéticas participariam também nesse lato processo, cuja história, na sua dimensão global, tem vindo a ser narrada a partir de diferentes ângulos historiográficos e distintos contextos nacionais. Além dos instrumentos ligados ou próximos do poder instituído dos bolcheviques, também outras organizações, externas à tutela bolchevique, mas influenciadas por esta, promoveram, por vezes, em pleno diálogo com as instituições soviéticas, viagens militantes durante este período. Congressos, conferências, reuniões e efemérides comemorativas ligadas ao calendário comemorativo soviético materializariam igualmente motivações relevantes no seio destas movimentações militantes rumo à URSS.

Longe da esfera de influência bolchevique também se continuaram a operar viagens militantes. Organizações anarquistas, por exemplo, prosseguiram a estimular movimentações deste género durante o entreguerras, ainda que a uma escala mais reduzida. A Federação Anarquista Ibérica surge, nesse sentido, como um caso pertinente, já que à sua esfera de influência se associariam trânsitos que também não prescindiram de tomar partido – outro tipo

⁴⁵ Studer, pp. 571-572.

de partido, claro. O período entreguerras testemunhou ainda outras experiências históricas relevantes para esta prática transnacional como a formação dos brigadistas internacionais ou a fundação da IV Internacional – trotskista – e a ocorrência do I Congresso desta, em França. Não menos relevantes, foram as viagens que continuaram, além-fronteiras, associadas tanto aos movimentos sindicais, como aos movimentos anticoloniais e feministas. Entre passaportes falsos e perfurações nas fronteiras nacionais estiveram também séries de desertores militares e exilados (tanto oriundos das geografias do capitalismo, como do novo mundo dos soviets) cuja sobrevivência dependeu não poucas vezes de trânsitos transnacionais.

Contemporânea dos sucessivos exílios, diásporas políticas e dos arriscados trânsitos militantes da primeira metade do século XX, a emergente cultura de massas no ocidente foi também progressivamente reivindicando os cada vez mais aprimorados transportes, estradas e caminhos de ferros como seus, num processo que viria, mais tarde, a culminar na emergência do turismo de massas. Um processo ao qual não seriam estranhas as reivindicações e lutas dos trabalhadores pelas férias pagas e pela diminuição da jornada de trabalho, o próprio alargamento do acesso aos transportes e da ampliação das vias de comunicação internacionais, e, ainda, os projetos dos demais estados nacionais para as suas *gentes* e para as *gentes* dos *outros*. Nas palavras da historiadora Diane P. Koenker “interwar Europe saw the rise of “social tourism,” a particular vacation category introduced in 1936 when the International Labor Organization adopted the Holiday with Pay Convention (Convention No. 52). Social tourism aimed to provide inexpensive and purposeful vacations for all social classes, but it implicitly privileged the working class, which could not otherwise afford to engage in leisure travel.”⁴⁶

Dito isto, às décadas de 20 e 30 do século XX associou-se, ainda que de forma desigual e combinada, a montagem e desenvolvimento de infraestruturas governamentais e privadas com vista à promoção de ofertas turísticas. Ofertas cuja acessibilidade não se assegurou à maioria. Todavia, a galopante edificação de estâncias de turismo, de agências de viagens e de redes de promoção de viagens voltadas para o lazer, remetendo para os mercados internacionais oportunidades de efetuar estadias temporárias nos demais países, faria ampliar as redes transnacionais de circulação de sujeitos – então, catalogados como turistas.

Ainda que estas redes permanecessem como uma miragem para o grosso dos trabalhadores, a descolagem destas ofertas turísticas impulsionou a formação de curiosas experiências de viagem transnacionais que têm vindo a ser reconstruídas através dos trabalhos de vários

⁴⁶ Diane Koenker, *Club Red: vacation travel and the Soviet dream* (Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2013), p. 280.

historiadores. Experiências que se conectariam com a própria história das ditaduras nazi-fascistas⁴⁷, com a história dos nacionalismos e dos orientalismos, das redes antifascistas e anticoloniais e dos movimentos artísticos, intelectuais e culturais, com a história da saúde, do desporto, da música, da ciência e da engenharia, com a história da França da frente popular, do Portugal de Salazar, e da URSS de Estaline, enfim, com a história do entreguerras.

Em 1943, a IC é extinta. À época, mais do que as viagens militantes, eram outros os trânsitos transnacionais que, a escalas desiguais, afetavam de forma mais expressiva as demais parcelas do globo. Trânsitos que, espoletados ante os efeitos globais da Segunda Guerra Mundial, se viram forçosa e violentamente percorridos por militares, desertores, refugiados e exilados. Todavia, nem mesmo a conjuntura bélica conseguiu a proeza de encerrar as redes transnacionais de circulação de militantes, pelo que se podem sinalizar exemplos de viagens militantes transnacionais também durante a guerra.

No segundo pós-guerra assiste-se a um relançamento das viagens militantes transnacionais. Após a conclusão da guerra, o mundo comunista alarga-se, alargando-se com ele as viagens entre países dentro do bloco socialista, refletindo-se a emergência do que Rachel Applebaum nomeou como “empire of friends”⁴⁸. Em 1947, instala-se na URSS o Cominform cuja atividade, longe de se equipar à da IC, fez despertar alguns trânsitos, até 1956, data da sua extinção. Reemergidos da clandestinidade no segundo pós-guerra, os vários partidos comunistas fixados nas demais quadraturas do mundo capitalista também reiniciariam as suas atividades internacionais, destinando alguns dos seus militantes a jornadas transnacionais que continuaram a tomar partido, ora em congressos, ora em reuniões bilaterais, ora em eventos efêmeros como as comemorações do trigésimo aniversário de outubro de 1917 ou do 1.º de Maio, por exemplo.

Seria, contudo, no contexto da segunda metade da década de 50 e já sob o pano de fundo do XX Congresso do PCUS que se assistiria a uma intensificação das viagens no cerne do movimento comunista internacional. A União Soviética permaneceria como um destino atrativo para vários militantes comunistas “although the certainties and homogeneity of views among communists were somewhat diminished during the post-war decades”⁴⁹. Mas, pese embora a

⁴⁷ A este respeito, veja-se, por exemplo: Julia Boyd, *Travellers in the Third Reich – The Rise of Fascism Through the Eyes of Everyday People*, (Londres: Elliott and Thompson, 2017)

⁴⁸ Rachel Applebaum, *Empire of Friends: Soviet Power and Socialist Internationalism in Cold War Czechoslovakia*, (Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2019) citado em Anastasia Koukouna e Margarite Poulos, «Introduction: Travels: A transnational communist practice», *Twentieth Century Communism*, n.º 26 (2024), pp. 5–19.

⁴⁹ Koukouna e Poulos. p. 10

manutenção da posição central da URSS no contexto deste tipo de viagens militantes, nas décadas do segundo pós-guerra assistir-se-á à fixação de novos destinos que foram dialogando com as dispersas aspirações subjetivas convencidas em contactar com os territórios e comunidades do socialismo. Após 1949, a China emerge “as a second ‘red Mecca’, attracting not only young revolutionaries from Europe but also intellectuals from distant lands in search of a revitalized and potentially more dynamic iteration of socialism.”⁵⁰ Depois, durante a década de 60, foi a vez de Cuba entrar no cardápio de destinos ambicionados pelos viajantes que queriam tomar partido. Mais tarde, Vietname, Laos, Camboja, Albânia e Moçambique integrariam estes roteiros. Com efeito, o estabelecimento de novas coordenadas nos mapas e imaginários dos viajantes que ambicionam perseguir *rotas vermelhas* merece ser compreendido não só como um produto, por si só, da emergência de novas situações revolucionárias e estados designados de socialistas, mas, também, como um resultado do progressivo desencantamento relativo à URSS que foi, a escalas e ritmos distintos, disseminando-se pelas culturas políticas comunistas, enquanto consequência de episódios como a repressão das revoltas na Hungria, em 1956, ou a Primavera de Praga, em 1968⁵¹.

Prosseguindo a tomar partido ao lado dos explorados e contra os exploradores, estiveram também os sujeitos dos movimentos anticoloniais que, durante a Guerra Fria, encontraram jornadas transnacionais merecedoras de serem percorridas. Jornadas essas que inscreveriam, por exemplo, Bandung na memória do anticolonialismo. Muitas destes trânsitos encontraram como destino coordenadas terceiro-mundistas, mas também foram bastantes os que se intersectaram com as próprias coordenadas soviéticas (vários em reptos desassociados da militância propriamente dita⁵²). A tomar partido continuaram, precisamente, as jornadas transnacionais dos movimentos sindicalistas que entre congressos e reuniões internacionais promoveram também travessias ainda animadas a cantorias revolucionárias e a reivindicações obreiras. Jornadas de intelectuais enformam-se, também, neste contexto, deambulando entre congressos académicos e discussões sobre os futuros do marxismo. Congressos e inaugurações de exposições fariam também com que os movimentos feministas descolassem para diversas zonas do mundo. Da mesma forma, os partidos e coletivos trotskistas, depois, os maoistas e,

⁵⁰ Koukouna e Poulos. p. 10

⁵¹ Eric Hobsbawm reconheria, no entanto, que, de um modo geral, “havia [...] pouco movimento de pessoas do “primeiro” para o “segundo” mundos, embora alguns Estados do Leste Europeu começassem a estimular o turismo de massas a partir dos anos 60. A emigração para os países socialistas, bem como as viagens temporárias, eram estritamente controladas, e às vezes praticamente impossíveis” em Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos História Breve do Século XX 1914-1991* (Lisboa: Editorial Presença, 2002), p. 367.

⁵² Ver, por exemplo: Constantin Katsakioris, «Students from Portuguese Africa in the Soviet Union, 1960–74: Anti-colonialism, Education, and the Socialist Alliance», *Journal of Contemporary History* 1, n.º 56 (2021), pp. 142–65.

depois, os eurocomunistas se lançaram às estradas, caminhos de ferros e aos ampliados roteiros aéreos.

É também no quadro do segundo pós-guerra, em diálogo com os vários projetos de reconstrução, que se assiste a um reativar dos setores de turismo internacionais. O período consagrado como os trinta gloriosos no mundo ocidental seria, em larga escala, marcado por um *boom* turístico sentido, contudo, de forma desigual nas diferentes parcelas do mundo capitalista. Em 1948, as férias surgem reconhecidas na Carta dos Direitos Humanos. Todavia, seria na segunda metade da década de 50 que se assistiria à formação do turismo de massas nos países industrializados. Entre 1950 e 1970, “global tourist flows grew tenfold, from 25 million to near quarter billion”⁵³. O incremento da intervenção social dos estados, a legislação em torno das quarenta horas de jornada e a ampliação dos direitos dos trabalhadores, o desenvolvimento técnico e científico ao nível dos transportes e a emergência de várias agências voltadas para o turismo, promoveriam o alargamento do fenómeno turístico nas suas demais vertentes. Nas palavras de Hasso Spode, “la búsqueda masiva de un cambio en un entorno desconocido, bajo el resguardo seguro de una agencia de viajes, sería representativa de la modernidad; las vacaciones anuales significan una mejora revolucionaria de la calidad de vida, han configurado costumbres y modas, han transformado pueblos en grandes ciudades y han creado una nueva rama de la economía”⁵⁴.

Este desenvolvimento do turismo não ficaria circunscrito às parcelas do globo que, na era da Guerra Fria, pertenceriam ao dito bloco capitalista. Também no mundo socialista se assistiria ao processo de massificação do turismo.

A crise desencadeada na primeira metade da década de 70 afetaria muita da atividade itinerante enformada ao redor das agências de turismo. Todavia, o relançamento do turismo promover-se-ia uma vez sanados os principais danos económicos da crise, num sentido gradual e contínuo que faria com que o turismo se tornasse, enfim, “uno de los sectores más importantes del mundo”⁵⁵. Ainda nas palavras de Spode, “entre 1971 y 1997, los ingresos del turismo transfronterizo aumentaron, al parecer, de 21.000 a 448.000 millones de dólares”⁵⁶. Simultânea da progressiva extensão da prática turística nos demais contextos sociais no quadro contextual da Guerra Fria, surgiriam fenómenos que, ao reconhecerem a função ideológica das práticas

⁵³ Elizabeth Becker, *Overbooked: the Exploding Business of Travel and Tourism* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 2013), p. 17.

⁵⁴ Hasso Spode, «El turista», em *El hombre del siglo XX*, ed. Ute Frevert e Heinz-Gerhard Haupt (Madrid: Alianza Editorial, 2002), p. 125.

⁵⁵ Spode, p. 125.

⁵⁶ Spode. p. 149

(mesmo das que se diziam desprendidas de tal), reclamaram do turismo como uma arma de contra-hegemonia, uma arma contracultural. É neste quadro, alguns sugerem, que podemos compreender as experiências de viagem organizadas pelas comunidades hippies nos EUA ou até mesmo as organizadas pelos coletivos *queer*. Será, porventura, também neste quadro de um turismo assumidamente de contracultura e de contra-hegemonia que podemos apreender melhor as práticas promovidas pela Rotas Vermelhas. De resto, também nas décadas de 70 e 80 podemos identificar fenómenos turísticos organizados por militantes comunistas naturais do mundo ocidental que, na forma e no conteúdo, não são muito dissemelhantes dos hoje ainda praticados na Rotas Vermelhas – caso, por exemplo, da agência de viagem sueca, assumidamente comunista, Folkturist⁵⁷.

As décadas de 70 e 80 seriam, ainda, marcadas por congressos e eventos festivos que convidavam os sujeitos a fazerem viagens com partido, ora enquanto delegados representativos de certas coletividades, ora enquanto, claro, dirigentes ou delegados partidários. Importa não esquecer que os líderes comunistas foram também eles agentes participativos na história das *rotas vermelhas transnacionais*, sobretudo, no segundo pós-guerra. Vejamos, por exemplo, Khrushchev que, ao contrário do seu antecessor, viu a sua vida marcada a viagens. Ou vejamos também aqueles dois líderes comunistas que rimam com Portugal, Cabral e Cunhal. Da mesma forma, estudantes e exilados comunistas prosseguiram em viagens várias nas décadas de 70 e 80. E mesmo com o colapso da União Soviética, os comunistas continuaram com as mochilas às costas, ora convidados a participar em palestras, comícios e congressos, ora enquanto líderes partidários, ora enquanto delegados, ora enquanto estudantes, migrantes ou exilados, ora enquanto turistas.

Ao longo do século XX, diversas motivações vão impulsionar o deslocamento de militantes comunistas, de forma sobretudo voluntária, através do que se designou de *rotas vermelhas transnacionais*. Essas movimentações incluíram, por exemplo, a participação em congressos partidários e sindicais, encontros internacionais e bilaterais no âmbito dos movimentos sociais, eventos efémeros e, mais tarde, viagens em contexto turístico. O comunista em movimento, assumindo múltiplas catalogações (não exclusivas do universo comunista) – delegado, intelectual, líder, exilado, migrado, estudante ou turista –, não realizou, na maioria das vezes, a experiência de viagem de forma individual, mas sim de forma coletiva.

⁵⁷ Sune Bechmann Pedersen, «Eastbound tourism in the Cold War: the history of the Swedish communist travel agency Folkturist», *Journal of Tourism History* 10, n.º 2 (2018), pp. 130–45.

Dizem-nos as historiadores Koukouna e Poulos que “travel, at once a pervasive and obscure aspect of communist life, has only recently begun to attract scholarly attention in its own right.”⁵⁸ Alguns historiadores, como a historiadora Jeannine Verdès-Leroux, propuseram compreender algumas das viagens de militantes comunistas como espécies de “prêmios” atribuídos pelos partidos comunistas a certos militantes. Outros historiadores – como o historiador João Madeira ao analisar, por exemplo, a viagem de Francisco Martins Rodrigues⁵⁹ – leram algumas das viagens como ferramentas utilizadas pelos partidos comunistas em momentos de confronto com possíveis dissidentes. Outros, ainda, compreenderam-nas como instrumentos de propaganda, concebidas para reforçar e divulgar a ideologia comunista através das experiências subjetivas dos viajantes. Outros, como o historiador José Neves, destacaram a sua relevância nos processos de transformação das culturas políticas comunistas⁶⁰. No entanto, a viagem, enquanto experiência histórica, não se esgotou na intenção daqueles que a promoveram (dos partidos comunistas, aos agentes turísticos soviéticos, por exemplo). E se é certo que algumas deslocações serviram para consolidar certezas e reforçar a identidade militante, outras abriram fissuras nos próprios discursos dominantes dentro dos movimentos e partidos e despertaram questões não poucas vezes tidas como impertinentes.

Dito isto, mais do que pensar as viagens comunistas apenas como instrumentos de um projeto político, pode ser interessante compreendê-las como espaços de negociação entre ideologia e experiência, entre imaginários e realidades, entre pertença e dissidência. Afinal, nada impede que após uma viagem com a Rotas Vermelhas, o viajante regresse do destino visitado com as suas convicções prévias baralhadas. O contrário é também válido. No século XX, a experiência de viajar enquanto militante comunista não se reduziu a uma mera movimentação no espaço. Cada viagem foi, afinal, um percurso através das contradições e aspirações do próprio projeto comunista – um projeto que, tal como as plurais rotas que o sustentaram, permaneceu em constante movimento.

Contudo, se temos vindo a argumentar que no estudo destas viagens é necessário considerar o contexto, o promotor da viagem e o viajante, não é menos relevante compreender o espaço

⁵⁸ Koukouna e Poulos, «Introduction: Travels: A transnational communist practice», p. 5.

⁵⁹ Ver: “Numa espécie de derradeira tentativa de o recuperarem enviaram-no [ainda em 1963] com Francisco Miguel numa retemperadora viagem pela União Soviética que durou de finais de Agosto a princípios de Outubro – Mar Negro, Geórgia, Leninegrado; uns dias na praia, outros numa casa de campo, outros em visitas aos mais variados locais, estadias em hotéis, recepções pelos dirigentes locais do PC soviético, honrarias, discursos.” João Madeira, «O Partido Comunista Português e a Guerra Fria: “sectarismo”, “desvio de direita”, “Rumo à vitória” (1949-1965)» (Doutoramento em História Institucional e Política Contemporânea, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, 2011), p. 501.

⁶⁰ José Neves, «The foreign road to the homeland: Paris and the national turn of a Portuguese Communist», *Twentieth Century Communism - A Journal of International History*, n.º 7 (2014), pp. 63–81.

onde a viagem decorre. Neste sentido, a União Soviética, destino central de muitas destas *rotas vermelhas transnacionais*, não foi apenas um lugar de chegada, mas um agente ativo na construção da experiência do viajante comunista. No decurso do século XX, na URSS promoveram-se “visitas de estudo” a fábricas e quintas do Estado, organizaram-se formações destinadas aos quadros do movimento comunista, acolheram-se estudantes, exilados comunistas e, por vezes, respetivas famílias, além de se realizarem festivais e congressos internacionais com a participação de numerosos forasteiros. Vejamos, então, como o *País dos Sovietes* recebeu aquelas e aqueles que a ela se dirigiram no decorrer do século XX.

Capítulo 2: Visitar o *País dos Sovietes*

2.1. 1917-1945

Em 1927, Carlos Santos, republicano e professor de história portuense comentava que «nos primeiros anos seguintes à revolução, a Rússia havia-se tornado num «país completamente fechado aos estrangeiros e, pelo contrário, extremamente cioso da posse dos seus naturais: ninguém podia entrar, ninguém podia sair, pelas fronteiras russas»⁶¹. Assim como Santos, vários foram os que encontraram na Rússia revolucionária um lugar vedado aos estrangeiros – como se a revolução tivesse erguido muros ao redor do espaço que, agora, se dizia governado pelo proletariado. Segundo Santos, a Rússia foi-se progressivamente abrindo com a instalação da NEP, em 1921, e, especialmente, após concluída a guerra civil, em 1922. O reconhecimento dos «excessos» e, mais importante, o reconhecimento de que «os estados, como os indivíduos, não podem viver no isolamento»⁶² explicariam, assim, o reiniciar das viagens nas terras russas. Mas, para Santos, a dita abertura só podia ser explicada através da «varinha mágica de Tchicerine»⁶³, Comissário do Povo para os Negócios Estrangeiros da República Socialista Federativa Soviética da Rússia (um homem que Carlos Santos veio a conhecer na viagem por si realizada a Moscovo), e da por ele liderada assinatura do Tratado de Rapallo, momento onde as Repúblicas soviéticas se vêm formalmente reconhecidas pela República de Weimar.

⁶¹ Carlos Santos, *Como eu vi a Rússia*, 1ª (Porto: Livraria Civilização Editora, 1927), p. XVII.

⁶² Santos. p. XVII.

⁶³ Santos. p. XVIII.

Apesar de interpretações como as de Santos, é possível argumentar que a Rússia revolucionária não se fechara completamente a estrangeiros⁶⁴. Na verdade, podemos encontrar viagens despertadas pelos efeitos mais momentâneos da revolução de outubro de 1917⁶⁵. Entre 1917 e 1919, motivações militares, diplomáticas, jornalísticas, partidárias e sindicais relacionadas com a Grande Guerra, com a guerra civil russa, com os interesses mediáticos ocidentais e com as próprias relações internacionais estabelecidas entre partidos socialistas e comunistas com os bolcheviques foram atraindo estrangeiros às coordenadas da Rússia revolucionária. Em 1919, como vimos, a IC é fundada e, depois, em 1921, foi a vez da Internacional Sindical Vermelha. No fórum destas organizações, são fabricados passaportes para Moscovo, associando-se-lhes viagens cujas realizações se confrontaram, várias vezes, com a inexistência de relações oficiais entre os demais países de proveniência dos viajantes e a Rússia. É certo, como notara Santos, que naquela época «estava tudo desorganizado, como se um ciclone houvesse devastado a Rússia [...]: os hotéis, sem forasteiros, sem diplomatas a receber, trocados por albergues de operários e camponeses, onde os criados eram simultaneamente patrões da casa e comensais dos hóspedes; o grande comércio, sem clientela [...]; a Arte paralisada; os carros de praça estropiados [...]; os comboios só com terceira classe»⁶⁶. Mas os bolcheviques não estariam longe de começar a pensar nas formas de recepção de estrangeiros no território agora por eles governado e, não menos importante, como formas de atrair os trabalhadores do mundo para o novo mundo dos soviets.

Debates correlacionados com a recepção, por um lado, e, por outro, a atração emergiram logo nos inícios da década de 20. Figuras como Chicerine e Olga Kamaneva⁶⁷ tratariam, no plano dos aparelhos de estado, das primeiras políticas voltadas para estas questões. Nesse sentido, sob pano de fundo da NEP, enformaram-se as primeiras políticas referentes aos visitantes, de resto, fecundadas na percepção de que, por via das redes constituídas em torno deles, o estado dos soviets poderia tentar modelar a imagem reproduzida sobre a *nova Rússia*

⁶⁴ O conceito de “estrangeiro” para esta época e para este contexto em específico pode ser problemático. Afinal, e para rebuscar uma afirmação de Marx várias vezes citada: *os operários não têm pátria*.

⁶⁵ É certo que, como aquele professor notara, vários dos trajetos que habitualmente conectavam zonas da geografia russa com outras zonas do cosmos foram encerrados. Caso, por exemplo, das redes de circulação em contextos diplomáticos ou comerciais. Porém, o encerramento de tais redes merece ser contextualizado de uma forma distinta da de Santos. Afinal, as transformações operadas, após outubro de 1917, ao nível dos circuitos de sujeitos estrangeiros na Rússia não podem ser explicadas considerando unicamente o contexto do espaço de Leste. Tão relevantes neste plano foram as demais reações à revolução de outubro disseminadas nos diversos contextos nacionais. Reações essas que também contribuíram para o encerramento de muitos trânsitos.

⁶⁶ Santos, p. XVIII.

⁶⁷ Olga Kamaneva (1881-1941), revolucionária, irmã de Leon Trotsky e, depois, casada com Lev Kamenev. Kamaneva deteve um importante papel no movimento revolucionário, especialmente, no quadro das relações culturais e diplomáticas entre a Rússia dos Soviets e o ocidente, vindo entre 1926 e 1928 a desempenhar funções na VOKS. Durante o regime de Estaline, foi presa e executada em 1941, vítima das purgas políticas.

no mundo capitalista, atenuando os vociferados discursos anti-bolcheviques e anticomunistas que estados e burguesias, nos seus respectivos perímetros de influência, divulgavam proficuamente. O primeiro gabinete incumbido de preparar a informação destinada aos visitantes e de cuidar do acolhimento destes na *nova Rússia* foi criado em 1923, no contexto do Comitê de Ajuda Internacional. Esse mesmo gabinete seria o embrião do dispositivo soviético correlacionado com as relações culturais com o ocidente e, da mesma forma, com as visitas temporárias de forasteiros ocidentais.

Pela segunda metade da década de 20, estão em marcha mudanças significativas no referente às políticas soviéticas de acolhimento de visitantes temporários ocidentais. Data, assim, de 1925 a instituição da VOKS⁶⁸, organização próxima do estado soviético cuja função matricial era a promoção de relações culturais num sentido estimador do internacionalismo. Ao contrário de outros aparelhos instituídos naquela época, a VOKS desfrutava dos estatutos de uma organização não governamental, não lhe sendo exigido um regulamento típico de um organismo formal do estado. Uma fórmula jurídica, até certo ponto, descentralizada e um modelo de gestão investido de alguma autonomia animavam o pleno exercício de funções da VOKS. De resto, uma lógica robustecida, na interpretação do historiador David-Fox, por ambivalências, pois, se, por um lado, a natureza não governamental da VOKS tendera a colher simpatias entre os meios intelectuais soviéticos e ocidentais, por outro, aquela instituição gozava de uma capacidade de delinear relações externas com alguma independência, mesmo quando ao nível estatal não se asseguravam ligações oficiais⁶⁹. A ela coube a gestão das sociedades de amizade⁷⁰ criadas na URSS, a coordenação da propaganda destinada aos viajantes e, ainda, a organização das agendas e dos eventos vinculados às experiências daqueles que a visitavam. A VOKS constitui-se como um meio de interlocução destinado, principalmente, aos meios intelectuais ocidentais, compreendida como um instrumento privilegiado nas lógicas relacionais em matérias artísticas, culturais e científicas. Por isso, um instrumento soviético de diplomacia cultural e científica.

⁶⁸ *Vsesoiuznoe Obshchestvo Kul'turnoi Sviazi s zagranitsei* — Всесоюзное общество культурной связи с заграницей (“Sociedade de Relações Culturais entre a URSS e o Estrangeiro” tradução em Santos, *Como eu vi a Rússia*, p. XXXIII).

⁶⁹ Ver: Michael David-Fox, «"From Illusory Society to Intellectual Public: VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period», *Contemporary European History* 2, n.º 1 (2002): 7–32; Michael David-Fox, *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941)* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2012). Ludmila Stern, *Western Intellectuals and the Soviet Union, 1920–40. From Red Square to the Left Bank* (Londres e Nova Iorque: Routledge, 2007).

⁷⁰ Durante a década de 20, algumas Sociedades de Amizade com a União Soviética foram edificadas em países europeus. Paralelamente, na União Soviética montavam-se Sociedades de Amizade com os países em questão. Para a história destas sociedades ver, por exemplo, Sophie Cœuré, *La Grande Lueur à l'Est. Les Français et l'Union soviétique* (Paris: Éd. du Seuil, 1999).

Intelectuais, jovens e sujeitos conexos aos movimentos sociais advindos de coordenadas diversas, mas próximos de tendências ideológicas concretas, começaram a ser convidados para visitar a União Soviética a convite daquela organização. Paralelamente, a variados ritmos consoante o local e a república soviética em questão, delinearam-se políticas públicas, articularam-se poderes instituídos e organizaram-se instrumentos e recursos com finalidades centradas na construção e promoção de experiências para os turistas e forasteiros ocidentais (da hotelaria à formação de cicerones). Sob tutela da VOKS, no ano de 1925, chegaram à URSS 483 forasteiros. Em 1926, esse número triplica, contabilizando-se cerca de 1200 visitantes desafiados a visitar a Rússia. Por sua vez, entre 1929 e 1930, a convite da VOKS, seriam hospedados temporariamente na URSS 1500 visitantes por ano⁷¹. Os estudos de David-Fox, quanto a este universo de viajantes, demonstram que a maioria dos forasteiros deste período eram oriundos dos Estados Unidos da América, seguidos dos provenientes da Alemanha.

Importa notar que não só a VOKS contribuiu para o desencadear das viagens neste curto período. A IC, a ISV e a IJC, mas, também o PCUS, outras ramificações institucionais do estado soviético e associações, federações e sindicatos soviéticos continuaram a convidar estrangeiros (fossem eles líderes de partidos comunistas, de movimentos anticoloniais, delegados, cientistas, intelectuais, estudantes) para curtas visitas ao país do socialismo, recebendo-os, grosso modo, nas principais áreas urbanas. Moscovo e Leningrado serviram como os principais centros de receção de forasteiros – espaços urbanos de exposição da *Grande Experiência* operada pelo proletariado soviético, isto é, da exposição da modernidade soviética. Uma modernidade que percorria as abundâncias expostas nas áreas de comércio local, que transitava pelas novas áreas industriais, pelas instituições culturais e científicas e pelos campos aparentemente fecundos e que ainda acompanhava os fios elétricos dispostos nas avenidas, ruelas e praças⁷².

Outras organizações, externas aos aparatos soviéticos, promoveram, em pleno diálogo com as instituições soviéticas, viagens durante este período. Casos dos partidos comunistas, das sociedades de amizade com a URSS e de alguns sindicatos simpatizantes do novo regime soviético que, simultânea e diacronicamente, foram aperfeiçoando os métodos de envio de sujeitos para a União Soviética, fintando não poucas vezes restrições de determinados estados e beneficiando da mercantilização de vistos em certos países europeus que ao longo da década de 20 foram reconhecendo formalmente o *País dos Sovietes*. Também algumas agências de

⁷¹ Os números provêm da investigação: David-Fox, *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941)*.

⁷² A este respeito pode ser pertinente ver o relato de Carlos Rates, *A Rússia dos Sovietes* (Lisboa: Guimarães, 1925).

viagens, dirigindo-se sobretudo aos setores (e às carteiras) de uma burguesia urbana que, não obstante as suas reservas, demonstrava curiosidade em conhecer o novo mundo dos soviets, comercializaram passagens, estadias e experiências – de novo, em estreito diálogo com as instituições soviéticas.

Em 1927, os aparelhos de recepção de forasteiros na URSS davam provas da sua eficiência funcional. Naquele mesmo ano, o espaço sob governança bolchevique celebrou o décimo aniversário da revolução de outubro. Um aniversário que, comemorado também fora da Rússia⁷³, fizera despertar cadeias transnacionais de eventos cuja arqueologia está ainda hoje por ser explorada. Pela altura do decénio, o PCUS e a União Soviética deparavam-se com um contexto internacional tido como hostil. Movimentos e regimes fascistas brotavam Europa fora, projetando cruzadas anticomunistas, ao passo que os planos da revolução internacional proletária lamentavam os seus últimos suspiros. Internamente, 1927 encaixava-se num contexto de impulsos transformativos dentro do PCUS e da própria URSS. Posicionado na transição entre a NEP e a *Grande Viragem* de Stalin, aquele mesmo ano teve a si ancorada a expulsão de vários líderes da oposição interna à fração dominante do PCUS (então, liderada por Josef Stalin) e, ainda, o envio de Trotsky para o exílio. Decorridas nesta conjuntura de hostilidades e transformações, as celebrações oficiais do decénio de outubro de 1917 executaram-se, recorrendo à típica tecnologia empregue em eventos daquela natureza memorialística e comemorativa. No entanto, se as performances e discursividades, as patrimonializações e políticas da memória inscritas nas celebrações pretenderam dialogar para as gentes que habitavam o espaço administrado pelo regime soviético, elas também convocaram toda uma imensidão de corpos alheios àquele espaço de governança. Com efeito, vários foram os convidados a atender às comemorações. O historiador Jean-François Fayet afirma que cerca de 1 000 representantes (“927 to be precise”⁷⁴), provenientes de pelo menos 43 países, aceitaram convites e marcaram presença nas celebrações. Na lista de convidados podia ler-se os nomes de delegados da IC, do ISV e do Socorro Internacional Vermelho, elementos de partidos comunistas e de organizações sindicais, esperantistas e cooperativistas, figuras dos clubes de desporto proletário e de movimentos camponeses, bem como representantes de movimentos anticoloniais oriundos de espaços sob o jugo do imperialismo.

⁷³ Ver: Jean-Francois Fayet, Valerie Gorin, e Stefanie Prezioso, *Echoes of October: International Commemorations of the Bolshevik Revolution 1918-1990* (Londres: Lawrence & Wishart Ltd, 2017). E Frederick C. Corney, *Telling October. Memory and the making of the Bolshevik Revolution* (Ithaca: Cornell University Press, 2004).

⁷⁴ Jean-Francois Fayet, “Welcome to the land of Lenin”. History of the 10th anniversary of the October Revolution.’, *Politika* (25 de junho de 2019).

Efemérides como as celebrações do 1º de Maio, do decénio de outubro de 1917 ou, em 1928, as *Spartakiadas* de Moscovo⁷⁵, as iniciativas estimuladas pela IC e pela ISV, os convites da VOKS, as relações bilaterais entre o PCUS e outros partidos comunistas, eventos desportivos, artísticos e culturais, entre outros, estimularam o progressivo aumento das viagens a partir da segunda metade dos anos 20. Porém, se aspetos ligados ao *ponto de chegada* (URSS) participaram no enformar deste aumento de viagens, não menos importante foram os conexos, ainda que de formas desiguais, aos diversos *pontos de partida*. O desarticular de certos entraves outrora impostos por estados europeus, como na Alemanha, na França e na Inglaterra, o interesse dos órgãos de comunicação ocidentais pela URSS, a comercialização de vistos ou a atividade de agências de viagens participariam, também, neste progressivo aumento das jornadas. Todavia, é importante reter – como argumenta Koenker para o caso soviético, mas que bem se pode aplicar a outros recortes nacionais – que “the right to rest remained a commodity to be rationed to a few for the good of the whole, but in fact it went only to those few”⁷⁶ – e, apesar das viagens realizadas por sindicalistas, sujeitos dos movimentos operários e, ainda, alguns camponeses, o grosso dos forasteiros que aterraram na URSS durante o entreguerras continuaram a ser aqueles que sobretudo “possessed the social capital to take advantage of these opportunities”⁷⁷.

Durante a conjuntura do Primeiro Plano Quinquenal (1928-1933), em sincronia com a tese do socialismo num só país e com o alargar do número de entradas de forasteiros no território da URSS, o estado soviético promove uma remodelação de alguns dos aparelhos relacionados com a receção de visitantes ocidentais. Foi o caso da VOKS. Num mais largo processo de reorganização dos órgãos diretivos da organização que visou, em si, o declínio de modelos de gestão mais autónomos e descentralizados, Olga Kamaneva é substituída por Fedor Petrov. A VOKS passava então a dotar-se de um novo sentido funcional, sem que, contudo, se operasse uma revisão jurídica e estatutária e sem que os hábitos associados à fase Kamaneva dissipassem. Se durante uma boa parte da segunda metade dos anos 20, a VOKS havia permitido a penetração, até certo ponto, de uma suposta cultura burguesa por via dos ocidentais convidados e admitira a participação de intelectuais soviéticos tidos pelo estado como *apolíticos e neutros* nos intercâmbios culturais, durante os anos 30, estas lógicas seriam interrompidas. A VOKS passaria, então, a ter uma gestão mais centralizada e sob influência direta do estado, começando,

⁷⁵ A propósito das *Spartakiadas* e das viagens ocorridas no contexto de estas, veja-se, por exemplo: Robert Edelman, *Serious Funs: a history of spectator sports in the USSR* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1993), pp. 37-41.

⁷⁶ Koenker, *Club Red: vacation travel and the Soviet dream*, p. 132.

⁷⁷ Koenker, p. 132.

da mesma forma, a estabelecer relações com a polícia secreta e com o PCUS⁷⁸. Ademais, será durante o estalinismo que os critérios aplicados aos convidados serão apertados, privilegiando-se, de um modo geral, intelectuais comunistas e *filo-comunistas*: estes últimos, apelidados outrora por Trotsky de *fellow-travellers*⁷⁹.

No entanto, o I Plano Quinquenal não implicava unicamente esta inversão no quadro da VOKS. Em 1929 é instituída a Intourist⁸⁰, uma instituição cujo encargo central foi o de estabelecer “une infrastructure touristique de masse sous contrôle de l’État”⁸¹. Edificada na temporalidade das coletivizações e das campanhas de industrialização, a nova instituição conciliou na sua teoria e prática o turismo com a exibição da modernidade soviética e a exibição do país que já não era dos soviéticos, mas dos povos⁸². Nas palavras de Samantha A. Kravitz, “Intourist was not only a full-service travel agency offering inclusive and individual tours to the Soviet Union, but it was also to design and sell a vision of the Soviet state to foreigners”⁸³. Além de controlar a maioria dos aspetos correlacionados ao turismo e aos estrangeiros na URSS (emissão de vistos, organização de roteiros, acompanhamento das excursões e hospedagem), a instituição ficara também responsável pela dinamização do turismo interno da URSS. Para exercer as suas funções, a Intourist viu-se regulada por um financiamento próprio oriundo das receitas do turismo e, ainda, por verbas provenientes dos cofres do estado soviético, sendo que a si se associavam técnicos de gestão e organização das viagens, cicerones, tradutores, fábricas de propaganda destinadas exclusivamente à promoção das viagens e, ainda, instituições hoteleiras, museológicas e artísticas (umas sob sua tutela administrativa, outras com as quais detinha relações privilegiadas). Era ali que se estabeleciam os roteiros⁸⁴ a serem seguidos pelos

⁷⁸ O argumento é explorado: David-Fox, «"From Illusory Society to Intellectual Public: VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period».

⁷⁹ O conceito *Fellow-Traveller*, oriundo do discurso de Trotsky, refere-se aos intelectuais ocidentais *filo-comunistas*, mas que não exerciam militância comunista nos seus respetivos partidos comunistas nacionais. Para uma história do conceito e, ademais, dos relatos de viagens dos *fellow-travelers*, ver: David Caute, *The Fellow-Travellers. Intellectual Friends of Communism* (New Haven e Londres: Yale University Press, 1988).

⁸⁰ *Inostrannyi Turist*, isto é, «Conselho Nacional do Turismo», segundo a tradução em J. M. Ferreira do Amaral, *O paraíso bolchevista e... a mentira: uma viagem à Rússia* (Lisboa: Livraria Bertrand, 1935), p. 24.

⁸¹ Brigitte Studer, «Le voyage en U.R.S.S et son ‘retour’», *Le Mouvement social*, n.º 205 (2003), p. 3.

⁸² Para a questão da promoção levada a cabo pelo estado soviético dos particularismos étnicos e nacionais, ver, por exemplo: Yuri Slezkine, *As Casas dos Soviéticos: Dois Ensaios e Uma Entrevista* (Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2024).

⁸³ Kravitz, ‘The Business of Selling the Soviet Union: Intourist and the Wooing of American Travelers, 1929-1939’, p. 3.

⁸⁴ “An important indicator of the development of foreign tourism in the USSR was the number and geography of the itineraries offered by Intourist for visitors from abroad. For example, in 1931 twelve itineraries were formulated for foreigners, ranging from five to twenty-eight days long. The longest was a tour with an itinerary consisting of Leningrad, Moscow, Nizhny Novgorod, Stalingrad, Vladikavkaz, Tiflis, Batumi, Yalta, Sevastopol, Odessa, and Kiev. In 1933 the number of itineraries reached twenty-six and remained at that level until the end of the 1930s. These itineraries provided for foreigners to visit Moscow, Leningrad, Kiev, Kharkov, and a number of other large cities in Ukraine, the Volga Region, the Crimea, the Caucasus, and Transcaucasia. People who wished to get

forasteiros, onde se definia, em diálogo com o estado, os territórios interditos aos visitantes *de fora*⁸⁵ e onde se imprimiam os mapas e os livros guias destinados a contextos turísticos. Também através da Intourist se procedeu à criação de séries de infraestruturas destinadas aos turistas, não só do ponto de vista dos imóveis, mas também das vias de comunicação, dos transportes e das acomodações. Ademais, a própria Intourist estabeleceu contactos internacionais com agências de viagens de outros países, tais como a Thomas Cook e a American Express Company. Por tudo isto (e mais), alguns historiadores encontraram na Intourist o modelo da agência de viagens da máquina totalitária⁸⁶. Uma instância de poder capaz de vigiar, controlar e disciplinar os estrangeiros, cuja funcionalidade, na ótica de alguns historiadores, se reduzia à disseminação da propaganda oficial e cujos funcionários se confundiam com agentes da inteligência soviética, ademais colaboradores da GPU e do NKVD.

Em 1935, ano da apresentação do metro de Moscovo, corria já o II Plano Quinquenal, podia ler-se num informe da Intourist: «When today's foreign tourists come to the Soviet Union, they are less interested in 'exotica' and oddities from 'cock-and-bull stories': their attention is drawn most of all to the wonders of our industrialization, the fulfillment of five-year plans, the rebuilding of the national economy, collective-farm construction, our science and art.»⁸⁷ Por outras palavras, os oficiais da Intourist notavam que a maioria dos turistas ocidentais saciavam os seus desejos de viagem, principalmente, na contemplação da modernidade soviética. Não seria de estranhar. Por um lado, a URSS apresentava-se na década de 30 como uma das grandes resistentes aos devastadores efeitos económicos provocados pela Grande Depressão, atraindo os mais pessimistas relativamente ao *estado das coisas* no ocidente. Por outro, as próprias instituições do turismo soviético, através dos roteiros (David-Fox, nomeia-os de *showcases*⁸⁸), da propaganda e dos discursos dos cicerones, primaram por incentivar os visitantes da URSS a

acquainted with the initial successes of accelerated industrialization could visit the DneproGES [the Dnieper Hydroelectric Station], the motor vehicle plant in Nizhny Novgorod, the Stalingrad and Kharkov tractor plants, the agricultural machinery plant in Rostov-on-Don, and several other large enterprises that were launched between 1930 and 1932. While in Baku, the capital of Soviet Azerbaidzhan, one could visit active oil fields. Intourist also offered its clients river cruises along the Volga. Intourist had more than thirty branches and permanent and seasonal agencies around the country in the mid-1930s to serve the foreigners who were traveling on these itineraries.” Em I.B. Orlov and A.D. Popov, “‘Show All the Advantages of Socialism’: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions”, *Russian Studies in History*, 59 (2020), p. 187.

⁸⁵ Mazuy observou que os cicerones serviam, também, como espécies de *controleiros* cujas funções também passavam pelo controlo dos locais que os visitantes poderiam visitar ou não. Ver: Rachel Mazuy, *Believing rather than seeing? Travels in Soviet Russia (1919-1939)* (Paris: Odile Jacob, 2002).

⁸⁶ Astrid Hedin, «Illiberal deliberation: Communist regime travel controls as state capacity in everyday world politics», *Cooperation and Conflict* 54, n.º 2 (2019), pp. 211–233.

⁸⁷ AGS, f. R-250, op. 1, d. 57, l. 3. citado em “‘Show All the Advantages of Socialism’: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions I.B. Orlov and A.D. Popov, p. 192.

⁸⁸ David-Fox, *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941)*.

perseguirem os rastros de progresso produzidos pela planificação da economia soviética: fosse através de excursões a determinados kholkhozes, fábricas e bairros operários, da promoção de contactos com certos infantários, escolas, instituições universitárias e hospitais ou de visitas acompanhadas a museus, teatros e estádios desportivos.

É relevante, contudo, reter que as práticas correlacionadas com o planeamento, gestão e elaboração das viagens e os discursos a elas associados foram-se flexibilizando e adaptando às ademais distinções apresentadas pelos visitantes, fossem elas nacionais, profissionais, etárias, de classe ou de género⁸⁹. Vimos, até aqui, que para o turista propriamente dito o organismo Intourist foi o principal agente mediador na construção das experiências vividas. Por sua vez, vimos que para os intelectuais foi a VOKS, em articulação, a partir de 1929, com a Intourist, que tratou da planificação e mediação das experiências. No entanto, não foram poucas as vezes que se discutiram as diferenças entre as viagens praticadas por turistas, intelectuais, burgueses e, ainda, por quem visitavam a URSS num contexto de missão política e/ou sindical. Notadas na época, estas diferenciações no tratamento dos diferentes viajantes ficariam incorporadas em alguns textos e relatos de viagem. Caso de A. Vieira, um sujeito sobre o qual pouco se sabe, que a dado momento da sua narrativa memorialística sobre as suas suspeitas experiências enquanto alegado funcionário da Komintern, aludiria, precisamente, a essas diferenciações:

«Entre os livros que sobre a U. R. S. S., têm sido publicados, a grande maioria é de autores que visitaram o país, como turistas, ou como hóspedes do govêrno, vendo, portanto, só aquilo que os comunistas entenderam conveniente mostrar. Quando Herriot ou Romain Rolland, nos dão as suas impressões, devemos pensar, sem duvidar da sua probidade intelectual e imparcialidade, que elas correspondem às aldeias a Potemkine que visitaram, e aquilo que ouviram aos comunistas. Não é permitido generalizar, porque os comunistas nem representam dois por cento da população, e porque as cosinhas super-higiénicas, casas modernas e cómodas, creches exemplares, são o privilégio duma minoria insignificante. A vida do povo, não se pode conhecer, passeando com os guias da «intourist» ou da «woks» (associação para manter relações culturais com o estrangeiro). Não julguem os leitores que o governo soviético coloca guardas, para vigiar os estrangeiros. Serve-se duma maneira muito mais hábil. Em primeiro lugar, ninguém pode obter o visto consular soviético, sem se inscrever num dos diferentes percursos organizados pela «intourist». Exceptuam-se é claro, os comunistas ou pró-comunistas que visitam a U. R. S. S., em serviço político da «Komintern», ou qualquer serviço

⁸⁹ Ver: Stern, *Western Intellectuals and the Soviet Union, 1920–40. From Red Square to the Left Bank*; Luis Perdices de Blas e José Luis Ramos Gorostiza, «El experimento económico soviético a examen: La mirada de los viajeros españoles (1917-1936)», *iblio3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales* 22, n.º 1.218 (2017), <http://www.ub.es/geocrit/b3w-1218.pdf>; Julia L. Mickenberg, *American Girls in Red Russia* (Chicago: The University of Chicago Press, 2017); Angela Kershaw, «French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929 – 1942», *e-Rea. Revue électronique d'études sur le monde anglophone* 4.2 (2006), <https://journals.openedition.org/erea/250>; German Alburquerque F., «III. Peregrinaje político: intelectuales latinoamericanos de viaje por los países socialistas», em *La Trinchera Letrada: Intelectuales latinoamericanos y Guerra Fría* (Santiago: Ariadna Ediciones, 2011), 61–80, <http://books.openedition.org/ariadnaediciones/230>; Alisson Taillot, «El modelo soviético en los años 1930: los viajes de María Teresa León y Rafael Alberti a Moscú», *Cahiers de civilisation espagnole contemporaine*, n.º 9 (2012), <https://journals.openedition.org/cccec/4161>.

do estado soviético, e também as individualidades de prestígio no mundo de letras ou da política, convidadas pelo governo. O estrangeiro inscrito na intourist, uma vez entrado no país dos soviéticos, passa a ser escravo desta organização que o acompanha a toda a parte, nos comboios, nos automóveis, nas visitas à cidade, etc. E na realidade, sem a intourist, não pode dar um passo, em vista de não ser até o fim do ano de 1935, permitido trocar moedas estrangeiras em rublos. Ninguém lhe proíbe, sair sozinho do hotel da intourist, mas não pode ir longe, ainda que conheça o russo, o que em geral não se dá, porque não tem rublos para pagar um carro elétrico ou taxi, a entrada num museu ou teatro, ou tomar uma cerveja num restaurante, juntamente com russos. A intourist fornece-lhe tudo, pago em moeda de qualquer país. Mas nos seus hotéis, não pode travar contacto com a vida real do povo russo. Desde os princípios do ano corrente é permitida a troca de moeda estrangeira em rublos, mas os turistas continuam a ser escravos da intourist. Os hóspedes do governo, têm o programa da viagem, organizado pela Woks, e seria indelicado revoltar-se contra a suave escravidão que passam entre banquetes, festas e paradas. Isto concorre para levarem da URSS uma visão côr de rosa, que é muito diferente da realidade. São os livros dessas altas individualidades que visitaram o País dos soviéticos, a convite do governo, que criam um ambiente favorável para a propaganda comunista nos países capitalistas.»⁹⁰

Apesar de A. Vieira insistir na ideia de que os turistas ocidentais não passaram de escravos nas mãos da Intourist, o que é certo é que uma grande parte desses viajantes não se percebeu dessa forma, bem pelo contrário. Não foram poucos os que, nos seus relatos, se referiram ao tom *apolítico* dos discursos dos oficiais soviéticos e/ou dos guias turísticos, denunciando, ainda, a liberdade que gozaram durante os seus trânsitos pelas cidades soviéticas. Mas, da mesma forma, também não foram poucos os que necessitaram de salientar as suas capacidades críticas e intelectuais para argumentarem que não tinham sido manipulados pela Intourist e pelos seus guias. Porém, se há aspeto que aparenta colher concórdia entre uma boa parte dos viajantes do entreguerras é a questão do trato hospitaleiro dado pelas autoridades soviéticas. Uma hospitalidade que se dizia presente nas simpáticas recepções aquando das verificações dos vistos, nas sedutoras acomodações materiais oferecidas nos estabelecimentos hoteleiros, no fornecimento de guias dotados de saberes plurilinguísticos, nos tratos afáveis dirigidos aos forasteiros e na promoção de interações entre os viajantes e figuras ilustres, intelectuais e líderes

⁹⁰ A continuação não é menos interessante, vejamos: «Infelizmente, o público tem o defeito de aceitar como dogmas, as opiniões de certos escritores, sem procurar discutir e analisar pela sua própria cabeça, e muito menos investigar a origem dos conhecimentos do autor que, pelo facto de ser um grande novelista, um admirável prosador, um notável dramaturgo, não quer dizer que conheça bem a experiência bolchevista. G. B. Shaw é para muitos um Deus, e as suas opiniões sobre a U.R.S.S., são citadas constantemente, como a última palavra. Pois ele, com a mania de tirar conclusões daquilo que os comunistas mostraram e contaram, chega a afirmar que há liberdade religiosa no paraíso bolchevista. [...] Outro factor que concorre para a propaganda favorável, é a simpatia dos judeus, não porque estes sejam comunistas, mas simplesmente porque na união soviética, o judeu goza duma situação privilegiada. A alta finança judaica que manda em muitos jornais, agências de publicidade e casas editoras, manifesta-se presentemente pró-soviética, depois que viu pôr de parte, as ideias de igualdade económica. [...] Na literatura sobre a experiência bolchevista, temos também os livros dos comunistas, acompanhados presentemente, de muitas estatísticas. E claro que ninguém lhes pode exigir imparcialidade nas observações, ou veracidade dos números estatísticos. São publicações para atulhar os crânios, contando com a receptividade dos semi-alfabetos». A. Vieira, *Moscovo por um Antigo Funcionário do Komintern* (Lisboa, 1936), pp. 3-6.

da URSS. Uma hospitalidade⁹¹ que uns interpretaram como propaganda, outros viram como característica da solidariedade proletária, outros julgaram como parte da *essência* dos povos eslavos, outros, ainda, tendo-a observado como algo comum nas estâncias do turismo.

Contudo, a atenção de A. Vieira aos privilégios atribuídos aos visitantes comunistas é, em todo o caso, curiosa. Desde o final da década de 20 que a União Soviética foi implementando políticas públicas de acolhimento reservadas aos militantes do movimento comunista internacional. Com efeito, a URSS fez-se casa para vários exilados comunistas. Uma casa equipada com habitações, serviços e salários destinados aos exilados e seus familiares e, ainda, equipada de escolas (com a Escola de Ivanov) para as filhas e filhos destes. Durante a década de 30, a URSS desempenhou, também, um importante papel no contexto da formação académica e política de muitos comunistas, acolhendo no seu território, por exemplo, a Escola Internacional Lenine. Casa de exilados e estudantes comunistas de vários países, a União Soviética equipou-se, ainda, de infraestruturas hoteleiras para o acolhimento de dirigentes e militantes comunistas que, no entreguerras, a visitaram a partir das redes do movimento comunista internacional.

Entre o Primeiro e o Segundo Plano Quinquenal registaram-se ondas de afluência de visitas à URSS. A historiadora Brigitte Studer identificou que o grande pico das viagens de naturais

⁹¹ Esta dita hospitalidade foi um objeto de profícuos debates travados nos contornos da historiografia dos totalitarismos, sobretudo, num momento inicial, nas escolas da dita *sovietologia* estadunidense das décadas de 60 e 70. Recorrendo aos relatos de viagens de oriundos dos EUA, S. Margulies, propôs-se a estudar aquilo que designou como as “técnicas de hospitalidade”. Um conceito que caracterizava, portanto, as microfísicas do poder – expressão que importo sem o consentimento da historiadora que cunhou o conceito – constituídas em torno dos comportamentos, práticas e saberes dos oficiais do turismo soviético. Compreendidas como mais uma forma de disciplinar comportamentos (no caso, o dos trabalhadores do setor do turismo) e de controlar e manipular estrangeiros, as “técnicas de hospitalidade” aproximaram-se das discussões em torno da *agêncialidade* dos viajantes no plano das experiências por estes vivenciadas dentro URSS e, por conseguinte, nos debates sobre os relatos de viagem. Mas se cedo se demonstrou que, nos contextos do turismo e das viagens, as autoridades soviéticas procuraram “formalize, regularize, control, and use such contacts for their own purposes”, também se compreendeu que “for various reasons there were many instances in which this control was diminished or even temporarily absent.” (em “Show All the Advantages of Socialism”: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions I.B. Orlov and A.D. Popov.) Paul Hollander, por exemplo, demonstraria, através do estudo de relatos de viagens de indivíduos provenientes dos EUA, como os oficiais do turismo forneceram escolhas e diferentes tipos de possibilidades nas definições dos itinerários e dos locais a serem visitados. Exemplos como estes, pode-se argumentar, foram também tomados como práticas das “técnicas de hospitalidade”, onde se sugeria que estes tipos de cedências decorridas durante as viagens representavam, também elas, outras engrenagens (formas de poder) que faziam girar o sistema de controlo e de manipulação montado em torno do turismo soviético. Mas se até aos anos 90 as principais teorizações em torno das “técnicas de hospitalidade” recorreram, grosso modo, aos relatos dos viajantes, foi só nos anos finais do século XX e inícios do XXI que os historiadores puderam apreender essas “técnicas de hospitalidade” com recurso aos, então abertos, arquivos soviéticos. Ver: Sylvia R. Margulies, *The Pilgrimage to Russia. The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924-1937* (Madison: University of Wisconsin Press, 1968)., Paul Hollander, *Political Pilgrims: Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China, and Cuba, 1928-1978* (Lanham: University Press of America, 1990).

da Alemanha se dá entre 1927 e 1932 e as dos oriundos da França entre 1932 e 1939⁹². Com efeito, estes casos reforçam algo que se tem vindo a insistir: a ideia de que, na história destes trajetos transnacionais, as condições históricas associadas aos *pontos de partida* são tão ou mais relevantes que as condições históricas vinculadas ao *ponto de chegada*. Correspondendo o entreguerras também à afirmação do regime nazi e de regimes autoritários e fascistas com reportórios políticos pautados pelo anti-sovietismo e pelo anticomunismo, as iniciativas de viagem com trajetos planeados pela URSS viram-se desincentivadas, constrangidas e reprimidas em diferentes quadraturas nacionais.

Interrompendo um ciclo de viagens militantes que vinham adquirindo tração desde a instalação da IC, a Segunda Guerra Mundial suspende o primeiro grande ciclo de viagens à URSS. Não que aquela periodicidade tenha tornado a União Soviética num espaço interdito a estrangeiros. Porém, as redes que se vinham enformando desde a segunda metade dos anos 20, perdem densidade. Uma perda que, a bem dizer, se acelera com o início da guerra, mas que já vinha dando sinais desde a diminuição dos trânsitos transnacionais da IC, ante o momento das purgas estalinistas. No entanto, durante o conflito mundial e, mesmo após a entrada, em 1941, da URSS nele, as terras de Leste não deixaram de ser visitadas. Durante a Segunda Guerra, impulsos diplomáticos, jornalísticos e, ainda, político-partidários continuaram a alimentar algumas viagens até ao *País dos Sovietes*. Em contrapartida, os trajetos comunistas viram-se reduzidos, principalmente após a extinção, em 1943, da IC, mas, também, derivado das ocupações e dos avanços das forças do Eixo nazi-fascistas pela Europa durante o conflito e do lançamento de comunistas para as frentes da resistência às ocupações.

2.2. 1946 - 1991

Um novo ciclo de viagens dirigidas até à União Soviética é iniciado no segundo pós-guerra. Será na segunda metade da década de 50 que as viagens e o turismo na URSS conhecem um significativo renascimento, agora, com a URSS titular de uma área de influência mais vasta. Em 1956, ano do XX Congresso do PCUS, a URSS recebeu cerca de meio milhão de forasteiros (cerca de 56 mil em contexto de turismo), oriundos de 84 países, e mais de meio milhão de cidadãos soviéticos realizaram – agora, possibilitados – travessias além da URSS⁹³. Nas palavras de Alex Hazanov, “by 1963, the yearly number of tourists amounted to 168,000 people, and other forms of travel (everything from exchanges like Feuer’s to transit passengers

⁹² Studer, «Le voyage en U.R.S.S et son ‘retour’».

⁹³ Dados segundo a página oficial da Intourist: <https://www.intourist.com/about-us> (consultado em 16/07/2024)

going from Europe to the Far East and vice versa) amounted to over one million. By the early 1970s, the Soviet Union was receiving 4 million travelers yearly”⁹⁴. Mas não nos precipitemos.

Levantada da, por si designada, Grande Guerra Patriótica como vencedora, a União Soviética é realojada no mundo como uma potência. Não obstante, os primeiros tempos do segundo pós-guerra não são áureos para as visitas temporárias. Entre 1947 e 1951, a VOKS convive unicamente com cinquenta e sete viajantes oriundos dos Estados Unidos⁹⁵ e, mesmo com o alargamento da influência comunista em países como a França ou a Itália e com os novos regimes socialistas de Leste, os trânsitos nos circuitos do movimento comunista internacional demonstraram-se ainda reduzidos, especialmente, se comparados com os do entreguerras. Os efeitos da guerra nos *pontos de partida* oferecem algumas explicações para compreender o sucedido. Da mesma forma, também os efeitos no *ponto de chegada* nos facultam respostas, sobretudo, se se considerar o rastro de destruição que a guerra deixou na URSS. Como explica Koenker, “many of the structures of sanatoria and rest homes had been damaged during the wartime occupation, some beyond repair. Surviving structures were often commandeered by other agencies with more clout, and tourist and health authorities struggled to reclaim them.”⁹⁶

Ainda assim, alguns forasteiros continuaram a rumar até à superfície soviética nos primeiros anos do segundo pós-guerra. Além das típicas movimentações nos circuitos diplomáticos, jornalísticos e comerciais, a União Soviética retoma a motivação de algumas viagens militantes, num processo paralelo à reorientação do sistema internacional do comunismo no segundo pós-guerra. Em 1947, é instituído o Cominform, “um instrumento de coordenação política e ideológica, destinado a assegurar a coerência e o controlo dos principais partidos comunistas: os da Europa Central e Oriental, que correspondiam aos estados sobre os quais a URSS pretendia passar a exercer uma tutela absoluta, e os do Ocidente, que poderiam desempenhar um papel internacional”⁹⁷. Estadas temporárias de militantes e líderes comunistas em Moscovo desenrolavam-se, agora, por impulso do Cominform e das relações bilaterais entre os demais partidos comunistas e o PCUS. Efemérides como as celebrações do trigésimo aniversário da revolução de outubro de 1917 continuaram a chamar corpos estrangeiros para aquelas coordenadas. Da mesma forma, estudantes e exilados continuaram a rumar até à URSS.

⁹⁴ Alex Hazanov, «Porous Empire: Foreign Visitors And The Post-Stalin Soviet State» (Doctor of Philosophy, Pennsylvania, University of Pennsylvania, 2016), p. 4.

⁹⁵ David-Fox, *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941)*, p. 319.

⁹⁶ Koenker, *Club Red: vacation travel and the Soviet dream*, p. 134.

⁹⁷ Michel Dreyfus et al., *O Século dos Comunismos. Depois da ideologia e da propaganda, uma visão serena e rigorosa* (Lisboa: Editorial Notícias, 2004), p. 259.

No entanto, a sociedade soviética estaria ainda longe de assistir ao retomar das viagens temporárias que antecederam a Segunda Guerra. O tempo do Quarto Plano Quinquenal (1946 – 1950), epitomado pelas iniciativas do estado no contexto da reconstrução do pós-guerra, coincidiria com uma fase de reedificação do próprio setor do turismo, momento em que os oficiais soviéticos iniciaram um novo ciclo de discussões sobre o relançamento do setor e sobre as novas direções a serem exploradas⁹⁸. O relançamento do turismo soviético faz-se na expectativa da ampliação do setor e de uma possível contribuição financeira do turismo para a economia soviética. Não que a dimensão económica do turismo fosse esquecida pelos oficiais soviéticos durante o entreguerras. Logo na sua fundação, a Intourist conviveu com metas financeiras e com uma vocação comercial orientada para a produção de riqueza⁹⁹, demonstrando, como argumentaram I.B. Orlov e A.D. Popov, que “the dualism of Soviet foreign tourism consisted of a constant balance between the “Scylla of ideology” and the “Charybdis of profit”¹⁰⁰. Todavia, seria apenas no desenrolar da década de 50 que o turismo adquire lugar de algum relevo na própria agenda económica da União Soviética e, depois, da COMECON¹⁰¹, valorizando-se a possível aptidão do setor para atenuar défices nas finanças públicas e para combater desequilíbrios nas balanças comerciais.

No decorrer da segunda metade dos anos 50, os fluxos de estrangeiros atingiram mesmo números cinco vezes superlativos aos afetos ao entreguerras. Mas, de novo, a expansão do número de visitantes da URSS que ali se alavanca e que, modo geral, se prolonga pelas restantes décadas do século XX – abrandada pela crise de 1970, mas, depois, retomada – terá sido um resultado tanto das modificações operadas na órbita do *ponto de chegada*, como o fora das decorridas nos vários *pontos de partida* e, ainda, um evidente efeito das transformações tecnológicas no campo dos transportes e das vias de comunicação. É certo que elementos como o alargamento das áreas de influência da União Soviética no contexto da Guerra Fria, os programas públicos de modernização das infraestruturas, dos meios de comunicação e dos

⁹⁸ Para uma história desses debates, ver: Koenker, *Club Red: vacation travel and the Soviet dream*, pp.128-166.

⁹⁹ Ver: Shawn Salmon, «Marketing Socialism: Intourist in the Late 1950s and Early 1960s», em *Turizm: The Russian and East European Tourist under Capitalism and Socialism*, ed. Anne E. Gorsuch e Diane P. Koenker (Londres, 2006), pp. 186–204.

¹⁰⁰ Orlov e Popov, «“Show All the Advantages of Socialism”: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions», p. 190.

¹⁰¹ “The Council for Mutual Economic Assistance (Comecon) first discussed tourism at a summit in 1955, and in 1957 held a conference devoted to tourism. Initially, the focus was international tourism within the socialist bloc, but [...] from the 1960s onwards, the socialist countries increasingly sought to develop international tourism across the East–West divide.” em Sune Bechmann Pedersen e Christian Noack, *Tourism and Travel during the Cold War Negotiating Tourist Experiences across the Iron Curtain* (Londres e Nova Iorque: Routledge/Taylor & Francis Group, 2019), p. 5.

transportes (especialmente, no plano aeronáutico¹⁰²), a entrada da União Soviética em organizações e instituições internacionais e multinacionais (como a ONU) e em vários eventos internacionais (como os Jogos Olímpicos) e a expansão da propaganda soviética investida, cada vez mais, de uma linguagem tentadora quanto à intenção de *banalização* e *despolitização* da imagem da URSS¹⁰³, influíram neste alargamento das redes de circulação de sujeitos estrangeiros pelo *País dos Sovietes*. Porém, não menos importantes foram as várias modificações operadas durante a Guerra Fria nos vários contextos nacionais europeus, africanos, asiáticos e americanos.

Sem que nos alarguemos, importa sinalizar que nesta questão, foram relevantes aspetos como a progressiva disponibilidade financeira nos orçamentos familiares europeus, o já referido alargamento de direitos laborais com a ampliação dos programas de férias pagas, a ampliação e melhoramento técnico e científico nos setores das comunicações e dos transportes, a (re)abertura de relações entre alguns países com a URSS, o despontar de novas revoluções e de novos estados que reclamaram o socialismo, como na China, em Cuba ou no Vietname, o amadurecimento das relações entre alguns movimentos nacionalistas anticoloniais em geografias sob jugo colonial com o movimento comunista internacional, ou, ainda, o despertar dos movimentos frentistas da juventude, das mulheres e pela paz no contexto do movimento comunista internacional. Mesmo decorridas durante o ambiente da Guerra Fria, onde o anticomunismo e o anti-sovietismo se difundiam proficuamente, e mesmo com a ocorrência de fenómenos que abalaram a coesão do chamado mundo comunista¹⁰⁴, o número de visitantes temporários na União Soviética prosseguiu numa tendência de sentido crescente, raramente interrompida.

Em 1962, o Vice-Secretário da Intourist declara que «[t]here is not a single region of the Soviet Union that has not sent a Soviet tourist abroad, and no corner of the earth where Soviet

¹⁰² Ver: Trains and Boats and Planes: Expanding the Geography of Tourism em Koenker, *Club Red: vacation travel and the Soviet dream*.

¹⁰³ Como escreveu José Neves: “Não foi preciso cair o Muro de Berlim para que o fogo das paixões ideológicas que animaram o período entre guerras abrandasse, esfriado no calculismo das modernas engrenagens administrativas que aparentam tudo despolitizar. Encontramos facilmente sinais de um tal esfriamento, quer na história da própria URSS, quer na evolução do capitalismo ocidental. A chamada tese da coexistência pacífica, defendida por Nikita Kruschev, é um exemplo concreto desse processo e, mais do que uma simples cedência reformista dos comunistas soviéticos, testemunha uma mudança maior nos termos da relação entre comunismo e capitalismo: a passagem de uma relação de tipo conflitual para uma de tipo competitivo, com o antagonismo ideológico e o confronto político a cederem terreno à concorrência económica e à comparação de indicadores sociais” Neves, «Prefácio», p. 10.

¹⁰⁴ Por exemplo o cisma jugoslavo de 1948, as revoltas de 1953 no Leste da Alemanha e a de 1956 na Hungria, os despertares, mais ou menos organizados, dos movimentos dos dissidentes soviéticos, a crise dos mísseis de Cuba, em 1962 e, em 1968, a Primavera de Praga.

people have not been.»¹⁰⁵ Detendo motivos suficientes para celebrar um mundo cada vez mais percorrido por cidadãos soviéticos, a Intourist não deixava de ter motivos para se alegrar com o rastro de pegadas deixadas por turistas estrangeiros em coordenadas soviéticas, no caso daquele ano contabilizando cerca de um milhão de forasteiros. Dotada desde 1955 da capacidade de comercializar pacotes de viagens a forasteiros ocidentais¹⁰⁶, a Intourist continuava a ser o instrumento predileto de recepção de forasteiros temporários e no lugar outrora ocupado pela VOKS, passara a operar, a partir de 1957, a União das Sociedades Soviéticas de Amizade e Relações Culturais com Países Estrangeiros.

Com efeito, em 1956, assiste-se à dissolução do Cominform. Dai em diante, a Secção Internacional do Comité Central do PCUS tornar-se-ia, sobretudo, a responsável pela organização internacional dos partidos comunistas, mantendo a função de organizar e tutelar algumas das atividades internacionais de promoção da União Soviética. A era Khrushchev, de resto, o início do processo de desestalinização da URSS e da emergência da tese da coexistência pacífica, convivendo com a ampliação das redes de circulação de sujeitos pelos territórios soviéticos, fora, portanto, contemporânea da expansão e da extensão do setor do turismo pelas demais Repúblicas da União.

Como que respondendo a este enunciado, a própria Intourist inicia um processo de extensão e de reorganização. Além de se transferir da alçada do Ministério dos Assuntos Estrangeiros da URSS para a tutela de uma Direção para Turismo Estrangeiro criada no Conselho de Ministros da URSS, durante a segunda metade dos anos 50, a Intourist começa a implantar-se em novas regiões¹⁰⁷ e a estimular a criação de novas subdivisões regionais da instituição. Com efeito, aumentam os recursos redirecionados para o setor do turismo soviético. Cresce o número de hotéis, de transportes destinados para excursões, de funcionários e técnicos, de infraestruturas administrativas. Crescia, de igual forma, a atividade propagandística com a publicação de

¹⁰⁵ GARF, f. 9520, op. r, d. 468, l. 29 (Report by Erokhin, vice-chairman of Inturist, at a Tourist Excursion Bureau meeting on international travel, March 1962) citado em: Anne E. Gorsuch, 'Time Travelers: Soviet Tourists to Eastern Europe', in Anne E. Gorsuch and Diane P. Koenker, eds., *Turizm: The Russian and East European Tourist under Capitalism and Socialism* (Londres, 2006), p. 205.

¹⁰⁶ Hazanov, «Porous Empire: Foreign Visitors And The Post-Stalin Soviet State», p. 8.

¹⁰⁷ "VAO [All-Union Joint-Stock Company] Intourist had the following regional structure: - branches in Alma-Ata, Baku (with an agency in Dzhulfa), Batumi, Brest, Vilnius, Volgograd, Dushanbe, Yerevan (with an agency in Leninakan), at Zabaikalsk Station, in Irkutsk, Kiev, Kishinev, Leningrad (with an agency in Vyborg), Lvov, Minsk (with an agency in Grodno), Odessa (with an agency in Izmail), Ordzhonikidze, Riga, Rostov-on-Don, Sochi, Sukhumi, Tallinn, Tashkent (with a branch in Samarkand), Tbilisi, Ungeny, Kharkov, Chop (with an agency in Uzhgorod), and Yalta (with agencies in Simferopol and Sevastopol). - agencies that were directly subordinate to the central administration, in Ashkhabad, Vinnitsa, Donetsk, Zaporozhye, Kalinin, Kovel, Krasnodar, Kursk, Nakhodka, at Naushki Station, in Novgorod, Orel, Poltava, Pyatigorsk, Smolensk, Khabarovsk, Kherson, Chernovtsy, Murmansk, and Ulyanovsk." Em Orlov e Popov, «"Show All the Advantages of Socialism": Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors' Impressions», p. 188.

mapas, de livros-guias, de cartazes, de películas e de anúncios nas demais línguas nacionais¹⁰⁸. Os itinerários são ampliados respondendo às várias sensibilidades e expetativas dos visitantes e algumas áreas outrora vedadas pelo regime abrem-se aos forasteiros, de forma análoga à multiplicação das portas de entrada na URSS.

Todavia, este impulso no setor do turismo soviético não fora, unicamente, despertado em função das gradativas visitas de estrangeiros oriundos do mundo capitalista. Não menos importante foram as políticas de promoção de férias e de descanso para os cidadãos soviéticos e, ademais, para os cidadãos dos países na órbita da COMECON. Transformar o turismo num movimento de massas alargado aos cidadãos do socialismo configura-se, então, como um objetivo dos oficiais soviéticos durante as décadas de 60, 70 e 80. E, a bem dizer, apesar de a economia soviética se mostrar incapaz de cumprir “the constitutional guarantee of a right to rest for everyone”¹⁰⁹, o acesso dos cidadãos soviéticos aos programas de férias, assim como o acesso a ofertas turísticas internacionais foi crescendo exponencial e continuamente, sem que, contudo, se assistissem a abrandamentos abruptos nas tendências anuais. Orientados para a valorização do coletivo e da solidariedade, não alheios a princípios nacionalistas, os programas de turismo soviético viriam a estabelecer vínculos com os programas de turismo instalados nos países na órbita da COMECON. Alinham-se rotas que religavam as demais coordenadas do socialismo (o “empire of friends”, há pouco mencionado). Algo que se viria a conectar ao próprio discurso do *socialismo real*, às disputas ideológicas da bipolarização geopolítica e, ainda, a um conjunto de políticas de *patrimonialização* dos passados do socialismo. Como identificaram Orlov e Popov, “besides the standard set of itineraries, in various years special itineraries were created that, as a rule, commemorated “round-numbered” anniversaries. For example, eleven jubilee tourist itineraries around the USSR were put together in connection with the celebration of the sixtieth anniversary of the Great October Socialist Revolution in 1977. Some of them covered cities associated with the revolutionary events of 1917 and the life of V.I. Lenin.”¹¹⁰ Assim, políticas públicas direcionadas para um turismo orientado para o património socialista despertavam. Uma feição da política de turismo soviética que ganhou fôlego, principalmente, ante o cinquentenário de outubro, em 1967, e que dialogou com uma reconversão das próprias políticas da memória soviéticas e com uma reorientação do discurso

¹⁰⁸ Orlov e Popov e Koenker, *Club Red: vacation travel and the Soviet dream*.

¹⁰⁹ Koenker, p. 196.

¹¹⁰ Orlov and Popov, ““Show All the Advantages of Socialism”: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions”, p. 188.

comunista quanto ao passado de 1917¹¹¹. Agora, os próprios soviéticos promoviam a revolução como uma atração turística¹¹².

Não menos importante neste processo de crescimento dos trânsitos que, nos anos 50, 60 e 70, fizeram da União Soviética um *ponto de chegada*, foi o próprio processo de relançamento do comunismo no contexto do segundo pós-guerra e, depois, no contexto da destalinização. Um processo compassado por vários momentos de crise. Como se viu, desde a década de 20 que a URSS, através da VOKS, do PCUS e de outras ramificações institucionais do estado, promoveu encontros e intercâmbios entre várias delegações sindicais e de representantes de partidos comunistas em cidades como Moscovo, Leningrado e Kiev. Ora, no contínuo da Guerra Fria, trânsitos semelhantes a esses continuariam a ser fomentados pela URSS. No entanto, seria através dos “movimentos frentistas criados pelos soviéticos”, tais como “movimentos da “*paz*”, dos intelectuais, das mulheres e das juventudes”¹¹³ que se assistiria à dinamização dos trânsitos comunistas na URSS. Por esta altura, a URSS continuou a ser um espaço de acolhimento de exilados comunistas e de estudantes comunistas, mas não só. Nas palavras de Koukouna e Poulos, “the thaw in cold war relations under Khrushchev ushered in a new era of cultural exchange between East and West in the guise of the Cultural Agreement (1958-1988). [...] As Yale Richmond¹¹⁴ has argued, the programme that ‘raised the Iron Curtain’ also ultimately led to its demise.”¹¹⁵ Congressos partidários como os do PCUS, reuniões do movimento comunista internacional, exposições internacionais como a *Sokolniki Exhibition*¹¹⁶, em 1959, eventos desportivos, científicos e artísticos, festivais de juventude, de cinema e de literatura, concertos musicais, inaugurações de museus, cursos superiores e afins foram progressivamente trazendo forasteiros à geografia governada pelos soviéticos, fossem ou não esses forasteiros simpatizantes do comunismo.

Ainda assim, e de acordo com os argumentos de Orlov e Popov, o enquadramento ideológico da atividade turística manteve continuidades com o passado: “even in the second half of the twentieth century, when the annual number of visits to the “Land of the Soviets”

¹¹¹ Para uma história das transformações nas comemorações da revolução de outubro de 1917 na URSS, ver, por exemplo: Igor Torbakov, «Celebrating Red October: A Story of the Ten Anniversaries of the Russian Revolution, 1927–2017», *Scando-Slavica* 64, n.º 1 (2018): 7–30.

¹¹² “Only forty years after the revolutionary events of 1917 did tourism officials begin to pay more active attention to the revolution as a tourist attraction, with even more emphasis in the lead-up to the fiftieth anniversary in 1967.” Koenker, «The Russian Revolution as a Tourist Attraction». p. 756

¹¹³ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. O prisioneiro (1949-1960)*, p. 337.

¹¹⁴ Yale Richmond, *Cultural Exchange and the Cold War* (Pennsylvania: Penn State Press, 2003).

¹¹⁵ Koukouna e Poulos, «Introduction: Travels: A transnational communist practice», 9.

¹¹⁶ Ver, por exemplo: Ellen Mickiewicz, «Efficacy and Evidence. Evaluating U.S. Goals at the American National Exhibition in Moscow, 1959», *Journal of Cold War Studies* 13, n.º 4 (2011), pp. 138–71.

numbered in the millions, the ideological mission of foreign tourism was formulated, in effect, according to prewar canons.”¹¹⁷ Em 1976, um ano após a conclusão da Conferência de Helsínquia, G. M. Dolmatov, o responsável pelo setor da informação da administração do turismo externo da URSS expunha a relevância de «foreign visitors ridding themselves of the prejudices that have formed under the influence of bourgeois propaganda and taking away the most favorable impression of our country and its people.»¹¹⁸ A ideia permanecia: fazer o possível para os turistas se tornarem «propagandists of our socialist way of life, of *Soviet reality*.»¹¹⁹ Sendo certo que a própria *realidade soviética* percebida pelos turistas (especialmente, os ocidentais) nem sempre auxiliou as aspirações dos oficiais soviéticos. Na década de 60, foram alguns os turistas que se encontraram com os efeitos perversos da crise no setor da habitação na URSS. Já na década de 70, outros tantos alegam arrepiar-se com a escassez de bens de consumo, com os problemas ao nível dos serviços públicos, com a degradação das infraestruturas e, até mesmo, com o alcoolismo disseminado pela dita *realidade* soviética. Ao desencontro das aspirações dos oficiais soviéticos estiveram também os grupos dos, então, designados dissidentes soviéticos que, entre fugas, entrevistas, livros e, em alguns casos, viagens foram denunciando outras perversas partes inscritas naquela mesma *realidade*.

Em 1980, Moscovo hospeda os Jogos Olímpicos. As olimpíadas moscovitas seriam, no entanto, boicotadas por 69 países e respetivos comités olímpicos, sobretudo, como uma resposta à invasão soviética do Afeganistão. 81 comités olímpicos nacionais participariam nos Jogos – o número mais baixo desde as Olimpíadas de 1956 – sendo, assim, enviados para as coordenadas soviéticas cerca de cinco mil atletas. Apesar do boicote, a União Soviética assistiria à entrada de vários forasteiros na sua geografia, não só desportistas e respetivas equipas, como também jornalistas e adeptos. Pela altura dos Jogos Olímpicos o número de entradas de visitantes estrangeiros na União Soviética mantinha-se não muito afastado dos números dos anos 70. Se nos inícios daqueles anos o número rondava os 4 milhões de entradas anuais, nos princípios da de 80 caminhava-se para os 4,5 milhões entradas¹²⁰.

Os números viriam, contudo, a disparar na segunda metade dos anos 80, ao passo que os movimentos nacionalistas abriam fraturas no sistema soviético levando, depois, ao seu colapso

¹¹⁷ Orlov e Popov, «“Show All the Advantages of Socialism”: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions», 185.

¹¹⁸ Dolmatov, G.M. “Problemy povysheniia obshchei effektivnosti inostrannogo turizma v SSSR.” In *Problemy inostrannogo turizma v SSSR: Sbornik trudov. Vyp. 1*. Moscow, 1976, p. 60. Citado em Orlov e Popov, p. 186.

¹¹⁹ Orlov e Popov, p. 186. itálicos meus

¹²⁰ Consultado em <https://www.statista.com/statistics/1249696/foreign-travel-to-ussr-by-region-of-origin-cold-war/> e verificado por V. Arefyev e Z. Mieczkowski, «International Tourism In The Soviet Union In The Era Of Glasnost And Perestroika», *Journal of Travel Research* 29, n.º 4 (*sem data*), pp. 2–6. Itálicos meus

no início da década 90. Os programas da *perestroika* e da *glasnost*, aplicados por Michael Gorbachev, produziram também efeitos na entrada de forasteiros na URSS. Segundo o historiador Hazov, “for Intourist, the early days of *perestroika* seemed like glimpses of a golden era, as it hosted record-breaking numbers of tourists [over 2.7 million tourists visited the Soviet Union in 1989], was allowed, for the first time, to form joint ventures with foreign firms, and was bombarded by ambitious, sometimes fantastic, pitches for investment projects from foreign businessmen eager to colonize the virgin Soviet market. Between 1988 and 1990, Intourist went through a reorganization in the spirit of “full cost-accounting, self-financing and hard currency profitability.”¹²¹ Em 1988, a URSS acolheu mais de 6 milhões de visitantes temporários e, em 1989, mais de 7,5 milhões visitantes (dos quais, 2,7 milhões turistas).

A distribuição destes visitantes pelo território denunciava as próprias assimetrias territoriais. Em 1990, as cidades soviéticas mais visitadas por estrangeiros eram as seguintes: Moscovo (35,7% do total do número de chegadas), Leningrado (22,9%), Sochi (7,4%), Kiev (6,5%), Yalta (6%), Tallinn (1,7%), Kichinev (1,6%), Minsk (1,4%), Tbilisi (1,3%) e Riga (1,2%). No relativo às Repúblicas socialistas soviéticas, destacava-se, claro, a República russa (71,6%) e a República ucraniana (15,8%), seguidas, depois, pela República uzbeque (2,2%), a georgiana (2,1%) e a estónia (1,7%). Prova de que “outside large cities, Intourist hotels and departments, faced with the collapse of Soviet supply networks, could barely feed their clients, let alone prepare for a hypothetical tourist surge. By 1989/90, in some areas of the Soviet Union, say, Northern Ossetia, the only guests in Intourist hotels were journalists and diplomats attempting to broker shaky cease fires.”¹²²

Enquadradas as principais transformações de que foram alvo as instituições de receção de forasteiros no *País dos Sovietes* e contextualizadas as principais formas de entrar e visitar aquele mesmo país, crê-se estarem reunidas as condições para se transitar para a descrição das viagens originadas a partir de Portugal. Chegamos, assim, ao momento em que passamos a descrever como é que aquele determinado *ponto de partida* se inscreveu na história das visitas ao *País dos Sovietes*.

¹²¹ Hazanov, «Porous Empire: Foreign Visitors And The Post-Stalin Soviet State», p. 337.

¹²² Hazanov, p. 338.

Capítulo 3: Lisboa-Moscovo

São mais de 4,5 mil quilómetros que separam a cidade de Lisboa da de Moscovo. A extensa distância que se fixa foi, no entanto, sentida de formas diferentes consoante a época em questão e, não menos importante, consoante aquele que percorreu as coordenadas necessárias para ir de uma ponta à outra. Seja como for, pouca tem sido a atenção dada à história das viagens entre Lisboa e Moscovo. Houve, é certo, quem procurasse sistematizar essa história, albergando-a numa mais extensa história das ligações entre Portugal e o *País dos Sovietes* no século XX. Na verdade, algumas sínteses interpretativas para essa história podem ser encontradas precisamente nas palavras daqueles que cumpriram, ora através da locomotiva, ora através de aeronaves, aquela quantidade de quilómetros que são, como notava o historiador Victor Sá¹²³, os quilómetros que separam um extremo de um outro no continente europeu.

Em 1974, poucos meses após o 25 de abril, na segunda edição do seu *Na Pátria do Socialismo*, Alexandre Babo propôs uma esquematização para compreender a história das ligações entre Portugal e a URSS. Para Babo, o século XX português havia sido atravessado por uma «muralha de isolamento erguida entre nós e o mundo socialista», uma «muralha», é certo, cheia de «grandes fendas». «Fendas», continua Babo, as quais «o nosso povo abria e alargava, por onde espreitava e donde recebia conforto e esperança»¹²⁴. A «muralha», segundo Babo, colapsaria ao mesmo tempo que a ditadura fascista colapsava. «De isolados a desprestigiados», Portugal e o seu povo passavam a integrar «o concerto das Nações com o desejo franco da amizade e da cooperação»¹²⁵, passavam a ser amigos do *País dos Sovietes*. Palavras como as de Babo são, na verdade, recorrentes no discurso comunista que procurou interpretar a historicidade das relações entre Portugal e a URSS no século XX. Armando Myre-Dores, um ex-residente português na URSS, também militante comunista, em vez da «muralha», escreveu sobre uma «negra cortina de silêncio»¹²⁶, associando-a, também, aos tempos da ditadura. Mas, também ele reconheceu que essa negra cortina não foi suficiente para afastar o *povo português* das coordenadas do socialismo.

Com ou sem metáforas simbólicas, o que é certo é que esta tende a ser a sistematização dominante para abordar as relações entre Portugal e a URSS no século XX, simultaneamente, a história das viagens. Nos discursos de Babo e de Myre-Dores, reconhece-se, numa dimensão

¹²³ Victor de Sá, «Reflexão (cronológica) sobre o Sidonismo», *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto* 6 (1989): 355–61, <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2148.pdf>.

¹²⁴ Alexandre Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 2ª (Lisboa: Documentos PRELO, 1974), p. 12.

¹²⁵ Babo, p. 12

¹²⁶ Armando Myre-Dores, «Profundas raízes de uma grande amizade», *Paz e Amizade*, 1984.

dialética que atirou o *povo português* para um lado da barricada e o Estado Novo para o outro, que, mesmo com «muralha[s]» e «negra[s] cortina[s]», existiram iniciativas relacionais entre portugueses e soviéticos. São essas iniciativas que a partir daqui começamos a perseguir, aceitando, como Babo e Myre-Dores, que a leitura das viagens entre Portugal e a URSS merece ser observada em dois tempos distintos do século XX, um antes e um após o 25 de abril de 1974. Assim o é, porque só a partir daquele momento é que se estabelecem as relações diplomáticas oficiais entre os dois estados. No entanto, se esse esquema nos é, de certa forma, pertinente para interpretar a história das viagens e das relações entre Portugal e a URSS, ele não deixa de omitir certas dinâmicas que se construíram no decurso do século XX.

3.1. *A muralha e as fendas*

1918 - 1926

«Ultimamente a Rússia tem sido muito visitada por delegações operárias de tendência mais ou menos reformista», anunciava *O Comunista*, em julho de 1925. «Depois dos ingleses, [...] suecos, [...] belgas, [...] franceses, [...] suíços», agora «alguns sindicatos portugueses dispõem-se a enviar à Rússia, em visita de estudo, alguns dos seus membros». As notícias são bem acolhidas pelo PCP. Era a vez dos oriundos do Extremo-Occidente europeu começarem a «ver com os seus olhos o que é a Rússia nova». O curto texto não exibiu qualquer pretensão reivindicativa quanto à representação comunista na delegação portuguesa a ser enviada para Moscovo. Pelo contrário. Às estruturas sindicais portuguesas, até então dominadas por tendências anarcossindicalistas, *O Comunista* endereçava uma única recomendação: «bom seria que entre os operários escolhidos fossem um anarco-sindicalista e um socialista». Não que, à época, os comunistas portugueses realizassem com frequência jornadas de Lisboa até Moscovo. Porém, e tomando como base os outros contextos operários europeus, o partido primava para que se levasse «até lá [...] indivíduos que não possam depois ser acusados de parcialidade». Sinalizando instrumentalmente e com alguma ironia as críticas que anarquistas faziam à *imparcialidade* dos comunistas quanto aos seus discursos sobre a Rússia dos Soviéticos, o PCP aguardava que daquela viagem de sindicalistas *parciais* resultasse o desvelamento da «caloniosa [...] campanha que burguezes, sociais-democratas e anarquistas, à compita e com deslavado impudor, tem feito ao primeiro Estado Operário»¹²⁷.

¹²⁷ «Ida à Rússia», *O Comunista*, nº 35, 18 de julho de 1925, p. 4

Pela altura em que o texto vem a lume, o crescente número de forasteiros temporários nas coordenadas administradas pelos bolcheviques principiava a captar as atenções de diferentes setores das sociedades ocidentais. No Portugal do movimento operário¹²⁸, além d’*O Comunista*, também *A Batalha* exprimia empatia por aqueles crescentes trânsitos, considerando-os, apesar das renitências que expunha sobre o novo estado soviético, um «interessante [...] intercâmbio internacional operário»¹²⁹. Não obstante, o interesse nutrido por alguns estratos do movimento operário português não se limitava à apreensão do gradativo número de gentes na geografia russa. Ele dinamizava-se e ampliava-se com recurso à contemplação das narrativas dos viajantes. Ora, precisamente naquele ano, as Edições Spartacus apresentavam o livro *Três Aspectos da Revolução Russa*¹³⁰, traduzido por Campos de Lima e da autoria de Emile Vandervelde. Também naquele ano era publicado o primeiro relato de viagem assinado por um forasteiro português, *A Rússia dos Sovietes*, do secretário-geral do PCP, José Carlos Rates.

Desde pelo menos 1918 que as impressas operárias, em Portugal, foram acompanhando a presença de forasteiros europeus na Rússia revolucionária. Entre maio de 1918 e agosto de 1919, na revista de tendência libertária, *A Sementeira*¹³¹, publicando-se traduções de alguns extratos de relatos de viagem: foi o caso dos relatos de Fritz Platten¹³², de Albert Rhys Williams¹³³, de Artur Ransome¹³⁴, de Roberto Minor¹³⁵ e, ainda, dos «artigos publicados por René Arcos na *Humanité* sobre as impressões de Paulo Birukow»¹³⁶. Entre 1919 e 1921, também a imprensa da Federação Maximalista Portuguesa, *A Bandeira Vermelha*, acompanhou os roteiros de alguns forasteiros europeus na Rússia revolucionária, mobilizando e comentando pontualmente, no seu corpo editorial, excertos selecionados das experiências de Ransome¹³⁷,

¹²⁸ Fora do movimento operário, por exemplo, em 1924, a revista *Seara Nova* divulgara extratos das experiências de Charles Gide na sua viagem pelas comemorações do 6º aniversário da revolução de Outubro na Rússia. E, em 1925 e 1926, Reinaldo Ferreira reproduzirá, na revista *ABC*, uma fotorreportagem de viagens na Rússia soviética.

¹²⁹ «Visitas à Rússia», *A Batalha suplemento literário e ilustrado*, nº 89, 10 de agosto de 1925, p. 3

¹³⁰ Émile Vandervelde, *Três Aspectos da Revolução Russa* (Lisboa: Edições Spartacus, 1925).

¹³¹ Para estudos sobre *A Sementeira*, ver: João Freire, «“A Sementeira”, do arsenalista Hilário Marques», *Análise Social*, n.º 67-68-69 (1981): 767-826.e José Eduardo Cipriano Pereira da Gama, «O Movimento Operário Português em Inícios do Século XX. Cultura Política e Reportórios de Luta: o Caso de A Sementeira (1908-1919)» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2023).

¹³² «A Revolução Russa – Depoimento de um socialista suíço», *A Sementeira*, nº29, maio de 1918, pp. 65-66

¹³³ «A força dos Sovietes», *A Sementeira*, nº38, maio de 1919

¹³⁴ «Um depoimento – Esforços económicos dos sovietses», *A Sementeira*, nº40, julho de 1919, pp. 250-251

¹³⁵ «Na república dos Sovietes da Rússia», *A Sementeira*, nº41, agosto de 1919, pp. 262-263

¹³⁶ *A Sementeira*, nº41, agosto de 1919, pp. 262-263.

¹³⁷ «A situação política na Rússia», *Bandeira Vermelha*, nº 14, 4 de janeiro de 1920, p. 3 e «A Educação na Rússia Bolchevista», *Bandeira Vermelha*, nº 25, 28 de março de 1920, p. 2

de Ludovic-Oscar Frossard, de Marcel Cachin¹³⁸ e de Jacques Sadoul¹³⁹. Em outubro de 1921, sete meses após a sua fundação, também o PCP importou um extrato da crónica de viagem de «Lucia Liciaque»¹⁴⁰ para o seu periódico, *O Comunista*.

Qualquer uma das imprensas parecia sondar com particular atenção aqueles textos de viagem, em detrimento de relatos produzidos por viajantes naturais de Portugal, o que era também reflexo da própria carência de viagens realizadas entre Lisboa e Moscovo, durante 1918 e 1921. Este cenário alterar-se-ia. Em junho de 1921¹⁴¹, Francisco Perfeito de Carvalho, tipógrafo ligado à Confederação Geral do Trabalho¹⁴², parte para Moscovo. “O primeiro delegado operário português na Rússia soviética”¹⁴³, assim António Ventura o apelida. Nomeado pela CGT num momento em que no seio do sindicalismo português se debatem as ligações internacionais com Moscovo (ISV) ou com a Internacional de Berlim¹⁴⁴, Perfeito de Carvalho¹⁴⁵ desloca-se para a Rússia, à semelhança de outros sindicalistas e militantes dos movimentos operários, a convite da ISV para participar num congresso. Ainda assim, neste ano de 1921, jornadear até à Rússia mostrava-se como uma tarefa atestada a dificuldades. Com efeito, além de se lhes associarem recomendações apreensivas, implicações profissionais e embaraços ao nível dos transportes, jornadas como esta viram-se decorridas num período pautado pela ausência de relações diplomáticas entre o novo estado soviético e os ademais estados nacionais da Europa – um problema que se colocou à própria viagem do tipógrafo.

¹³⁸ Apontamentos das viagens de Frossard e Cachin podem ler-se em: «A Verdade», *Bandeira Vermelha*, nº 44, 29 de agosto de 1920, p. 1

¹³⁹ «O ex-capitão Sadoul» *Bandeira Vermelha*, nº6, 9 de novembro de 1919, p. 1; Jacques Sadoul, «O depoimento dum homem livre», *Bandeira Vermelha*, nº19, 8 de fevereiro de 1920, pp. 1-2; Sadoul. «Para a Revolução Social!», *Bandeira Vermelha*, nº 22, 1 de março de 1920, p. 1; Sadoul. «Uma carta de Sadoul», *Bandeira Vermelha*, nº 40, 1 de agosto de 1920, p. 1; Sadoul. «A Festa do trabalho na Rússia», *Bandeira Vermelha*, nº 46, 12 de setembro de 1920, p. 1;

¹⁴⁰ «Como a República dos Sovietes prepara uma geração de homens livre», *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

¹⁴¹ Alguns debates surgem sobre a data concreta em que Perfeito de Carvalho realiza a visita. No entanto, alguns historiadores sugeriram junho de 1921. Ver: José Miguel Teodoro, «A Confederação Geral do Trabalho (1919-1927)» (Tese de doutoramento, História (História Contemporânea), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014), <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/17967>. p. 590

¹⁴² No decorrer do ano de 1920 a Confederação Geral do Trabalho tomava “a primeira manifestação pública e oficial (...) de apoio à Revolução Soviética” em António Ventura, ‘Os primeiros contactos – Portugal e a Rússia Soviética’, *Revista História* (Abril 1981). p.44

¹⁴³ António Ventura, «O primeiro delegado operário português na União Soviética», *Seara Nova*, dezembro de 1977.

¹⁴⁴ A este respeito, ver, «A questão das Internacionais. Berlim ou Moscovo? A todos os camaradas militantes e não militantes da organização operária portuguesa», 1923, Fundação Mário Soares / Alberto Pedroso, disponível em: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09772.113> (consultado em 3/5/2024).

¹⁴⁵ “Perfeito de Carvalho acabou por permanecer na Rússia, casou com uma moscovita e foi viver para Paris. O seu nome ficou sempre envolto em polémica por nunca ter entregue o relatório da viagem à C.G.T. e pela aproximação ao comunismo.” Diogo Duarte, *O anarquismo e a arte de governar. Portugal (1890-1930)*, nota 52, p. 314.

Afinal, também o estado português havia cessado as suas relações com a Rússia, aquando do governo de Sidónio País, em 1918¹⁴⁶.

Apesar da inexistência de relações oficiais entre Portugal e a Rússia dos Sovietes e apesar das continuas investidas perpetuadas pelo regime republicano liberal no sentido de impedir e desincentivar determinadas jornadas iniciadas em Portugal¹⁴⁷, elas iriam continuar ao longo da década de 20. Em 1922, Caetano de Sousa e Pires Barreira seguiram para Moscovo, encaminhados em representação do PCP ao IV Congresso da III Internacional. A viagem destes dois militantes comunistas firmaria, nas palavras do historiador João Madeira, “a ligação de um pequeno, difuso e periférico partido ao centro do sistema mundial comunista.”¹⁴⁸ Em sentido inverso, no ano de 1923, Jules Humbert-Droz, militante comunista suíço, em representação da IC, visita Portugal¹⁴⁹. Nos dias finais de julho de 1924, enquanto Secretário-Geral do PCP e delegado enviado ao V Congresso da IC, parte rumo a Moscovo e Leningrado, José Carlos Rates. Em julho de 1925, César Porto, “um democrata, republicano, com ligações ao anarco-sindicalismo”¹⁵⁰, dirige-se sozinho, «em nome de vários professores portugueses, que tinham recebido convite para enviarem à Rússia um ou mais representantes numa visita de estudo às instâncias educativas»¹⁵¹, para Leningrado, Moscovo, Saratov e Tbilisi (República da Geórgia). Ainda em 1925, Reinaldo Ferreira, conhecido como o Repórter X, é enviado para a Rússia pelo jornal *ABC*¹⁵².

O sucedimento diacrónico destas viagens viu-se acompanhado de mudanças nos próprios debates travados dentro das instituições da Iª República a propósito das relações entre Portugal e a, então, instituída União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em 1922, ano em que se

¹⁴⁶ Ver, por exemplo: Sá, «Reflexão (cronológica) sobre o Sidonismo», p. 355 e Joaquim Palminha Silva, *Jaime Batalha Reis na Rússia dos Sovietes ou Dez Dias que Abalaram um Diplomata Português* (Porto: Afrontamento, 1984).

¹⁴⁷ Como sublinha o historiador António Ventura, “os sucessivos governos da República tentaram impedir, por todos os meios ao seu alcance, qualquer tipo de contacto entre o povo português e a nova realidade saída da Revolução de Outubro. Daí (...) os entraves levantados para quem desejasse visitar a Rússia” Ventura, «Os primeiros contactos – Portugal e a Rússia Soviética», p. 44.

¹⁴⁸ João Madeira, *História do PCP* (Lisboa: Tinta da China, 2013), p. 23.

¹⁴⁹ Também Humbert-Droz publica as suas memórias sobre a sua passagem por Portugal, ver: Jules Humbert-Droz, «Relatório e Memórias de Jules Humbert-Droz sobre a sua missão e permanência em Portugal em 1923», em *O Primeiro Congresso do Partido Comunista Português*, ed. César Oliveira (Lisboa: Seara Nova, 1975).

¹⁵⁰ Ernesto Castro Leal, «A Revolução Russa de Outubro de 1917 e os primórdios do regime comunista: aspectos da recepção pública e da dinâmica política em Portugal (1917-1926)», *História Crítica*, n.º 64 (2017): 39–60, <https://journals.openedition.org/histcrit/pdf/3484>. p.54

¹⁵¹ César Porto, *A Rússia Hoje e Amanhã. Uma excursão ao país dos soviets* (Lisboa: Livraria Peninsular Editora, 1929).

¹⁵² Para uma análise destes textos ver: Marcos Nunes de Vilhena, «Recepção e perceção da Revolução Russa na crise do sistema demoliberal português – uma análise de imprensa» (Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2013). N.º *A Batalha* faz-se a crítica aos textos do Repórter X em “Na Analfabetolândia”, *A Batalha*, n.º 127, 3 de maio de 1926.

assina o Tratado de Rapallo, poucas eram as vozes que se pronunciavam a favor de um possível reatamento das ligações diplomáticas. Porém, a partir de 1924, o cenário já era outro. Naquele ano, em fevereiro, a Inglaterra e, depois, em outubro, a França reconhecem a União Soviética. Dali em diante, especialmente após o reconhecimento britânico, a possibilidade das relações entre Portugal e a URSS começa a ser vagamente sondada por alguns partidos e movimentos sociais¹⁵³, chegando mesmo a ser contemplada em discussões parlamentares¹⁵⁴, em programas partidários e, até mesmo, em intenções ministeriais – no caso, aquando da passagem de João de Barros pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros no *governo canhoto* de José Domingues dos Santos. Note-se que esta possibilidade era contemporânea da promoção de discursos antibolcheviques na esfera da sociedade civil portuguesa¹⁵⁵. No entanto, não só a questão das relações entre estados palpitou aquando das discussões sobre as relações entre Portugal e a Rússia dos Sovietes.

Em fevereiro de 1924, *A Batalha* divulga um texto que começava por assinalar que «só em Portugal, contra o próprio interesse da população, se mantém um irreductível isolamento em relação à Rússia, como se tratasse dum paiz empéstado, ou peor ainda», marco do «espírito reaccionario e atrasado dos homens que o acaso tem levado ao poder». Tomando proveito do reatamento das relações entre a Inglaterra e a União Soviética, a mesma imprensa que reproduzia discursos críticos sobre os bolcheviques, fazia uma leitura favorável do (re)estabelecimento de relações entre Portugal e a recém instituída URSS. Contudo, desinteressados das investidas de estado, não eram as ligações diplomáticas que mais despertavam a atenção dos anarquistas d’*A Batalha*. Mas, sim, as relações comerciais. Não se isentando de criticar o regime de proteção da economia nacional construído por governantes, «financeiros, [...] grandes industriais e [...] grandes proprietários agrícolas», a imprensa apresentava possíveis benefícios advindos de acordos comerciais estabelecido com a Rússia.

¹⁵³ Por exemplo, o Partido Republicano Radical no seu programa político de 1925 “inscreveu a necessidade de estabelecer relações diplomáticas com a URSS, na forma de “reconhecimento dos Sovietes” em Ernesto Castro Leal, «A Revolução Russa de Outubro de 1917 e os primórdios do regime comunista: aspectos da recepção pública e da dinâmica política em Portugal (1917-1926)», *História Crítica*, n.º 64 (2017): p. 48. e Ernesto Castro Leal, *Partidos e Programas. O campo partidário republicano português (1910-1926)* (Coimbra:Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008), p. 93.

¹⁵⁴ Por exemplo: «José Domingues dos Santos: [...] Quando estive no Govêrno lancei a idea de que era necessário reatar as relações com a Rússia dos soviets, como tinham feito já quasi todos os países da Europa, pois não receio que *das bandas da Rússia* possa vir alguma cousa que perturbe a lida *da nossa terra*.» *Diário da Câmara dos Deputados*, VII Legislatura, Sessão Legislativa 01, 22 de dezembro de 1925

¹⁵⁵ Sobre os discursos anti-bolcheviques durante a Iª República, ver, por exemplo: Maria Alice Samara, *Verdes e Vermelhos. Portugal e a Guerra no Ano de Sidónio Pais* (Lisboa: Editorial Notícias, 2002); Pedro Soares Ferreira, *Entre o Terror e a Esperança. A Revolução Russa na sociedade portuguesa (1917-1921)* (Lisboa: Caleidoscópio, 2009); Leal, «A Revolução Russa de Outubro de 1917 e os primórdios do regime comunista: aspectos da recepção pública e da dinâmica política em Portugal (1917-1926)».

«Cortiças, vinhos, conservas» podiam ser trocadas por «tanta coisa de que precisamos», desde logo cereais, sugere-se. Na Rússia dos «excedentes produtivos», *A Batalha* vislumbrava uma possível arma combativa contra a «miséria e fome» que a população portuguesa enfrentava. Uma arma, contudo, que as classes dirigentes aparentavam querer ignorar. Ante tal, a própria imprensa viu-se obrigada a interrogar: «será desta vez que o governo português tem o bom senso de realizar o reatamento das relações coma Rússia? Ou impedi-lo-ão as oligarquias que dominam o paiz?»¹⁵⁶

Com ou sem «bom senso», as relações comerciais entre Portugal e a URSS não conheceram o mesmo destino das diplomáticas. Pois se estas últimas insistiram em ficar encerradas até ao 25 de abril de 1974, são vários os sinais que indicam a existência de ligações comerciais entre Portugal e a URSS durante o decorrer do século XX¹⁵⁷ – por mais restritas e limitadas que estas fossem. Talvez, os interesses das «oligarquias que dominam o paiz»¹⁵⁸ assim o determinaram, especialmente, durante a história do regime que suplanta a Iª República.

Vimos como, entre 1921 e 1925, o trajeto Lisboa-Moscovo foi, alguma vezes, percorrido. A amostra selecionada das viagens decorridas durante estes anos indica a possível hipótese de que os percursos provenientes de Portugal acompanharam motivações similares às já identificadas pela historiografia internacional para outros contextos europeus e norte-americanos. Isto é, as principais alavancas das viagens foram as expedições jornalísticas e os convites elaborados por organizações dos, ou próximas dos, bolcheviques e do estado soviético a sujeitos ligados ao movimento operário. No entanto, Portugal não conhecera, proporcionalmente, a mesma dimensão de iniciativas errantes comparando com outras quadraturas nacionais da Europa, como a francesa, a alemã, a belga ou a suíça. Apesar da posição periférica no quadro do movimento comunista internacional e da distância firmada de pelo menos quatro mil quilómetros, também por Portugal, havia vontade de praticar *turismo revolucionário*. Vejamos o exemplo de um texto redigido por Augusto Machado. Um texto que é resultante de uma visita que este, juntamente com Manoel de Figueiredo e Mário Domingues, fizera ao «primeiro navio bolchevista»¹⁵⁹ que aportara no Tejo, em outubro de 1923:

¹⁵⁶ «As relações entre Portugal e a Rússia», *A Batalha*, nº 10, 4 de fevereiro de 1924, p. 1

¹⁵⁷ Ver, por exemplo: Américo Amorim, «Depoimento», em *Relações entre Portugal e a Rússia: séculos XVIII e XX*, ed. Instituto Diplomático (Lisboa: M.N.E, 1999), 136. Pereira Bernardo Fatcher, «União Soviética, relações com», em *Dicionário de História de Portugal*, ed. António Barreto e Filomena Mónica, vol. 9 (Porto: Figueirinhas, 2002), pp. 555–58.

¹⁵⁸ *A Batalha*, nº 10, 4 de fevereiro de 1924, p. 1

¹⁵⁹ Machado, Augusto «Uma visita inesperada. Um navio dos soviéticos no Tejo – Impressões rápidas sobre a Rússia e a vida a bordo» em *O Comunista*, nº 6, 15 de outubro de 1923, p.4

«o coração palpita-me mais apressadamente, o cérebro parece inundar-se de uma maior claridade. É que tenho próximo de mim, ali no Tejo, a prova do quanto é admirável a Rússia soviética, cuja revolução destruindo o poder político e económico do capitalismo, procura construir no meio dos azares de toda a ordem, uma nova sociedade, precursora de outras sociedades mais perfeitas, que caminharão sempre em busca do sol brilhante e fascinador da perfectibilidade humana. Arde no desejo que meus olhos vejam o que para o meu coração e para o meu cérebro jamais constituiu a menor sombra de dúvida.»¹⁶⁰

Mas não só indivíduos próximos do movimento operário perflharam desta aspiração por viajar pela *nova Rússia*. Em agosto de 1926, remetidos pelos próprios capitais e interesses, Carlos Santos e Herlander Ribeiro partem para a URSS integrados numa execução promovida pela agência Derutra¹⁶¹. A eles juntavam-se António Ferreira Loureiro, professor do Liceu Alexandre Herculano, e Custódio Cabeça, médico e higienista. Na época, além do livro de Rates, *Na Rússia dos Sovietes*, poucos foram os textos datilografados por portugueses que narrassem experiências de interação com o território governado pelos bolcheviques. Todavia, esse curto compêndio de textos iria aumentar. Carlos Santos, durante e depois da sua estada, publica curtos relatos nas páginas do *Jornal de Notícias* do Porto, agrupando-os, posteriormente, no livro *Como eu vi a Rússia* (1ª edição: 1927; 2ª edição: 1928/29; 3ª edição: 1932). Herlander Ribeiro, divulga os seus relatos durante 1926, no *Diário de Lisboa*, juntando-os, depois, no livro *Crónicas da Rússia dos Sovietes* (1927). No início daquela que fora, segundo Santos, «a primeira incursão de burgueses latinos na Rússia vermelha»¹⁶² existe um alargado contacto entre os visitantes e a VOKS – o que julgamos ser um dos primeiros contactos entre portugueses e a VOKS relatado. Nas palavras de Santos, «uma vez em terra, tomou posse de nós a WOKS, que é como quem diz o governo soviético ou então a Sociedade de Relações Culturais entre a URSS e o Estrangeiro, cujo primeiro cuidado foi dar-nos guias...»¹⁶³. Guias e, ao que tudo indica, panfletos. Um deles traduzido pelo próprio viajante¹⁶⁴. Mas, a relação de

¹⁶⁰ *O Comunista*, nº 6, 15 de outubro de 1923, p.4

¹⁶¹ Sobre a agência Derutra, pode ler-se no relato de viagem de Carlos Santos que: «Enfim, há, para nos guiar em meio deste labirinto, uma empresa de turismo pelo menos – a “Derutra”, oficialmente patrocinada e autorizada com as empresas russas, muito embora seja alemã, e cujo nome, extraído das palavras que no idioma do país significam Alemanha e Rússia, bem nos mostra que o fim desta organização é o intercâmbio de viajantes com a vizinha nação teutónica. A agência pública um guia de viagem, como o horário dos caminhos de ferro e dos aviões, linhas de navegação fluvial, etc., e diz-nos, entre coisas, que só ela é capaz de dar a volta ao mundo em quarenta dias pelo transiberiano, indo de Tóquio a Vancouver, de aqui a Nova-York, e de Nova-York a Berlin, a Riga e a Moscovo.» Santos, *Como eu vi a Rússia*. p. XXXIII-XXXIV

¹⁶² Santos. p. XXXII

¹⁶³ Santos. p. XXXIII

¹⁶⁴ «A Sociedade das Relações Culturais entre a URSS e o Estrangeiro é uma organização pública, cujas funções são as de aproximação da URSS com todas as nações do mundo. O intercâmbio científico e cultural do povo russo e do estrangeiro, interrompido durante a guerra e durante a revolução, recomeça agora progressivamente. Entretanto, a ciência e a cultura na URSS e nos outros países realizaram importantes avanços. As suas conquistas representam agora o maior interesse para a sociedade internacional. A estrutura administrativa da URSS com as suas várias repúblicas nacionais, há muito tempo que pensava instituir um órgão central das relações exteriores culturais, um centro de intercâmbio das riquezas do espírito humano. Tal órgão é a WOKS, organização pública, fundada há três anos pelo representante dos vários estabelecimentos científicos e culturais da URSS. Os principais

Santos e a dos restantes excursionistas com a VOKS não se limitaria a este curto encontro aquando da entrada no território soviético. Continua, Santos:

«Mal o navio atracou ao cais de Lenigrado, eles e elas (os guias eram estudantes dos dois sexos, pertencentes em geral à Faculdade de Letras), invadiram as cobertas e salões, tomando posse de nós, o que não lhes foi difícil, pois falavam bem as nossas línguas, castelhano e português, o que nos levou a acolhê-los de braços abertos. Dividiram-nos em grupos de dezoito pessoas; cada guia tomou conta do seu grupo, e, quando nos deram ordem de saída, puzemo-nos em marcha... [...] Há quem suponha que os viajantes da Rússia só conseguem vê o que o bolchevismo permite que se veja... Não é tanto assim! Se o provérbio português «pela aragem se vê quem vai na carruagem» contém uma grande verdade, essa ressalta mais flagrante quando a aplicamos à fisionomia das cidades, à psicologia do seu povo. Há coisas que não se podem ocultar. Os russos naturalmente defendem-se, com nós nos defendemos, não incluindo o Limoeiro nem as furnas de Monsanto no programa dos excursionistas estrangeiros, não os levanto às escadas da Esnoga nem às «ilhas» da rua de S.Vítor – o que não impede que um forasteiro inteligente reconheça à primeira vista os ociosos e fadistas de Lisboa, as imundices e grossarias, aliadas ao espírito de trabalho, da desconfortável cidade da Virgem... [...] Em poder da WOKSS tive abertas de par em par as portas dos museus, das igrejas e das principais instituições; tive as ruas lidas e comentadas por espertos interpretes; tive a Arte traduzida por magníficos guias; tive espectáculos por ela organizados; e tive a segurança por ela garantida. Mas em poder de mim próprio, gozei o encanto indizível da liberdade, a vertigem criadora da incerteza, e... a emoção do perigo, que é, como as bebidas embriagantes, agridoce e geradora dos melhores estímulos...»¹⁶⁵

1926 – 1932

Aquando da visita de Santos e Ribeiro, um processo de transformação no quadro político-institucional fazia abanar, tal como as citadas bebidas embriagantes, Portugal. Nem agridoce, nem geradora dos melhores estímulos, a ditadura que, instalada pelo golpe militar de 28 de maio de 1926, suplantara o regime de configuração demoliberal, continuava naquele verão, ainda que com resistências, a definir as bases político-legais do seu funcionamento. No entanto, apesar do seu carácter autoritário e conservador, os seus primeiros anos seriam pouco relevantes para a questão das relações entre Portugal e a União Soviética. As ligações diplomáticas permaneceram inexistentes, tendo-se iniciado, contudo, um processo de definhamento dos debates públicos sobre a possibilidade das mesmas, e a projecção de narrativas oficiais antibolcheviques e anticomunistas perpetuou-se, adquirindo uma nova expressividade, sobretudo, no contexto da década de 30.

ramos da sua actividade são: a troca de livros com todas as partes do mundo, a informação no estrangeiro da vida cultural da URSS, a publicação de boletins semanais, enviados gratuitamente aa todos os interessados, importação e exportação das fotografias, ajuda cultural às delegações estrangeiras e aos viajantes individuais, organização daas lições, conferências, concertos de aproximação com a intervenção dos representantes da cultura, da ciência e das artes estrangeiras, etx. Graças aa esta orientação, acham-se actualmente estabelecidas as relações culturais entra a URSS e 56 países europeus, asiáticos e americanos. Algumas destas são episódicas, outras bastante fixas, regulares e produtivas» Santos, p. XXIV-XXV

¹⁶⁵ Santos, p. XXXIII-XXXVII

Menos ténues foram os entraves à receção em Portugal de certos sujeitos oriundos da Rússia dos soviéticos que, apesar de tudo, mantiveram alguma continuidade com a política advinda da Iª República¹⁶⁶. Ainda assim, em 1927, o galardoado geneticista e agrónomo soviético Nikolai Vavilov¹⁶⁷ chega a Lisboa. Convidado pelo Instituto Superior de Agronomia para conferenciar no plano das suas especialidades científicas, Vavilov vai encontrar-se com uma Lisboa agitada pelos movimentos revirralhistas e respostas repressivas a esses movimentos. Não obstante, a vinda de Vavilov a Lisboa em nada se ligava aos movimentos de oposição à ditadura. Ligava-se, isso sim, ao interesse dos agrónomos e botânicos portugueses pelo estado da agronomia e agricultura russa, num momento em que transnacionalmente se discutiam os efeitos dos já findados primeiros dez anos desde o início da revolução de outubro.

No mesmo ano que Vavilov conheceu os cantos e recantos da capital portuguesa, quatro sujeitos fruíram de uma viagem com destino a Moscovo, seus nomes Augusto Machado, Bento Gonçalves, Silvino Ferreira e João Pedro dos Santos. Uma viagem que não era alheia a um dos principais acontecimentos daquele ano na URSS, a celebração do decénio da revolução de outubro. Um ano após o decénio, em 1928, Alexandre Vieira¹⁶⁸, Bernardo Gonçalves Bandurra, Abílio Alves de Lima e Gambetta das Neves¹⁶⁹, figuras do movimento sindical, rumariam para a URSS para atender ao IV congresso do ISV. Depois, em 1929, Bento Gonçalves seguira, de novo, para Moscovo com fim a participar na VI Reunião do Conselho Central da ISV. Os primeiros anos da ditadura são, assim, coincidentes com um curto aumento no número de viajantes oriundos de Portugal. Paradoxal se aceitarmos que estão em marcha processos de sofisticação dos aparelhos repressivos do estado português e se aceitarmos, ainda, que esses mesmos aparelhos são instrumentalizados para reprimir os movimentos oposicionistas à ditadura, entre os quais o PCP. Como sublinhara o historiador João Madeira, estas travessias entre Lisboa-Moscovo decorreram, sobretudo, face a afinidades políticas e onde o PCP – à época, um partido clandestino mergulhado numa crise interna pautada por aprisionamentos e desmobilizações decorrentes da repressão imposta pela ditadura – desempenhara o papel de

¹⁶⁶ Sobre a entrada e a recusa de alguns sujeitos oriundos da Rússia em Portugal nas décadas de 20 e 30, ver: Carolina Henriques Pereira e Fábio Alexandre Faria, *Refugiados em Portugal no século XX. Entre a hospitalidade e a intransigência* (Lisboa: Manuscrito Editora, 2024). pp. 92-98

¹⁶⁷ «A agronomia e a agricultura na Rússia: entrevista com o prof. dr. Vavilov», *Revista Agros*, II Série, 3º ano, nº 7, Julho de 1927, pp. 151-155

¹⁶⁸ Alexandre Vieira viria a escrever sobre esta viagem no decorrer da década de 50, 60 e 70: Alexandre Vieira, *Em volta da minha profissão: Subsídios para a História do movimento operário no Portugal continental* (Lisboa: Gráf. Boa Nova, 1950); Alexandre Vieira, *Delegacia a um congresso sindical* (Lisboa, 1960); Alexandre Vieira, *Para a história do sindicalismo em Portugal* (Lisboa: Seara Nova, 1970).

¹⁶⁹ Gambetta das Neves publica um romance possivelmente inspirado na sua viagem: Gambetta Neves, *O Licor Vermelho* (Lisboa: Imp. Beleza, 1933).

centro promotor. Viagens que teriam um relevante condão para a história do movimento comunista em Portugal, já que, além de confirmarem “a adesão formal ao PCP de alguns destes e de outros indivíduos”¹⁷⁰, se intersetariam com o próprio processo de relançamento do partido. No entanto, esta curta e temporária ampliação do número das viagens, coeva, de resto, a uma mais larga expansão dos números de visitantes temporários na URSS, continuava a ser denunciadora, se comparada proporcionalmente com outros casos, como o estadunidense, o alemão, o britânico ou o francês, da posição periférica de Portugal na história das viagens à URSS e da própria posição periférica do movimento comunista português.

Ao passo que o número de forasteiros ia aumentando na segunda metade da década de 20 na URSS, em Portugal um novo processo de transformação política alavancava mudanças na ditadura. Deslumbrada, desde 1928, com a obra do, então, Ministro das Finanças, António de Oliveira de Salazar, a ditadura apresentava-se diante daquilo que o historiador Fernando Rosas denominou de “fase de transição para a plena institucionalização do Estado Novo”, simultânea, de resto, da clarificação política da “hegemonia real da corrente salazarista na ditadura”¹⁷¹. Revoltas oriundas dos setores oposicionistas e respostas repressivas a estas orientadas pelo regime continuam a marcar este período. Caso, por exemplo, da revolta da Madeira, em 1931, ou dos enfrentamentos, também naquele ano, no 1º de maio. Estava em marcha o afinamento dos aparelhos repressivos do regime salazarista.

Ainda assim, nos últimos anos da década de 20, os dispositivos de opressão do estado aparentam, segundo Vilhena, interferir em pouco com a publicação de textos, em Portugal, sobre a URSS¹⁷² – fossem estes preenchidos a sensibilidades *filo-soviéticas*, ou, pelo contrário, a noções anti-soviéticas. No entanto, a progressiva afirmação do salazarismo veio alterar este panorama. Se, até 1929, textos que não dispensavam de salientar alguns elogios ao regime dos

¹⁷⁰ Madeira, *História do PCP*, p. 31.

¹⁷¹ Fernando Rosas, *História de Portugal - O Estado Novo (1926-1974)*, ed. José Mattoso, vol. VII (Lisboa: Editorial Estampa, 1994), p. 193.

¹⁷² Em 1928, Cunha Leal apresentava o livro *Internacionalismo – Trotsky e Estaline*. Em 1929, por sua vez, lança-se a obra *Imperialismo Estádio Supremo do Capitalismo*, em três volumes, de Lenine. Em 1930, é traduzida a obra *As mentiras imperialistas: uma cruzada contra a Rússia*, de M. Sherwood, Adolfo Coelho edita o romance *Dramas da espionagem política: a Rússia misteriosa* e a *Biblioteca Cosmopolita* traduz, por fim, os *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, de John Reed (era, depois de Antonelli, o segundo relato sobre os acontecimentos de Outubro de 1917 a ser publicado em Portugal). Em 1931, *Aos Humanistas*, de Gorki chega a Portugal, a editora *Vanguarda Proletária* edita a obra *Estado e Comunismo*, de Lenine, numa “edição semiclandestina” estreia-se os “*Três anos de Execução do Plano Quinquenal*” de Estaline e, por fim, apresenta-se a *Questão religiosa na Rússia*, de Bukarine. Em 1932, Mauro de Portugal lança o livro *A verdade sobre a Rússia Bolchevista*, Rolão Preto divulga o *Para Além do Comunismo* e Ribeiro de Carvalho publica *O que era a Rússia antes dos Bolcheviques* (deixando espaço para *O que é a Rússia com os Bolcheviques*, publicada em 1933). Relembre-se que, no fim da década de 20, vêm a lume os três relatos de viagens outrora mencionados: os de César Porto, Herlander Ribeiro e Carlos Santos.

soviéticos, como o relato de viagem de César Porto, ainda podiam circular pelas livrarias portuguesas, sem serem capturados pela censura, o mesmo deixaria de ser possível a partir da década de 30. A partir dos primeiros anos da década de 30 os vestígios de novas publicações cujos vocábulos não almejassem condenar a União Soviética veem-se reduzidos. Na legalidade iriam restar, portanto, as narrativas que, próximas do discurso oficial do regime, primaram pela condenação do comunismo e, claro está, do seu maior representante, a URSS. Mas não significa isto que discursos elogiosos da União Soviética tivessem deixado de circular pela sociedade portuguesa. Significa, sim, que passaram para a margem da clandestinidade.

Possivelmente introduzido, em Portugal, por via do PCP e das suas ligações com o PCF, em 1931, inicia-se a circulação clandestina do periódico *Les Nouvelles Soviétiques: Bulletin périodique de la société pour les relations culturelles entre L'U.R.S.S. et L'étranger*¹⁷³ cuja elaboração remetia à VOKS. Poucos anos depois, já com a Constituição de 1933 aprovada, a rádio Moscovo começava também a transmitir para Portugal. Mas não só estes meios – sobretudo, provenientes de instituições soviéticas – serviram de transmissores de discursos apologéticos sobre a URSS e, ademais, dos discursos dos oficiais soviéticos. O próprio PCP seria, neste sentido, também um relevante centro de produção e reprodução de discursos *filosoviéticos*, assim como um relevante espaço de agrupamento de sensibilidades *filosoviéticas*¹⁷⁴. E se ao jornal clandestino do PCP, o *Avante!*, foi, desde 1931, destinada a missão de transmitir informação e discursos apologéticos sobre a União Soviética, à Liga dos Amigos da União Soviética¹⁷⁵, uma organização clandestina sob influência do PCP também fundada em 1931, coube o papel de agrupar organizadamente os sujeitos que nutriam algum fascínio pela URSS, fossem ou não declaradamente militantes comunistas. Myre Dores, um comunista português que viveu na URSS antes do 25 de abril, lembrava, a respeito desta circulação de saberes durante a década de 30, a «grande importância [que teve] a divulgação pelos mais diversos canais das conquistas da ciência e da técnica soviéticas, o impacto da nova literatura proletária, a difusão da música russa e soviética, a influência do pensamento marxista e das obras teóricas de autores soviéticos, que deram uma contribuição muito importante para formar as ideias progressistas de muitos intelectuais portugueses, o que por sua vez tinha larga

¹⁷³ «PIDE, Propaganda apreendida, n.º 542, n.º 543 e n.º 544» em PT/TT/PIDE/001/00542-00543-00544

¹⁷⁴ João Madeira, escreveu sobre o “fascínio destes [intelectuais] pela URSS num quadro internacional marcado pelo ascenso dos fascismos, da segunda guerra mundial e pelo ambiente de guerra fria que lhe sucedeu” em João Madeira, *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista Português e os Intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)* (Lisboa: Editorial Estampa, 1996), 6.

¹⁷⁵ Ver: (1934), «Pela criação da Liga dos Amigos da U.R.S.S. Pelo triunfo da verdade sobre a Rússia Soviética», Fundação Mário Soares / Alberto Pedroso, Disponível em: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09827.132>

repercussão sobre as massas através de artigos publicados, de conferências, de obras de conteúdo avançado. Mesmo as raras referências à União Soviética na imprensa oficial, ferozmente censurada, eram lidas avidamente pelos amigos da URSS que se habituaram por uma longa experiência a ler nas entrelinhas»¹⁷⁶.

A sociedade portuguesa do entreguerras convivera, assim, com as clivagens ideológicas que, um pouco por todo o ocidente, se engrenaram à interpretação do sistema soviético¹⁷⁷. Por um lado, no caldo dos discursos dominantes, a União Soviética viu-se interpretada com recurso a argumentos ora fundados numa tradição de pensamento anticomunista e antibolchevista, ora insuflados por noções identitárias de cariz étnico e nacional cuja composição discursiva rebuscava uma série de preconceitos fundados numa pretensa *essência* alarmista dos povos eslavos, ora alicerçados à crítica das características antirreligiosas, antinacionalistas e tirânicas assumidas pelo estado soviético. Por outro, ela surgiria percebida, principalmente nos círculos dos militantes comunistas portugueses, como uma, se não, *a* alternativa. *A* alternativa à modernidade capitalista, mas, também, e cada vez mais, a alternativa ao projeto (de modernidade) dos fascismos. Desde os anos 20, conforme vimos através do texto de Augusto Machado, que os fascínios pela União Soviética se foram desenvolvendo em Portugal. Fruto de uma cultura política, sobretudo, dominada pelo anarquismo, esses fascínios mostraram-se, inicialmente, “renitentes a propostas mais nacionalistas e estatocêntricas”, mas entusiasmados com a “experimentação social”, o “obreirismo político”, a “modernidade soviética” e a “pertinência universal do soviétismo”¹⁷⁸. Todavia, a atração pela URSS – no caso, dos comunistas – sofreu o que o historiador José Neves designou de “um processo de conversão”, cuja datação pode ser apontada nas proximidades com a falha na “generalização da crise revolucionária a Ocidente” e com a afirmação do “projecto estalinista do socialismo num só país”¹⁷⁹. “Da exaltação da URSS como laboratório avançado da luta de classes passou-se à celebração do novo estado soviético como expoente do desenvolvimento nacionalista”¹⁸⁰. Uma celebração feita na clandestinidade e que, mesmo reprimida e censurada, não dispensara de chegar a jornais de prisão elaborados por comunistas no cárcere. Vejamos o discurso de um jovem prisioneiro cujo reportório discursivo pode denunciar uma associação estabelecida na

¹⁷⁶ Dores, «Profundas raízes de uma grande amizade», p. 29.

¹⁷⁷ Ver: Capítulo II Dullin, Sabine “As interpretações francesas do sistema soviético” em Dreyfus et al., *O Século dos Comunismos. Depois da ideologia e da propaganda, uma visão serena e rigorosa*.

¹⁷⁸ Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, p. 153.

¹⁷⁹ Neves, p. 153.

¹⁸⁰ Neves, p. 153.

mundivisão comunista portuguesa entre um horizonte utópico e o imaginário da URSS, já permeabilizado por discursos de pendor nacionalista:

«SAUDAÇÃO DO CÁRCERE, SAUDAÇÃO COMOVIDA, TE ENVIAMOS, Ò URSS, PÁTRIA HERÓICA DA REVOLUÇÃO E DA CONSTRUÇÃO SOCIALISTA. VIVA A URSS. Aos 23 anos de Revolução, a URSS construiu um mundo. O mundo do Trabalho e do Socialismo. O mundo da alegria e da beleza. O mundo sem classes e sem miséria, o mundo da Arte e da Escola. O mundo da nova Humanidade que surge nos primeiros alvares do Comunismo. COMUNISMO, que sonho é este, camarada? É a vida bela e alegre que tens direito, a vida dos teus filhos, a vida que desponta do alvorecer da U.R.S.S.»¹⁸¹

Todavia, o início da década de 30 mostrara-se pouco profícuo para as ligações Lisboa-Moscovo. Em 1932, substituindo o aprisionado Bento Gonçalves, José de Sousa é enviado para Moscovo com fim a participar na XII Reunião Plenária da IC, lugar onde proferiria um discurso relativo à situação portuguesa¹⁸². Excetuando José de Sousa, não foram sinalizadas outras menções a viagens decorridas durante estes primeiros anos da década de 30.

Entretanto, era ali para a altura em que José de Sousa lamentava na assembleia da IC a falta de atenção da *Komintern* para com o «nosso movimento»¹⁸³ que ligeiras alterações no plano das relações entre Portugal e a URSS surgem. Fazendo-se da embaixada de Paris um espaço de intermediação negocial, é elaborada uma «proposta de estabelecimento das bases de uma convenção para um regime comercial de permuta entre a delegação comercial da URSS de Paris e a Agência de Importação e Exportação, Lda, com sede no Porto»¹⁸⁴. Representantes comerciais portugueses e representantes ligados ao regime soviético juntavam-se, em Paris, para discutir transações comerciais¹⁸⁵ sem que outras iniciativas em prol do alargamento das relações fossem ambicionadas. Porventura, as «oligarquias que dominam o paiz», para retomar ao conceito outrora empregue pel' *A Batalha*, deixaram de ver com inconveniências as relações comerciais com a URSS. Especialmente, a oligarquia próxima ao negócio da cortiça que, à época, em detrimento dos abanões provocados pela Grande Depressão, sondava novos mercados.

¹⁸¹ *A Força*, nº 69, 1940, páginas anexas.

¹⁸² José Pacheco Pereira, 'Intervenção de «António» na XII Reunião Plenária da Internacional Comunista', *Estudos sobre o Comunismo* (Julho, 1983), p. 31.

¹⁸³ José Pacheco Pereira, p. 31.

¹⁸⁴ "Proposta para a fixação das bases de uma convenção para um regime comercial de permuta" PT/TT/AOS/CO/NE-2G1

¹⁸⁵ Na reunião decidira-se que «dos produtos a transacionar, Portugal exporta cortiça, conservas de sardinha e óleo de rícino; importaria da URSS petróleo, óleos minerais, linho, trigo e centeio e máquina tipo industrial». PT/TT/AOS/CO/NE-2G1.

Em 1934, uma nova viagem de um português surge apresentada em livro. Levado pelos ciclerones da Intourist a passear por bairros operários e teatros, por estações de comboios e por igrejas, pelo Museu da Revolução e pelo Palácio de Inverno, pela cidade e pelos arredores mais rurais de Leningrado, J. M. Ferreira do Amaral, mostrara-se, também ele, interessado por aquilo que denominamos como a modernidade soviética da era estalinista. Todavia, mais atraído pelo *Paraíso Bolchevique... e a mentira*, isto é, pelos mitos e pelas contradições, o visitante oriundo de Portugal dedicara-se a perseguir com maior afínco as incongruências do anunciado progresso alcançado pela experiência soviética. Fitando, declara, os objetivos manipulatórios dos soviéticos e, por isso, julgando conseguir observar com *olhos-de-ver*, Ferreira do Amaral depara-se com a «onda de miséria» que avassalava aquela Rússia (uma prova de que ela «de-certo, [...] ainda faz parte da Europa»¹⁸⁶), com «a iluminação de Leningrado [que] está, afinal, de acordo com as deficiências de toda a ordem»¹⁸⁷ e com «aquelas enormíssimas edificações, que estamos habituados a admirar em fotografias que nos chegam às mãos», mas que, enfim, «perdem muito da sua grandiosidade e importância, quando vistas de perto»¹⁸⁸.

Ainda assim, Ferreira do Amaral não dispensa reconhecer que ali para aqueles lados há «grandes triunfos»¹⁸⁹, considerando-os, contudo, «para inglês ver»¹⁹⁰. Casos, por exemplo, das creches soviéticas, das cooperativas de consumo com os seus «bons resultados»¹⁹¹ ou, até mesmo, do admirável «estofo intelectual»¹⁹² das guias que o acompanharam durante a sua jornada. Mas, se houve coisa que soube seduzir aquele admirador «de todas as doutrinas sociais modernas»¹⁹³ foi «o espírito de ordem que norteia toda aquela gente»¹⁹⁴. Ferreira do Amaral estava fascinado com a «a disciplina férrea [d]aquela multidão»¹⁹⁵. Uma disciplina que, estando «em desacordo com a ideia [de] que [...] [a] vida na URSS [é] revolucionária e febril»¹⁹⁶, surge observável nos corpos dos soldados do Exército Vermelho, nos «serviçais e atenciosos»¹⁹⁷ empregados das lojas de *souvenirs*, na forma respeitadora como as massas se comportam no

¹⁸⁶ do Amaral, *O paraíso bolchevista e... a mentira: uma viagem à Rússia*, p. 95.

¹⁸⁷ do Amaral, p. 213.

¹⁸⁸ do Amaral, p. 192.

¹⁸⁹ do Amaral, p. 201.

¹⁹⁰ do Amaral, p. 201.

¹⁹¹ do Amaral, p. 116.

¹⁹² do Amaral, p. 33.

¹⁹³ do Amaral, p.156.

¹⁹⁴ do Amaral, p.184.

¹⁹⁵ do Amaral, p. 87.

¹⁹⁶ do Amaral, p. 29.

¹⁹⁷ do Amaral, p. 29.

teatro ou nas «milhares de pessoas»¹⁹⁸ que geometricamente entram e saem com uma «organização impecável»¹⁹⁹ do comboio. Disciplina que poderia resultar, na visão de Ferreira do Amaral, seja dos «grandes triunfos» produzidos pela governança soviética, seja, e pelo contrário, corresponde a uma característica da *essência* dos povos daqueles lados.

«Longe da Rússia, tanto geográfica como politicamente»²⁰⁰, Portugal assistia, no mesmo ano em que se destinava a sociedade soviética ao II Plano Quinquenal, à instalação do Estado Novo. Alinhado com os regimes fascistas do entreguerras, o regime salazarista reportaria à instrumentalização de discursos anticomunistas e anti-soviéticos durante a década de 30, ao passo que reprimia e censurava qualquer manifestação *filo-soviética*. Práticas que, de resto, se foram diacronicamente exacerbando, especialmente, em relação simultânea com determinados confrontos travados entre o regime salazarista e a URSS. Em 1934, no ano em que uma dactilógrafa soviética assumia a Ferreira do Amaral que desejava «sinceramente que dentro em breve os mal-entendidos desapareçam!»²⁰¹, a representação oficial de Portugal na Sociedade das Nações votava contra a entrada da União Soviética nesta organização. No entanto, seria no cenário da guerra civil espanhola que se elevaria “ao rubro [...] a inimizade entre os dois países”²⁰². Justificando a cisão diplomática com o governo de Madrid, o regime salazarista acusará a União Soviética “de ter provocado a eclosão da guerra e de intervir ativamente no desenrolar da mesma.”²⁰³ Abrindo esta disputa direta entre o regime salazarista e o regime soviético no plano da arena internacional, a guerra civil espanhola também teve implicações no quadro da política interna da ditadura salazarista. Os discursos oficiais anticomunistas e anti-soviéticos ganham maior expressão, as iniciativas para desmontar as redes de circulação de

¹⁹⁸ do Amaral, p. 87.

¹⁹⁹ do Amaral, p. 63.

²⁰⁰ «Falei-lhe do meu país, muito longe da Rússia, tanto geográfica como politicamente, e referi-me ao não reconhecimento dos soviets por parte do Governo de Portugal. Aqui, fui interrompido pela dactilógrafa: sem que eu esperasse, desejou sinceramente que dentro em breve os mal-entendidos desapareçam e Portugal tenho o seu ministro acreditado em Moscovo!». Ferreira do Amaral tinha também uma intenção política ao escrever o livro. E, em bom rigor, ele nunca a esconde. Avocando o papel pedagógico daquela excursão o viajante-autor admite que com aquela jornada entendera, também, perceber o bolchevismo enquanto regime. E «a resposta obtive-a só agora, olhando». Poucas são as dúvidas que lhe restam: «o bolchevismo é a miséria, o descalabro, a ruína trágica dum povo, sem vida ou energias para poder reagir a uma infelicidade que o minou e destruiu. O bolchevismo não é um regime político e social, que se defenda ou ataque, que se implante ou se substitua. O bolchevismo é uma catástrofe, como uma peste ou um terramoto, que cai, para desgraça dum povo, na história dum povo». Já nas últimas páginas do seu relato, afirma: «Vejam o exemplo da Rússia, terrível e elucidativo». É, por isso, «a bem da parte intacta da nação» que o Ferreira do Amaral, apoiante do recém instituído Estado Novo, propõe «o Corporativismo [como] a grande bandeira que se desfralda agora e indica o único caminho seguro trilhar pela Humanidade» em: do Amaral.

²⁰¹ do Amaral. p. 155

²⁰² Bernardo Fitcher, «União Soviética, relações com». p.556

²⁰³ do Amaral. p.556

propaganda soviéticas intensificam-se, assim como se intensificaram as perseguições e aprisionamentos aos comunistas. Mas não só.

Em 1938, aterra em Lisboa «Mr. Lyon Playfair, second son of Sir Nigel Playfair»²⁰⁴. Era só mais um turista que procurava aproveitar duas semanas de férias nos resorts e casinos do Estoril. No entanto, concluída aquela «holiday in Fascist Portugal»²⁰⁵, a viagem de Lyon Playfair tornar-se-ia um assunto de interesse para alguma imprensa internacional. No *The China Mail*, o episódio era anunciado sob o seguinte título «Had Soviet visa, so was watched»²⁰⁶. Ora, explica aquela imprensa que o jovem Playfair, após ter visto o seu visto aprovado, foi «summoned to the Police Bureau [PVDE] and asked to explain a Soviet Russia visa on his passport. The explanation – that he had been of a students’ tour to Russia in 1932 – was not accepted. He was put under a gruelling crossexamination, which lasted more than an hour and a half»²⁰⁷. Ainda segundo o *The China Mail*, «If he’d uttered one syllable in favour of the Soviet regime he would have been arrested and detained in custody for an undefined period. [...] His friend told him that he would be closely watched for the remainder of his stay. That proved to be so. Mr. Playfair was followed to the beach, on excursions inland, to the Casino in the evening. And each day a different sleuth had charge of his case»²⁰⁸. Todavia, o Estado Novo não demonstrou só preocupações com turistas que haviam passeado pela União Soviética.

Também em 1938 chega ao Gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros um telegrama proveniente do Consulado Geral de Portugal em Paris. Os cidadãos russos, «Princesa Irina de Russia, Princesa Youssoupoff, Principe Falia Youssoupoff, Principe Michel Vlachnikoff, Mr. Paul Chapiro, possuidores de passaportes Nansen, [desejam] ir visitar o nosso Paiz»²⁰⁹, explicava o embaixador. A resposta a este telegrama seria, todavia, elaborada pela PVDE. Recusando-se a emitir os vistos, o diretor da PVDE, explicaria: «Ultimamente os russos brancos²¹⁰ teem mostrado desejo de vir para Portugal. Há dias uma russa branca, que goza em Paris de uma reputação "dúbia" [...], andou a informar-se sobre Portugal: preços de casas, da vida, etc. [...] De carácter oriental, tam diferente do europeu, nunca se chega a saber e constatar a sua maneira de ser e de pensar. De resto são capazes de tudo, como em França se tem

²⁰⁴ «Processo de pedido de visto para Lyon Playfair» em PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-001-003/DC00177

²⁰⁵ PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-001-003/DC00177

²⁰⁶ PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-001-003/DC00177

²⁰⁷ PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-001-003/DC00177

²⁰⁸ PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-001-003/DC00177

²⁰⁹ «Determinações sobre vistos em passaportes (1937-1942)» em PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-003/DC00241

²¹⁰ A designação de “brancos” relaciona-se com as distinções políticas entre “brancos” e “vermelhos”, modo para distinguir os russos não bolcheviques dos bolcheviques.

virificado»²¹¹. Desde cedo a ditadura se demonstrou reticente perante a entrada de naturais da Rússia no território português, como o demonstram, por exemplo, um processo de 1934 onde a Agência de Espectáculos Lopez y Dubini enfrenta vários obstáculos para ver autorizada a entrada em Portugal de duas artistas russas, Petrenke Nélene e Solovsky Zinaida²¹². Mas, de novo, será, sobretudo, na decorrência do contexto da guerra civil espanhola que as restrições e limitações quanto à entrada de naturais da URSS e quanto à saída de portugueses para a URSS se expandem. Nesse sentido, não será de estranhar que o Diretor Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgue, a 6 de maio de 1938, uma circular onde se podia ler: «Sirva-se V. S. nos passaportes concedidos a portugueses, mencionar sempre, de maneira bem visível, em português, francês, inglês e alemão, a nota de que não são válidos para a Rússia, nem pode nêles ser aposto por outro Consulado qualquer visto que lhes dê validade para aquele país.»²¹³

A ditadura fascista também não se demitiu do cargo de vigiar outro tipo de movimentações ocorridas nesta década que visaram o estabelecimento de laços relacionais entre sujeitos da URSS e de Portugal. Em 1935, a PVDE emite uma informação mostrando a sua preocupação com algumas excursões originadas em Idanha-a-Nova. Na carta endereçada ao governador civil de Castelo Branco, elaborada pelo administrador do concelho de Idanha-a-Nova podia ler-se: «por contagio, talvez, da vizinha Hespanha, donde sei que teem vindo alguns indivíduos de nacionalidades russa e espanhola a conferenciar com portugueses, dando a esses conferencias o caracter de excursões ou de jantares de confraternização»²¹⁴. A intenção da carta era uma só. O administrador do concelho pretendia que «V. Exia se digne empregar os seus bons esforços no sentido de obter que os Ministerios do Interior e das Finanças dêem ordens terminantes a G.N.R, a P.V.D.E. e á Guarda Fiscal, para prenderem todos os indeviduos que sejam apanhados em flagrante a fazer propaganda comunista e ainda para exercerem maxima vigilancia sobre as pessoas que, pelas suas ideias se lhe tornem suspeitos, prendendo aquelas que tentem atravessar a fronteira sem estarem devidamente documentadas»²¹⁵

Apesar do intensificar da repressão e da vigilância, as viagens de naturais de Portugal continuaram durante a década de 30. O PCP assumiria um papel de centro dinamizador relevante. E foi, sobretudo, através das redes constituídas ao seu redor, as nacionais (relevantes na transposição das fronteiras portuguesas) e as internacionais (fundamentais para os viajantes,

²¹¹ PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-003/DC00241

²¹² «Pedido da agência de espectáculos públicos Lopez y Dubini para que sejam autorizadas a entrar em Portugal as russas Petrenke Nélene e Solovsky Zinaida» em PT/TT/MI-GM/004-14/343

²¹³ PT/AHD/3/MNE-SE-SC/DGNEC-RAC/046-003/DC00241, sublinhado no original

²¹⁴ «Propaganda comunista no concelho de Idanha-a-Nova» em PT/TT/MI-GM/004-28/68

²¹⁵ PT/TT/MI-GM/004-28/68

especialmente, porque através delas conseguiam obter documentação e dar seguimento ao roteiro através de outras coordenadas), que muitas daquelas viagens se tornaram possíveis. Algumas viagens da década de 30 continuaram a ser informadas por reptos motivacionais associados à IC. Caso de Francisco Paula de Oliveira, vulgo Pavel, que partiu para Moscovo “logo no início de Março de 1934, para integrar o Secretariado Latino da IC”, passando, assim, “a representar o PCP junto do Komintern”²¹⁶. Todavia, no decorrer da década de 30, assistir-se-ia ao despertar de outro tipo de estímulos, de resto sincrónicos das novas redes em que os comunistas portugueses viriam a participar no seio do movimento comunista internacional. As relações da FJCP com a IJC, por um lado, e, por outro, a formação académica e política passariam, então, a originar novas viagens até à URSS. No plano das primeiras, realizar-se-iam, por exemplo, as viagens de Gilberto Sousa²¹⁷ e Álvaro Cunhal²¹⁸ em função de um congresso da IJC, em 1935. Já no contexto da formação política e académica prestada pela Escola Internacional Lenine, podemos identificar os seguintes nomes de militantes comunistas que transpuseram as fronteiras nacionais rumo ao *Pais dos Sovietes*: Fernando Quirino²¹⁹, Armando Magalhães²²⁰, José Gregório (chegada a 19 de março de 1935), Francisco Miguel (30 de abril de 1935), António Bugio (22 de março de 1935), Sebastião Viola (10 de maio de 1935) e Manuel Domingues (18 de março de 1935). O historiador José Pacheco Pereira, utilizando os arquivos soviéticos, identificaria que “os primeiros estudantes portugueses chegaram em 1932. Numa estatística interna da IC referia-se que, dum total de 750 alunos da Escola havia, em 1932-33 dois portugueses e, em 1934-35, apenas um. A estes acrescentava-se um membro da FJCP, totalizando, para este primeiro período, quatro estudantes. [...] Em 1935, este número sobe significativamente com a chegada, entre Março e Maio de 1935, de novos estudantes, representando o único grupo de estudantes portugueses que realiza o curso em conjunto. Todos

²¹⁶ Madeira, *História do PCP*, p. 44.

²¹⁷ “Gilberto parte com Bento e Roque Júnior em Julho de 1935. Sairão pelo Alentejo no ponto de passagem para Rosal de la Frontera, em Espanha. Viajarão sem documentos, que só receberão em França. De Paris partirão de comboio, via Bruxelas, para Malmoe e Estocolmo na Suécia, depois para Helsínquia, onde entrarão na URSS por Leningrado. Chegarão a Moscovo vindos de Leningrado de comboio.” José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. «Daniel», o jovem revolucionário*, vol. 1º (Lisboa: Temas e Debates, 1999). p. 114

²¹⁸ “Cunhal só parte, já em pleno Verão [de 1935], com Domingos dos Santos. Saem igualmente pelo Alentejo para Espanha e atravessam os Pirenéus para chegar a França. Daqui seguem um trajeto diferente da primeira parte da delegação, visto que atravessaram de comboio a Alemanha nazi em direção à Polónia e, depois, chegam à URSS por via dos países bálticos. Cunhal veio mais tarde a comentar a dificuldade que foi «atravessar clandestinamente toda a Europa para chegar à URSS». Pacheco Pereira, p. 114

²¹⁹ “Fernando Quirino, serralheiro mecânica e dirigente da FCJP, foi o primeiro. Esteve na URSS cerca de 17 meses, muito para além da duração normal do curso, então de quatro meses, tendo participado em Moscovo em várias reuniões da IC, em particular no VII Pleno da ISV e no XII Pleno da IC, onde esteve com José Sousa e Manuel Alpedrinha.” Pacheco Pereira. p. 132

²²⁰ “operário vidreiro da Marinha Grande, enviado pelo PCP como quadro sindical.” Pacheco Pereira. p. 132

chegam sensivelmente na mesma altura e partem ao mesmo tempo, enviados em finais de 1936 para o interior de Portugal”²²¹.

Contudo, se estas viagens se desenrolaram no contexto da proximidade entre comunistas portugueses e o movimento internacional comunista, elas foram, também, um produto próprio da opressão que a ditadura salazarista destinava aos comunistas. Por isso, a década de 30 seria, de igual forma, contemporânea de viagens por exílio; muitas vezes, reflexo de grandes vagas de repressão, como o caso do 18 de janeiro de 1934. Figuras como Francisco Ferreira, vulgo Chico da CUF ou, ainda, Carolina Loff exilar-se-iam lá. É também nesta época que surgem datilografados no *Avante!* três textos de um dito emigrado comunista português na URSS, seu nome, José Borges.²²² A partir de 1938 as ligações comunistas entre Lisboa-Moscovo voltam a ser interrompidas. Em inícios de 1938, Pavel é aprisionado e nos finais daquele ano a IC suspende as relações com o PCP. Durante 1939 e 1940, dirigentes comunistas como Francisco Miguel, Carolina Loff, Ludgero Pinto e Álvaro Cunhal são capturados pela polícia política salazarista.

Temos sugerido, até aqui, que, principalmente, a partir da guerra civil espanhola, o Estado Novo robustece a «muralha proibitiva» das relações com a URSS que vinha adquirindo forma desde 1918 e que alguns portugueses (principalmente, próximos do contexto da resistência à ditadura e do PCP) conseguiram abrir algumas «fendas» nessa «muralha» e visitar a URSS. Todavia, importará denotar que, por um lado, nem sempre a dita «muralha» se apresentou no mesmo formato a todos os naturalizados em Portugal e que, por outro, nem todas as idas à União Soviética representaram, com efeito, «fendas». Quer isto dizer que o regime salazarista aparentou não demonstrar renitências com casos particulares de viagem, como foi o de J. M. Ferreira do Amaral. Embora, esta metáfora da «muralha» e das «fendas» se revista de uma certa validade para interpretar as viagens decorridas durante o entreguerras, houve quem, na época, julgasse que a dita «muralha», ao em vez de envolver Portugal, circundava a Rússia. Voltemos a Ferreira do Amaral:

²²¹ “o regime era de internato, e os estudantes recebiam um salário. Os portugueses estaavam alojados na Rua Gogol, numa casa que foi depois o Clube dos Xadrezistas, tendo sido, em seguida, mandados para outra casa junto do Parque Gorki. O primeiro desses estudantes idos de Portugal recebia 4 rublos por dia em 1932. Em 1936, os estudantes recebiam 762 rublos por mês, ou 25 rublos e 40 kopeks por dia, o que, não permitindo luxos, era suficiente para viverem. Todos tinham um pseudónimo próprio que usavam na Escola e documentos de identificação que lhes permitiam passar por emigrados económicos, escondendo assim as suas atvidaaes políticas.” Pacheco Pereira. p. 132

²²² A este propósito, ver: «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº30, 1ª quinzena de março de 1937, p. 4; «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº31, 2ª quinzena de março de 1937, p. 2; «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº32, 1ª quinzena de abril de 1937, p. 2

«Não é impunemente que qual inofensivo cidadão português faz uma visita pacata à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. De há muito que ouvia falar nas dificuldades políticas levantadas pelas autoridades russas aos excursionistas burgueses. Desde sempre, aqui em Portugal, me haviam chegado aos ouvidos narrativas impressionantes de perseguições selvagens a quem ousasse atravessar corajosamente as fronteiras soviéticas.»²²³

1939 – 1955

Vimos que, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, o primeiro grande ciclo de viagens até à URSS é interrompido. Não alheio aos ritmos de circulação de sujeitos no espaço soviético desta época, o já diminuto número de forasteiros portugueses que se dirigia para o País dos Sovietes vê-se diacronicamente mais encurtado. Com as redes entre o PCP e o movimento comunista internacional interrompidas desde 1938, e com a entrada daquele partido num novo processo de reorganização, a partir do início dos anos 40, as viagens comunistas entre Lisboa-Moscovo, durante o período do conflito mundial²²⁴, são praticamente extintas. Não obstante, fora dos circuitos comunistas, houve ainda quem conseguisse viajar de Portugal

²²³ do Amaral, *O paraíso bolchevista e... a mentira: uma viagem à Rússia*, p. 1.

²²⁴ No referente à distribuição de saberes sobre a URSS, em Portugal, o período da guerra traz algumas novidades. Apesar da grande maioria dos livros e textos, elaborados por escritores portugueses, continuarem, como demonstra Vilhena, a dotar-se de uma perspetiva anti-soviética e anticomunista, a periodicidade do conflito albergou a possibilidade de introdução de alguma literatura oriunda de intelectuais soviéticos na sociedade portuguesa, sem que, ao contrário do que comumente sucedia, esta fosse alvo de censura. Foi o caso do livro *O Homem e o Livro*, de M. Iline, editado pela Biblioteca Cosmos, de resto, o livro que inaugurou a atividade daquela editora próxima de militantes comunistas. Ademais, fintando também a censura, em 1941, Herlander Ribeiro publicará *A Rússia: estudos históricos*, uma monografia recentrada numa interpretação da história da Rússia que não se comprometia com uma visão anti-soviética ou anticomunista. Inocentemente ou não, a publicação destes dois trabalhos faz-se no mesmo ano em que a União Soviética entra na guerra. Assim, será, sobretudo, a partir de 1941, que se enformam novos circuitos de transmissão de saberes sobre o País dos Sovietes – sobretudo, a propósito de informações e notícias relacionadas com a guerra. No entanto, se o regime salazarista foi permissivo quanto à penetração, em Portugal, de propaganda das potências do Eixo (especialmente, a nazi), por um lado, e, por outro, de propaganda de alguns representantes dos Aliados (sobretudo, a britânica), a mesma regra de permissividade não seria aplicada à propaganda soviética. Durante a segunda guerra, os veículos de disseminação de propaganda soviética, mantendo-se na clandestinidade, permaneceram os mesmos que já vinham dando sinais de operacionalidade. Como relembra Myre Dores, “neste contexto desempenharam um enorme papel as emissões da Rádio Moscovo, que eram atentamente seguidas por enorme inúmero de portugueses (há quem afirme que era a segunda rádio estrangeira de maior audição em Portugal depois da BBC) e a imprensa clandestina, com especial relevo para o jornal «Avante!», que em todos os números dedicava uma página inteira aos sucessos do Exército Soviético. Vale a pena assinalar que o título dessa rubrica era «A URSS vencerá!», o que dá bem a medida da confiança que desde a primeira hora as forças progressistas mais consequentes tinham na vitória do Exército Soviético, mesmo muito antes de ser visível para toda a gente a inevitabilidade dessa vitória”. Destacando, ainda, que “Nas casas de muitos portugueses, os avanços do Exército Soviético no terreno eram seguidos e assinalados nos mapas da Europa e os nomes dos mais eminentes chefes militares soviéticos e as vitórias dos seus exércitos eram largamente conhecidas, pelos democratas portugueses. A vitória da URSS em Stalinegrado, a heróica resistência dos soviéticos no bloqueio de Leninegrado, as batalhas de Moscovo e de Kursk, a libertação da Ucrânia e da Bielorrússia e de sucessivos povos da Europa Oriental e a conquista de Berlim eram acontecimentos conhecidos e comentados vivamente nos meios democráticos portugueses e entre o povo em geral.” Dores, «Profundas raízes de uma grande amizade».

até à URSS depois de 1938. Caso, por exemplo, de José da Silva Barreira (industrial do setor corticeiro) que se desloca à URSS num contexto de visita de negócios, em 1939²²⁵.

Posicionado no tempo da Segunda Guerra Mundial e paralelo a uma mais larga reorientação do movimento comunista internacional, esteve o processo de reorganização (a segunda) do PCP. Como argumentou José Neves, a partir daquele momento, “o PCP torna-se uma força organizativa a tal ponto sólida que as estratégias repressivas empreendidas pelo Estado não mais voltarão a conseguir derrubá-lo. O *Avante!* ganha rotina, a propaganda de rua aumenta, a circulação interna de documentos intensifica-se, o envolvimento da direção partidária em frentes políticas unitárias dinamiza-se e os intelectuais comunistas mobilizam-se em vários projetos culturais”²²⁶. Se a situação internacional ante o apoio da resistência soviética e da luta ideológica contra a frente nazi-fascista constituía uma importante porção das questões que preenchiam o dia-a-dia da agenda e da mobilização comunista durante a guerra, não menos importantes foram os movimentos grevistas que, a partir de 1941, começaram a ocupar o território português. Será, no momento de viragem da guerra e, sobretudo, no pós-guerra que o relançamento do partido se congrega com o relançamento de uma esperança para a frente unitária antifascista, em Portugal. O dia da celebração da vitória dos Aliados seria disso exemplo. Dia em que, em Lisboa, multidões saem à rua para celebrar a derrota do nazi-fascismo, diante de um regime que não tinha dispensado de decretar o luto de Hitler. Dia em que alguns sujeitos desfilavam «com um pau de bandeira simbolizando a bandeira da URSS»²²⁷ ou com bandeiras do Sport Lisboa e Benfica “cujo encarnado aludia ao vermelho da URSS”²²⁸.

O fim da guerra e a vitória dos Aliados trouxe consigo um novo paradigma, pelo menos durante 1945-46, para o regime salazarista. Se até então a repressão de manifestações de simpatia pela URSS tinha marcado passo no contexto português, o pós-guerra (talvez, mesmo durante a guerra) assiste a uma curta abertura política onde, segundo Myre Dores, «foi possível editar mesmo alguns livros sobre aspectos da vida da URSS ou de autores soviéticos nalgumas editoras progressistas. Mesmo na imprensa, [...] não era possível esconder completamente o papel da URSS na guerra e em toda a vida internacional no após-guerra.»²²⁹ Em 1946, o *Avante!* clandestino reclamava pela primeira vez pelo «ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES

²²⁵ Ignacio García Pereda, *Junta Nacional da Cortiça (1936-1972)* (Lisboa: Euronatura, 2009). p. 57

²²⁶ Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, p. 5.

²²⁷ Dores, «Profundas raízes de uma grande amizade».

²²⁸ Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, p. 5.

²²⁹ Dores, «Profundas raízes de uma grande amizade».

DIPLOMÁTICAS E COMERCIAIS COM A URSS»²³⁰, ao mesmo tempo que teorizava sobre uma viragem na vida política portuguesa. Uma viragem que a ser orientada para o “INTERESSE DO POVO E DA PÁTRIA” fizesse substituir “a actual política dos grandes monopólios **por uma política verdadeiramente nacional**” e onde, em vez do governo salazarista, vigorasse «UM GOVERNO DE PORTUGUESES HONRADOS [...] UM GOVERNO DE CONCENTRAÇÃO NACIONAL com representação de todas as cores políticas nacionais»²³¹.

No entanto, ante a emergência da Guerra Fria, as oportunidades para o regime salazarista continuar a recusar entendimentos diplomáticos com a URSS e perpetuar o repúdio pelo *País dos Sovietes* retomam. E se é certo que, até dado momento, o regime procurou afastar-se das duas grandes áreas de influências constituídas em torno dos EUA e da URSS na Guerra Fria, reconhecendo as valências de projetos alternativos como o caso do projeto Euro-Africa (1946-1948), a posterior inclusão de Portugal na NATO, em 1949, à manutenção da repulsa pelos comunismos e pelos soviéticos – uma repulsa quanto à natureza política do regime, mas que não vinha só do lado português. Também no segundo pós-guerra a URSS teve a oportunidade de demonstrar na arena internacional a sua antipatia para com o regime salazarista e para com o império colonial, como ilustrado nos sucessivos bloqueios impostos pelos soviéticos à entrada de Portugal na ONU, até 1955.

A segunda metade da década de 40 mostrou-se, ainda, pouco profícua quanto à realização das viagens traçadas de Portugal até à URSS. Ainda assim, algumas viagens concretizam-se. No ano da celebração do trigésimo aniversário da revolução de 1917, Álvaro Cunhal voltará a furar clandestinamente fronteiras, rumando para a URSS e visitando as novas repúblicas socialistas de Leste²³². A viagem de Cunhal marcaria o início do processo de reconexão entre o PCP e o movimento comunista internacional. Porém, e como notou o historiador Pacheco Pereira “o retomar das ligações com o movimento comunista internacional do PCP, em 1948, abriu novos canais de acesso que demoraram algum tempo a ser utilizados em pleno.”²³³

Na primeira metade da década de 50, já com Cunhal no cárcere, “o grosso das relações internacionais dos comunistas portugueses vai passar pelos movimentos frentistas criados pelos

²³⁰ “No interesse do Povo e da Pátria impõe-se urgentemente uma viragem na política nacional”, *Avante!*, nº 96, dezembro de 1946, p.4, maiúsculas e negrito no original.

²³¹ *Avante!*, nº 96, dezembro de 1946, p.4, maiúsculas e negrito no original.

²³² Estada dois meses pela União Soviética e, em Moscovo, virá a requerer a Baranov e Suslov que “sejam enviados para trabalhar no Comité para a Rádio [Moscovo] vários comunistas de Portugal”; pedido, contudo, que se vê recusado. José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. Duarte, o Dirigente Clandestino*, vol. 2º (Lisboa: Temas e Debates, 2001). p. 781

²³³ Pacheco Pereira. p. 780

soviéticos no pós-guerra e menos por contactos directos entre o PCP, o PCUS e outros partidos comunistas, embora estas também tenham existido”²³⁴. Ainda em 1948, fora da geografia soviética, uma delegação composta por Alves Redol, Fernando Lopes-Graça, João dos Santos, Hermínia Grijó dos Santos, Manuel Valadares²³⁵ e Maria Valadares é enviada para a República da Polónia para participarem no Congresso de Wroclaw. Em 1950, Manuel Valadares é enviado para Varsóvia para atender ao II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. Depois, em 1953, três iniciativas animam viagens de comunistas portugueses. Vasco Cabral compadece no Congresso dos Povos para a Paz, em Varsóvia; Maria Lama é enviada para Copenhaga para participar no Congresso Mundial das Mulheres; e ambos (Cabral e Lamas) são, depois, enviados para participar no Conselho Mundial da Paz em Budapeste. Ainda em 1953, uma delegação do MUD juvenil parte em direção a Bucareste para participar na IV Festival da Juventude Democrática²³⁶. Em 1955, na Assembleia Mundial das Forças Pacíficas, decorridas em Helsínquia, fizeram-se apresentar Domingos da Costa Gomes, António José Saraiva, Ruy Luís Gomes, Maria Lamas e Manuel Valadares. Naquele mesmo ano, alguns jovens próximos do PCP rumaram para Varsóvia para participar no V Festival Mundial da Paz²³⁷.

As iniciativas deste tipo relacionaram-se com o restabelecimento dos laços entre o PCP e o movimento comunista internacional na fase do Cominform, ante a longa viagem de Álvaro Cunhal empreendida em 1947-48. No entanto, o modo lento como este processo se desenvolve encontra relações diretas com a própria situação interna do PCP nos inícios dos anos 50 – a prisão de Cunhal em 1949 e a crise de direção do PCP que se lhe segue. Será, sensivelmente, na segunda metade da década de 50 que vamos encontrar o PCP a intensificar a sua atividade

²³⁴ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. O prisioneiro (1949-1960)*, p. 337

²³⁵ Diz-nos João Madeira que: “Valadares vai participar em reuniões e iniciativas internacionais promovidas pelo Conselho Mundial da paz, organização criada pelo Kominform, pertencendo desde 1949 ao Comité do Congresso Mundial dos Partidários da Paz. A sua presença será sistematicamente assinalada nessas reuniões e encontros – na Conferência da Paz de Varsóvia com João Santos no Congresso Mundial da Paz; em Sheffield, na Grã Bretanha; no Congresso dos Povos para a Paz, em Viena; bem como nas várias reuniões do Conselho Mundial. É a ele que em 1953, na sequência do Congresso de Viena, o Conselho Mundial da Paz solicita outros nomes de portugueses para integrar o Conselho e nesse mesmo ano serão eleitos Ruy Luís Gomes, Maria Lamas e António José Saraiva, todos ainda no interior do país, sendo os dois últimos militantes comunistas, constituindo uma representação que assim se manterá pelo menos até 1958-59. Além disso, Valadares, não sendo funcionário político do PCP e apesar de absorvido pela carreira de investigador, carregou com as tarefas partidárias inerentes à função que desempenhava, designadamente responder à correspondência com a Direção no interior, o estabelecimento de canais e ligações quer ao PCF como a outros partidos comunistas, providenciando credenciais para o trânsito de delegações portuguesas aos mais variados congressos de organizações periféricas do Komimform, além do Conselho Mundial da Paz, como a Federação Mundial da Juventude Democrática ou a Federação Sindical Mundial.” Madeira, «O Partido Comunista Português e a Guerra Fria: “sectarismo”, “desvio de direita”, “Rumo à vitória” (1949-1965)», p. 693.

²³⁶ “O IV Festival da Juventude Democrática em Bucareste”, *Avante!*, nº182, novembro de 1953, p.1

²³⁷ As viagens citadas, encontram-se em: Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. O prisioneiro (1949-1960)*.

internacional, já sob a direção de Júlio Fogaça, (re)estabelecendo relações com o PCE, PCF e PCI e enviando com maior frequência os seus militantes para países socialistas, num momento que, ante a morte de Estaline, em 1953, os ímpetus da desestalinização começavam a acompanhar as aspirações de alguns dirigentes soviéticos, depois seguidos pelos dirigentes do PCP da década de 50.

1956 – 1967

Entre 14 e 24 de fevereiro de 1956, Moscovo acolhe grupos de delegados representantes das diversas parcelas do movimento comunista internacional no XX Congresso do PCUS. Existem omissões quanto à possível representação de comunistas portugueses no Congresso – omissões, de resto, justificadas pelo carácter clandestino do PCP. Ainda assim, houve quem sugerisse que comunistas portugueses tivessem marcado presença no Congresso²³⁸.

Pela segunda metade da década 50 a atividade internacional do PCP intensifica-se. “No início (?) de 1956, Pires Jorge sai clandestinamente de Portugal e inicia uma série de contactos com os mais importantes partidos comunistas da Europa, com o PCE, o PCF, o PCI e o PCUS, apresentados como encontros para a «preparação do V Congresso» do PCP. É apoiado por Pedro Soares que se encontra fora de Portugal, onde só regressa, clandestino, em 1957. Vilarigues sai também nesta altura, mas desconhecem-se mais pormenores desta actividade internacional”²³⁹. O PCP começava agora a possuir relações internacionais regulares, com vários membros da direção a realizar viagens: “Fogaça (em Roma), Jaime Serra (na URSS e China), Pires Jorge (na URSS, Itália e França) e Dias Lourenço (na URSS).”²⁴⁰ Em 1957, um grupo de jovens dirige-se até Moscovo para participarem no VI edição do Festival Mundial da Paz²⁴¹, depois reprimidos pelo regime. Ainda em 1957, possivelmente em prol do quadragésimo aniversário de outubro de 1917, coevo, ademais, do lançamento do Sputnik II, chega a Moscovo «um grupo de camaradas portugueses» que no *Avante!* clandestino viriam a resumir «as suas impressões de visita a alguns países do campo socialista»²⁴². Em abril de 1958, Cândida Ventura sai ilegalmente de Portugal para visitar a URSS. Em 1959, delegações do PCP

²³⁸ Por exemplo Francisco Ferreira sugere que Octávio Pato esteve presente no Congresso. Francisco Ferreira, refere também que Júlio Fogaça esteve em 1956 na URSS, tendo sido, segundo o historiador João Madeira, convicção de Francisco Martins Rodrigues que Fogaça assistira ao XX Congresso do PCUS. Ver Francisco Ferreira, *26 anos na União Soviética. Notas de exílio do Chico da C.U.F.* (Lisboa: Edições Afrodite, 1975), p. 31 (Fogaça) e p. 135 (Octávio Pato).

²³⁹ *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. O prisioneiro (1949-1960).*

²⁴⁰ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. «Daniel», o Secretário-Geral*, 4º, p. 118.

²⁴¹ «Participação de uma Delegação da Juventude Portuguesa no Festival Mundial da Juventude, 6º, Moscovo» em PT/TT/AOS/D-M/029/0016/00015

²⁴² «O Socialismo em Marcha, Nós vimos florir um mundo novo», *Avante!*, nº 268, 1º quinzena de dezembro de 1958, p.4

marcarão, ainda, presença no XXI Congresso do PCUS e nos Congressos dos PC da Polónia e da RDA²⁴³.

Esta ampliação da atividade internacional do PCP era contemporânea de alguma valorização das relações culturais traçadas entre a URSS e Portugal por parte dos soviéticos²⁴⁴. Nas palavras do historiador José Neves, “antes do festival [de 1957] propriamente se iniciar é inaugurado em Moscovo uma exposição de livros com obras de intelectuais portugueses como António José Saraiva, Fernando Namora ou Manuel Mendes e reproduções de quadros de Abel Salazar. Paralelamente, no Museu Histórico de Moscovo, organizava-se uma sessão solene dedicada a Portugal. A sessão tem como orador um engenheiro soviético que estivera em Portugal um ano antes e que relata, entre outras peripécias, a experiência de ida a uma corrida de touros. Em seguida, uma jovem russa declama em português um texto de António Borges Coelho premiado no Primeiro Festival Nacional da Juventude [...] e, por fim, a sessão termina ao som de Amália Rodrigues”²⁴⁵. No contexto destas relações de festa entre povos desenvolver-se-iam trânsitos Lisboa-Moscovo e Moscovo-Lisboa, fazendo com que portugueses visitassem o *Páis dos Sovietes* e com que soviéticos conhecessem a geografia em que qual os comunistas resistiam à ditadura salazarista. Em abril de 1958, o *Avante!* anunciava que Sequeira da Costa²⁴⁶ e Sérgio Varela Cid, pianistas, se encontravam em Moscovo. Ambos marcavam presença no Concurso Tchaikovski, «o primeiro como membro do júri, ao lado dos maiores pianistas soviéticos, americanos, chineses e de outros países, o segundo como concorrente ao concurso de piano»²⁴⁷. No entanto, a viagem dos dois pianistas cedo preocupou os comunistas portugueses e alguns pianistas soviéticos. Gleb Borissovitch Axelrod, pianista e professor no Conservatório de Moscovo, incomodado com proibição colocada pelo regime à viagem da pianista Maria Regina de Vasconcelos e preocupado, ainda, com as futuras implicações das viagens de Costa e Cid, decidi dirigir uma carta a António de Oliveira Salazar. Questionando o ditador sobre «quais os prejuízos que resultaram para Portugal (...) das apresentações de Sequeira Costa e Varella Cid no meu país?», o pianista soviético não dispensava de criticar o facto das «autoridades portuguesas fecharam o caminho ao intercâmbio dos mais preciosos valores do mundo: a música, a poesia, a pintura - numa palavra, as artes»²⁴⁸. Mas, além da

²⁴³ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. O prisioneiro (1949-1960)*, p. 689).

²⁴⁴ Em abril de 1958, o *Avante!* anunciava intercâmbios de livros entre Portugal e a URSS. Ver: “Intercâmbio de Livros entre Portugal e a URSS”, *Avante!*, nº 253, 2ª quinzena de abril de 1958, p. 2

²⁴⁵ Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, p. 48

²⁴⁶ A viagem de Sequeira da Costa será escutada pela PIDE através da Rádio Moscovo, ver: «Correspondência de José Carlos de Sequeira Costa» em PT/TT/AOS/E/0080/00031.

²⁴⁷ «Concurso Tchaikovski: 2 pianistas portugueses na URSS» *Avante!*, nº 252, 1ª quinzena de abril de 1958, p. 4

²⁴⁸ «Correspondência de Gleb Borissovitch Axelrod» em PT/TT/AOS/E/0018/00009

preocupação com Costa e Cid, Axelord mostrava-se, ainda, inquieto com a participação de David Oistrakh e de Aram Khatchaturian num Festival a realizar na Fundação Gulbenkian, bem como com a possível apresentação «do Circo de Moscovo no Coliseu dos Recreios de Lisboa»²⁴⁹. A «muralha» do regime via-se, então, abanada através de diversas investidas quer oriundas do interior, quer oriundas do exterior.

No decorrer da década de 50 e 60, iniciativas internacionais em âmbitos culturais, científicos, técnicos e desportivos continuariam a abanar o muro. Mas não só. Reivindicações quanto ao restabelecimento das relações diplomáticas e, mais importante, comerciais voltariam a ser expressas. O próprio PCP nos seus ditos *desvios à direita* conciliados com a coexistência pacífica, fazia questão de através do *Avante!* reclamar pela «liberdade de Comércio com todos os países!»²⁵⁰, invocando, tal qual como outrora *A Sementeira*, as possíveis pertinências para a população portuguesa advindas dessas relações. No entanto, não só o PCP se mostrou interessado nessa abertura. Américo Amorim, empresário corticeiro, depunha, em 1999, que «em 1958 visitei Moscovo pela primeira vez. A ex-URSS com os seus cerca de 350 milhões de habitantes era um mercado potencial importante. Produziam grandes quantidades de vinho, champagne e conhaque», no entanto, «as relações entre Ocidente e o ex-bloco Socialista eram tensas nos planos político e militar e praticamente inexistentes no plano económico e comercial»²⁵¹. Amorim não lutara pela abertura das relações entre Portugal e a URSS, como outros, mas, nem por isso deixara de lado as suas intenções. Relata: «abrimos em 1967 uma empresa em Viena – Áustria –, a Korken Schiesser. [...] foi através desta empresa que exportámos os nossos produtos para a ex-URSS»²⁵². Amorim realizou na sua totalidade 52 viagens à URSS, afinal, ele fazia negócios «independentemente das ideologias, independentemente dos diversos poderes, sem grande problema.»²⁵³ Apesar de discursos tão divergentes como os do PCP e o de Amorim insistirem na ideia da inexistência de relações comerciais entre Portugal e a URSS é possível argumentar que, na verdade, as relações comerciais entre estes dois países continuariam durante a segunda metade do século XX²⁵⁴, sendo, por várias vezes, as transferências de cortiça portuguesa e do petróleo soviético objeto de discussão entre representantes dos dois países²⁵⁵.

²⁴⁹ «Correspondência de Gleb Borissovitch Axelrod» em PT/TT/AOS/E/0018/00009

²⁵⁰ «Pela liberdade de Comércio com todos os países!», *Avante!*, nº 221, 2ª quinzena de setembro de 1956, p. 4

²⁵¹ Amorim, «Depoimento», p. 136.

²⁵² Amorim, p. 136.

²⁵³ Amorim, p. 136.

²⁵⁴ Amorim, p. 136.

²⁵⁵ Ver: Instituto Diplomático, *Relações entre Portugal e a Rússia: séculos XVIII e XX*, pp. 136–137.

Apesar destas tramas, a ditadura não dispensou de continuar a censurar discursos *filosoviéticos* e a prosseguir a perpetuar discursos anticomunistas e anti-soviéticos. As campanhas do Estado Novo contra a divulgação da Rádio Moscovo expandem-se, como se alargaram as investidas contra os próprios comunistas, tidos não poucas vezes pela ditadura como embaixadores dos interesses do Moscovo. Nas palavras de Rui Bebiano, “não menos importante para este processo, como propaganda negativa, produzindo por vezes resultados contrários daqueles que eram esperados, era, porém, a própria forma de inscrição da União Soviética [...] nos textos da propaganda, nos longos e ameaçadores editoriais da Emissora Nacional, nas notícias do *Diário da Manhã*, em algumas notas do governo e determinadas proclamações de alguns dos sectores mais conservadores da Igreja católica. Sob a influência das peripécias e dos fantasmas da Guerra Fria, mas em Portugal devido também ao carácter vivamente anti-comunista do regime e de largos sectores da sociedade, a essa crítica era associado o combate a um “inimigo interno”, espécie de agente de uma “quinta coluna” supostamente infiltrada, com grande perigo, dentro do território nacional.”²⁵⁶

Mas nem por isso as simpatias pela URSS deixariam de circular pela sociedade portuguesa. Entre 1954 e 1961, o boletim clandestino «Portugal-URSS»²⁵⁷ foi sendo publicado – produzido nas tipografias clandestinas do PCP, sendo a sua edição atribuída à responsabilidade de Carlos Aboim Inglez, um importante quadro do partido que, em 1958, ascenderia ao CC –, apelando às várias concretizações soviéticas, sobretudo, às relacionadas com o cosmos. A ditadura foi respondendo a estas pressões oriundas da sociedade civil de forma ambígua e muitas vezes contraditória. Por um lado, e como escreveu Armando Myre Does,

«[data] desta época a autorização para a exibição em Portugal de alguns filmes soviéticos que tiveram enorme sucesso. No final da década de 50 e por toda a de 60, vários cientistas portugueses procuraram estabelecer relações com diversas instituições científicas soviéticas, através dos respectivos periódicos e demais publicações das suas especialidades. Assim, foram publicadas nas revistas soviéticas de vários sectores informações sobre a ciência portuguesa e, vice-versa, a imprensa especializada portuguesa pôde publicar notícias sobre a ciência soviética, além dos laços de boa amizade que se foram firmando individualmente entre os cientistas de ambos os países. Sucedeu isso, por exemplo, com a Revista da Faculdade de Ciências, com a Gazeta de Matemática, com os Anais Portugueses de Psiquiatria, entre outros. [...] Em Portugal, assinalam-se nos fins dos anos 50 – começo dos anos 60 os primeiros passos para o ensino legal da língua russa nos meios científicos e universitários em Lisboa e Coimbra.»²⁵⁸

²⁵⁶ Rui Bebiano, *O Poder da Imaginação. Juventude, rebeldia e resistência nos anos 60* (Coimbra: Angelus Novus, 2003), p. 149.

²⁵⁷ Exemplos do boletim podem ser consultados em «Portugal-U.R.S.S.», nº 1, Janeiro de 1958 - Fevereiro de 1958, Fundação Mário Soares / DST - Documentos Souto Teixeira, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_56712 (2025-2-25)

²⁵⁸ Does, «Profundas raízes de uma grande amizade».

Data ainda de 1962 o X Congresso Internacional da Vinha e do Vinho realizado em Moscovo, no qual participa uma delegação portuguesa chefiada por Luís Cincinato da Costa, engenheiro agrónomo, que após a visita endereçara a Salazar uma cópia do livro *Les Paysans Soviétiques* de Jean Chombart de Lauwe²⁵⁹. Entretanto, a ditadura não dispensou de confrontar a concretização de determinados eventos, opondo-se ao estabelecimento de certas relações entre portugueses e soviéticos, especialmente, após a eclosão das guerras coloniais. Foi disso caso, por exemplo, a proibição do Estado Novo imposta ao Sport Lisboa e Benfica, em 1965, no contexto de um jogo com o Spartak Moscovo a ser disputada em coordenadas soviéticas²⁶⁰.

Em 1960, acompanhado de outros dirigentes e militantes comunistas, Álvaro Cunhal concretiza com sucesso a fuga da Fortaleza de Peniche e, em 1961, parte em direção a Moscovo. Depois, sua filha e companheira, Ana Cunhal e Isaura Moreira, seguem-se-lhe. A decisão política de enviar Cunhal no exterior foi fundamentada, claro, por motivos de segurança. Antes da ida de Cunhal para a URSS, Moscovo havia acolhido, em novembro de 1960, “uma delegação que não era de alto nível (Pedro Soares?)” na Conferência dos PCs – “a última grande conferência unitária do movimento comunista internacional”²⁶¹. Ao chegar a Moscovo, Cunhal encontrou alguns comunistas portugueses já lá instalados, enquanto outros viriam a juntar-se posteriormente. A comunidade de comunistas portugueses em Moscovo passou a ser constituída por Francisco Ferreira, José Lopes Baptista (ambos trabalhadores na Rádio Moscovo), Francisco Miguel, Margarida Tengarrinha e o próprio Cunhal. Em 1964, Manuel Rodrigues da Silva passa a integrar este grupo e, em 1965, António e Júlia Velasco, vindos da Roménia, também a ele se juntam, enquanto trabalhadores da Rádio.

Como argumentara Pacheco Pereira, “a comunidade portuguesa na URSS vai aumentar muito desde a chegada de Cunhal. Não só à volta de Cunhal se constitui uma rede de apoio, como, em breve, Moscovo vai passar a ser um ponto de encontro e passagem regular para muitos comunistas portugueses que vêm fazer “cursos” à URSS”²⁶². Entre 1961 e 1974, “Cunhal calcula que [...] cerca de cem estudantes foram por via do PCP para a URSS”, seguindo, na sua maioria, o trajeto “habitual: Paris – Zurique – Praga – Moscovo”²⁶³. Pacheco Pereira efetuou um levantamento sobre alguns dos integrantes destes cursos, entre eles: em

²⁵⁹ «Correspondência de Luís Cincinato da Costa» em PT/TT/AOS/E/0079/00035

²⁶⁰ «Quando Salazar proibiu o Benfica de Eusébio de ir à Rússia», *Diário de Notícias*, 20 de novembro de 2017, em: <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/quando-salazar-proibiu-o-benfica-de-eusebio-de-ir-a-russia-11355430.html> (consultado em 17/3/2025)

²⁶¹ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. «Daniel». O Secretário-Geral*, p. 123.

²⁶² Pacheco Pereira, p. 101.

²⁶³ Pacheco Pereira, p. 148.

1961, Duarte Pinto, Fernando de Sousa, Adelino da Silva, Francisco Bonifácio e Manuel Colhe; em 1962, José Inácio, Joaquim Labaredas, “Mendes”, “Horta”, Joaquim dos Santos, Marçal Florêncio e Veríssima Rodrigues; entre 1962 e 1963, António Garça; em 1964, João Marques, António Cesário e Jorge de Deus; em 1966, Raimundo Narciso, Maria Pulquério e “Mariana”; cerca de 1967, Henrique da Graça, Carlos da Silva e Sebastião “Capilé”; em 1969, Sofia Ferreira; por volta de 1973, Úrsula Pulquério. Mas, “a passagem de Álvaro Cunhal para o exterior acabou também por abrir uma *dinâmica silenciosa*: o exílio de mais de uma dezena de filhos de dirigentes clandestinos do PCP para uma escola internacionalista na União Soviética”²⁶⁴, a Interdom. Maria Armanda Serra (chegada em 1963), Odete da Graça Rio (1963), Manuel Silva (1963), Joaquim Carvalho Paulo (1964), Ana Carvalho Paula (1964), Catarina Esteves (1964), Luís Carlos Lagarto (1964), José Leal (1964), Alberto Caeiro Costa (1968), José Serra (1968), Helena Caeiro Costa (1972), Cecília Costa e Luís Costa seriam enviados para a URSS como *filhos da clandestinidade*²⁶⁵.

Em dezembro de 1961, uma delegação portuguesa parte para o V Congresso Sindical Mundial em Moscovo. Meses antes, em julho e agosto, jovens portugueses haviam se deslocado para a capital da República russa a propósito do Fórum Mundial da Juventude. Em março de 1963, o *Avante!* publica um relato de Francisco Miguel, do Comité Central do PCP, a propósito da visita deste a uma aldeia da Bulgária. Depois, ainda em 1963, realiza-se uma reunião do CC do PCP em Moscovo, a primeira fora de Portugal, que, além de Cunhal, convocar a viajar Francisco Martins Rodrigues e Vilarigues, Pedro Ramos de Almeida e Veiga de Oliveira a viajar (Joaquim Gomes também participa na reunião, mas já se encontrava no exterior). Moscovo volta a ser percorrida por comunistas portugueses em outras duas ocasiões daquele ano: a primeira, em julho, a propósito do Congresso Mundial das Mulheres; a segunda, em outubro, a propósito do Congresso dos Sindicatos Soviéticos. Em 1964, uma nova reunião do Comité Central faz comunistas portugueses deslocarem-se para Praga. Naquele ano, segundo Helena Pato, segue também uma delegação portuguesa (dez integrantes, dos quais duas mulheres) para o Fórum da Juventude, em Moscovo, sendo, poucos dias depois realizada, também em Moscovo, uma «conferência de solidariedade com os povos de Portugal, da Espanha e da Grécia»²⁶⁶, onde também participariam comunistas portugueses. Em 1965, uma

²⁶⁴ Cunha, «Os Comunistas Portugueses no Exílio (1960-1974)», p. 139.

²⁶⁵ Ver: Adelino Cunha, *Os Filhos da Clandestinidade. A História da Desagregação das Famílias Comunistas no Exílio* (Lisboa: Esfera dos Livros, 2016).

²⁶⁶ Helena Pato, *A noite mais longa de todas as noites: 1926-1974* (Lisboa: Edições Colibri, 2018), p. 111.

outra reunião do CC promove viagens para Moscovo²⁶⁷. Meses depois desta última reunião, cerca de trinta delegados são convocados para o VI Congresso do PCP em Kiev²⁶⁸.

Por esta altura, a maioria do secretariado do PCP encontrava-se no exterior. As reuniões do CC do PCP passaram a realizar-se, entre 1963 e 1974, na URSS ou em outras coordenadas do dito mundo socialista, resguardadas, de resto, da repressão da ditadura e beneficiando dos apoios logísticos facultados pelos “partidos-irmãos”. Com efeito, é nesta conjuntura que assistimos ao aprofundamento das relações do PCP com o movimento comunista, do ponto de vista bi e multilateral, num momento ainda pautado pela internacionalização da figura de Cunhal no mundo socialista²⁶⁹.

Em 1966, as relações do PCP com a URSS viram-se dominadas pelo XXIII Congresso do PCUS, o primeiro congresso de Brejnev. Presentes no XXIII Congresso estiveram Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues da Silva e “«António Costa» apresentado como suplente do CC.”²⁷⁰ Em 1967, novas jornadas até à URSS são concretizadas, sobretudo dominadas pelo cinquentenário de outubro de 1917. Em julho, «uma delegação de jovens portugueses» participa «no encontro internacional da Juventude realizado em Leningrado [...] para comemorar o 50º aniversário da Revolução de Outubro»²⁷¹. Ainda a propósito daquele cinquentenário, uma «comunista portuguesa»²⁷² em representação do *Avante!*, dirige-se à URSS a convite da *Komsomol* (Juventudes Comunistas da URSS), depois relatando parte da sua viagem na imprensa clandestina do PCP. Em novembro, uma delegação do PCP composta por Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues da Silva e “Manuel Costa” marca presença nas celebrações oficiais da revolução de Outubro assinaladas no dia 7 de novembro, lado a lado com José Vitoriano, também ele convidado pelos sindicatos soviéticos. Ainda em 1967, entre 24 e 26 de abril, na cidade checa de Kalovy Vary juntar-se-iam vários representantes na Conferência dos Partidos Comunistas Europeus. A delegação do PCP vê-se composta por Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues da Silva e “António Santos”²⁷³. Ainda em 1967 é publicado Люди как скалы –

²⁶⁷ Ver: Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. O Secretário-Geral*, pp. 326-327.

²⁶⁸ José Augusto Silva Marques embarca para uma viagem à URSS a propósito desta reunião e sobre ela viria a escrever em: José Augusto da Silva Marques, *Relatos da Clandestinidade - o PCP visto por dentro* (Lisboa: Edições Jornal Expresso, 1976).

²⁶⁹ No *Avante!*, acompanham-se algumas das entrevistas concedidas por Álvaro Cunhal a órgãos de imprensa, rádio e televisão do mundo socialista. Francisco Ferreira, noutra ocasião, atribuir-lhe-ia a designação de “herói soviético”, sublinhando a relevância das entrevistas conduzidas por Yulia Leonidovna Petrova – divulgadas pela agência de notícias Nóvosti e pelo *Pravda* – na construção dessa imagem. Francisco Ferreira, *Álvaro Cunhal – Herói Soviético* (Lisboa: Edição de autor, 1976)

²⁷⁰ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. «Daniel»*. *O Secretário-Geral*, p. 380.

²⁷¹ “A Juventude Portuguesa no encontro de Leningrado”, *Avante!*, nº 385, novembro de 1967, p. 5

²⁷² “Uma comunista portuguesa fala sobre a sua viagem à União Soviética”, *Avante!*, nº 383, outubro de 1967, p.

5

²⁷³ Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, uma biografia política. O Secretário-Geral*.

traduzido pelo *Avante!* como «Homens fortes como rochedos»²⁷⁴ – pelo autor soviético Naum Iosifovich Mar. O livro, inscrito nas comemorações do cinquentenário de 1917, era apresentado como uma história da «luta do povo português e em particular [da] acção dos seus mais corajosos e abnegados defensores: os comunistas», compondo-se de «documentos vivos e informações pormenorizadas sobre a luta do Partido Comunista Português e em particular alguns dos seus mais valorosos militantes»²⁷⁵.

A atividade internacional do PCP despoletada a partir da segunda metade da década 50 revelava a dimensão da organização e das redes controladas pelo partido tanto a um nível nacional, como a um nível internacional. Afinal, estas viagens tinham de contornar todo a repressão e vigilância impostas pela ditadura e a sua força policial. De um modo geral, o PCP recorria aos “chamados aparelhos de fronteira, que assentavam basicamente num militante legal, radicado, ou passador de confiança, que, em regra, não era nem militante nem simpatizante partidário, mas que, a troco de dinheiro, punha do lado de lá da fronteira um ou dois indivíduos, raramente mais, numa mesma operação. [...] A manutenção destes “aparelhos” implicava um considerável esforço financeiro, pois os passadores, frequentemente alheios ao partido, cobravam quantias elevadas, em igualdade de circunstância como a qualquer outro que recorresse aos seus serviços.”²⁷⁶. Mas a concretização destes trajetos comunistas requiritava também apoio em espaços fora de Portugal, caso, por exemplo, do “apoio directo do PCF para a resolução de problemas logísticos – recepção dos militantes, acolhimentos em casas de militantes franceses, substituição de documentos de identificação ou de vistos para o trânsito para leste ou fundo de maneio inclusivamente para pequenas despesas de viagem”²⁷⁷.

No entanto, e como já indicamos, entre a segunda metade da década de 50 e a década de 60, a União Soviética não foi a única geografia atravessada pelas movimentações dos comunistas portugueses. Em contextos de exílio ou a propósito das relações internacionais do PCP, em delegações destinadas a congressos e reuniões ou em prol de eventos da juventude, da paz ou das mulheres, os comunistas portugueses seriam mobilizados para países como a Argélia, a Checoslováquia, a Roménia, a França e, até mesmo, Cuba. Por vezes, seria através de alguns destes países que os comunistas portugueses, ora exilados, ora em funções partidárias

²⁷⁴ "Homens Fortes como Rochedos", *Avante!*, nº 389, março de 1968, p. 4

²⁷⁵ *Avante!*, nº 389, março de 1968, p. 4

²⁷⁶ João Madeira, *Carlos Aboim Inglez. Um intelectual comunista entre ação e pensamento* (Lisboa: Assembleia da República, 2020). p. 56

²⁷⁷ Madeira, «O Partido Comunista Português e a Guerra Fria: “sectarismo”, “desvio de direita”, “Rumo à vitória” (1949-1965)», p. 696. Veja-se todo o capítulo dedicado ao exterior e aos aparelhos de fronteira elaborado por João Madeira, na sua tese de doutoramento: pp. 691-703

no exterior, visitariam a URSS. Casos, por exemplo, de Vicente Campinas que, exilado em Paris, visitara a URSS integrado num grupo de excursionistas²⁷⁸, chegando a reencontrar-se com sua filha que lá estudava, ou de Cândida Ventura que, “incumbida da função de dirigente da emigração política portuguesa na Checoslováquia” entre 1965 e 1975, alega ter ido “no decorrer destes anos [...] várias vezes à URSS, à Bulgária, à RDA, à Hungria, à Roménia, à Polónia”²⁷⁹.

Ademais, outras viagens entre Lisboa e Moscovo seriam também realizadas nesta época; viagens, contudo, que aparentaram não ter incomodado, pelo menos como incomodaram as dos comunistas, os aparelhos da ditadura. Caso das já referidas viagens de Américo Amorim ou, por exemplo, da viagem Lisboa-Moscovo-Lisboa realizada por Vasco Calisto, empresário do setor automobilístico, e sua respetiva família na companhia de um resistente Volkswagen²⁸⁰. A China maoista seria também visitada por alguns portugueses neste contexto, caso, por exemplo, de José de Freitas que, em 1964, publica o livro *A China vence o passado* dando conta da viagem de um mês que havia realizado pelas províncias chinesas²⁸¹.

1968 – 1974

Em setembro de 1968, Carlos Aboim Inglês é enviado clandestinamente para a URSS para receber tratamento hospitalar, após a sua longa e dura passagem pela prisão de Peniche. Um mês antes, Manuel Rodrigues da Silva falece em território soviético. O ano seria de abanões a diferentes níveis. Paris, em maio, havia entrado em situação revolucionária. Não muito longe geográfica e politicamente, a Checoslováquia inicia um processo de renovação do regime cedo interrompida pela violência soviética. Em Portugal, o ditador é derrubado durante as suas férias no Estoril, não por um golpe ou uma revolução, mas por uma cadeira, criando-se as condições para o início do fim da era salazarista e para a inauguração do período da história do Estado Novo designado de marcelismo, liderado, então, pelo novo Presidente do Conselho de Ministros, Marcello Caetano. Pela altura em que Caetano toma posse, o regime vê-se embrulhado em crises várias, perante o pano de fundo das guerras coloniais.

As relações entre Portugal e a URSS durante a década de 60 haviam-se agudizado, sobretudo, ante a questão do imperialismo português e do apoio soviético aos movimentos

²⁷⁸ Ver o relato de Vicente Campinas em: Gina de Freitas, ed., *Portugueses na URSS - Entrevistas de Gina Freitas* (Lisboa: Editorial Caminho, 1977).

²⁷⁹ Linda Kunderátová, *Os contactos da oposição portuguesa antisalazarista com a Checoslováquia entre 1933-1974 : contribuição para o estudo das relações luso-checas* (Praga: Praga, 2003),

²⁸⁰ Vasco Calisto, *Viagem ao Leste da Europa: Lisboa-Moscovo-Lisboa em automóvel* (Lisboa: Gazeta do Sul, 1967).

²⁸¹ Ver: Cardina, *Margem de Certa Maneira O Maoismo em Portugal 1964-1974*, p. 202.

anticoloniais, numa conjuntura em que, como escrevera Fletcher Pereira, Kennedy e Khrushchev batalhavam “pelas “mentes e corações” terceiro-mundistas.”²⁸² No entanto, pelo final da década, “já em plena *détente*, esteve em Portugal um enviado da União Soviética, sendo equacionada a possibilidade dos dois países estabelecerem relações, primeiro consulares, depois diplomáticas, mas nada resultou do contacto.”²⁸³. A possibilidade era fruto da progressiva restauração de relações com a URSS tentada, desde os últimos anos dos anos 60, pela ditadura franquista que «não hesitou em aceitar o que por el[a] poderia ser um risco perante o risco maior [...] do isolacionismo» ²⁸⁴. No campo da sociedade civil portuguesa a possibilidade das relações surge, nesta época, discutida por várias vozes. Em 1973 vem a lume o livro *Ser ou não Ser por uma abertura a Leste*, cujo objeto central – as relações entre Portugal e países socialistas – surgia discutido por Vergílio Ferreira, Raul Rego, Manuel Vinhais, Barradas de Oliveira e Francisco Granadeiro. O PCP não era, contudo, uma dessas vozes. Desde, pelo menos, a correção do *desvio à direita* após a fuga de Cunhal de Peniche que o PCP não se pronunciava sobre o reatamento das relações diplomáticas e comerciais entre Portugal e a URSS. À época, a prioridade do partido, já com o *Rumo à Vitória* traçado desde 1964, permanecia a do derrubamento da ditadura via revolução democrática e nacional.

Entretanto, no período do marcelismo assiste-se à intensificação das relações e intercâmbios nas esferas culturais, desportivas, científicas e técnicas entre Portugal e a URSS. Nas palavras de Myre Dores, «nos últimos anos do regime fascista, o intercâmbio com a URSS e a divulgação da realidade soviética em Portugal vão impondo cada vez mais a sua legalidade e assiste-se aos primeiros passos de um intercâmbio cultural e desportivo, com a exibição de artistas do nosso país na União Soviética, a ida de delegações de escritores portugueses à URSS, a vinda do circo de Moscovo a Portugal [em 1970] e de alguns artistas soviéticos, nomeadamente em concursos de âmbito internacional, a edição de numerosas obras de autores soviéticos no nosso país, ao mesmo tempo que prosseguem manifestações de interesse pela URSS, mais ou menos clandestinas, aproximar os povos de Portugal e da União Soviética.»²⁸⁵. É neste quadro de abertura imposta que no final da década de 60 e inícios da de 70, assiste-se à publicação de vários relatos de viagem. Em 1968, Mário Cardia publica *Países Socialistas de Leste concepções ideológicas diferentes ou modalidades de Ideologias em via de revisão?*²⁸⁶,

²⁸² Bernardo Fletcher, «União Soviética, relações com». p. 557

²⁸³ Bernardo Fletcher, p. 557

²⁸⁴ José Silva Pinto, ed., *Ser ou não ser por uma abertura a leste* (Lisboa: Editora Arcádia, 1973), p. 23

²⁸⁵ Dores, «Profundas raízes de uma grande amizade».

²⁸⁶ Mário Cardia, *Países socialistas de Leste: concepções ideológicas diferentes? ou modalidades de ideologias em via de revisão? (crónicas de viagem)* (Porto e Lisboa: Sopime Ed., 1968).

relatando a sua viagem, realizada no seguimento de um congresso da União Internacional da Imprensa Médica em 1967, por três países socialistas: Checoslováquia, Hungria e Roménia. Também em 1968, Rogério Paulo escreve um artigo para a *Seara Nova*, designado de «U.R.S.S: Ensino teatral e formação de espectadores I»²⁸⁷, centrado nas suas observações sobre o ensino do teatro na URSS (em 1970 inicia uma expedição longa por Cuba e publicaria, depois, o seu relato no livro *Um actor em viagem: Cuba 1970-1972*²⁸⁸). Em 1969, R. B. Carrington da Costa, assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra, publica na Separata do *Jornal Médico* um texto correspondente à sua «Visita ao Serviço de Reanimação do Hospital Botkine em Moscovo»²⁸⁹. Também em 1969, Francisco Dias da Costa, ligado ao PCP desde o fim da década de 40, publica o relato das suas viagens realizadas em 1968, intitulado *No Mundo dos Lilases - Breves notas de viagem à Checoslovaquia, à União Soviética e à Polónia passando pelas Alemanhas*²⁹⁰. Ainda naquele ano, António Quadros lança o livro *Uma Viagem À Rússia: impressões e reflexões*²⁹¹, centrado nas suas experiências de viagem no ano de 1968. Depois, em 1971, Henrique Barros publica o livro *U.R.S.S. 1970 apontamentos e reflexões de viagem*²⁹², dedicado à viagem que, em agosto e setembro de 1970, realizou à URSS, juntamente com Maria de Lurdes Amaral, Mário Pereira, José Amaral, Augusto José Oliveira, Eduardo Cruz de Carvalho, Carlos da Silva, Amândio Galvão, António Cortês de Lobão, Óscar Petinga, Jaime Sampaio e António Sebastião Gonçalves, no contexto do 14ª Conferência da Associação Internacional dos Economistas Agrícolas. Ainda, em 1971, Eurico Gama, lança o livro *A minha experiência russa (Crónicas de Viagem)*, centrado nas suas férias em Leningrado, Novgorod, Moscovo e Minsk. Em 1973, Hortênsia Neves, ligada ao estudo e à didática do idioma russo e possivelmente ligada a outros meios oposicionistas da esquerda portuguesa que não o PCP²⁹³, publica *A minha viagem à União Soviética*²⁹⁴, o relato da sua viagem de trabalho, concretizada através da Sociedade de Amizade France-URSS, com destino a Sotchi (e com paragens em Moscovo e Leningrado).

²⁸⁷ Rogério Paulo, «U.R.S.S: Ensino teatral e formação de espectadores I», *Seara Nova*, n.º 1477, novembro de 1968, pp. 365-366 e Paulo, «U.R.S.S: Ensino teatral e formação de espectadores II», *Seara Nova*, n.º 1479, janeiro de 1969, pp. 31-32

²⁸⁸ Rogério Paulo, *Um actor em viagem: Cuba 1970-1972* (Lisboa: Seara Nova, 1972).

²⁸⁹ Rui Braga Carrington da Costa, «Visita ao Serviço de Reanimação do Hospital Botkine em Moscovo», *Separata do Jornal do Médico* LXVIII, n.º 1354 (janeiro de 1969), pp. 3-9.

²⁹⁰ Francisco Dias da Costa, *No Mundo dos Lilases - Breves notas de viagem à Checoslovaquia, à União Soviética e à Polónia passando pelas Alemanhas* (Vila Real de Santo António: Of. da Emp. Litográfica do Sul, 1970).28/05/25 21:58:00

²⁹¹ António Quadros, *Uma visita à Rússia: impressões e reflexões. O interesse português pela cultura russa* (Lisboa: Sociedade da Expansão Cultural, 1969).

²⁹² Henrique de Barros, *U.R.S.S. 1970 apontamentos e reflexões de viagem* (Lisboa: Livros Horizonte, 1971).

²⁹³ Eurico Gama, *A minha experiência russa (Crónicas de Viagem)* (Braga, 1971).

²⁹⁴ Hortênsia Neves de Sousa, *A minha viagem à União Soviética* (Lisboa: Didáctica, 1973).

Ainda no campo dos relatos de viagem à URSS, surgiriam, em 1973, outros três: um de Urbano Tavares Rodrigues²⁹⁵, outro de Alexandre Babo²⁹⁶ e outro, ainda, de Óscar Lopes²⁹⁷, três intelectuais ligados ao PCP. Os relatos resultavam de viagens diferentes, uma em 1972 outra em 1973, mas ambas inscritas em convites elaborados a estes, a Alberto Ferreira, Augusto Abelaira e Fernando Namora (também estes três com percursos ligados ao PCP) pelo Departamento para a Europa Ocidental da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais entre Povos que já em 1969 havia enviado uma delegação a Portugal para discutir as relações culturais entre os dois países²⁹⁸. Em 1972, a União das Associações endereçara convites a estes seis *fellow-travelers*, «todavia, por isto ou por aquilo, hesitações e castigos à mistura, a embaixada reduzira-se a três: Alexandre Babo, Augusto Abelaira, Oscar Lopes»²⁹⁹ a quem se vinha juntar Mário Soares³⁰⁰. A DGS («PIDE rebatizada», escrevia Namora) travara a possibilidade de Tavares Rodrigues e Ferreira embarcarem na visita, por sua vez, a situação de saúde de Fernando Namora bloqueara-lhe a saída. Mas, «um ano depois, aí estávamos. Mais um trio de mala aviada para a gafeira soviética»³⁰¹. Aqueles que outrora em terra ficaram, partiam em 1973. Outros viajantes com percursos conexos à militância comunista e à resistência antifascista rumaram para a URSS nestes anos. Casos, por exemplo, de António Vitorino de Almeida que enquanto pianista visita a URSS, nos anos finais da década de 60³⁰², de Maria Velho da Costa e de José Gomes Ferreira (a convite da União dos Escritores Soviéticos), em 1971³⁰³, ou de Carlos Carvalho que, «integrado numa delegação sindical [clandestina] que percorreu vários países da Europa em busca de ajuda para o movimento sindical português»³⁰⁴, visita a URSS, em 1973.

Outros trânsitos iam, no entanto, continuar a passar pela esfera do PCP. Em 1968, o IX Festival Mundial da Juventude faz lançar uma delegação de jovens portugueses para Sofia, na República Popular da Bulgária³⁰⁵. Em 1969, uma delegação do PCP composta por Cunhal, José Vitoriano e Aboim Inglês participa na Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e

²⁹⁵ Rodrigues, *Viagem à União Soviética e outras páginas*.

²⁹⁶ Alexandre Babo, *Na Pátria do Socialismo* (Lisboa: Prelo, 1973).

²⁹⁷ Óscar Lopes, *Convite para a URSS* (Porto: Inova, 1973).

²⁹⁸ «Relações culturais com os países socialistas», *Avante!*, n.º 402, maio de 1969, p. 6

²⁹⁹ Fernando Namora, *URSS mal amada bem amada* (Venda Nova: Bertrand Editora, 1986), p. 10.

³⁰⁰ Óscar Lopes, *Setembro na URSS (1972-1974)*, 2.ª. (Porto: Inova, 1975), p. 92.

³⁰¹ Namora, p. 11.

³⁰² Freitas, *Portugueses na URSS - Entrevistas de Gina Freitas*, pp. 15- 22.

³⁰³ Freitas, pp. 69-76

³⁰⁴ Freitas, p. 27

³⁰⁵ «Realizou-se o IX Festival Mundial da Juventude», *Avante!*, n.º 395, setembro de 1968, p. 4

Operários, em Moscovo³⁰⁶. Ainda naquele ano, Sofia Ferreira, «operária têxtil e membro do CC do PCP» e Maria Luísa da Costa Dias, «representante das mulheres da Frente Patriótica de Libertação Nacional» viajam, «vencendo as barreiras fascistas»³⁰⁷ até Helsínquia a propósito do VI Congresso Mundial das Mulheres. Entre 18 e 31 de outubro, uma delegação de sindicalistas portugueses dirigida por José Vitorino, também ele membro do CC, visita Budapeste em prol do 7º Congresso Sindical Mundial³⁰⁸. Em 1970, Cunhal e Aboim Inglês voltam a representar o PCP nas comemorações do aniversário do nascimento de Lenine, realizadas em Moscovo e organizadas pelo PCUS³⁰⁹. Ainda em 1970, delegações do CC do PCP partem para visitas à Hungria e à Roménia, numa demonstração das «relações fraternas do PCP com os países socialistas»³¹⁰. Em janeiro de 1971, o *Avante!* anuncia que Dias Lourenço e Manuel da Silva foram galardoados com medalhas comemorativas do centenário de nascimento de Lenine. Em março daquele ano, o cinquentenário do PCP é comemorado, além de clandestinamente em Portugal, nas coordenadas soviéticas, com vários eventos a marcarem a dita festividade³¹¹. Em junho de 1972, Pires Jorge e Blanqui Teixeira, membros do CC do PCP, são convidados pelo PCUS a visitar a URSS³¹². Em junho de 1972, Cunhal e Manuel Costa, após uma curta viagem em Roma à qual se juntou Carlos Costa, partem numa viagem para a República Democrática Popular da Coreia³¹³.

No início de 1973, podia-se ler no *Avante!*³¹⁴:

«Nos últimos anos, têm aumentado as visitas e excursões de portugueses à União Soviética. É um facto muito positivo que abre caminho à abolição da proibição quase absoluta imposta desde sempre pelo governo fascista a viagem de portugueses ao grande país dos soviéticos. Dada a novidade, há quem pergunte como são organizadas tais visitas. Pelo que conhecemos, uma grande parte são feitas através do Intourist, agência soviética de turismo. Programas e preços dessas excursões já têm sido publicadas na imprensa portuguesa. Outros portugueses têm ido à URSS no quadro de conferências e congressos internacionais. Outros ainda (principalmente artistas e escritores) a convite da União das Sociedades da Amizade, organização social que promove o intercâmbio cultural com outros países. Ao contrário do

³⁰⁶ «A conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários - Grande Vitória do movimento comunista», *Avante!*, nº 404, julho de 1969, p. 4

³⁰⁷ «A presença das mulheres portuguesas no Congresso Mundial em Helsínquia», *Avante!*, nº 405, agosto de 1969, p. 4

³⁰⁸ «Os trabalhadores portugueses representados no 7.º Congresso Sindical Mundial», *Avante!*, nº 409, dezembro de 1969, p. 5

³⁰⁹ «Os comunistas portugueses no centenário do nascimento de Lénine», *Avante!*, nº 416, maio de 1970, p. 6

³¹⁰ «Relações fraternas do PCP com os países socialistas», *Avante!*, nº 419, agosto de 1970, p. 4

³¹¹ «Os 50 anos do PCP na URSS», *Avante!*, nº 430, junho de 1971, p.6

³¹² «Pires Jorge e Blanqui Teixeira na União Soviética», *Avante!*, nº 443, junho de 1972, p.3

³¹³ «Delegação do PCP na Coreia», *Avante!*, nº 443, junho de 1972, p.8 e “Encontro de delegações do PCI e PCP”, *Avante!*, nº 443, junho de 1972, p.8 e

³¹⁴ O PCP foi também, no decurso do século XX, produzindo vários discursos a propósito do turismo em Portugal. Conexo ao estudo do nacionalismo comunista, José Neves empreendeu uma análise da discursividade comunista quanto à questão do turismo em Portugal, ver: Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, pp. 272-278.

que noticiou um jornal, foi esta União e não o governo soviético que convidou recentemente um conhecido democrata. É de desejar que se multipliquem as visitas de portugueses à URSS. Elas contribuirão para conhecerem e darem a conhecer, com o seu testemunho directo, aspetos da realidade soviética. Contribuíram também para quebrar o isolamento, em que ainda hoje o povo português é mantido, em relação aos países socialistas, tornando no fim de contas natural que durante tantos anos foi considerado um “crime”.»³¹⁵

Se a «muralha» parecia ruir já nos finais da década de 60 e inícios da década de 70, o que é certo é que ela só se desmoronaria no dia 25 de abril de 1974, dia em que o regime fascista caía.

3.2. Do País dos Cravos para o País dos Sovietes

«Upon arrival at the airport and subsequently throughout Lisbon the observer is struck by the long rows of posters depicting the hammer and sickle. [...] The many Soviet cultural events are widely advertised on billboards, placards, and in the media. [...] The Soviets have undertaken an aggressive cultural program with the Portuguese. Billboards advertising the Moscow circus and the visiting lady astronaut were much in evidence. There is a poet exchange and Soviet cinema program, among others. [...] Some US officials believed that the Soviets do not want the PCP to take over, even if that would be possible, for fear of repercussions elsewhere.»³¹⁶

Foram estas as palavras que Wynfred Joshua, um cientista político norte-americano ligado ao Defense Intelligence Officer for European and Soviet Political/Military Affairs (DIA) do Departamento de Defesa dos EUA, encontrou para descrever Lisboa, em junho de 1975. Elaboradas num relatório oficial, as palavras demonstravam alguma apreensão com aquilo que Lisboa se havia transformado. Uma cidade ocupada por propaganda comunista, não faltando nela cartazes alusivos a eventos promovidos por soviéticos.

Tem-se por várias vezes utilizado a metáfora de que 25 de abril de 1974 abriu portas. Se assim o é, uma dessas foi a que abriu o caminho para a livre circulação até à URSS. Um ano antes da curta jornada de Joshua, em junho de 1974, o I Governo Provisório da República Portuguesa anunciava o encerramento oficial da «muralha» e, por fim, o estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a URSS. Foi nesse contexto que Mário Soares indigitara, em setembro, o primeiro embaixador pós-25 de abril, seu nome, Mário Neves³¹⁷. Em setembro de 1974, já a embaixada soviética dispunha de instalações em Lisboa. Entre 29 de outubro e 3 de novembro, uma delegação portuguesa liderada por Álvaro Cunhal, então ministro sem pasta,

³¹⁵ «Visitas à URSS», *Avante!*, nº 449, janeiro de 1973, p.5

³¹⁶ CIA-RDP86T00608R000400100003-5 pp. 2-6. (consultado no dia 03/05/2024 em: <https://www.cia.gov/readingroom/document/cia-rdp86t00608r000400100003-5>)

³¹⁷ Mais tarde, Mário Neves redigiria um livro sobre a constituição da embaixada e a sua experiência enquanto embaixador, ver: Mário Neves, *Missão em Moscovo : experiência da primeira embaixada portuguesa no país dos soviets* (Lisboa: Inquérito, D.L., 1986).

parte rumo a Moscovo “para discutir com uma delegação soviética o aprofundamento das relações entre os dois países em várias áreas, desde a economia e cultura até à ciência e indústria”³¹⁸. E em dezembro assinavam-se acordos entre os dois estados: um sobre transportes aéreos, outro centrado no comércio³¹⁹.

Os primeiros meses após o despertar da situação revolucionária são preenchidos com a constituição de novas coletividades e associações na esfera da sociedade civil. Neste contexto, despertaram associações de amizade com os países socialistas, umas dirigidas por militantes do PCP, outras não. Entre 1974 e 1977 são constituídas, por exemplo, a Liga para o Intercâmbio Cultural, Social e Científico com os Povos Socialistas, a Associação Portugal-RDA, a Associação Portugal-Cuba³²⁰, a Associação da Amizade Portugal – China, a Associação de Amizade Portugal – Albânia e a Associação de Amizade Portugal – Moçambique. A 12 junho de 1974, apresentava-se formalmente a Sociedade de Amizade Portugal-URSS, dirigida por uma Comissão Diretiva presidida por Hortênsia Neves³²¹. Simultaneamente, na URSS, eram levados a cabo esforços para fundar a Sociedade de Amizade URSS-Portugal³²². Em setembro de 1974, a Sociedade Portugal-URSS apresentava o seu primeiro boletim, *Amizade e Cultura*, centrado na atividade promovida por aquela organização. Logo no seu primeiro número, anunciava-se uma excursão a ser realizada até a URSS e convidava-se os leitores a requererem a assinatura de várias revistas soviéticas traduzidas para o idioma português³²³ que passariam a circular pela sociedade portuguesa. No entanto, poucos dias antes da formação daquela Sociedade, a 5 de junho de 1974, apresentava-se a Associação Portugal-URSS, essa, sim, ligada a militantes do PCP. A coexistência das duas associações parecia estranha, já que os propósitos a que ambas se propunham eram, em todo o caso, similares. Em novembro-dezembro de 1974, na *Amizade e Cultura* propõem-se a organizar uma reunião com os corpos diretivos da AP-

³¹⁸ Leonardo José da Silva Pereira, «Portugal e a URSS: 1974 – 1976» (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2024), p. 24.

³¹⁹ Instituto Diplomático, *Relações entre Portugal e a Rússia: séculos XVIII e XX*, pp. 138-139.

³²⁰ Citadas em: Alexandre Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 2ª (Lisboa: PRELO, 1974), p. 9.

³²¹ Em 1949, no *Avante!*, podia ler-se: «Cuidado com Eles... [...] **HORTENSE NEVES** – mora em Algés e é, empregada nos escritórios da Livraria Sá da Costa. É magra, enfezada, cabelo preto ondulado, sobrancelhas espessas, está ao serviço da PIDE. Fez trabalho provocador no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Está ligada um tal [...] provocador **CRISTOVÃO de SOUSA**, que esteve em Espanha durante a guerra civil e de lá saiu «milagrosamente»». “Cuidado com eles..”, *Avante!*, nº 152, setembro de 1950, p.2. Hortênsia Neves teve certamente relações complicadas com o PCP. Foi, em 1976, designada como cabeça de lista para a Câmara de Almada pelos Grupos Dinamizadores de Unidade Popular. “G.D.U.P. da Margem Sul”, *A Capital*, nº 2972, 10 de novembro de 1976, p.9.

³²² «Sociedade de Amizade URSS-Portugal», *Amizade e Cultura*, nº1, setembro de 1974, p. 2.

³²³ Entre elas: *União Soviética, O Desporto na URSS, Literatura Soviética, A Mulher Soviética, Cultura e Vida, Ciências Sociais, Viagem Pela URSS, A Vida Internacional, Sputnik, Obras e Opiniões, Comércio Exterior, Revista Militar Soviética, Tempos Novos*. «Revistas Soviéticas em Línguas Estrangeiras», *Amizade e Cultura*, nº1, setembro de 1974, pp. 9-1.

URSS com vista à apresentação de uma «proposta no sentido [...] de uma fusão»³²⁴. O contacto aparenta, contudo, não ter fruído resultados, pelo menos a Sociedade alegaria, posteriormente, que «até este momento ainda não recebemos notícias daquela Associação»³²⁵. O que é certo é que a Sociedade mantivera o seu boletim ativo até ao início de 1976, momento, aliás, a partir do qual a AP-URSS inicia a publicação da sua revista *Paz e Amizade*. No entanto, a ter existido uma fusão, ela não fora anunciada. Sugere-se, por isso, que a Sociedade desapareceu³²⁶, em 1976, perante a extensão das conexões arquitetadas pela AP-URSS com a União Soviética.

O ano de 1974 vê realizarem-se várias viagens Portugal-Lisboa, numa extensa dimensão que é difícil, pelo menos por agora, de quantificar. Agências de viagem como MUNDIRAMA iniciam a comercializar passagens, assim como o Intourist que, como vimos, já vinha atuando em Portugal. As viagens começam a adquirir popularidade em diferentes contextos da revolução. Na imprensa local começa a anunciar-se a realização de viagens, identificando mesmo os nomes dos visitantes das suas localidades³²⁷. Era como na *Tribuna Livre* se escrevia: queria-se saber «mais alguma coisa do que se passa no segredo Soviético [...] com quem estivemos de relações cortadas durante 50 anos de governo de Salazar que se assustou com o comunismo»³²⁸. Ainda assim, essas viagens estavam longe de serem encaradas de forma consensual. E se é certo que, a partir do 25 de abril, os discursos *filo-soviéticos* puderam ser divulgados de forma livre, tal não significou que os discursos anti-soviéticos e anticomunistas ficassem suspensos. Nas palavras do historiador Telmo Faria, apesar de tudo, o “25 de abril

³²⁴ «Entre os vários assuntos tratados na reunião de sócios da nossa Sociedade, levada a efeito no passado dia 20 de Novembro no Salão Nobre do I.S. Técnico, um deles mereceu da parte dos assistentes ampla discussão - o facto da existência de uma associação com objectivos idênticos aos nossos: A Associação Portugal - URSS. Depois de troca de impressões e esclarecimentos, vários associados apresentaram uma proposta no sentido de se estabelecer um contacto para ver a possibilidade de uma fusão, pois que entendiam ser isso mais proveitoso para os dois povos: português e o soviético. Foi aprovado que os proponentes, conjuntamente com dois elementos dos corpos directivos, tratariam do assunto, convocando-se depois nova reunião para comunicar os resultados daquela diligência.» «Contacto com a Associação Portugal-URSS», *Amizade e Cultura*, nº6, fevereiro de 1975, pp. 9-1. p.2

³²⁵ *Amizade e Cultura*, nº6, fevereiro de 1975, pp. 9-1. p.2

³²⁶ Raquel Varela sugere que “O PCP apressa o estabelecimento de relações diplomáticas entre o governo português e a URSS e, logo no dia 1 de Junho de 1974, constitui a Sociedade de Amizade Portugal-URSS, que a partir de Setembro de 1974, publica um boletim mensal, cujo conteúdo é quase exclusivamente destinado à propaganda dos avanços técnicos e culturais da URSS – criando uma imagem relativamente distorcida de um país onde tudo parecia correr bem. A Sociedade também publicava revistas, jornais e obras sobre a União Soviética.”. Raquel Varela, *História do PCP na Revolução dos Cravos* (Lisboa: Bertrand, 2011), p. 54.. Todavia, o material empírico consultado, sugere-nos outra ideia (ver a nota 319, na página 77, relativa a Hortênsia Neves). A Sociedade pertenceria a *filo-soviéticos* que não militantes do PCP. A Associação Portugal-URSS, essa sim, pertencera a militantes do PCP.

³²⁷ Ver, por exemplo: «Para a Rússia», *A Voz de Trás-os-Montes*, nº 1327, 7 de dezembro de 1974, p. 6, «A Rússia à vista», *Tribuna Livre*, nº 948, 4 de janeiro de 1975, p. 3, «Andebol português atravessou a cortina. Fomos à União Soviética aprender – opinião de António Seco, técnico da modalidade», *Diário de Coimbra*, 19 de outubro de 1975, p. 7.

³²⁸ «A Rússia à vista», *Tribuna Livre*, nº 948, 4 de janeiro de 1975, p. 3

[...] não cortou radicalmente com os sentimentos e as heranças ideológicas daí [do autoritarismo político] recebidas”³²⁹. Não iriam faltar oportunidades para se perpetuarem discursos anticomunistas e anti-soviéticos, sendo, não poucas vezes, esses discursos importados para tentar deslegitimar o programa e a ação política do PCP durante e após o processo revolucionário. Nesse sentido, encontramos acusações dirigidas à intenção de «sovietização de Portugal»³³⁰ por parte do PCP ou, noutro sentido, a acusação do PCP ambicionar transformar os campos portugueses em kolkhozes e sovkhoses³³¹. «Vassalos dos soviéticos»³³² era uma das designações importadas para ridicularizar os comunistas portugueses. Uma designação que não dispensou de se fundar em frases alegadamente proferidas por Cunhal, como a famosa adjetivação da URSS como «Sol da terra»³³³. E, no seio destas contendas, não foram poucas as vezes que os comunistas tiveram de firmar argumentos como os que Cunhal apresentara para responder a Maria João Avillez: «nós nunca fomos nem estalinistas, nem kruschevianos, nem brejnevianos; somos comunistas portugueses»³³⁴. É, no entanto, no seio das relações recém-estabelecidas entre Portugal e a URSS e, ademais, ante a dilatação das mesmas no decorrer da segunda metade da década de 70 que podemos assistir a uma reconfiguração das expressões de anti-sovietismo, muitas delas, agora, religadas à chegada de bens soviéticos às coordenadas portuguesas ou, até mesmo, às ditas intervenções soviéticas no contexto português³³⁵.

³²⁹ Daniel Telmo Faria, «O Comunismo: um anátema estado-novista», *Revista de História das Ideias*, n.º 17 (1995), p. 259.

³³⁰ Ver, por exemplo, a imprensa católica eborense *A Defesa*, 22-06-1974, p. 14.

³³¹ Michael Vester identifica esta tese, depois, criticando-a: “eles incorrem no erro ingénuo de idealizarem e subestimarem o papel do PCP. Os comunistas teriam o Alentejo quase completamente sob o seu domínio, tendo aí implantado o modelo soviético dos kolkoses. A partir daí tudo se desenrolaria de forma totalitária e antidemocrática prevalecendo, além disso, uma má administração: o aparelho burocrático impossibilitaria a iniciativa privada e, faltaria, por outro lado, aos trabalhadores do campo a inteligência de prever o futuro” Michael Vester, «A Reforma Agrária Portuguesa como Processo Social», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 18-19-20 (1986), p. 486.

³³² Veja como, ainda hoje, esta acusação persiste: Sousa Pinto, «Os Vassalos», *Expresso*, n.º 2577, 18 de março de 2022

³³³ Em entrevista a Maria João Avillez, Cunhal referiria: «MJA: E o senhor chega da União Soviética, há meses, e diz que a URSS é o «Sol da terra». AC: Está enganada! Não disse que a União Soviética era o Sol da terra, nem cheguei da URSS há meses.» Maria João Avillez, *Conversas com Álvaro Cunhal e outras lembranças* (Lisboa: Círculo Leitores, 2004), p. 67.

³³⁴ Avillez, p. 66.

³³⁵ A historiadora Maria Antónia Pires de Almeida identificou, na investigação que suporta a sua tese de doutoramento, discursos como estes. Ver, por exemplo: “As máquinas oferecidas pela URSS a Portugal são autêntica sucata (...) Um estranho contrato com a Polónia obriga-nos a importar tractores do modelo comercializado em 1950”, *Jornal do Agricultor*, 25/1/1977, p. 3. Também no *Tempo* são referidas 80 máquinas agrícolas oferecidas às UCP portuguesas pela URSS, tractores, alfaias, moto-bombas, camiões, semeadores, que tinham “um atraso tecnológico enorme em relação às que se fabricam na Europa Ocidental e são de dimensão exagerada para a média das dimensões das herdades portuguesas...”, além de terem um consumo muito elevado de combustível, 13/1/1977, p. 12. Foi-me referido o facto de muitas máquinas terem chegado em estado deplorável de utilização, ou com peças em falta e sem possibilidade de substituição. Algumas destas máquinas foram usadas como propaganda política” Maria Antónia Pires de Almeida, *A revolução no Alentejo: memória e trauma da reforma agrária em Avis* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006), nota 473, pp. 203-204.

Em 1975, a revista *Vida Soviética* (dirigida, no início, por Manuel Alberto Valente), fabricada e traduzida na URSS e distribuída pela Agência de Imprensa Novosti, começa a circular por Portugal. Com ela a revista da AP-URSS. A primeira continha, em si, leques extensos de informação sobre a URSS, meticolosamente preparados por redatores soviéticos e, por vezes, informações sobre algumas viagens. Já a segunda, servia, sobretudo, de meio de exposição das muitas viagens e intercâmbios realizados entre os dois países e, ademais, das próprias atividades realizadas pela AP-URSS³³⁶. A revista *Paz e Amizade* seria um interesse veículo de disseminação de relatos de viagens publicados por portugueses (sobretudo, mas não só, comunistas). Mas não só estas revistas cumpriram a tarefa de informar sobre as relações ente Portugal e a URSS. Com efeito, o próprio *Avante!* permaneceria entre a década de 70 e 80, como um meio privilegiado de disseminação de informação sobre intercâmbios entre Portugal e a URSS. Também ele um meio onde circularam relatos de viagem, como os de Miguel Urbano Rodrigues ou até mesmo uns não menos interessantes redigidos por crianças³³⁷.

Num sentido inverso, delegações da URSS começam a visitar com maior frequência Portugal. Entre 1975 e 1977 as ditas bancas de exposição da URSS vão picando o ponto em celebrações e festividades daqui e dali: desde a Feira Internacional de Lisboa até à Festa do *Avante!*, passando nas atividades das cooperativas e Unidades Coletivas de Produção. Representantes da URSS começam a visitar Portugal, com o objetivo de firmar acordos interinstitucionais. Outros eventos começam a tornar-se habituais nos centros urbanos portugueses: do circo moscovita aos espetáculos de bailado soviético, passando em exposições de livros da URSS e na apresentação de filmes soviéticos. Da mesma forma, é entre 1975 e 1977 que se ampliam as relações comerciais entre a URSS e Portugal. Algo que, conexo ao PREC, se relacionou com as próprias iniciativas governamentais levadas a cabo entre o II e o V Governo Provisório. Em torno, por exemplo, da Reforma Agrária enformaram-se séries de relações de solidariedade dos soviéticos para com Portugal, não poucas vezes animadas com viagens, intercâmbios e circulação de técnicos e especialistas. “En el V Gobierno Provisional (8-8-1975 a 19-9-1975), se creó, en el ámbito del Ministerio de Comercio Exterior, la Secretaría de Estado para la Cooperación Económica con los Países Socialistas, cargo otorgado a José Mendes Correia, técnico económico del gabinete ministerial de Cunhal. Era la expresión de un vector específico de política exterior que contrarrestaban el hecho de que “las relaciones

³³⁶ Uma análise mais aprofundada sobre a *Vida Soviética* e a *Paz Amizade* está, de momento, a ser elaborada por Adriana Esteves no contexto da sua dissertação de mestrado.

³³⁷ Por exemplo: «A URSS vista por uma criança», *Avante!*, nº 138, 7 de outubro de 1976, e «No regresso de Artek um pioneiro confessa: Valeu a pena ir a este passeio», *Avante!*, nº 200, 24 de novembro de 1977

comerciais entre Portugal y los países socialistas del Este de Europa se caracterizaron hasta 1974 por un escaso volumen de intercambios” [...] Al establecer una estrategia de desarrollo basada en el empleo, el equilibrio exterior y en la salvaguarda de la independencia nacional, el gobierno declaró que era “indispensable diversificar las relaciones comerciales con el extranjero mediante negociaciones con los países socialistas y del Tercer Mundo, procurando mantener las exportaciones agrícolas e industriales tradicionales”. La breve duración del ejecutivo ha llevado algunas propuestas al terreno de lo irrealizable.”³³⁸

É precisamente nesta conjuntura que as próprias viagens de comunistas portugueses se ampliam. No entanto, os reptos que as motivavam permaneceriam parcialmente os mesmos, emergindo, no entanto, viagens comunistas em contextos de turismo e lazer. Congressos, reuniões bilaterais, eventos comemorativos e convites elaborados por organizações soviéticas continuaram a atirar militantes comunistas para o lado de lá, não da «muralha», mas da cortina de ferro. O número de estudantes oriundos de famílias de militantes comunistas ou eles mesmos militantes do PCP, enviados nesta época para realizarem os seus estudos superiores na URSS através de bolsas de estudo é, também ele, assinalável. Entre 1975 e 1991, encontramos, com efeito, vários estudantes portugueses³³⁹ a frequentarem cursos superiores nas demais cidades da União Soviética (especialmente, Moscovo, Leningrado, Kiev, Krasnodar e Odessa), casos, por exemplo, de José Milhazes³⁴⁰, de Amélia Militão³⁴¹ ou de Amália Oliveira³⁴².

As relações entre PCP e URSS decorriam, agora, de forma mais facilitadas que outrora. Nos primeiros dias do contexto revolucionário, o PCP rapidamente advogou pelo estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal, “visto, entre outras coisas, como um factor «relevante» na democratização de Portugal, para a segurança da Europa, na base dos «princípios da coexistência pacífica»”³⁴³. Logo em julho de 1974, o *Avante!* noticia o regresso de filhos de militantes comunistas clandestinos que estavam na URSS³⁴⁴. Ao contrário do que alguns tendem a sugerir, o PCP não seria, no decorrer da revolução, um veículo de transmissão

³³⁸ Leonardo Aboim Pires, Gil Gonçalves, e Manuel Canudo, «Nuevos Amigos: Alcances de la solidaridad internacional con la Reforma Agraria Portuguesa, 1975-1977» (X Congreso de la Asociación de Historial del Presente, Madrid, 2024).

³³⁹ A este respeito a renomeada Associação Portugal-URSS, Associação Iuri Gagarin, promoveu um documentário executado por Paulo Guerra e Edgar Feldman, em 2017, seu nome, *Os estudantes que foram para o frio*, convocando, para o efeito, 44 ex-estudantes.

³⁴⁰ Ver: José Millhazes, *As Minhas Aventuras no País dos Sovietes A União Soviética tal como eu a vivi* (Lisboa: Oficina do Livro, 2017).

³⁴¹ Ver: Amélia Militão, *Vida que era a Segunda – Memórias de uma Estudante Portuguesa na URSS* (Albergaria-a-Velha: Paciência de Elefante, 2015).

³⁴² À Amália Oliveira só posso agradecer as várias conversas (informais) a respeito das suas experiências enquanto estudante na URSS.

³⁴³ Varela, *História do PCP na Revolução dos Cravos*, p. 54.

³⁴⁴ "Filhos de militantes comunistas clandestinos regressam da URSS", *Avante!*, nº 11, 26 de julho de 1974, p. 4

dos interesses soviéticos, um partido, de novo, com intenções de *sovietizar* Portugal. Na verdade, e como o próprio viajante do DIA dos EUA reconhecia, a própria configuração geopolítica do mundo naquela época não era frutífera para uma tentativa de interferência da URSS na vida política portuguesa³⁴⁵. Da mesma forma, o PCP dotava-se de uma dinâmica própria no contexto revolucionário, reclamando pela “direcção do movimento operário, através da Intersindical, e [por] influência na organização do aparelho de Estado”³⁴⁶. No período revolucionário “a União Soviética agradecia o PCP pelo seu esforço na luta pela democratização e pela luta pela independência das colónias. Chegam ao partido, em Portugal, mensagens da URSS, de Berlinguer, do PCF (que organiza em Paris um comício de apoio ao PCP), de Honecker, de Kadar, dos PC do Chile, Bulgária, Mongólia, Marrocos, Venezuela, Bélgica, Checoslováquia, Canadá, EUA. Todas têm em comum defender o papel do PCP e de Álvaro Cunhal na democratização do País, a importância da sua participação no Governo e a luta pela independência das colónias¹¹¹. O CC do PCUS dá o mote: deseja êxitos na liquidação do fascismo, a «instauração de um regime autenticamente democrático, o fim da guerra colonial»³⁴⁷.

As relações entre PCP e URSS seriam, contudo, fortificadas nesta conjuntura atravessada, ainda, por uma nova cisão no movimento comunista internacional. Ao passo que o PCE, PCI e PCF e os PC’s da Grã-Bretanha, da Bélgica, da Grécia e dos Países Baixos se lançavam ao projeto do eurocomunismo, criticando a governança de Brejnev, os eventos de Praga de 1968 e o próprio sistema soviético, o PCP inicia uma rápida demarcação deste novo movimento, convergindo em função do PCUS e da URSS. Na segunda metade da década de 70 e até ao falecimento de Brejnev, as relações entre PCP e União Soviética atravessam poucas modificações assinaláveis. Representantes do PCP fazem-se representar nos Congressos do PCUS e delegados do PCUS começam a marcar presença nos Congressos do PCP (no VIII Congresso, em 1976, no IX em 1979 e no X, em 1983).

Após a revolução portuguesa, as viagens até à URSS multiplicam-se aceleradamente de tal forma que também são, pelo menos por agora, difíceis de quantificar. As relações diplomáticas e comerciais, os eventos cuja ocorrência requereu a representação de governantes, as relações partidárias tecidas com os soviéticos (caso, sobretudo, do PCP) os congressos científicos e técnicos, as reuniões sindicais, os eventos culturais e artísticos e, claro, as iniciativas turísticas preencheram, em boa medida, os requisitos motivacionais de muitas das viagens ocorridas

³⁴⁵ Varela, p. 54.

³⁴⁶ Varela, p. 54.

³⁴⁷ Varela, p. 56.

depois da revolução. Em 1977, a *Paz e Socialismo*, anunciava os primeiros voos diretos Lisboa-Moscovo dirigidos pela Aeroflot. A partir daquele ano, a revista iniciava um programa de incentivo às deslocações, promovendo através de concursos promocionais viagens até à URSS financiadas – programa esse que se foi aplicando entre 1977 e 1989.

A partir de 1977 já não só a revista soviética, *Vida Soviética*, circula por Portugal. Diversas revistas de proveniência soviética como a *Mulher Soviética*, a *Sputnik*, a *União Soviética*, a *Revista Militar* ou a *Tempos Novos* começavam a aparecer nos quiosques das cidades portuguesas. E é, precisamente, naquele ano que uma série de iniciativas comemorativas irrompem por Portugal. Era o ano o 60º aniversário da revolução de outubro de 1917 – o primeiro aniversário *redondo* de outubro celebrado legalmente. A revista *Vértice* dedica à data um número especial, robustecendo-se com textos de José Saramago, Mário Dionísio, Avelãs Nunes e Joaquim Namorado. A propósito das comemorações Gina de Freitas apresenta o livro *Portugueses na URSS*, contendo várias entrevistas a viajantes portugueses.

A prática de publicar relatos de viagem expressava-se em força por Portugal, como no entreguerras se havia manifestado em tantas outros espaços europeus e norte-americanos. Mas, engane-se quem julgar que só discursos laudatórios surgiram nos relatos de viagem nesta época. Vimos, na introdução desta dissertação, o caso da «*Senhora*» que embate com José Nunes. No entanto, seria, em diálogo com a emergência de novos relatos de viagens escritos por comunistas e *filo-comunistas* e com a republicação de outros relatos de viagem na URSS do passado (como o de Rates (reeditado em 1976), o de Urbano Tavares (1974) ou o de Alexandre Babo (1974)), que se assistiria ao lançamento de relatos de viagem fabricados pelos ditos dissidentes comunistas. Foram disso caso os livros de Francisco Ferreira e de J. A. Silva Marques, respetivamente, *26 anos na União Soviética*³⁴⁸ (1974) e *Relatos da Clandestinidade – o PCP visto por dentro*³⁴⁹ (1976). Mais tarde outros como estes surgiriam, caso do livro de Cândida Ventura, *O Socialismo que eu vivi*³⁵⁰ (1984). Outros que não de comunistas ou dissidentes, mas também críticos da União Soviética, também publicariam os seus relatos, caso de A. Sebastião Gonçalves e do seu *URSS um pouco do muito que vi*³⁵¹ (1975) derivado da viagem que este, juntamente com Henrique Barros, realizara a Leningrado, Minsk, Kiev, Moscovo, Sochi no ano de 1970.

³⁴⁸ Ferreira, *26 anos na União Soviética. Notas de exílio do Chico da C.U.F.*

³⁴⁹ J. A. Silva Marques, *Relatos da clandestinidade: o PCP visto por dentro* (Lisboa: Expresso, 1976).

³⁵⁰ Cândida Ventura, *O «Socialismo» que eu Vivi - Testemunho de uma ex-dirigente do PCP* (Lisboa: O Jornal, 1984).

³⁵¹ António Sebastião Gonçalves, *U.R.S.S.: um pouco do muito que vi* (Lisboa: Notícias, 1975).

Em 1979, António Borges Coelho e Blasco Hugo Fernandes publicam pelas edições Progresso (Moscou) *No País dos Sovietes 60 anos Depois de Outubro*³⁵². Depois, em 1980, Mário Castrim, José Goulão, Rui Lima Jorge, Helena Neves, António Melo e Carlos Pinhão, após visitas à Repúblicas da URSS em 1979, agrupam os seus relatos de viagem no livro *URSS reportagem a seis vozes*³⁵³. Carlos Pinhão, conhecido jornalista desportivo, em particular, aproveitava o seu relato para se centrar na dimensão do desporto na URSS, não fosse, afinal, aquele o ano em que Moscovo acolhia os Jogos Olímpicos. Em 1985, um curioso livro é publicado sem autor, seu nome, *Uma viagem à União Soviética em poema*³⁵⁴. Depois em 1986, César Príncipe, após uma visita à URSS a convite da Igreja Ortodoxa Russa, lança o livro na *URSS a convite de Deus*³⁵⁵, também através das edições Progresso. Ainda em 1986, Fernando Namora publica *URSS mal amada bem amada*³⁵⁶, um livro que percorria algumas das digressões do autor pelo *País dos Sovietes*, relembando aventuras ainda do tempo da ditadura. Entretanto, outros relatos foram sendo publicados, entre 1977 e 1989. *A Paz e Amizade*, o *Avante!* e a revista *Mulheres*, por exemplo, serviram como meios de divulgação de relatos durante esta época; relatos, grosso modo, redigidos por comunistas.

Durante a década de 80, as relações que despontaram a partir do 25 de abril continuaram. Novos intercâmbios são projetados. Novas viagens realizam-se. Soviéticos visitam Portugal. Portugueses visitam a URSS. Em 1988, a RTP1 dava conta de um novo fenómeno em formação. Moscovo, Volgogrado, Kiev, Minsk e Leningrado estavam, agora, no «itinerário de mais de um milhar de portugueses que a crise de emprego e o gosto pela aventura projetaram subitamente para os corredores dos aeroportos internacionais»³⁵⁷. Eram as «grandes empresas italianas com fabulosos contratos de construção com os russos, [...] as responsáveis por este surto de emprego temporário que está a levar compatriotas nossos a enfrentar os frios e gelos da velha Rússia». Na antiga Estalinegrado, depois, renomeada de Volgograd, cidade industrial por excelência, estavam cerca de mil portugueses – era aquela a principal cidade soviética onde chegavam trabalhadores migrantes portugueses. A ida daqueles portugueses para a URSS não se justificava, contudo, só com «a crise de emprego e o gosto pela aventura». Não fossem, talvez, os impulsos alavancados pela *perestroika* e pela *glasnost* e as ditas empresas italianas não andariam à caça de trabalhadores temporários.

³⁵² António Borges Coelho e Blasco Hugo Fernandes, *No País dos Sovietes. 60 anos depois de Outubro* (Moscou: Edições Progresso, 1979).

³⁵³ Mário Castrim et al., *URSS - Reportagem a seis vozes* (Lisboa: Editorial Caminho, 1980).

³⁵⁴ *Uma viagem à União Soviética em poema* (Lisboa: ASA, 1985).

³⁵⁵ César Príncipe, *Na URSS a convite de Deus* (Moscou: Edições Progresso, 1986).

³⁵⁶ Namora, *URSS mal amada bem amada*.

³⁵⁷ Ver: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/emigrantes-portugueses-na-uniao-sovietica/>

“Sob o mote da Glasnot [transparência]”³⁵⁸, Álvaro Cunhal publica, no Verão de 1985, *O Partido com Paredes de Vidro*. “O seu propósito não consistia apenas em explicar o funcionamento interno do Partido Comunista Português, mas, com essa explicação, tornar o seu funcionamento transparente como o vidro”³⁵⁹; pretendia-se, assim, “antes de mais intervir sobre a perceção externa do Partido, contrariando as representações distópicas associadas à época de clandestinidade e fazendo-se contemporâneo de esforços de renovação como os que decorriam na URSS”³⁶⁰. O texto era contemporâneo da estabilização do PCP, ou, como o colocou André Barata: “O PCP entrava finalmente no sistema, como quem entra na ordem.”³⁶¹ Não obstante, a década de 80 não havia sido fácil para os comunistas. A contrarrevolução constitucionalizava-se, na ótica do PCP, em 1982. Atrás e à frente dela verificar-se-iam investidas não menos contrarrevolucionárias de governos do PS, da AD e do PS/PSD. No ano do *Partido com Paredes de Vidro*, Portugal assinava o Tratado de Adesão à CEE. A partir de 1983, o PCP passa a perder progressivamente representação parlamentar, apesar de se manter como a terceira força política. Ademais, as dissidências internas foram afetando as perceções externas sobre o partido e, não menos importante, as próprias estruturas. Ainda assim, nesta mesma década sinónima de contrarrevolução em Portugal, o PCP e os militantes comunistas foram encontrando espaços de esperança, de militância e de utopia, espaços como a Festa do *Avante!*, por exemplo. Mas para os comunistas portugueses, terá sido (ou continuado a ser) a União Soviética um desses espaços na década de 80?

No final da segunda metade da década de 80, as relações entre PCP e URSS enfrentam uma agudização em detrimento das políticas soviéticas promovidas por Gorbachev. Segundo Pedro Pinto, “entre março de 1985 e novembro 1989, o PCP apoiou a perestroika porque considerou as reformas necessárias à revitalização de uma União Soviética mergulhada na estagnação económica e no atraso tecnológico comparativamente às potências do Ocidente e mesmo à China de Deng Xiaoping. Os comunistas portugueses defenderam o sucesso da perestroika como um sintoma de superioridade e da capacidade de renovação do comunismo. Nas vésperas da derrocada efetiva, o PCP manteve o apoio ao impacto reformista, mas admitiu a existência de «plataformas antissocialistas» na Europa de Leste e no núcleo da URSS que se aproveitaram

³⁵⁸ José Neves, «A militância comunista enquanto prática utópica – da resistência antifascista à sociedade pós-disciplinar», *Ler História*, n.º 69 (2016), p. 63.

³⁵⁹ André Barata, «Reler O Partido com Paredes de Vidro», em *Álvaro Cunhal—Política, História e Estética*, ed. José Neves (Lisboa: Tinta da China, 2013), p. 203.

³⁶⁰ Neves, «A militância comunista enquanto prática utópica – da resistência antifascista à sociedade pós-disciplinar», p. 63.

³⁶¹ Barata, «Reler O Partido com Paredes de Vidro», p. 206.

das boas intenções do líder soviético para corroer o *socialismo real*³⁶². No entanto, a interpretação do PCP alterar-se-ia com a queda do Muro de Berlim. É, sobretudo, a partir daquele momento que Gorbachev passa a ser acusado pelo PCP de desvios perigosos e falhas na atuação política. Pouco tempo restaria para que a União Soviética colapsasse e passasse para o campo da memória. E com ela, Gorbachev que, até hoje, permanece para muitos comunistas portugueses como, enfim, um traidor.

³⁶² Pedro Miguel Ferreira Rios Pinto, «O PCP e a desagregação da URSS: (1985-2007)» (Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2018), p. 74.

PARTE II: TRAJETÓRIAS DA EXPERIÊNCIA, TRAJETÓRIAS DA NARRATIVA

Capítulo 4: Da ida à URSS ao relato da viagem

4.1. As narrativas de viagem e o século XX

«Há numa viagem palpitante o sonho de encontrar o grande imprevisto. O mesmo que quando nos apaixonamos – a mesma razão profunda. Encontrar um mundo novo seria o mesmo que renascer. Sobre cada chegada ao desconhecido projetamos, despercebidamente, o mito obsessivo do renascer, da palingénésia, que já vivemos a cada manhã, a cada aniversário, a cada Ano novo. E no reconto do que experimentámos lá fora desejaríamos, por via de outrem, o ouvinte, consumir aquele, maravilhoso que raramente vivemos em viagem»³⁶³

“I do not expect to see many travel books in the near future”, afirmou Evelyn Waugh, escritor britânico, no segundo pós-guerra. “Never again... shall we land on foreign soil with letter of credit and passport... and feel the worldwide open to us”³⁶⁴, continuou, justificando-se. Waugh julgou encontrar-se diante da crise daquilo que, mais tarde, Óscar Lopes definiria vagamente como o «maravilhoso raro». Tratava-se de uma crise estranha, contudo. É que ela seria contemporânea, precisamente, do alargamento das experiências de viagem às massas, isto é, da suposta banalização da prática de viajar. Para ele, a magia das viagens que havia acompanhado historicamente o género da literatura de viagem esvanecia à medida que o número de viajantes se ampliava, à medida que o turismo de massas entrava em cena, à medida que mais aviões comerciais descolavam, transportando consigo inúmeros de sujeitos dispostos a passear pelo simples prazer de passear.

Waugh enganara-se, pelo menos, no referente aos livros de viagem. Afinal, eles continuaram a surgir no segundo pós-guerra chegando mesmo aos nossos dias. Mas, se aceitarmos, como Waugh, que as viagens foram no decurso do século XX expropriadas da sua magia, porque é que se insistiu em continuar a produzir livros de viagem?

Em 1974, o antropólogo Claude Levi-Strauss apresentou uma proposta interpretativa para esta interrogação. Aceitando que “journeys, those magic caskets full of dreamlike promises, will never again yield up their treasures untarnished... The first thing we see as we travel round the world is our own filth, thrown into the face of mankind”³⁶⁵, Levi-Strauss, argumentaria que o segredo para compreender a contínua elaboração de livros de viagens no século XX estava,

³⁶³ Óscar Lopes, *Setembro na URSS (1972-1974)* (Porto, 1975), p.9.

³⁶⁴ Citado em Patrick Holland and Graham Huggan, *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing* (Michigan, 1996), p.1.

³⁶⁵ Levi-Strauss, Claude, *Tristes Tropiques*, (Nova York, 1974) traduzido em Paul Fussel, *Abroad - British Literary Traveling Between the Wars* (Oxford e Nova York, 1980), p. 226.

precisamente, na decadência e na degradação da viagem, enquanto experiência vivida pelas massas. A “mad passion for travel books” seria justificada, por isso, na capacidade da literatura de viagem conseguir produzir “the illusion of something which no longer exists but still should exist”³⁶⁶, convidando todos *nós* (aqueles que somos vítimas das viagens ditas decadentes) a imaginar algo que jamais regressaria – a aventura pelo *desconhecido*.

O acesso das massas às experiências de viagem foi o que, em certa medida, convocou Waugh e Levi-Strauss a pensar as narrativas de viagem no século XX. Ambos leram esse acesso como algo gerador da decadência da experiência de viajar. Como em tempos passados, intelectuais como Agostinho de Campo e Fidelino de Figueiredo julgaram estar deparados com a “crise da civilização pela emergência das massas na sociedade”³⁶⁷. Não menos importante para esta questão levantada por Waugh e Levi-Strauss foi a emergência do turista. Um sujeito que, surgido das massas, ingressou na história e que não poupou as narrativas de viagem a modificações. E o que é que o acesso das massas às experiências de viagem e a emergência do turista fizeram às narrativas de viagem no século XX?

Vimos como para Levi-Strauss a cultura de massas forçara a literatura de viagem a prestar-se como um instrumento de produção de ilusões. Os escritores-viajantes, embrulhados em viagens supostamente degradantes pela emergência do turismo de massas, tornaram-se em arquitetos de ilusões – aqueles que literariamente transformavam o degradante em maravilhoso. Outras hipóteses foram levantadas por historiadores da literatura e críticos literários. Paul Fussel, por exemplo, ao estudar relatos de viagem de escritores britânicos no entre guerras, propôs que a literatura de viagem passara a contemplar menos a narração da *realidade* e mais a fuga a essa mesma *realidade*, o escapismo. Patrick Holland e Graham Huggan argumentaram que as narrativas de viagem e os escritores-viajantes do século XX, apesar de esbarrados com “a world less exciting, less diverse”³⁶⁸, esforçaram-se por apresentar um mundo que estes quisessem ainda ver como diverso, heterógeno e desconcertante³⁶⁹. Por seu turno, o historiador Gary Krist, um crítico de Fussel, viu a literatura de viagem como “um gênero teimosamente resistente da nossa época”³⁷⁰. Um gênero que, deparado com a crise das *viagens autênticas*

³⁶⁶ Fussel, *Abroad - British Literary Traveling Between the Wars*, p.226.

³⁶⁷ Luís Trindade, *O estranho caso do nacionalismo português: o salazarismo entre a literatura e a política* (Lisboa, 2008), p. 43.

³⁶⁸ Holland and Huggan, *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*, p.2.

³⁶⁹ Estes dois historiadores não deixaram de ler que a continuidade da literatura de viagem no século XX se compreendia também através da “resilience of travelers, and of the worldwide network – the business – that continues to support their enterprise” Holland and Huggan, *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*, p.2.

³⁷⁰ Raquel Mundim Tôres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’ (Dissertação de Doutorado em História, Universidade de São Paulo, 2019), p. 36.

produzida pela homogeneização dos espaços, não se isentara de tentar descobrir novos espaços desconhecidos – espaços quase inacessíveis a turistas, por isso, menos seguros e, até mesmo, obscuros.

As diferentes perspectivas apresentadas por estes historiadores e críticos literários denunciam, contudo, um chão comum. A maioria dos aqui citados parecem considerar que o século XX foi, por excelência, o século onde as movimentações voluntárias, apesar de numericamente superiores às dos séculos anteriores, deixaram, na sua maioria, de ser dotadas daquele «maravilhoso raro». Algo que se vinculava ao acesso das massas às experiências de viagem, à emergência do turista, enquanto sujeito, não só itinerante, mas produtor de narrativas de viagem e, ainda, à dominação estabelecida pela *industrialização do turismo* no contexto das movimentações voluntárias. Porém, foram alguns os historiadores que procuraram enquadrar esta transformação introduzida pela emergência do turista e, depois, pela cultura de massas numa dimensão histórica mais lata e interessada na longa duração.

Caso do próprio Fussel. Inscrevendo a literatura de viagem numa genealogia mais lata, este historiador argumentaria que “before tourism there was travel, and before travel there was exploration. Each is roughly assignable to its own age in modern history: exploration belongs to the Renaissance, travel to the bourgeois age, tourism to our proletarian moment”³⁷¹. Todavia, foi o próprio que reconheceu as imprecisões que aquela catalogação temporal comportava, aceitando, assim, coexistências históricas entre explorações, viagens e turismo. Explorações e viagens haviam convivido historicamente como as viagens e o turismo. Aquele momento proletário do qual nascera o turismo, que se encontrava diante de Fussel e que havia emergido na Inglaterra do século XIX teria coabitado com a era das viagens. E assim o tinha sido até pelo menos ao momento em que a *era das viagens* findara, segundo o historiador, “with the control of the Baedeker plant at Leipzig by totalitarians hostile to the very idea of travel”³⁷². Dali em diante, “tourism is all we have left”³⁷³, propôs com alguma melancolia. Faseando desta forma a história da literatura de viagem, Fussel alongar-se-ia na descrição do turista, como novo sujeito itinerante e produtor de narrativas de viagem emergido do século XIX. Começou por distingui-lo dos outros agentes históricos produtores de narrativas de viagem, defendendo que “the explorer seeks the undiscovered, the traveler that which has been discovered by the mind working in history, the tourist that which has been discovered by entrepreneurship and prepared

³⁷¹ Fussel, *Abroad - British Literary Traveling Between the Wars*, p. 38.

³⁷² Fussel, p. 226.

³⁷³ Fussel, p. 41.

for him by the arts of mass publicity.”³⁷⁴ Segundo Fussel, o turista caracterizava-se como aquele que, apanhado nas tramas do domínio (quase que totalitário) do turismo, ficara à mercê daquilo que as agências de turismo (estatais ou não) lhe haviam reservado. Seria, assim, o antípoda do viajante. O turista já não convivia com espaços, mas com pseudo-espaços (do hotel ao aeroporto), da mesma forma, também já não carregava “means and independence of arrangements”³⁷⁵, era, agora, guiado intencionalmente por *outros*. O turista não ia ao encontro da descoberta, ia, sim, ao encontro do que aos *outros*, às massas, se sugeria observar (da Disneyland ao antigo campo de concentração de Auschwitz). O turista não descobria, nem explorava, limitava-se a ser mais uma vítima do capitalismo, mais um sujeito controlado pelas novas e mais silenciosas, e, por isso, mais sofisticadas, teias de poder. Como se turista não tivesse *agencialidade*.

Outras foram, contudo, as propostas para tentar perceber as transformações operadas no campo da literatura de viagem decorridas da emergência do turista. Também Romano considerou relevante distinguir o viajante do turista. Não muito longe de Fussel, Romano sugeriu que essas distinções surgiriam, sobretudo, esclarecidas nas relações estabelecidas entre sujeito e viagem. Para ele, enquanto os viajantes “se deslocavam principalmente por necessidade, em função de atividades de Estado, comerciais ou científicas”³⁷⁶, os turistas colocavam, em primeiro lugar, as suas motivações pessoais. Ainda assim, Romano não dispensou de sinalizar distinções históricas na categoria de turista cujas dimensões influenciaram a própria produção literária. Uma coisa seria o turista do romantismo (os jovens aristocratas do *Grand Tour*, por exemplo), outra, seria o turista contemporâneo. “De acordo com Romano, enquanto o primeiro se inspira na idealização do viajante de épocas anteriores, buscando viagens com mais adversidades e o contato e conhecimento de sociedades mais distantes de si, o segundo “preserva sua distância na cápsula do hotel, no ônibus de turismo e na segurança de ambientes estandardizados”³⁷⁷.

Todorov iria ainda mais longe que Romano. Ao estudar dois relatos de viagem escritos por François-René de Chateaubriand, no final do século XVIII inícios do XIX, Todorov propôs que aquele seria “o primeiro viajante escritor moderno; [...] o inventor da viagem tal como será

³⁷⁴ Fussel, p. 39.

³⁷⁵ Fussel, p. 41.

³⁷⁶ Romano, Luís, «Viagem e Viajantes: uma literatura de viagens contemporâneas», *Edição Literária*, 10B, 2013, p. 34 citado em: Tôres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’, p. 33.

³⁷⁷ Tôres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’, p. 33.

praticada nos séculos XIX e XX”³⁷⁸. Segundo Todorov, no primeiro relato de viagem de Chateaubriand a “ênfase é colocada no contacto com a natureza e com os “selvagens”, com o intuito de conhecer seus costumes”, já num outro relato posterior a ênfase colocava-se “mais na descrição de monumentos, paisagens e ruínas, sendo assim [...] uma viagem mais cultural, voltada para o conhecimento do passado”³⁷⁹. Chateaubriand transformara-se de viajante em turista, passando a “preferir os mortos aos vivos e os objetos aos sujeitos”³⁸⁰.

Porém, o acesso das massas às experiências errantes e a entrada do turista em cena não convocaram só a reflexão dos estudiosos da história literária. Os próprios viajantes (turistas, ou não) do século XX e, de forma mais notória, os que, ainda durante aquele século, procuraram continuar a transformar as suas experiências de viagem em narrativas textuais também não dispensaram de refletir sobre a questão da emergência do turista na modernidade e dos efeitos que esta emergência comportou para a produção literária. Neste sentido, não é de estranhar que vários se recusassem a ser catalogados como turistas, reivindicando, para si, do estatuto de viajante – ainda atento ao mundo e com ambições de descobrir os variados maravilhosos que se escondem por aí. Vários também foram aqueles que leram os discursos dos turistas como irrelevantes para a apreensão da dita *realidade* – relevantes, é certo, para outros tópicos de discussão –, vislumbrando o turista de formas não muito distantes das propostas feitas por Paul Fussler. Caso, como vimos, de A. Vieira ou, ainda, caso de Francisco Ferreira que, em 1974, escreveu: «nos últimos tempos inúmeros intelectuais e personalidades da nossa terra [...] têm realizado viagens de trabalho ou de turismo à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Alguns compatriotas, após terem visitado o País de Lénin, escreveram livros sobre a «realidade soviética» sem se aperceberem da sua POUCA «experiência russa». [...] As suas declarações ou livros sobre a vida soviética são o reflexo de observações superficiais e dos esclarecimentos «gentilmente» prestados pelos intérpretes que os acompanham. Industriados por organismos especializados para essa tarefa, esses intérpretes são obrigados, por dever de ofício e por outros «fenómenos locais», a embelezar a fachada.»³⁸¹

³⁷⁸ Todorov, Tzvetan, *Nosotros y Los Otros: Reflexiones sobre la diversidad humana* (Madrid, 2013), p. 324 traduzido em Tôrres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’, p. 34.

³⁷⁹ Tôrres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’, p. 34.

³⁸⁰ Todorov, Tzvetan *Nosotros y Los Otros: Reflexiones sobre la diversidad humana*, p. 349, traduzido em Tôrres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’, p. 34.

³⁸¹ Francisco Ferreira, *26 anos na União Soviética. Notas de exílio do Chico da C.U.F.* (Lisboa, 1975), pp. 27-28.

No entanto, uma boa parte dos acima citados aparentara cair numa armadilha. Uma armadilha que, insuflada por uma certa idealização da literatura de viagem do passado e ainda por uma mundivisão até certo ponto pessimista, parece conviver bem com a ideia de que aquele «maravilhoso raro», a que Óscar Lopes se referia, havia sido substituído, se não mesmo, destruído. Mas não só. Nenhum dos acima referidos pareceu atribuir uma dimensão dialética à história das mobilizações de sujeitos (sobretudo, as voluntárias) no século XX, e uma boa parte deles parecem aceitar que a *industrialização do turismo* tomou funcionalmente conta do grosso das experiências errantes sem grandes resistências. Porém, se é certo que no século XX são alargados os aparelhos com vista à promoção de experiências errantes estandardizadas e uniformizadas, não é menos certo que, também naquele século, se deram práticas de mobilização que inventaram *outros* circuitos, que se apropriaram de *outros* espaços e que produziram *outros* tipos de sentidos para as movimentações voluntárias fora do campo de controlo do turismo, como também não é menos certo que as viagens, mesmo as concebidas dentro da *indústria do turismo*, acomodaram subversões e transgressões, ora espontâneas, ora organizadas. Por isso, talvez, nem Waugh na segunda metade da década de 40, nem Levi-Strauss e Fussel na década de 70, nem Patrick Holland e Graham Huggan, no início do novo milénio, estivessem diante de um mundo menos excitante e de um mundo expropriado daquele «maravilhoso raro». Talvez, estivessem diante da chegada daquele «maravilhoso raro» a novos mundos, a novas gentes. Ou melhor, talvez importe questionar, no final de contas, quem decide o que é, ou não, maravilhoso?

A segunda parte desta dissertação convive com percepções próximas às de Levi-Strauss, mas também convive com percepções opostas, como as de Óscar Lopes. Ela trata, em particular, deste género literário – se é que assim o podemos nomear – que não expirou no segundo pós-guerra e trata, precisamente, na mesma cronologia em que alguns destes autores promoviam as suas hipóteses. São as narrativas de viagem no século XX que a partir daqui começamos a discutir. Mas porquê fazer dessas narrativas um objeto de estudo? E, não menos importante, como?

Recuperando a definição de Jonathan Raban, podemos sintetizar que “as a literary form, travel writing is a notoriously raffish open house where different genres are likely to end up in the same bed. It accommodates the private diary, the essay, the short story, the prose poem, the rough note and polished table talk with indiscriminate hospitality. It freely mixes narrative and discursive writing”³⁸². A prática de transformar experiências de viagem em narrativas textuais

³⁸² Jonathan Raban, *For Love and Money: Writing-Reading-Travelling 1968- 1987* (Londres, 1988), pp. 253-254.

é antiga. Homero utilizou-se dela, assim como dela fizeram uso «Solón, Marco Polo e Mendes Pinto»³⁸³. A prática acompanharia os mais variados processos históricos, marcando presença nos «anos de aprendizagem ambulante (*Wanderjahre*) de certo artesanato medieval» e nas viagens marítimas da era da expansão colonial, na «grand tour continental dos jovens aristocratas ingleses do século XVIII»³⁸⁴ e nas movimentações dos românticos oitocentistas. Foi, em resumo, acompanhando processos de transformação na base material (da transformação artesanal de pinheiros em embarcações à fabricação de aeronaves) cujos efeitos, alterando os meios da viagem, mas também os *pontos de partida* e os *pontos de chegada*, transformaram as próprias experiências subjetivas construídas em viagem e as próprias relações estabelecidas entre os sujeitos e as deslocações. Foi, da mesma forma, dialogando com mutações naquilo que no campo marxista se nomeia tradicionalmente como superestrutura, por isso, sendo capturada por orientalismos e nacionalismos, horizontes utópicos e convenções religiosas. Transformada *vis-à-vis* com as mutações históricas nos campos da infraestrutura e da superestrutura, ela foi sendo reivindicada por historiadores e estudiosos da literatura como um objeto para o estudo de variados assuntos. Tomemos as palavras de Carl Thompson: “The critical debate about the role and influence of modern travel writing is unlikely to abate or be resolved. [...] And whilst the genre is now firmly positioned, in almost all its modes, as a form of recreational reading, travel writing remains arguably one of ‘the most socially important of all literary genres’, exercising a significant influence on reader perceptions of both the wider world and themselves. Travel writing’s often complex relationship with power and privilege, and in the West with the ongoing legacies of colonialism, must of course always be interrogated. Yet at its best the genre can work to widen our sympathies, curiosity and, indeed, knowledge, whilst also functioning, as Holland and Huggan put it, as a ‘useful vehicle of cultural self-perception’ and critique”³⁸⁵

Contudo, ao reivindicarmos a literatura de viagem como um objeto de estudo no campo historiográfico é-nos requerida uma atenção a algumas “características desse *corpus* heterogêneo de textos”³⁸⁶, assim sugeriu, pelo menos, Mary Anne Junqueira. A saber: 1) a atenção aos demais tipos de movimentações, deslocações, reais e/ou imaginadas, descritas no texto; 2) a compreensão de que a literatura de viagem presume um leitor – afastando-se, por isso, dos diários – e que a narrativa de viagem tem, por isso, intenções para com um grupo de

³⁸³ Lopes, *Setembro na URSS (1972-1974)*, p. 6.

³⁸⁴ Lopes, p. 6.

³⁸⁵ Carl Thompson, ‘Travel Writing Now, 1950 to the Present Day’, in ‘Travel Writing Now, 1950 to the Present Day’, *The Routledge companion to travel writing* (Nova Iorque, 2016), p. 212.

³⁸⁶ Mary Anne Junqueira, ‘Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador’, in Mary Anne Junqueira and Stella Maris Scatena Franco, eds., *Cadernos de Seminários de Pesquisa*, II (São Paulo, 2011), p. 48.

sujeitos que é convidado a ler; 3) os vários tempos do processo, afinal, o relato pode ser publicado logo após o encerramento da viagem, como também o pode ser passado vinte anos, podendo ainda distinguir-se, como sugeriu Junqueira, o relato de viagem e a “memória de viagem”³⁸⁷; 4) o reconhecimento das redes que se estabelecem no campo da literatura de viagem, isto é, a compreensão de que os relatos se conectam com outros, numa extensa rede de diálogo, influência e inspiração que molda a própria produção literária; 5) a necessidade de se estar alerta para a veracidade dos conteúdos literários.

A estas podíamos, ainda, acrescentar outras duas particularidades inerentes ao estudo das narrativas de viagem e que nos interessam no quadro metodológico e teórico e que, em todo o caso, Junqueira não dispensou de mencionar. Duas particularidades que foram vagamente descritas, em momentos distintos, por dois escritores portugueses, o heterónimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares e o já citado Óscar Lopes, respetivamente: a) “As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão o que somos.”³⁸⁸; b) «Quando se viaja com finalidade exclusivamente prática, o *ponto de chegada* pertencente ainda ao *ponto de partida*»³⁸⁹. Dito de outra forma, no estudo destas narrativas interessa-nos não só a dimensão que nos informa sobre o escritor-viajante, como os próprios imaginários relativos ao *ponto de chegada* que circulam previamente no *ponto de partida* do escritor-viajante e que, conscientemente ou não, este transporta diretamente para a sua narrativa.

No decurso do século XX, conforme identificamos, uma certa noção, embora várias vezes contestada, sobre as narrativas de viagem vai adquirindo formato. Uma noção que, ao aceitar que instrumentos como a imprensa, a rádio e a televisão produziram um mundo mais uniformizado e homogéneo, supôs que a globalização conseguira construir um mundo onde o *desconhecido* desaparecera diante dos sujeitos. O processo ao qual muitos destes autores se referiam e do qual supostamente resultara aquele mundo foi sendo compreendido como próprio da *modernidade* e, da mesma forma, foi sendo interpretado como um processo político. Mas, também resultantes da *modernidade* e do *político* – talvez possamos dizer, do *inconsciente político*³⁹⁰ – foram as próprias noções que filósofos como Levi-Strauss e críticos da literatura como Óscar Lopes teceram sobre a literatura de viagem.

³⁸⁷ Nesta última o escritor-viajante adereça-se literariamente à viagem após decorrido algum tempo da realização da mesma. Raquel Tôres menciona que decorridos quatro anos entre a viagem propriamente dita e a elaboração do texto, por exemplo, o relato passa a “memória de viagem”.

³⁸⁸ Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith (Lisboa, 2011), Fragmento 451.

³⁸⁹ Óscar Lopes, *Setembro na URSS (1972-1974)* (Porto, 1974), p. 6.

³⁹⁰ Frederick Jameson, *The political unconscious: Narrative as a socially symbolic act*, (Londres: Routledge, 1983).

O que está, afinal, em debate quando Levi-Strauss sugere que em viagem nos deparamos com “our own filth”³⁹¹ ou quando Óscar Lopes propõe que ao viajar ainda nos podemos encontrar com o «maravilhoso» (imaginado logo no *ponto de partida*)? Talvez, o exercício de organizar simbolicamente o *real*. O que convoca, ao redor do assunto das viagens, o pessimismo de um é, precisamente, o que convoca o otimismo do outro. Este pessimismo e este otimismo são, em última análise, ideológicos. Assim o são, porque participam num processo de construção de significados cujo fim foi tanto é o de pensar as viagens como o de interpelar o mundo onde elas ocorrem. Com efeito, discursos como os de Levi-Strauss e os de Lopes ultrapassam o domínio estritamente subjetivo e inscrevem-se na esfera do coletivo e do histórico. Aquele pessimismo e aquele otimismo descritos na primeira metade da década de 70 são simultaneamente produtos e reproduções das contradições sociais e políticas, historicamente delimitadas. Levi-Strauss e Óscar Lopes partilharam de um contexto onde a aceleração da globalização motivava inquietações sobre os futuros da alteridade (elemento caro às viagens), onde as próprias fronteiras simbólicas entre o *eu* e o *outro* surgiam diante de novas tensões demarcadas nos estudos das ciências sociais e onde, enfim, o *desconhecido* já não era uma certeza, mas uma interrogação. Todavia, se estas premissas se demonstram relevantes para pensar os modos como historiadores, filósofos e críticos da literatura discutiram as narrativas de viagem, são-nos também úteis para refletir sobre as próprias narrativas de viagem no século XX. Voltemos a Óscar Lopes e às palavras por este usadas no início da sua narrativa de viagem:

«Há um complicado campo de forças que se estende entre o exercício da fantasia e o da observação. Porque precisamos dos mitos, porque precisamos nos medir com a imaginação mais livre? E que uma realidade efetivamente todavia exequível, só se apreende bem na sua medida, no quadro de todos os possíveis; e, conversamente, é sempre real que nos abre para as possibilidades mais extraordinárias, as quais sofremos de qualquer obscura inibição perante o real profundo, e este seu correlato – que é o maravilhoso. Sentimos que todas as viagens poderiam ser incrivelmente míticas, mesmo as do nosso autocarro quotidiano, até porque não há nada mais inevitavelmente perturbante do que o simples encontro com cada outra pessoa. Mas voltamos de cada odisseia com os mesmos olhos com que partimos. Se carregamos nas cores e exageramos as proporções, é então ainda mais óbvio que usamos a mesma paleta e as mesmas relações geométricas de antes.»³⁹²

Podemos, assim, dizer que as narrativas de viagens são, também elas, ideológicas. Afinal, elas não só refletem as experiências subjetivas dos viajantes, como, aliás, também comportam mundivisões, sentidos comuns e epistemes moldadas pelos seus respetivos contextos – aquilo que o historiador Luís Trindade descreveu da seguinte forma dialogando com o conceito de

³⁹¹ Levi-Strauss, Claude, *Tristes Tropiques*, (Nova York, 1974) traduzido em Paul Fussel, *Abroad - British Literary Traveling Between the Wars* (Oxford e Nova York, 1980), p. 226.

³⁹² Lopes, *Setembro na URSS (1972-1974)*, p. 7.

“subjetividades coletivas” de Frederick Jameson, “*essa coisa esquiva que todos parecem saber o que é mas de que ninguém consegue verdadeiramente falar e que constitui, no limite, o senso comum de cada época*”³⁹³. Interagindo com os modos de ver dominantes e com imaginários socialmente construídos, projetando mediações a pensar também naquele que lê, talvez possamos dizer que estas narrativas tendem a revelar mais sobre os *pontos de partida* e menos sobre os *pontos de chegada*, mais sobre o visitante e menos sobre o visitado. Em todo o caso, ao aceitarmos que estas narrativas são produtos de *algo* que lhes é externo, devemos, também, aceitar que elas produziram – reproduziram – *algo* sobre o qual se disse assentar o *real*³⁹⁴.

4.2. O País dos Sovietes nas narrativas de viagem do século XX

Se a catalogação da narrativa de viagem dependesse em exclusivo dos conteúdos discursivos elaborados pelos escritores-viajantes, bem que se podia defender, partindo daquela esquematização proposta por Paul Fussell, que durante o século XX ainda existiram viagens de exploração, viagens que julgaram ir à *descoberta* de um *mundo novo*. Vejamos as considerações de J. M. Ferreira do Amaral, em 1935:

«A Rússia interminável... Em resumo, e na verdade, bem misteriosa e desconhecida para quási todos!!... Não se visita a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas com o mesmo interesse turístico que sente em geral qualquer pessoa quando passeia em terras que lhe são desconhecidas. Até numa excursão de prazer, sem quaisquer preocupações de estudo, a Rússia exige de nós uma atenção especial, filha certamente do mistério que para nós representa as consequências da revolução de 1917, que abalou de alto a baixo a organização social dum povo»³⁹⁵

Considerações como esta não faltam nas páginas de abertura dos livros onde foram datilografadas as experiências de alguns visitantes da Rússia dos Sovietes na década de 20 e 30. Transportadas da literatura para a historiografia, considerações como estas tiveram eco em trabalhos como os de Raquel Tôres. Foi esta historiadora que argumentou que, “de certa maneira, as narrativas de viagem à União Soviética têm características em comum com viagens exploratórias do desconhecido: [...] chegar ao país soviético era descobrir um novo sistema

³⁹³ Trindade, *O estranho caso do nacionalismo português: o salazarismo entre a literatura e a política*, p. 17.

³⁹⁴ Talvez as palavras de Slavoj Žižek possam ser pertinentes neste quadro: “This is probably the fundamental dimension of 'ideology': ideology is not simply a 'false consciousness', an illusory representation of reality, it is rather this reality itself which is already to be conceived as 'ideological' – 'ideological' is a social reality whose very existence implies the non-knowledge of its participants as to its essence - that is, the social effectivity, the very reproduction of which implies that the individuals 'do not know what they are doing'. 'Ideological' is not the false consciousness of a (social) being but this being itself in so far as it is supported false consciousness.” Slavoj Žižek, *The Sublime Object Of Ideology* (Londres e Nova Iorque, 1989), pp. 15-16.

³⁹⁵ J. M. Ferreira do Amaral, *O paraíso bolchevista e... a mentira: uma viagem à Rússia* (Lisboa, 1935), p. 17.

social, político e econômico a ser compreendido [...] ir para a URSS permitia ao viajante que ele não fosse rotulado como mero “turista” do já tão moderno século XX, pois teria o desafio de adentrar um território social até então não conhecido, e muitas vezes, não desejado pela sua própria sociedade ou governo.”³⁹⁶ Continua Torrês, “após mais 420 anos da conquista das Américas pelos povos europeus, surgia novamente a possibilidade de poder viajar para um “novo mundo””³⁹⁷.

Os dez dias que abalaram o mundo apresentariam, em 1919, uma coletânea de experiências nesse, quiçá, *novo mundo* que emergia da revolução de 1917. Redigido por John Reed, o livro vinha adornar um ainda curto catálogo de publicações de ocidentais que haviam deambulado pelas ruas da *nova Rússia*. Apesar de não inventariado nas secções de literatura de viagem, o texto de Reed abriria portas à intensificação da prática de redigir e publicar relatos de viagem sobre o *novo mundo dos soviets*. Na verdade, antes de Reed, conforme vimos, algumas narrativas de viagem na *nova Rússia* haviam já iniciado os seus trânsitos, mas a publicação de tais textos viria a adquirir maior expressividade sobretudo, entre a segunda metade da década de 20 e a primeira metade da década de 30, após os elogios de Lenine a Reed – momento em que, aliás, as romagens até à URSS se ampliaram significativamente, como já referimos anteriormente.

Integrados em delegações representativas, enviados pelos seus partidos, convidados pelas próprias instituições soviéticas ou da IC, expedidos em âmbitos artísticos, culturais, científicos, desportivos ou diplomáticas, remetidos por iniciativa própria, enfim, vários foram os viajantes que, advindos de outras partes do globo, chamariam a si a missão de compreender, tal como Ferreira do Amaral, as entranhas da *realidade* soviética, escorchando, para tal, as cartilagens da propaganda, dos mitos e da *mentira*. Desta difusa vaga de jornadas resultou um conjunto de narrativas escritas que, ao usarem do princípio metodológico “*é-verdade-porque-estive-lá-e-vi-com-os-meus-próprios-olhos*”³⁹⁸, serviram de atestado para sustentar entusiasmos, desilusões, esperanças e receios. Formava-se, assim, um arquivo disperso de publicações relativas a experiências de interação com a URSS que, colidindo com as diversas sensibilidades das sociedades de proveniência dos viajantes, não seria ignorado pelas estruturas de poder soviéticas. Um arquivo que tem vindo a ser reconstruído e estudado por vários historiadores.

³⁹⁶ Torrês, «Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)», p. 37; p. 16.

³⁹⁷ Torrês, p. 16.

³⁹⁸ A expressão é de José Neves em: Neves, «Prefácio», p. 14. Itálico no original

Rachel Mazuy, Sophie Cœuré³⁹⁹, Martyn Cornick e Martin Hurcombe⁴⁰⁰ foram alguns dos historiadores que trouxeram para os seus laboratórios de investigação as narrativas de viagem resultantes de experiências de viagem na Rússia dos Sovietes, produzidas no período do entreguerras, no contexto francês. Luís Perdices de Blas e José Luis Ramos Gorostiza⁴⁰¹ estudaram algumas narrativas de viagem elaboradas no contexto espanhol desse mesmo período, enquanto Alexandra Ioannidou⁴⁰² analisou aquelas provenientes de intelectuais gregos e Angela Kershaw⁴⁰³ as que foram escritas por mulheres intelectuais britânicas e francesas. Por seu turno, os trabalhos de Silvia Margulies⁴⁰⁴, David C. Engerman⁴⁰⁵ e Julia Mickenberg⁴⁰⁶ centraram-se nas narrativas de viajantes norte-americanos. Para os contextos latino-americanos, historiadores como Horacio Tarcus⁴⁰⁷, no caso argentino, Manuel Muñiz⁴⁰⁸, no caso cubano, William Richardson⁴⁰⁹, no caso mexicano, e Raquel Tôrres, no caso brasileiro, também têm vindo a investigar a produção destas particulares narrativas de viagem. Houve, no entanto, quem procurasse alargar o campo de análise, estudando narrativas de viagem além de um contexto nacional específico. Foi o caso de David Cauté⁴¹⁰, Michael David-Fox⁴¹¹ e Paul Hollander⁴¹². Houve, ainda, quem procurasse estudar as narrativas de um só escritor-viajante ou integrar essas narrativas em trabalhos biográficos⁴¹³.

³⁹⁹ Sophie Cœuré, *La grande lueur à l'Est: les Français et l'Union soviétique (1917-1939)* (Paris: Éditions du Seuil, 1999).

⁴⁰⁰ Martyn Cornick, Martin Hurcombe, e Angela Kershaw, *French Political Travel Writing in the Interwar Years: Radical Departures* (Londres: Routledge, 2017).

⁴⁰¹ Blas e Gorostiza, «El experimento económico soviético a examen: La mirada de los viajeros españoles (1917-1936)».

⁴⁰² Alexandra Ioannidou, «Travel writing: Greek Intellectuals in the Soviet Union», em *Semantika Rosji na Balkanach*, ed. Jolanta Sujecka (Warszawa, 2011), pp. 129–148.

⁴⁰³ Kershaw, «French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929 – 1942».

⁴⁰⁴ Margulies, *The Pilgrimage to Russia. The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924-1937*.

⁴⁰⁵ David Engerman, *Modernization from the other shore – American intellectuals and the romance of russian development* (Londres: Harvard University Press, 2003).

⁴⁰⁶ Mickenberg, *American Girls in Red Russia*.

⁴⁰⁷ Horacio Tarcus, *Primeros viajeros al País de los Soviets: Crónicas Porteñas (1920 - 1934)* (Buenos Aires: Bibliotecas Buenos Aires, 2017).

⁴⁰⁸ Manuel Muñiz, «Viajeros cubanos a la Unión Soviética: la experiencia del periplo y las formas del relato en las plumas de Julio Antonio Mella, Sergio Carbó y Rubén Martínez Villena (1927-1932)», *Revista de la Red Intercatedras de Historia de América Latina Contemporánea*, n.º 3 (2015), pp. 44–59.

⁴⁰⁹ William Richardson, *To the World of the Future: Mexican Visitors to the USSR, 1920-1940* (Pittsburgh: Center for Russian and East European Studies, 1993).

⁴¹⁰ Cauté, *The Fellow-Travelers. Intellectual Friends of Communism*.

⁴¹¹ David-Fox, *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941)*.

⁴¹² Paul Hollander, *Political Pilgrims: Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China, and Cuba, 1928-1978*

⁴¹³ Por exemplo: Antony Cardoso Bezerra, «As viagens, os regimes, os olhares: Fernando Namora na União Soviética e nos Estados Unidos», *Metamorfoses* 16, n.º 1 (2019), pp. 82–97.

Uma boa parte destes historiadores partiria, sobretudo, de relatos produzidos no entreguerras por aqueles que, por comodidade, tendemos a designar como intelectuais – um grupo heterogéneo, é certo, mas com um *ponto de partida* percecionado, pelos próprios intelectuais e pelos historiadores que os estudaram, como comum: o ocidente. Um ocidente que, durante o entreguerras, a muitos destes se afigurava em ruína e em processo de decadência civilizacional e para o corporizar lá estavam as recém-formadas ditaduras, os colapsos das economias nacionais nos circuitos da Grande Depressão e os índices galopantes de miséria, pobreza e desemprego. Embebidos numa mundividência idiossincraticamente musculada pelos desígnios de progresso, muitos destes intelectuais encontrariam na URSS a sugestão de alternativa tanto à modernidade capitalista em geral como aos projetos (de modernidade) fascistas em particular.

Entre as décadas de 20 e 30, alguns intelectuais ocidentais declaram encontrar a Leste sorrisos avidamente esperançosos que preenchem os rostos, ora jovens, ora envelhecidos. Outros disseram-se diante a construção de um coletivo comunitário e solidário, com instituições reconstruídas e vivificadas pela moral da humanização, da justiça social e da igualdade, com a sabedoria e preocupação dos humildes líderes soviéticos, com as vivências progressistas e libertadoras das mulheres soviéticas, com o tratamento e integração dos intelectuais na sociedade, com a perceção coletiva de triunfo sobre o passado, com um povo duro em hospitalidade internacionalista. Outros tantos disseram ter-se confrontado com fábricas e campos atafalhados de alegria laboral e desenvolvimento técnico-científico, com uma eletrificação urbana que iluminava as espaçosas avenidas, praças e ruelas e com uma solidez na produção e distribuição que invejava qualquer estrangeiro patriota atento à situação socioeconómica de seu país.

Mas não nos precipitemos. Se é certo que a apologia da União Soviética preencheu uma boa parte dos relatos de viagem do entreguerras, o mesmo não significa que, por entre estes anos, não se tenham gerado textos similares de cunho completamente contrário. Desde logo os relatos dos já referidos Ferreira do Amaral e A. Vieira. Seria, porém, um contemporâneo destes dois a arrecadar um grande número de medalhas de popularidade com uma narrativa de viagem com uma série de interpretações pouco abonatórias a respeito da União Soviética. Refiro-me aos textos *Regresso da URSS e Apontamentos ao Meu Regresso da URSS*⁴¹⁴, ambos escritos

⁴¹⁴ Ambos os livros, na sua edição francesa, terão chegado a Portugal durante a segunda metade da década de 1930. Em dezembro de 1937, foram submetidos à leitura e apreciação dos censores do Estado Novo, conforme indicado na Tabela 3, nos Anexos. A primeira tradução para português de *De volta da U.R.S.S.* foi realizada por Álvaro Moreyra e publicada em 1937 pela editora Vecchi, sediada no Rio de Janeiro. Já o segundo livro, *Retosques no meu De volta da U.R.S.S.*, seria também editado para o português pela Vecchi, numa tradução de Povina Cavalcanti.

por André Gide, um intelectual francês, *fellow-traveller* e apontado como *filocomunista* até o deixar de ser aquando, supostamente, dos seus dececionados trânsitos pela URSS. Na narrativa de viagem de Gide não se encontram sorrisos esperançosos, mas sim os sinais de um processo de desumanização imposto pelo sistema soviético. Gide não viu a vitória da coletividade, mas, sim, um estranho processo de desindividualização. Ele não se encontrou com instituições justas, mas opressoras. Também não testemunhou uma sociedade que imanava cultura e arte, mas sim controlada por uma rígida máquina de propaganda. Tampouco identificou líderes sábios, muito menos humildes – encontrou, sim, tiranos.

O período da intensificação do terror estalinista e, depois, a Segunda Guerra Mundial encerram o primeiro ciclo de viagens à URSS, concluindo, simultaneamente, a primeira grande vaga de publicação de livros de viagem. Como vimos, a partir, sobretudo, da segunda metade da década de 50, as viagens à URSS intensificam-se. No entanto, historiadoras como Sophie Cœuré têm vindo a chamar à atenção para o facto da publicação de relatos de viagem textuais provenientes de certos espaços europeus e norte-americanos não acompanhar a tendência de crescimento ao nível das movimentações. Isto é, apesar de um maior número de viagens para a União Soviética, o que historiadoras como Cœuré notaram foi uma diminuição ao nível da publicação de relatos. E tal, ainda segundo Cœuré, deveu-se tanto à “saturação de obras já publicadas sobre a URSS”⁴¹⁵ em determinados espaços nacionais, como ao surgimento de novas geografias do socialismo, no segundo pós-guerra, que convidavam não só a novas deslocções como a novas narrativas de viagem e, ainda, ao progressivo despertar de decepções com a própria União Soviética. Não menos importante aparentou ser, tal como refletida naquelas palavras de Waught, a situação geral da literatura de viagem no segundo pós-guerra: “travel writing seems to have undergone a dip in popularity and critical prestige in the 1950s and 1960s, having previously experienced something of a Golden Age in the 1930s.”⁴¹⁶

No entanto, a validade das conclusões de Cœuré deve ficar limitada às circunscrições nacionais por ela investigadas, no caso, sobretudo, a francesa. Se temos vindo a insistir na relevância das particularidades do *ponto de partida* (este pensado quase sempre na lógica

Ambas as edições brasileiras chegariam a Portugal. Algumas das obras de Gide, como *A Porta Estreita*, *Sinfonia Pastoral*, *A Escola de Mulheres*, *Isabel*, *Os Moedeiros Falsos*, *A Confidência Imperfeita* e *O Imoralista*, foram traduzidas e publicadas por editoras portuguesas ao longo das décadas de 1950 e 1960, entre as quais se destacam Livros do Brasil (Lisboa), Estúdios Côr (Lisboa), Portugália (Lisboa) e Íbis (Amadora). No entanto, os seus relatos de viagem à União Soviética só seriam editados por uma editora portuguesa em 2023, ano em que foram finalmente traduzidos por João van Zeller e apresentados por Paulo Tunhas numa edição da D. Quixote, sob o título *Regresso da URSS: seguido de Apontamentos ao meu "Regresso da URSS"*.

⁴¹⁵ Entrevista de Raquel Tôres a Sophie Cœuré em Tôres, ‘Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)’, p. 20.

⁴¹⁶ Thompson, «Travel Writing Now, 1950 to the Present Day», p. 200.

nacional) para apreender as especificidades das viagens até à URSS, importa insistir que o mesmo é relevante para pensar a questão da publicação de relatos de viagem. Raquel Tôrres, por exemplo, demonstrou como no caso brasileiro, face às particularidades do seu contexto político, mas também face a particularidades tecnológicas e científicas, o pico de publicação de relatos (33 livros) ocorre entre 1951 e 1963.

4.3. O caso português

A questão dos relatos de viagem relativos à URSS elaborados por naturais de Portugal tem sido vagamente mencionada em alguns estudos. Estudos, todavia, menos centrados nas narrativas de viagem propriamente ditas e mais interessados em outros temas historiográficos. Ernesto Castro Leal⁴¹⁷, por exemplo, referiria dos quatro primeiros relatos publicados na década de 20 para adereçar os modos como em Portugal se interagiu com o *novo mundo dos soviets*. Por seu turno, Marcos Vilhena⁴¹⁸ numa extensa e detalhada revisão da literatura publicada em Portugal sobre a Rússia dos Soviéticos, elencaria vários relatos de viagem publicados entre 1925 e 1974. No respeitante à história do comunismo, historiadores como João Madeira e José Neves⁴¹⁹, por exemplo, tratariam de algumas experiências de viagem e respetivos relatos elaborados por comunistas portugueses no tempo da Iª República e do Estado Novo. Miguel Cardina, a propósito do movimento maoísta em Portugal e da cisão deste com o PCP, reportaria à análise das críticas de setores pró-chineses a alguns relatos de viagem publicados por intelectuais comunistas portugueses⁴²⁰. Rui Bebião, a propósito da sua investigação sobre os imaginários estudantis na década de 60, também analisou alguns dos relatos, atribuindo aos imaginários relativos ao *País dos Soviéticos* um segmento da sua análise⁴²¹.

No contexto da investigação que suporta esta dissertação procedemos a uma tentativa de levantamento dos relatos de viagem (à URSS) elaborados por naturais de Portugal no século XX. Esse levantamento debateu-se não só com livros, como também com textos publicados em jornais e revistas e – de forma, contudo, mais reduzida – com diários pessoais. Desse disperso

⁴¹⁷ Leal, «A Revolução Russa de Outubro de 1917 e os primórdios do regime comunista: aspectos da recepção pública e da dinâmica política em Portugal (1917-1926)».

⁴¹⁸ Vilhena, «Recepção e perceção da Revolução Russa na crise do sistema demoliberal português – uma análise de imprensa».

⁴¹⁹ Madeira, *História do PCP*. Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*. Neves, «Prefácio».

⁴²⁰ Miguel Cardina, *Margem de Certa Maneira O Maoísmo em Portugal 1964-1974* (Lisboa, 2011), pp. 171-172.

⁴²¹ Rui Bebião, *O Poder da Imaginação. Juventude, rebeldia e resistência nos anos 60* (Coimbra, 2003), pp. 145-150.

arquivo constitui-se uma primeira aproximação relativa às narrativas de visitantes da URSS publicadas textualmente, em Portugal. Para efeitos de síntese tomemos a Tabela 1 presente nos Anexos como ponto de partida, notando, porém, que ela somente reporta às narrativas de viagem apresentadas em formato de livro.

No período do entre guerras, publicam-se oito livros daquele género (um deles no período da Iª República, três durante a ditadura militar e quatro durante o Estado Novo), contabilizando-se seis autores (A. Vieira seria responsável por três). O tempo da guerra civil espanhola encerra o primeiro ciclo de publicação de livros daquele género em Portugal. No segundo pós-guerra a ausência de livros como aqueles mantém-se. Só a partir da década de 60 é que eles retomam, sobretudo, após a saída de Salazar da cena política. Contabilizando-se somente um livro publicado, em 1960, da autoria do sindicalista Alexandre Vieira. É entre 1967 e 1977 que o número de livros de viagem na URSS dispara, contabilizando-se, no total, quinze livros e trinta e um autores (dezoito deles entrevistados por Gina de Freitas para o livro *Portugueses na URSS*). Dez destes livros foram publicados nos últimos anos da ditadura e cinco no período da revolução dos cravos e da transição democrática. Por fim, entre 1979 e 1986, encontraram-se seis livros. Tratou-se, no total, de trinta livros e de quarenta e oito autores (considerando um anónimo, A. Vieira com três publicações e Blasco Hugo Fernandes e Urbano Tavares Rodrigues, cada qual com duas publicações em formato de livro).

A maioria dos autores pertencem ao sexo masculino. Somente cinco mulheres transportaram as suas narrativas de viagem para livros. Duas delas (Maria Velho da Costa e Fernanda Mestrinho) em entrevistas para o livro *Portugueses na URSS*, uma (Helena Neves) coautorando o livro *URSS reportagem a seis vozes* e somente duas publicariam os seus livros sem ser em contexto de coautoria ou entrevista (Hortênsia Neves e Cândida Ventura). Não é menos importante refletir que somente uma autora publica o seu livro no tempo da ditadura (Hortênsia Neves), após o fim da norma que estabelecia que as mulheres só podiam viajar para o estrangeiro com autorização prévia do marido ou familiar do sexo masculino.

Do universo dos quarenta e oito autores/entrevistados importa ainda denotar que na sua grande maioria estes transformaram as suas experiências em literatura pouco tempo após a realização da viagem propriamente dita. Assim, somente os livros de Alexandre Vieira (trinta e dois anos de distância entre a viagem e a publicação livro), de Francisco Ferreira (sai da URSS em 1965, publica a sua narrativa de exílio em 1974) de J. A. Silva Marques (onze anos de distância), de Cândida Ventura (vinte e seis anos) e de Fernando Namora (treze anos) podem entrar na catalogação de memórias de viagem. O caso de Fernando Namora merece, em todo o

caso, ser problematizado, sendo que ele, no decorrer da década de 70, foi partilhando textualmente algumas das suas experiências de viagem na URSS.

Memórias de viagem é, ainda assim, um conceito que parece ser pertinente para catalogar a(s) narrativa(s) daquele desconhecido A. Vieira. Os textos deste representaram, no contexto desta dissertação, um dilema. Pouco se sabe sobre as experiências de viagem, a proveniência destas narrativas e seu respetivo produtor. Marcos Vilhena procurou apresentar uma hipótese para interpretar este caso, sugerindo que a intenção que assiste à elaboração daqueles três livros era a de alguém se fazer passar pelo sindicalista Alexandre Vieira, “não só comprometendo o sindicalista, como fazendo alarde dessa conquista para as hostes conservadoras, [...] beneficiando do facto de Alexandre Vieira ser uma figura proeminente do meio sindical português, da enorme popularidade que lhe granjeara um desentendimento com o diretor da Biblioteca Nacional, Fidelino de Figueiredo, em 1926, e, principalmente, de ter ficado a residir em Paris após a visita que fizera à URSS, em 1928, na qualidade de delegado sindical, seguramente motivando especulações face à possibilidade de aí ter fixado o seu exílio”⁴²². No entanto, podemos levantar algumas dúvidas quanto a esta interpretação já que, num dos textos, o dito A. Vieira apresentar-se-ia da seguinte forma: «Sou, antes de mais nada, um homem que por propensão natural e cultura, pertence às ciências exactas. [...] [e que] assim que consegui sair dessa grande prisão chamada URSS [...] voltei aos meus estudos prediletos de química molecular.»⁴²³ Entretanto, um outro livro levantou também algumas inquinações quanto ao anonimato do autor, no caso, *Uma viagem à União Soviética em Poema*.

Entre os quarenta e oito autores/entrevistados, vinte e quatro deles (portanto, metade) militaram no PCP. Vinte não militaram no PCP ou se o fizeram não se encontraram dados suficientes para o evidenciar. Quatro (A. Vieira, Francisco Ferreira, J. A. Silva Marques e Cândida Ventura) fabricaram as suas narrativas de viagem (no caso de Ferreira, de exílio) anexas, na verdade, a livros que tratavam das suas experiências enquanto comunistas, num momento em que se reconheciam como dissidentes comunistas. Note-se que estes últimos produziram, em si, “memórias de viagem” – já que as suas narrativas foram publicadas, como Junqueira propôs, vários anos após a concretização das viagens propriamente ditas. O primeiro livro deste género publicado em Portugal, no ano de 1925, pertencera a um comunista, o primeiro Secretário-Geral do PCP, José Carles Rates (mais tarde, também ele um dissidente comunista). No entanto, somente findados quarenta e quatro anos é que volta a circular um livro

⁴²² Vilhena, ‘Receção e percepção da Revolução Russa na crise do sistema demoliberal português – uma análise de imprensa’, p. 94.

⁴²³ A. Vieira, *O meu depoimento sobre o comunismo* (Lisboa, 1936), p. 7.

deste tipo de um comunista português, no caso o livro de Francisco Dias da Costa, publicado em 1969. Ainda assim, na década de 50 e 60, e como veremos adiante, o *Avante!* foi também disseminando algumas (poucas) narrativas de viagem produzidas por comunistas portugueses, naquele mesmo momento pautado pela ausência de livros de viagem (à URSS) elaborados por naturais de Portugal. Dois relatos de comunistas portugueses merecem a nossa atenção por terem sido publicados através de edições soviéticas – no caso as Edições Progresso (Moscou). São eles o livro *No País dos Sovietes 60 anos depois de Outubro* de António Borges Coelho e Blasco Hugo Fernando e o livro *Na URSS a convite de Deus*, de César Príncipe.

Uma boa parte dos livros assinalados correspondeu a escritores-viajantes que foram convidados a visitar a URSS a propósito de congressos e eventos ou integrados nas ditas *viagens militantes*. Ainda assim, alguns dos livros corresponderam a viagens realizadas em contexto turístico propriamente dito, casos de Carlos Santos, de Herlander Ribeiro, de J. M. Ferreira do Amaral, de António Quadros, de Eurico Gama e, ao que parece, do autor anónimo do livro *Uma viagem à União Soviética em poema*.

Importa denotar que uma boa parte destes livros transportou, além dos textos propriamente, um outro significativo elemento que contribuiu, simultaneamente, para a construção da imagem da URSS almejada pelos escritores-viajantes: no caso, as fotografias. Sobretudo nos livros da década de 70 podemos encontrar várias fotografias que se vão entrelaçando com as próprias narrativas dos escritores-viajantes. As fotografias presentes nestes livros poderiam, só por si, constituir um objeto de estudo.

Dito isto, estamos em condições de argumentar que no caso português, ao contrário do britânico, do francês, do alemão ou do estadunidense, o pico da publicação de livros desta natureza não ocorre no entreguerras, mas sim no final da década de 60 e durante a década de 70. Momento em que as viagens Lisboa-Moscou aumentam significativamente. Aliás, momento em que, como vimos, até ao 25 de abril de 1974, redobram as discussões sobre o restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a União Soviética e, depois do 25 de abril, em que se intensificam as demais relações entre Lisboa e Moscou. No entanto, se deslocalizarmos a nossa análise para outras formas de reproduzir textualmente narrativas de viagem (como em artigos de jornais e revistas), podemos dizer que, na verdade, o pico de publicação dessas narrativas ocorre no período da revolução dos cravos e, depois, nos anos da dita normalização democrática que a sucederam, isto é, entre 1975 e 1989. Durante este período podemos encontrar uma série de artigos disseminados por publicações como o *Avante!*, a *Paz e Amizade* ou, mais tarde, na revista *Mulheres*, por exemplo. Ainda assim, julgamos que mais

exemplos existirão, porém, no contexto desta dissertação não foram investigadas outras fontes. Apesar do *Avante!* apresentar pontualmente alguns relatos de viagem na URSS, o que é certo é que foi na revista *Paz e Amizade* que se estampou um maior número de relatos de viagem. Sobretudo, mas não exclusivamente, relatos produzidos por comunistas. Veja-se a Tabela 2 nos Anexos.

Ainda entre 1975 e 1989 foram identificados dois diários pessoais com notas relativas a viagens pela URSS. São eles o diário de Mário Dionísio, postumamente publicado por sua Eduarda Dionísio, sua filha, sob o título *Passageiro Clandestino* e o diário de Maria Alice Chicó⁴²⁴. Mário Dionísio faz uma «viagem bastante inesperada ao Azerbaijão, com passagem pouco demorada em Moscovo»⁴²⁵, em outubro de 1976. Uma viagem, escrevia para ele, «com interesse, é evidente. Mas sem surpresas. Apenas confirmações.»⁴²⁶ Dionísio realiza a viagem no contexto da Associação Portugal-URSS, sendo incluindo, como convidado, numa delegação com alguns nomes já familiares, caso de Óscar Lopes, de resto, seu companheiro de assento no avião⁴²⁷. O segundo diário encontrado contém notas de viagem datilografadas por Maria Alice Chicó na decorrência da viagem que esta fez a Moscovo e Leningrado, em 1986. É, no entanto, importante distinguir a narrativa de um diário da narrativa dos relatos, construídos com o propósito de serem publicados.

Com a dissolução da União Soviética em 1991, a possibilidade de elaborar novos relatos de viagem desapareceram. Restaria a memória. A memória de viagens ocorridas quando a União Soviética ainda pertencia às representações geográficas do mundo. Após 1991 encontramos, além da republicação de alguns dos livros de viagem à URSS da década de 70 (caso do livro de Urbano Tavares Rodrigues, republicado em 2017, no ano do centenário da revolução de outubro), a publicação de “memórias de viagem”: ora nas memórias que militantes comunistas foram apresentando em livros, ora nos textos de outros dissidentes comunistas, ora, ainda, em livros publicados por ex-estudantes da União Soviética. No caso português, por

⁴²⁴ Maria Alice Chicó, "Viagem à União Soviética", (1986) em Fundação Mário Soares / DTC - Documentos Mário e Alice Chicó, Disponível HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_120221 (2025-3-7)

⁴²⁵ Mário Dionísio, *Passageira Clandestino - IV (1974-1980)* (Odívelas, 1974-1980 2023), p. 117.

⁴²⁶ Dionísio, *Passageira Clandestino - IV (1974-1980)*, p. 117.

⁴²⁷ “O O.L. vem à URSS pela terceira vez. Conta-me muitas coisas antecipadamente, aliás sob um ângulo absolutamente nada sectário. Há nele a visível a convicção de que as coisas levam muito tempo a realizar-se e que, entretanto, todos os aspetos negativos que podem encontrar-se na U.S. e que ele não oculta, são mesmo assim. Eu não corrijo nem observo nada. Creio que a minha posição será bem conhecida de todos para valer a pena entrar em discussões teóricas. Aliás, ontem, na Portugal-URSS, no pequeno discurso de preparação da viagem, A.M. esclareceu de forma muito honesta e manifestamente referindo-se a mim que a delegação era composta por membros da Ass. P-URSS, por amigos da Associação e por **convidados**. Exactamente como eu desejava que a questão se pusesse. Sou apenas um convidado e não tenho por isso que tomar qualquer atitude, que é a obrigação mínima de todos tomar os meus companheiros” Dionísio, *Passageira Clandestino - IV (1974-1980)*, p. 118.

exemplo, Zita Seabra em *Foi Assim*, transportando as memórias da sua trajetória militante para texto (tal como outrora Francisco Ferreira, J. A. Silva Marques, Cândida Ventura ou Rui Perdigão⁴²⁸) aludiria às suas memórias de viagem pela URSS, à qual rumou com José Pedro Soares, em 1976. Tal como os citados, o exercício de Zita Seabra era o de justificar a sua dissidência do PCP, narrando a trajetória desse processo. No entanto, se Silva Marques e Cândida Ventura apresentavam a sua passagem pela URSS como passo fundamental no processo de dissidência – nas suas memórias, alegavam que, ao concretizar o confronto com a *realidade* soviética, viram o esvanecer de uma ilusão militantemente construída –, Zita Seabra aparentou não mobilizar essa retórica. Apesar de mencionar que «antes de partir, Álvaro Cunhal teve mais uma longa conversa comigo» preparando-a para o ««paraíso na Terra» que não ia encontrar»⁴²⁹, Zita Seabra refletiria de um modo bastante interessante sobre os efeitos da viagem findados quase quarenta anos da mesma:

«esta viagem reforçou as minhas convicções ideológicas e livrou-me de dúvidas. [...] Depois desta viagem, regresssei mais confiante nos ideais comunistas, quase nada me suscitou dúvidas ou interrogações. [...] Fui à URSS confirmar o que já sabia e que tinha lido em páginas e páginas de propaganda comunista, mas também em páginas e páginas de escritores, intelectuais comunistas, jornalistas, que mensalmente eram enviados à URSS com tudo pago e que em seguida faziam conferências na Associação de Amizade Portugal-URSS ou editavam livros nas Edições Avante! ou na Caminho, testemunhando o que já sabia e de que não duvidava. [...] Um dia, recentemente, um antigo diplomata português na ONU do tempo de Marcelo Caetano encontrou-me e perguntou-me como era possível não termos visto o que se passava na URSS quando lá íamos. E dizia mais: «Eu fui lá uma vez antes do 25 de abril e fiquei esclarecido.» Contive-me a tempo, com vontade de lhe perguntar como era possível ser diplomata na ONU em nome do regime ditatorial português. Será que não dava para ver?»⁴³⁰

Outros dissidentes do PCP fariam questão publicar as memórias das suas viagens pela União Soviética. Caso de José Milhazes, dissidente comunista e antigo estudante da URSS, e do seu livro publicado no ano do centenário da revolução de outubro, *As minhas aventuras no País dos soviets*⁴³¹. E no contexto das memórias de ex-estudantes, Amélia Militão publica, em 2015, o livro *Vida que era a segunda. Memórias de uma estudante na URSS*⁴³².

Memórias de viagem surgiriam também anexas a livros de memórias publicadas por militantes do PCP ou nos livros biográficos sobre militantes comunistas portugueses, caso das

⁴²⁸ Rui Perdigão, *O PCP visto por dentro e por fora* (Lisboa: Fragmentos, 1988).

⁴²⁹ «Era regra que sempre que um militante ou dirigente ia à URSS, sozinho ou em grupo, tinha uma conversa de preparação, na qual lhe era explicado que não esperasse encontrar o «paraíso na Terra»» Zita Seabra, *Foi Assim* (Lisboa, 2007), p. 325.

⁴³⁰ Seabra, *Foi Assim*, p. 336.

⁴³¹ José Milhazes, *As minhas aventuras no País dos soviets* (Alfragide: Oficina do Livro, 2017).

⁴³² Militão, *Vida que era a Segunda – Memórias de uma Estudante Portuguesa na URSS*.

memórias datilografadas por Margarida Tengarrinha⁴³³ e Helena Pato⁴³⁴ ou dos recém-publicados livros sobre as trajetórias de Rui Nepomuceno⁴³⁵ e de Carlos Antunes⁴³⁶ (este último, também ele, um dissidente do PCP e fundador das Brigadas Revolucionárias).

Noutro campo, é, ainda, relevante notar três livros que não se correspondem a relatos de viagem, nem a memórias de viagem. São eles *O Licor Vermelho* (1933) de Gambetta das Neves⁴³⁷, *Fronteiras* (1998) de Manuel Tiago (Álvaro Cunhal)⁴³⁸ e *Relatório ao Comité Central – Fantasia Heroica* (2013) de Romeu Cunha Reis⁴³⁹. Trata-se de romances que incorporariam a viagem para a União Soviética no conteúdo literário.

Capítulo 5: Relatos, modos de os ler

Mas como foram lidas estas narrativas de viagem?

É a esta pergunta que, a partir daqui, procuramos responder. Para tal misturamos no mesmo corpo de análise leituras oriundas do contexto português com leituras oriundas da historiografia. Trata-se de um exercício que, ao mesmo tempo que traça uma genealogia de alguns dos modos de interpretar as narrativas de viagem, procura mostrar como a historiografia no geral e os historiadores em particular não viveram, como escreveu Fernando Rosas, “metafisicamente encerrado[s] numa redoma”⁴⁴⁰. Um exercício que tenta narrar os modos como no século XX historiadores, críticos da literatura, censores e militantes comunistas partiram de prerrogativas

⁴³³ Margarida Tengarrinha, *Memórias de uma Falsificadora. A Luta na Clandestinidade pela Liberdade de Portugal* (Lisboa: Edições Colibri, 2018).

⁴³⁴ Pato, *A noite mais longa de todas as noites: 1926-1974*.

⁴³⁵ Alexandra Nepomuceno, *História de Vida do Comendador Rui Nepomuceno* (Madeira: Imprensa Acadêmica, 2024).

⁴³⁶ Isabel Lindim, *Carlos Antunes Memórias de um Revolucionário* (Lisboa: Oficina do Livro, 2024).

⁴³⁷ Neves, *O Licor Vermelho*. Marcos Vilhena descreveria este livro da seguinte forma: “Uma obra, porém, singulariza-se, exatamente por não ser nem um bosquejo de memórias mais uma tentativa de análise política. Trata-se de *O Licor Vermelho*, do sindicalista Gambetta Neves, que, em 1928, acompanhara Alexandre Vieira na sua viagem à Rússia e que em tom de ficção romanesca, ademais servida de profetismos, narra a história de dois jovens adormecidos depois de beberem um misterioso líquido vermelho. Despertam após 150 anos, para descobrir um mundo já pacificado em torno de uma Federação Regional da Terra sediada em Leninegrado (Constantinopla), mas que entretanto conhecera uma Espanha governada por uma ditadura militar enfileirada com os governos da Itália e da Alemanha... depois de ter proclamado a República, e uma guerra entre os Estados Unidos e o Japão “[...] depois que este, sem declaração de guerra e de surpresa, lhes destruíra parte da sua esquadra no Pacífico [...]” – estava-se em 1933, recorde-se!” Vilhena, «Receção e percepção da Revolução Russa na crise do sistema demoliberal português – uma análise de imprensa».

⁴³⁸ Manuel Tiago, *Fronteiras* (Lisboa: Edições Avante!, 1998).

⁴³⁹ Romeu Cunha Reis, *Relatório ao Comité Central – Fantasia Heroica* (Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras, 2013).

⁴⁴⁰ Fernando Rosas, *Salazar e os fascismos* (Lisboa, 2019), p. 25.

assim não tão distantes para conferir sentido às narrações de visitas ao *País dos soviets*, por sua vez conferindo sentido ao mundo donde estas emergiam e onde estas atuaram.

5.1. Um produto do poder totalitário do estado e da manipulação?

Provavelmente, nenhum relato de viagem como os que identificamos anteriormente arrecadou tanto protagonismo, no contexto da historiografia portuguesa, como o de Carlos Rates. Em Portugal, o livro foi o primeiro do seu género, sendo, de resto, da autoria do primeiro secretário-geral do PCP. Talvez por estes dois motivos, nos últimos cinquenta anos, o texto tem sido citado em diversos trabalhos de historiadores portugueses, especialmente naqueles que fizeram do movimento operário e do movimento comunista o seu objeto de estudo.

Bento Gonçalves foi, possivelmente, o primeiro a tentar historicizar a visita de Rates, sem recorrer, contudo, aos conteúdos d'*A Rússia dos Soviotes*. Nos apontamentos memorialísticos que fez, na década de 30, em *Palavras Necessárias*, o segundo secretário-geral do PCP refletiria, num exercício acríptico da figura de Rates, sobre o impacto da visita à Rússia no seu antecessor e referir-se-ia à memória da conferência por ele organizada na sua chegada de Moscovo no Sindicato dos Arsenalistas do Exército⁴⁴¹. No entanto, submetido, em 1934, à censura⁴⁴² do regime salazarista, o livro passaria largos anos esquecido. Em 1976, a *Seara Nova* reedita o livro de Rates com um prefácio do historiador César Oliveira. No prefácio, o historiador elaboraria um curto enquadramento histórico da obra, detalhando a sua relação com algumas discussões historiográficas que animavam uma parte do contexto historiográfico português no período próximo da revolução: os debates sobre a introdução do marxismo, em Portugal, sobre a receção da revolução russa no contexto do movimento operário português e sobre a história do PCP na Iª República⁴⁴³. Ainda em 1976, João G. P. Quintela introduz breves apontamentos sobre a obra recorrendo, para o efeito, às leituras de Bento Gonçalves⁴⁴⁴. Dali em diante, a alusão à viagem de Rates, por um lado, e, por outro, a menção e estudo do seu livro, *A Rússia dos Soviotes*, acompanhariam religiosamente a maioria das investigações sobre o comunismo português na década de 20, bem como os estudos sobre a receção da revolução russa em Portugal. No caso dos primeiros, historiadores como João Arsénio Nunes, José Pacheco Pereira, João Madeira, José Neves ou Adelino Cunha, discutiram quer a viagem de Carlos Rates quer o livro *A Rússia dos Soviotes* a propósito dos seus estudos sobre a história do

⁴⁴¹ Bento Gonçalves, *Palavras Necessárias – A Vida Proletária em Portugal de 1872 a 1927* (Porto: Inova, 1974).

⁴⁴² PT-TT-SNI-DSC-35-8-26.

⁴⁴³ Carlos Rates, *A Rússia dos soviets*, ed. César Oliveira, 2ª (Lisboa: Seara Nova, 1976).

⁴⁴⁴ João Quintela, *Para a história do movimento comunista em Portugal* (Porto: Afrontamento, 1976).

PCP e do movimento comunista em Portugal. Por sua vez, José Marcos Vilhena, Paulo Eduardo Guimarães⁴⁴⁵ e Ernesto Castro Leal, por exemplo, interpretariam a obra de Rates, à luz das clivagens discursivas que, em Portugal, se formaram a propósito da revolução de outubro e da constituição do estado soviético. Já Pedro Prostes da Fonseca, trataria da obra no contexto da biografia que escreveu sobre o primeiro secretário-geral do PCP⁴⁴⁶.

Uma das primeiras análises críticas do livro de Carlos Rates fez-se, contudo, meses após a sua publicação. Em abril de 1925, Jaime Brasil, publicista, escritor e jornalista com afinidades aos meios anarquistas da década de 20, utilizaria as páginas d'*A Batalha* para produzir uma recensão crítica ao livro de Rates. A recensão abria com uma saudação ao pioneirismo do, então, secretário-geral do PCP. Dizia ele que «de todos os terrantezes de cá que se atreveram a jornadas até à Rússia misteriosa dos Sovietes, Carlos Rates foi o único que deu conta do seu recado»⁴⁴⁷. Como se sabe, desde 1918 que os leitores das imprensas operárias contactavam com relatos daquele género e, como também se viu, desde pelo menos 1921 que se realizavam algumas jornadas de Portugal até à Rússia. Aquele não seria, provavelmente, o primeiro relato de viagem que Jaime Brasil folheara. Era, sim, o primeiro (à época, o único) elaborado por um português. Para Jaime Brasil, a ausência literária que Rates vinha preencher em Portugal apresentava-se como suspeita. Uma suspeita que podia muito bem concretizar-se na seguinte interrogação: porque é que Perfeito de Carvalho, Caetano de Sousa ou Pires Barreira não se pronunciaram (pelo menos textualmente) sobre as suas aventuras na Rússia? Ora, até Rates, «começava a entrar com muitos a dúvida sobre se a Rússia tinha o condão de emudecer os que a visitavam, idos do Extremo-Occidente»⁴⁴⁸, notava, com alguma ironia, Jaime Brasil.

Lançados os parcos elogios ao pioneirismo de Rates, a recensão, não se desviando dos modelos característicos de um texto daquele género, iniciava por apresentar a estrutura e a organização do livro. Notava Jaime Brasil que o texto estava ordenado em 7 capítulos e composto a cerca de 250 páginas, que a cada capítulo correspondia uma esquematização própria e que os assuntos objetados no livro ultrapassavam a descrição da Rússia dos soviets. A estrutura, em si, não incomodou Jaime Brasil. Incomodou-o, isso sim, o espaço destinado ao relato de viagem propriamente dito. Depreciando a curta dimensão do último capítulo do livro,

⁴⁴⁵ Paulo Eduardo Guimarães, «O iconoclasmo acrata e a crise da consciência revolucionária em Portugal nos anos 20», *A Ideia - Revista de cultura libertária*, outubro de 2017.

⁴⁴⁶ Pedro Prostes da Fonseca, *Incorrigível - A História Desconhecida de Carlos Rates. De primeiro secretário-geral do PCP a apoiante de Salazar* (Lisboa: Ponto de Fuga, 2021).

⁴⁴⁷ Jaime Brasil, «A Rússia dos Sovietes», *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2

⁴⁴⁸ *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

anotaria ele que «o autor poderia ter escrito no remanso da sua casa de Campolide, pois de observação directa só contem umas escasas vinte páginas das 250»⁴⁴⁹. Segundo Jaime Brasil, o livro de Rates atrevia-se a ser mais uma espécie de enciclopédia sobre a *nova Rússia* e menos um relato de viagem. Mas não só este aspeto foi capaz de fomentar o desagrado de Jaime Brasil.

No decorrer do século XX, os discursos sobre a URSS, em Portugal (a bem dizer, no ocidente), construíram-se sob o pano de fundo de clivagens interpretativas relativas ao significado da própria e, numa grande parte dos casos, os diferentes discursos perccionaram-se como contra-narrativas, combativas de uma *outra* narrativa, fosse esta tida, ou não, como dominante. Também o livro de Rates possuiu, em certa parte, esta mesma feição combativa a uma narrativa que, possivelmente, ele julgava dominante (pelo menos no contexto do movimento operário português): a narrativa proveniente dos anarquistas⁴⁵⁰. No decorrer do seu livro, Rates não poupou os anarquistas a extensas críticas, sobretudo, no contexto do relato de viagem propriamente dito. Rates faria questão de criticar o ingénuo idealismo dos anarquistas, contrapondo-o à *realidade* da Rússia dos soviets por si observada.

Jaime Brasil respondeu precisamente a estas acusações de Rates. Referindo-se à «forma depreciativa como trata os anarquistas»⁴⁵¹, acusaria o autor do livro de anti-intelectualismo. Todavia, Jaime Brasil mostrou-se pouco preocupado com o idealismo imputado por Rates aos anarquistas. Na verdade, leu esse idealismo menos com algo nocivo do que como uma valência. Vejamos: «a despeito de não perder ocasião de dirigir remoques à ingenuidade e ao fantasioso idealismo dos anarquistas, Carlos Rates cança-se de lhes dar razão, quando faz o elogio da violência; quando descreve a complicada máquina estatista da Rússia; quando traça o elogio do

⁴⁴⁹ *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

⁴⁵⁰ Ao passo que se escrevem as primeiras notícias sobre a guerra civil russa, que os bolcheviques aplicavam o programa económico denominado de comunismo de guerra e a III Internacional inaugurava as suas redes, a questão da agência das massas e a do dirigismo partidário vanguardista pulverizam aguçados debates cujos efeitos mais imediatos afirmariam divisões nas culturas políticas revolucionárias próximas do movimento operário português. A materialização dessas divisões no movimento operário português pode ser sugerida logo aquando da fundação da Federação Maximalista Portuguesa, em 1919, sendo elas mais óbvias nas contendas firmadas entre o PCP e os coletivos anarquistas, na primeira metade da década de 20. O elogio do Exército Vermelho e o pacifismo antimilitarista, a defesa da apropriação proletária dos aparados de poder de estado e a pretensão em eliminar tais aparelhos, a revolução imediata insurrecional e a preparação revolucionária, em resumo, leituras designadas de maximalistas e de anarquistas, travariam oposições umas às outras, em lutas, ora ocultas ora abertas (e com socos), que disputaram mais a questão dos meios e menos a dos fins. Ver, por exemplo: “Já anteriormente falei do ódio de facção existente entre os militantes operários, tal que os libertários, mesmo apesar dos seus próprios princípios de liberdade e de pensamento, criaram uma atmosfera tão incendiária nos meios sindicais que chegaram a acoimar de político e de traidor, qualquer operário, militante ou não, que manifestasse qualquer simpatia a favor da Revolução Russa ou da I.S.V.. E foi assim que um dia, tendo eu respondido em “A Internacional” a um artigo inserto no jornal libertário “A Comuna”, o seu autor, pouco satisfeito com a minha resposta, quando eu acabava de me sentar a uma mesa do café “Águia d’Ouro”, próximo da sua, inesperadamente, sem dizer agua vai, me agrediu ligeiramente” José Silva, *Memórias de um operário* (Vila Nova de Famalicão: Livr. Júlio Brandão, 1971), p. 67.

⁴⁵¹ *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

espírito militarista das tropas vermelhas; [...] quando deixa entrever quanto de burguesismo se oculta na “Nova política económica”; quando confessa que o roubo, a mendicidade e a prostituição existem na Rússia; quando refere as lamentáveis relações entre a igreja e o povo e o culto macabro deste pelo cadáver embalsamado de Lenine»⁴⁵². Mas a crítica de Jaime Brasil não ficaria só por aqui. Dois seriam os argumentos que mobilizaria na sua recensão para reduzir a obra de Rates à sua incapacidade «de fazer prosélitos entre homens livres»⁴⁵³. Dois argumentos que acompanhariam os debates contemporâneos sobre o problema da *realidade* e que, com efeito, encontraram terreno fértil no campo da crítica à literatura que fez da União Soviética um objeto de reflexão: a crítica da ideologia, por um lado, e, por outro, a crítica da manipulação. Para Jaime Brasil, o livro de Carles Rates não passaria de «um belo compêndio sobre a Rússia socialista, para quem a quizer conhecer através das opiniões dum comunista convicto e dos dados estatísticos fornecidos pelo Governo da Moscóvia»⁴⁵⁴. Ora, se no seu relato Rates reivindicava uma certa autoridade empírica informada por aquele princípio metodológico do “*é-verdade-porque-estive-lá-e-vi-com-os-meus-próprios-olhos*”⁴⁵⁵, Jaime Brasil respondia-lhe desconstruindo aquela *verdade* com recurso à problematização quer do *lá*, quer dos *meus-próprios-olhos*. Ou seja, remetendo para características daquele particular espaço, a União Soviética, e apontando as afinidades ideológicas do autor com o comunismo.

No decorrer do século XX, abordagens semelhantes à mobilizada na recensão crítica de Jaime Brasil tornaram-se comuns nas interpretações dos relatos de viagem sobre a URSS. Vimos, atrás, como A. Vieira se alongou nessa matéria e, agora, contactamos com a subtil crítica da manipulação elaborada por Jaime Brasil. Uma crítica que, despertada aquando da referência aos «dados estatísticos fornecidos pelo Governo da Moscóvia»⁴⁵⁶, sugeria que Rates havia sido manipulado pela propaganda soviética. Mas, no respeitante à manipulação, não só as estatísticas e as outras formas de propaganda soviética seriam notadas pelos críticos da literatura de viagem sobre a URSS. Recorde-se o texto de Ercílio de Azevedo (1975) que introduziu esta dissertação. Também ele aludiria a um princípio semelhante, quando este sugeriu que os viajantes eram controlados por «cicerones eficientes»⁴⁵⁷. Ora, nestes três exemplos (o de Jaime Brasil, o de A. Vieira e o de Ercílio de Azevedo), podemos encontrar uma perceção que animara vários estudos relativos às viagens na URSS: a perceção de que as

⁴⁵² *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

⁴⁵³ *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

⁴⁵⁴ *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

⁴⁵⁵ Neves, «Prefácio», p. 14.

⁴⁵⁶ *A Batalha – Suplemento literário e ilustrado*, nº 74, 27 de abril de 1925, p. 2.

⁴⁵⁷ Azevedo, «Os que não fomos à Rússia», p. 162.

instituições de acolhimento de estrangeiros e as dedicadas à promoção turística (a VOKS e a Intourist, por exemplo) na URSS funcionaram, também elas, como aparelhos de controlo e, claro está, de manipulação.

Nos cinquenta anos que separam a recensão de Jaime Brasil (1925) da de Ercílio de Azevedo (1975), em contextos intelectuais e académicos, a questão do poder manipulativo dos estados totalitários foi amplamente discutida quer no campo da literatura, quer no da historiografia. No intermédio daqueles cinquenta anos, um ano depois da publicação das *Origens do Totalitarismo* de Hannah Arendt, em 1949, George Orwell publicava *1984*. Também em 1949, é publicada a obra *The God That Failed Us* - um conjunto de seis ensaios autobiográfico das autorias de Arthur Koestler, Ignazio Silone, Richard Wright, Andre Gide, Louis Fischer e Stephen Spender⁴⁵⁸. Antigos *filocomunistas*, militantes comunistas e *fellow-travelers* agrupavam os seus testemunhos e reflexões a cerca da União Soviética, fundamento os seus processos de dissidência comunista, relembrando os momentos tónicos da sua consciencialização sobre a natureza do regime soviético e tecendo alargadas críticas quer à URSS, quer ao funcionamento ideológico do comunismo. No contexto do pós-guerra, alargara-se a disseminação de discursos acusatórios à União Soviética advindos dos apelidados de dissidentes comunistas. Todavia, os discursos daqueles dissidentes assumiam uma particular característica que cedo captaria o interesse de alguns académicos. No caso daquela obra, em particular, três dos ensaios (Andre Gide, Louis Fischer e Stephen Spender), fazendo-se acompanhar daquela mesma autoridade empírica que informava os relatos de viagens do entreguerras, apresentavam os seus testemunhos de viagens de uma forma reconsiderada. Em alguns casos, era como se, após refletirem sobre o passado da experiência, a experiência fosse outra. Mais que relatos de viagem, eram textos cuja alvo primário era a narrativa da dissidência; um exercício que almejava justificar, em primeiro, *The God That Failed Us*. As memórias das viagens até à URSS serviram, tal como para o tal A. Viera e, mais tarde, ainda no contexto português, Cândida Ventura, J. A. Silva Marques e, por exemplo, Hilário Teixeira⁴⁵⁹ enquanto

⁴⁵⁸ Richard Crossman, ed., *The God that failed us*, 6ª (Nova Iorque, Toronto e Londres: Bantam Books, 1964).

⁴⁵⁹ Ver: “Hilário Teixeira saiu de uma aventura e entrou noutra. Em 1976, com a aprovação da Constituição, deixou São Bento; e logo em 1978 foi convidado pelo PCP a passar um ano na União Soviética a fazer um “estágio académico” no Instituto de Estudos Sociais de Moscovo. O objectivo do partido era aumentar a sua fé no comunismo – mas o resultado foi o contrário. No início desse processo de afastamento esteve uma desobediência. O português não tinha autorização para falar com nenhum cidadão soviético, mas decidiu aprender russo e, em seis meses, já conseguia falar com as pessoas que encontrava. “Comecei a aperceber-me daquilo que era a *realidade soviética* e isso foi muito importante para mim, porque verifiquei que nada do que acontecia ali era o que eu queria para o meu país.” Uma das coisas que mais o impressionou foram as “residências partilhadas”: as famílias tinham de dividir as cozinhas e as casas de banho umas com as outras. “Chocou-me bastante e levou-me a questionar todo o sistema. Foi um caminho sem retorno. Em 1982, pediu a demissão do Comité Central, para o qual tinha sido eleito ainda durante a sua estadia em Moscovo. Em 1991, saiu do PCP depois de o partido apoiar

elemento para justificar a própria dissidência comunista. Nestas narrativas, a viagem surgia como momento fundamental da consciencialização, alegavam. Porém, no quadro daqueles três textos, os autores, dando a conhecer algumas das suas vivências mais perversas em terras soviéticas, aproximaram a descrição das suas memórias de viagem àquelas mesmas críticas empregues por Jaime Brasil e Ercílio de Azevedo. Isto é, sugeriram que no curso das visitas, as instituições soviéticas procuraram, por várias vezes, manipulá-los, manipulando e castrando, de resto, o grosso dos habitantes da União Soviética.⁴⁶⁰

Os próprios escritores de relatos de viagem, nas incansáveis buscas pela legitimação das suas tão contestadas palavras, já influenciados por críticas como as de Jaime Brasil, fariam por várias vezes questão de mencionar que se esquivaram do poder manipulatório do estado soviético no decorrer das suas jornadas ou, por oposição, de assinalar que o estado soviético não procurou coagi-los. J. A. Silva Marques, por exemplo, não deixou de notar que mesmo na apresentação de porcos – «os porcos socialistas» – havia uma espécie de intenção manipuladora:

«O director, sempre exuberante e insistente, no seu rosto cheio e rosado uma expressão de riso, misto de modéstia e de orgulho mal contido, fez questão de nos mostrar o mais vistoso exemplar dos seus animais. Era uma porca enorme, um monstro de carne. Toda a gente, debruçada nos paus da vedação, contemplou durante minutos de êxtase o impressionante bicho. Toda a gente fazia os seus comentários. Todos estavam maravilhados pela enorme porca produzida pela cooperativa socialista.»⁴⁶¹

a tentativa de golpe de Estado contra Gorbatchov. E alguns anos depois, em 1999, entrou no PS.” Miguel Pinheiro «O que aconteceu ao deputado mais novo da Constituinte», *Observador*, 27 de maio de 2015.

⁴⁶⁰ Ver, por exemplo, o discurso de Gide: «I certainly had personally nothing to complain of in the course of my trip, in spite of all the spiteful explanations which were invented subsequently to invalidate my criticism, which was too often interpreted as the result and expression of personal pique and disappointment that is most absurd of all. For never have I traveled in greater or more luxurious ease - I had the most comfortable cars everywhere, a private coach on the train, the best rooms and meals in all the hotels-always the best was offered me and what a reception I received everywhere! I was acclaimed and feted. Nothing was considered too good for me. I could not fail to carry away with me a most wonderful memory of the welcome I had received, but nevertheless all these favors reminded me constantly of the privileges and differences where I had hoped to find equality. When I escaped from officials and went amongst the workers, I discovered that most of them lived in the direst poverty, while I was offered a ceremonial banquet every evening, at which the variety, richness and quantity of the hors d'oeuvres alone were sufficient to sate the appetite before the main part of the meal had even begun-a dinner of six courses which lasted four hours. Never having had to settle a bill while I was in Russia, I cannot form an estimate of the cost of such a feast, but one of my friends who knows the range of prices in the Soviet Union, told me that it would cost two or three hundred roubles a head, and the workers whom I had seen earned only five roubles a day and had to be content with black bread and dried fish. During our stay in Russia we were not exactly the guests of the government, but of the wealthy Society of Soviet Authors. 'When I think of all they spent on us-and there were six of us, with our guides, and often as many hosts as guests I» Crossman, pp. 161-162.

⁴⁶¹ Silva Marques, *Relatos da Clandestinidade - o PCP visto por dentro*, p. 161.

Por seu turno, no seu relato datado de 1973, Alexandre Babo afirmaria que «os intérpretes não fazem discursos políticos – realmente não falavam de política – na deles e mito menos na que a nós se referia – não pretendiam doutrinar-nos nem maravilhar-nos»⁴⁶².

Ao passo que aqueles livros iniciavam os seus circuitos transnacionais pelos meios intelectuais do pós-guerra, o tema dos viajantes ocidentais na URSS começou a despertar o interesse de alguns historiadores e académicos⁴⁶³. E despertava, principalmente, como um assunto a ser considerado no estudo da própria União Soviética. Como se sabe, até ao colapso da União Soviética, em 1991, boa parte dos arquivos soviéticos permaneceram vedados aos investigadores residentes no lado oposto da cortina de ferro. Nesse sentido, além da dita propaganda soviética (na qual, por exemplo, os estudiosos também catalogavam estatísticas divulgadas pelo regime e os discursos dos oficiais bolcheviques), poucas eram as fontes documentais ao serviço dos historiadores ocidentais. Os relatos sugeriram-se, então, como fontes alternativas. Fontes que a serem inspecionadas poderiam contar outras histórias sobre o sistema político soviético. Fontes que as então formadas escolas de *sovietologia* estadunidenses e as escolas do totalitarismo começaram por reclamar para as suas investigações, de princípio, como documentos meramente ilustrativos e exemplificativos.

Em 1968, a historiadora Sylvia R. Margulies lança a obra *The Pilgrimage to Russia: The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924–1937*⁴⁶⁴. Ao contrário de algumas investigações elaboradas nos contextos da *sovietologia*, dos estudos sobre totalitarismo e nos estudos sobre a ideologia comunista, o estudo de Margulies não se limitava a tratar os relatos de viagem como meras ilustrações. Ali, os relatos de viagem eram o centro da investigação, o objeto de estudo propriamente dito. Margulies focou-se em extensos compêndios de relatos, especialmente naqueles que elogiavam o estado soviético, escritos por viajantes norte-americanos no período do entreguerras, m. A historiadora reclamaria, assim, os relatos como objetos para o estudo das mudanças e continuidades operadas no contexto soviético, bem como para o estudo das instituições de controlo de estrangeiros (VOKS e Intourist), dos dispositivos de vigilância, dos métodos de manipulação e dos circuitos internos de propaganda. Foram, sobretudo, as “técnicas de hospitalidade”, um conceito-chave por ela cunhado que se referia aos instrumentos de controlo, vigilância e manipulação dispostos numa relação de poder em

⁴⁶² Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 1973, p. 61.

⁴⁶³ O historiador David-Fox argumentou que este interesse reproduziu-se, precisamente, “when many of the important figures involved [in the visits [...] to the Soviet Union] launched their own autobiographical reckonings with the immediate past”. Michael David-Fox, «The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes», *The Journal of Modern History* 75, n.º 2 (2003), p. 301.

⁴⁶⁴ Margulies, *The Pilgrimage to Russia. The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924-1937*.

que o viajante aceitava participar, que Margulies perseguiu. Nas palavras do historiador David-Fox, a obra de Margulies “presents the best-informed prearchival study of Western visitors’ actual sojourns within the USSR. [...] In this case, the message is that the postwar Soviet system for processing foreign dignitaries was the direct descendant of the elaborate prewar machine: contemporary visitors beware. The focus on concrete Soviet mechanisms for manipulating foreigners, however, conveys the complexity of myriad Soviet institutions and interests that dealt with foreign affairs. [...] Margulies establishes the pivotal effect that the actual sojourns inside the USSR had on the visitors — but not, however, on the hosts.”⁴⁶⁵

Assim, no contexto da historiografia próxima das escolas da soviologia e dos estudos sobre totalitarismos, foi o estudo da URSS e dos seus sistemas de controlo que animou a interpelação dos relatos de viagem. É certo que, assim como Margulies, os historiadores familiarizados com as tradições académicas das escolas de *soviologia* e dos estudos sobre totalitarismos não se isentaram de sinalizar as familiaridades ideológicas dos viajantes (especialmente, dos comunistas). Porém, aspetos biográficos ou de cariz ideológico foram relegados para zonas marginais da análise historiográfica, esquecidos muitas vezes no quadro das conclusões. Podemos, talvez, argumentar que no grosso destes estudos, a *agencialidade* dos viajantes no que concerne quer à participação na viagem, quer à produção literária dos relatos foi relegada para segundo nível, expondo-se um modelo interpretativo cuja constituição teórica lia cada relato, principalmente, como um produto das artimanhas do poder soviético.

Apesar das valências dos estudos próximos destas tradições historiográficas, várias foram, também, as limitações. A primeira, relativa às fontes propriamente ditas. Ao empregarem o modelo da manipulação na análise dos relatos de viagem, os historiadores selecionaram, de um modo geral, relatos que descreviam a URSS de formas tidas como apologéticas. Assim, o modelo interpretativo comportava, também, um papel justificativo. Por outras palavras, uma forma de explicar aos leitores contemporâneos por que é que tantos viajantes ocidentais do passado recente haviam escrito maravilhas sobre o território administrado pelos bolcheviques. Mas, se para os relatos com feições apologéticas, o modelo pareceu ajustar-se com poucas resistências, o mesmo não se aplicara aos relatos que assumiram feições críticas da URSS, como o caso dos próprios relatos de viagens de Andre Gidé publicados na segunda metade da década de 30. Assim, podemos apontar a primeira limitação deste modelo de interpretação: em resumo, este modelo teve em conta, sobretudo, um universo específico (e selecionado) de relatos de viagem.

⁴⁶⁵ David-Fox, «The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes», p. 303.

Para responderem a casos como o de Gide – e aqui chegamos à segunda limitação – vários historiadores reproduziriam um esquema analítico que, coberto de estereótipos, também se revestiu de limites. Ao relato de viagem composto de uma narrativa apologética da União Soviética os historiadores associaram um *viajante ingénuo* e, por sua vez, ao relato de viagem dotado de críticas à URSS fizeram corresponder a imagem do *viajante consciente*. Esta grelha analítica acompanharia, de resto, alguma historiografia, sendo que, por vezes, os historiadores procederam à alteração do conceito de *ingenuidade*, por outro. Em muitos casos, quando o viajante se aproximava de tendências político-ideológicas comunistas, em vez de *ingenuidade* o historiador lia *cegueira* (caso de Marc Ferro⁴⁶⁶, por exemplo). Tomemos como exemplo o historiador Rui Bebiano que, no seu estudo sobre os imaginários juvenis na década de 60 e 70 em Portugal, ao pronunciar-se sobre o relato de viagem de Hortênsia Neves de Sousa argumentaria que: “*A minha viagem à União Soviética* corresponde a um texto de uma grande ingenuidade, uma vez que a autora parece tratar-se de pessoa sem referências culturais ou experiência que lhe permitisse observar muito para além das aparências, recolhendo a informação que lhe é oferecida sem qualquer esforço crítico. Fê-lo num permanente estado de enlevamento: “*nessa manhã Leninegrado ainda me parecia mais bonita, passeávamos de novo pelos bairros novos, pelas novas fábricas*” [...], declarava, ao mesmo tempo que descrevia, com uma grande candura, a solicitude dos pequenos “pioneiros”, muito provavelmente destacados para tarefas de vigilância, que a acompanhavam permanentemente, desde a saída matinal até à sua reentrada nocturna no hotel.”⁴⁶⁷

O argumento de Rui Bebiano, informado pelo estudo *Au Pays de l’Avenir Radieux. Voyages des intellectuels français en URSS, à Cuba et en Chine Populaire* (2000) de François Hourmant, permite-nos, então, entrar na terceira limitação que alguns denunciaram a propósito da abordagem interpretativa por via do poder manipulatório das instituições soviéticas. As percepções, muitas vezes exageradas, que se reproduziram nestes estudos sobre as próprias instituições soviéticas. Percepções essas que, ainda influenciadas pelo imaginário do *Big Brother*, tenderam a retratar aquelas instituições e os seus oficiais quase como omniscientes e omnipresentes. Capazes, assim, de remover qualquer *agencialidade* que pudesse restar ao pobre do *viajante ingénuo*.

Ainda assim, é importante reter que o grosso dos estudos sobre os relatos de viagem não deixou de considerar esta dimensão. Isto é, apesar das limitações aqui indicadas, o estudo

⁴⁶⁶ Marc Ferro, *A Cegueira - uma outra história dos nossos tempos* (Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017). Ver, especialmente, entre as páginas 49 e 80.

⁴⁶⁷ Bebiano, *O Poder da Imaginação. Juventude, rebeldia e resistência nos anos 60*, p. 148.

daquelas fontes foi sempre beneficiado pela atenção às “técnicas de hospitalidade” que Margulies teorizou, pela compreensão das práticas das instituições soviéticas no respeitante ao acolhimento de forasteiros ocidentais, pela investigação dos discursos e da propaganda a que os forasteiros foram submetidos. O estudo dos relatos beneficia, assim, quando é reconhecido o papel que o próprio contexto soviético desempenhou, em primeiro, nas viagens e, depois, nas crónicas resultantes das viagens. Todavia, esse papel merece ser sempre reequacionado num universo mais lato e onde se considere que a URSS não foi, por excelência, uma só realidade monolítica e onde, ainda, se reconheça o papel desempenhado por outros fatores externos ao contexto soviético.

5.2. *Um produto da ideologia do escritor-viajante?*

Em 1952, nos escritórios da censura do Estado Novo, entra o livro *Une visite a la Russie nouvelle*, da autoria de Fernand Corcos. Apreendido algures pela PIDE, o livro era submetido a julgamento. No relatório que acompanhava o processo de vistoria censória, começava-se por assinalar que «três quartos do livro constituem uma documentação imparcial sobre a Rússia»⁴⁶⁸. O livro tratava-se, pois, de um longo relato de viagem. Todavia, apesar daquela imparcialidade que compunha o grosso do livro, o censor decide proibir a sua circulação em Portugal. Para o censor eram os últimos capítulos que informavam a decisão da censura. Notava ele que à medida que Corcos foi «aclimatado ao meio que visitou»⁴⁶⁹ a sua descrição começou a apresentar mudanças. Era como se o próprio percurso tomado pelo viajante se tivesse misturado com a literatura, a sua narrativa. Na perceção do censor, a dado momento, Corcos deixaria a sua imparcialidade de lado, para se tornar parcial, para «dar a interpretação do comunismo»⁴⁷⁰. Uma interpretação que à partida não incomodaria nenhum dos oficiais do Estado Novo, afinal, no livro apresentava-se «a crítica do sistema em vigor na Rússia»⁴⁷¹. Todavia, aquele censor sabia que o que não faltavam eram comunistas a elaborar fervorosas críticas ao regime soviético. Apesar das duras críticas ao regime soviético apresentado no relato de Corcos, o texto não deixaria de fazer «a apologia do comunismo»⁴⁷².

⁴⁶⁸ PT-TT-SNI-DSC-35-5-4845.

⁴⁶⁹ PT-TT-SNI-DSC-35-5-4845.

⁴⁷⁰ PT-TT-SNI-DSC-35-5-4845.

⁴⁷¹ PT-TT-SNI-DSC-35-5-4845.

⁴⁷² PT-TT-SNI-DSC-35-5-4845.

Na longa vigência do Estado Novo várias foram as obras como a de Corcos que, ora apreendidas pela polícia política, ora apresentadas a julgamento, ora capturadas nos CTT, foram levadas às mesas da censura. Para ser preciso, contabilizam-se cerca de 62 relatórios de censura a relatos de viagens sobre a URSS (6 dos quais, relatos produzidos por naturais de Portugal), elaboradas entre 1934 e 1972. Na sua grande maioria os livros de viagens que foram capturados pela censura pertenceram a autores europeus, estadunidenses e brasileiros. Reconheça-se, contudo, que nem todos os livros (dos quais os nossos relatos de viagem) tiveram direito a uma ficha daquela natureza, ou se o tiveram, muitas delas dissipar-se-iam dos fundos documentais – caso do livro *Viagem (Checoslováquia - U.R.S.S.)* de Graciliano Ramos (1954) que seria, em todo o caso, censurado ou ainda do livro *URSS Depoimento dum socialista francês*, escrito por Jules Moch e traduzido por José Saramago em 1957, que, aparentemente não censurado, não se encontra nos relatórios dos censores. Receosos da introdução de propaganda comunista, de teoria marxista e de literatura apologética sobre o estado soviético nas livrarias portuguesas, os censores do Estado Novo cedo mostraram receios para com a literatura de viagem que fez da URSS o centro da narrativa literária. Logo em 1934, o livro de Carlos Rates tornara-se alvo de censura, sendo catalogado de «propaganda de ideias comunistas»⁴⁷³. Muito mais tarde, em 1960, possivelmente esquecido nas prateleiras de alguma biblioteca, também o livro de César Porto conheceu o mesmo destino, sendo também acusado de «propaganda comunista»⁴⁷⁴.

Mas nem todos os relatos de viagem conheceram o mesmo destino dos livros de Carlos Rates e de César Porto. Em 1934, o livro *Una Mujer en la Rusia*, da autoria de Magdalena Lauret chega às mesas censórias. Para o censor o livro era só «mais um depoimento a confirmar outros semelhantes que à cerca do país dos soviets, me tem sido dado a conhecer»⁴⁷⁵. Seria, pois bem, «escrito com verdade»⁴⁷⁶, atestava ele, sugerindo comparações com outros relatos que lhe tinham passado pelas mãos e pelos famosos lápis. No livro, a autora empenhava-se em descrever «muitas das misérias suportadas pelo povo russo», sendo que a viajante se sentia «tão oprimida que ao chegar à Polónia tudo acho encatador»⁴⁷⁷. Apesar da *verdade* que o censor jurava encontrar no relato, também ele foi catalogado como propaganda. Desta vez, «propaganda contra o regime dos soviets»⁴⁷⁸ e, por isso, o censor escrevia que era «vantajosa a sua circulação»⁴⁷⁹. Vantajosa a circular foram também consideradas as narrativas de André

⁴⁷³ PT-TT-SNI-DSC-35-8-26.

⁴⁷⁴ PT-TT-SNI-DSC-35-2-6515.

⁴⁷⁵ PT-TT-SNI-DSC-35-3-111.

⁴⁷⁶ PT-TT-SNI-DSC-35-3-111.

⁴⁷⁷ PT-TT-SNI-DSC-35-3-111.

⁴⁷⁸ PT-TT-SNI-DSC-35-3-111.

⁴⁷⁹ PT-TT-SNI-DSC-35-3-111.

Gide. Gide surgia, aos olhos de alguns censores da década de 30, como uma espécie de *bom exemplo* de narrativa de viagem (à URSS), sendo alguns dos seus críticos alvo de censura por parte do Estado Novo. Caso, por exemplo, de Georges Friedmann cujo livro (que não um relato de viagem), *De la Sainte Russie a l'URSS*, seria censurado porque «no final do livro critica André Gide pelo depoimento desfavorável que faz nos seus últimos livros ao regime soviético»⁴⁸⁰.

As formas como os censores foram tratando a literatura de viagem sobre a URSS não foi sempre a mesma. O tratamento daqueles relatos dependeu, também, das sensibilidades de cada censor. Ainda assim, a regra da censura aplicada a cada relato seguiu, grosso modo, uma abordagem informada por princípios que podemos catalogar como ideológicos. A regra seria, mais ou menos, a seguinte: caso a obra demonstrasse alguma simpatia pelo comunismo, pela União Soviética ou pelo que lá se passava, via-se censurada; de outro modo, estava livre para circular; caso a obra se preenchesse de críticas, além de estar livre, seria, mesmo, incentivada a circundar os meios letrados portugueses.

Todavia, e como já se mencionou, houve relatos que fugiram a esta regra dicotómica do *Mal-Amada, Bem-Amada*. Foi o caso do livro *A Rússia vista por um médico brasileiro*, da autoria de Raul Ribeiro da Silva. Nela o censor vê-se atrapalhado. Afinal, a obra «nada tem de política. Descreve o bom e o mau, de cada uma das cidades dos diversos países, visitadas pelo autor. Faz boas referências a Portugal, e quando se refere à Rússia, apresenta tudo quanto viu neste país, enaltecendo o que realmente é de louvar e criticando o que dá azo a tal»⁴⁸¹. O censor, apesar de tudo, não viu «inconveniente na autorização, para que esta obra possa circular»⁴⁸². No entanto, o caso mais curioso quanto a esta questão processar-se-ia com o livro *A la Recherche de la verité em Russie* de Sir Walter Citrine que, apesar de o censor aferir que «quer-me parecer que a sua leitura terá mais de util que de pernicioso, em especial para os que julgam ser aquele país o paraizo dos trabalhadores»⁴⁸³, também é censurado. Importa notar, ainda, que, em muitos casos, os censores procediam a uma censura quase que automática, sem que folheassem o livro na sua integralidade. Ou se o folhearam, interpretaram o seu conteúdo de formas, diga-se, precárias.

Identificaram-se, entre 1934 e 1974, 27 relatos de viagens que foram censurados e 35 que não o foram. Veja-se a Tabela 3 nos Anexos. Dos 62 livros de viagem presentes a censura

⁴⁸⁰ PT-TT-SNI-DSC-35-3-570.

⁴⁸¹ PT-TT-SNI-DSC-35-5-5814.

⁴⁸² PT-TT-SNI-DSC-35-5-5814.

⁴⁸³ PT-TT-SNI-DSC-35-3-484.

observamos que, apesar da fase seminal de publicação de relatos de viagem daquela natureza ter sido o entreguerras, o maior número de relatos de viagem chegou às instituições censórias do regime salazarista no decorrer das décadas de 50 e 60, período em que, aliás, não são publicados livros de viagem por naturais de Portugal. Julga-se, ainda, que foram mais os relatos de viagem sobre a URSS que chegaram às mesas censórias e, simultaneamente, crê-se que alguns dos livros que tiveram direito a relatório censório (embora aqui não mencionados) possam conter pequenas notas ou capítulos destinados a viagens na URSS.

No decorrer do século XX, a crítica da ideologia acompanhou o grosso das recensões e interpretações que se fizeram daquelas particulares narrativas de viagem. É curioso constatar que esta tendência de pensar as narrativas de viagem no ocidente colou-se mais a relatos centrados em experiências em países socialistas, e menos a relatos sobre viagens decorridas em países capitalistas. Em todo o caso, as análises que relacionaram a ideologia política e os relatos de viagens enfrentaram um complicado processo de justificação. E tal aparenta ser justificado por duas principais ordens. A primeira, a forma, modo geral, idealizada, constituída durante o século XIX e XX, de apreender a literatura de viagem como uma descrição do *real*. A segunda, a própria ideia de *ideologia* enquanto um universo paralelo ao universo da *realidade*.

Pode-se adiantar que cada leitor sinalizou de diferentes formas essa penetração da ideologia nos relatos de viagem. Para determinados censores, por exemplo, a ideologia estava nas alusões feitas a Marx, Engels, Lenine ou Estaline durante a narrativa; para outros, a ideologia habitava a forma como o escritor viajante criticava a URSS. Para um certo censor, a ideologia apresentava-se como efeito da viagem – «depois das suas visitas estagiárias na Polónia (1950 e 1951), na Rússia (1952) e na Hungria (1954) a sua ideologia entrou em grande actividade prática»⁴⁸⁴. Para outro a ideologia estava na forma como o autor-viajante tentava «provar que [...] a Rússia actual [...] é mais paraíso que inferno»⁴⁸⁵. A ideologia poderia, então, penetrar a qualquer momento pelo relato de viagem. Poderia estar nas conversas que se tinham com camponeses russos ou na descrição que o autor-viajante fazia do sistema de habitação pública soviética. Mas, na sua generalidade, ela era sinalizada pelos censores aquando das interpretações que o autor-viajante emitia sobre a URSS. Isto é, quando o escritor deixava a descrição de lado e emitia um qualquer juízo. Não menos frequente a ideologia foi imputada quando o censor conhecia o autor do livro, sobretudo, quando o autor era assumidamente militante de um partido comunista ou socialista. Vejamos como os censores lidaram com o caso

⁴⁸⁴ PT-TT-SNI-DSC-35-2-7060.

⁴⁸⁵ PT-TT-SNI-DSC-35-3-727.

de Jorge Amado: «o autor é comunista conhecido no Brasil e... no estrangeiro. Ainda há pouco esteve na Rússia»⁴⁸⁶. Mas também os próprios censores viram como algumas viagens até à URSS serviram a certos comunistas de *abre-olhos*. Vejamos dois distintos casos que os censores julgaram pertinentes para circularem, em Portugal, ambos de 1938:

«André Smith era comunista americano e resolveu ir viver com a mulher para a Rússia. Apesar de ali gosar de privilégios especiais no que diz respeito a ordenado e categoria, por ser estrangeiro, reconheceu, durante os 3 anos que ali trabalhou, que os operários russos vivem sob regime ditatorial e são miseravelmente explorados, donde conclue ser mentirosa a propaganda feita sobre o paraíso siviético.»⁴⁸⁷

«Livro de um comunista francês que depois de ter vivido na URSS durante 8 anos, regressa desiludido, afirmando que o paraíso bolchevista é um bluff e a liberdade um mito. É prefaciado por André Gide, outro desiludido. Não vejo inconveniente na sua circulação»⁴⁸⁸

De notar que o entendimento de ideologia para os censores, aparenta sofrer alterações no decorrer dos anos, mediante a afirmação de novas gerações de censores. Se a palavra ideologia tendeu a ser recorrente, tal como a de propaganda, no período do entre guerras (fosse para referenciar relatos apoloéticos da URSS, ou não), ela aparenta ser instrumentalizada num outro sentido no contexto dos relatórios do segundo pós-guerra. É, sobretudo, a partir do segundo pós-guerra que as noções de *ideologia* e de *propaganda* vão ser transferidas para um campo oposto ao da *realidade* (na qual se deleitava o regime). Ideologia e propaganda que, no entre guerras serviam para adereçar sujeitos e textos liberais, sociais-democratas, socialistas, comunistas e fascistas, passam na discursividade dos censores do segundo pós-guerra a servirem, quase que em exclusivo, para referenciar tudo o que fosse proveniente do mundo comunista e socialista.

A crítica da ideologia no relato de viagem fez-se acompanhar de uma linguagem específica. Uma linguagem que se viu revestida de o par conceptual *parcialidade/imparcialidade*. Vimos como se procedeu à valorização de determinados relatos de viagem pela sua feição *imparcial*, simultaneamente, também, vimos como por várias vezes, e, especialmente, num sentido condenatório, se procedeu à adjectivação de alguns relatos como *parciais*. *Parcialidade* e *imparcialidade* disputaram, assim, um papel significativo na discussão do relato de viagem. Todavia, os conceitos aparentam dizer-nos mais sobre quem os utiliza e menos sobre ao que se aplicam. Tomemos dois exemplos, oriundos de contextos distintos, para reforçar este argumento. Em 1920, n'A *Bandeira Vermelha* o relato de viagem de Artur Ransome – simpático, de resto, na descrição da *nova Rússia* – surge valorizado porque «não é bolchevista

⁴⁸⁶ PT-TT-SNI-DSC-35-5-4659.

⁴⁸⁷ PT-TT-SNI-DSC-35-3-540.

⁴⁸⁸ PT-TT-SNI-DSC-35-3-603.

ou socialista moderado nem sequer político, mas observador *imparcial* e clarividente, um dos raros homens que teve a previsão da perdurabilidade do regime bolchevista»⁴⁸⁹. Agora, tomemos o caso do comentário que um censor fez ao texto *A Nova Rússia* de Henri Barbusse: «A par de capítulos puramente descritivos das impressões de viagem do autor, tem outros de propaganda aberta a favor do regime soviético. Concluo, pelo que tenho lido, que o autor é de uma grande *parcialidade* pois que até afirma que hoje o camponês russo, come mais e melhor. Julgo que o livro não está em condições de poder circular.»⁴⁹⁰ Num caso e noutro, quer o conceito de *parcialidade* quer o conceito de *imparcialidade* desempenham uma função sinóptica, mas que pretendeu ou desvalorizar ou valorizar o escritor-viajante e, por sua vez, o relato, consoante aquela que era a percepção de quem produzia a recensão crítica. Mas, se o uso dos conceitos reflete a percepção de quem emite a crítica, ele também reflete uma espécie de expectativa global para com aqueles relatos em específico (e repare-se que digo em específico os sobre a URSS). Uma expectativa que é informada pela *apolítica* enquanto reprodução do *real*. Isto é, a expectativa de que, por excelência, o relato de viagem se revista exclusivamente da descrição do *real*.

Ora, também os próprios escritores, no contexto dos seus relatos de viagem, refletiriam sobre esta mesma questão, por vezes, sem se referirem no concreto à questão da ideologia. E alguns deles reivindicaram para os seus relatos o estatuto de *imparcial*. Podemos vê-lo, por exemplo, no relato de Carlos Santos, onde este aferia, logo à partida, que «os *parciais* não devem abrir as páginas dêste livro *imparcial*»⁴⁹¹. Também no relato de viagem de Eurico Gama encontramos afinidades a esta questão: «Procurarei, como é meu costume, não me afastar destes princípios básicos: ser objectivo e honesto, fugindo a artificialismos e a teatralizar factos»⁴⁹². Por fim, esta ambição por se ser imparcial parece não deixar de acompanhar o relato do intelectual comunista Alexandre Babo. Diz-nos ele: «procurei fazer um relato directo e objectivo do que vi para as grandes massas menos esclarecidas. Esclarecimentos a contrapor à propaganda mistificadora de que sempre tinham sido vítimas»⁴⁹³.

No contexto dos relatos portugueses, podemos dizer que esta preocupação em se ser *objectivo, honesto e imparcial* – quase que se pode dizer, *não-ideológico* – acompanhou alguma da produção literária. Todavia, no caso de alguns intelectuais comunistas, a saber Óscar Lopes, Urbano Tavares Rodrigues, Blasco Hugo Fernandes e António Borges Coelho a questão da

⁴⁸⁹ «A situação política na Rússia», *Bandeira Vermelha*, nº 14, 4 de janeiro de 1920, p. 3, itálicos meus.

⁴⁹⁰ PT-TT-SNI-DSC-35-3-91 itálicos meus.

⁴⁹¹ Santos, *Como eu vi a Rússia*, pp. X-XI. Itálicos meus.

⁴⁹² Gama, *A minha experiência russa (Crónicas de Viagem)*, p. 6.

⁴⁹³ Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 1974, p. 11.

ideologia foi discutida de outra forma. Para evitar repetições sobre tal, leia-se o prefácio que o historiador José Neves dedicou ao livro de Tavares Rodrigues, em 2017: “desde o início que Urbano igualmente reconhece não haver observação que não seja subjectiva. Como se a ideologia, uma vez atirada porta fora, logo retornasse pelo friso de uma janela.”⁴⁹⁴ Esta propensão por se reconhecer a dimensão subjetiva ancorada às observações, tinha uma genealogia mais lata no contexto das narrativas de viagem. Regressemos a 1929 e às palavras de César Porto no seu relato: «aceitando a hospitalidade russa não tomei compromisso algum senão o de expor a verdade, como ela se me afigurasse»⁴⁹⁵.

Pensar a ideologia num relato de viagem foi um exercício que, além de ocupar críticos literários, os censores da ditadura salazarista e os próprios escritores de relatos, interessou aos historiadores. Especialmente, aos historiadores do comunismo. Ao contrário dos estudos sobre o totalitarismo e os estudos produzidos no contexto das escolas de *sovietologia*, os estudiosos do comunismo raramente fizeram dos relatos de viagem um objeto de estudo por si só. No contexto da historiografia dos comunismos, o relato de viagem serviria, grosso modo, de complemento a outras fontes ou um suplemento aos argumentos do historiador. Ainda assim, no contexto da historiografia sobre o comunismo, teceram-se algumas considerações que merecem ser notadas. Na sua maioria, o relato é interpretado, tal como o fora pelos estudiosos da soviétologia, como um produto de duas relações: a relação que o seu autor estabeleceu com a URSS (de novo, a questão da manipulação) e a relação que aquele mesmo autor estabelecia com a ideologia comunista. Ora, se os estudiosos da soviétologia focaram mais na primeira relação, os do comunismo privilegiaram a segunda.

No contexto de trabalhos historiográficos como os de François Furet, alguns relatos de viagem do entre guerras foram resgatados, sendo, ademais, encaixados nos principais argumentos das obras. François Furet no seu *Le passé d'une illusion: essai sur l'idée communiste au XXe siècle* dirigiu a sua atenção para alguns dos mais afamados relatos de viagem do entre guerras produzidos por militantes comunistas, reconhecendo-os, sobretudo, como produtos da ideologia comunista. Se Margullies havia investido no estudo das “técnicas de hospitalidades” mobilizadas pelos soviéticos para apreender os demais fascínios pela URSS engrenados no contexto do entre guerras (afetando, é certo, as investigações de vários historiadores que fizeram do comunismo um objeto de estudo, caso de Marc Ferro), Furet, reconhecendo “the importance of large-scale intellectual structures and legacies”⁴⁹⁶, veio propor que mais

⁴⁹⁴ Neves, «Prefácio», p. 14.

⁴⁹⁵ Porto, *A Rússia Hoje e Amanhã. Uma excursão ao país dos soviets*, p. XIII.

⁴⁹⁶ David-Fox, «The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes», p. 306.

relevante que o fascínio fabricado no *ponto de chegada*, era o fascínio construído antes, no *ponto de partida*. Diz-nos, por exemplo: “It wasn’t because they traveled to Moscow that Cachin and Frossard, old politicians that they were, rallied to Souvarine’s positions, but the reverse: they made the journey because they already shared those positions.”⁴⁹⁷ Para Furet, as viagens dos militantes comunistas (e por arrasto os relatos) surgiam menos como uma tentativa dos soviéticos lavarem cérebros *in situ* e mais como um momento onde os militantes comunistas confirmavam a sua ideologia⁴⁹⁸. Furet quase que podia ter sido um leitor de Zita Seabra. Este historiador raramente viu nas viagens momentos de ideologização comunista propriamente ditos – “if the traveler managed to shield his beliefs from these dangerous observations, it was because he was already involved in the early Stalinist cult [...]. He had not the slightest doubt about Trotsky’s mistakes, Zinoviev’s crimes, the misdeeds of the Fascists, or the wisdom of the Leader.”⁴⁹⁹ –, apesar de reconhecer algumas contradições implicadas nas demais viagens e, depois, transportadas para os relatos.

No seu estudo, Furet também se debateu com casos como os Gide. Isto é, casos onde as visitas à URSS aparentam desencadear, precisamente, o oposto do que se julgara que elas promoviam. Aqui a hipótese que procurava mostrar que os sujeitos, antes de serem atraídos fisicamente para a URSS, já eram ideologicamente atraídos por ela nos demais *pontos de partidas*, aparentou não ser suficiente. Diz-nos Furet: “Gide, who left France a fellow traveler, returned comparing Stalin to Hitler, a diagnosis prefiguring that of Ciliga two years later, or, more recently, that Orwell or Solzhenitsyn: the Soviet Union was the country where lies were generalized and mandatory”⁵⁰⁰ e continua, “Gide belonged to an even later group, whose disillusionment resulted less from having experienced internal factional battles [...] than from confronting the reality of the Soviet Union under Stalin”⁵⁰¹.

É, nesta esfera, que creio que se pode apontar, desde já, uma crítica à análise de Furet. Algo não muito distante daquele esquema interpretativo da *ingenuidade – consciência* que há pouco

⁴⁹⁷ François Furet, *The passing of an illusion: the idea of communism in the Twentieth Century* (Chicago: The University of Chicago Press, 1999).

⁴⁹⁸ “The writer [Romain Rolland] returned home with a new life. In spite of everything, the *Voyage à Moscou* remains one of the best of these somewhat tedious accounts, for it does contain frequent flashes of insight. The rather vain old man who drank deeply of Soviet nectar also sensed that he was arriving in a small world disturbed by profound political crisis, preyed upon by fear, and under police surveillance. Though he did not understand the film that was being projected, he did suspect it was a film. He spent half of his stay in Gorky’s dacha, and noted that his great Soviet friend, who had been “reconquered” by the Soviet power in 1928, had absolutely no autonomy; he was growing old rather sadly in his gilded prison with a secretary who controlled all communications with the outside world.” em Furet, p. 277.

⁴⁹⁹ Furet, p. 278.

⁵⁰⁰ Furet, p. 288.

⁵⁰¹ Furet, p. 291.

se salientou. Em síntese, o problema de Furet não é tanto o de reconhecer a atuação da ideologia comunista na anterioridade das viagens à URSS. O problema reside no não reconhecimento da atuação da ideologia na anterioridade das viagens nos casos como os de Gide. Esta diferença reside, sugiro, na própria noção de ideologia que o historiador emprega. Podemos propor, por isso, que a narrativa de Gide beneficia por ser lida, também ela, como ideológica. Também ela como resultado dos *pontos de partidas* de Gide. Enquanto produto dos trânsitos de Gide na URSS e dos outros trânsitos (das redes) que, enfim, colidiram com Gide. O contrário é, no entanto, também válido. Reconhecer os efeitos da viagem de Gide na sua própria experiência e não reconhecer os efeitos das viagens nos militantes comunistas (isto é, observar a viagem somente como um momento de confirmação) pode também ser limitador para a análise das narrativas de viagem dos comunistas do entreguerras.

Mas os argumentos de Furet devem também ser contestados numa outra dimensão. Uma dimensão, ademais, amplamente discutida no campo da historiografia dos comunismos no início do século XXI e que faria um coletivo de historiadores iniciar um livro da seguinte forma: “Se há pressuposto que esta obra gostaria de revogar sem margem para dúvidas – apesar de, como qualquer preconceito, ele conter a sua quota-parte de realidade – é o da unicidade daquilo que se convencionou chamar “o” [outras aspas] o comunismo no século XX. Do passado de “uma” ilusão aos crimes “do” comunismo, o principal erro consiste na utilização acrítica do artigo singular e na vontade de reduzir, por consequência, o comunismo a “uma” propriedade fundamental (o crime de estado, a utopia, uma religião secular, etc.). Podemos, de facto, duvidar legitimamente desta alegada unicidade: na realidade, o comunismo declina-se, ao longo de toda a sua história e em todos os seus aspectos, no plural. Ele é a diversidade unificada por um projecto.”⁵⁰² Dito isto, o problema não está tanto na leitura que Furet faz da ideologia comunista pregada nas narrativas de viagem, está na forma como ele compreende a ideologia comunista. Apesar de reconhecer as narrativas de viagem como produtos dos *pontos de partida*, Furet vinha propor que nesses demais *pontos de partida* a ideologia comunista operava como uma extensão da unicidade ideológica do comunismo, de resto, montada e definida desde Moscovo.

Com efeito, alguns historiadores dos comunismos chamariam as narrativas de viagem para compreender as particularidades ideológicas do comunismo em determinadas coordenadas, aceitando, tal como proposto n’*O Século dos Comunismos*, a pluralidade histórica associada aos movimentos comunistas do século XX. Caso, por exemplo, de Sophie Cœuré para o

⁵⁰² Dreyfus et al., *O Século dos Comunismos. Depois da ideologia e da propaganda, uma visão serena e rigorosa*, p. 12.

contexto francês, ou, no caso português, de José Neves. Foi este último historiador que no contexto das suas investigações sobre o processo de nacionalização do comunismo português utilizou o livro de Carlos Rates para aceder ao imaginário dos comunistas portugueses da década de 20, argumentando que “conforme o testemunho de viagem de Rates, vários discursos comunistas em Portugal mostram-se renitentes a propostas mais nacionalistas e estatocêntricas.”⁵⁰³

Dito isto, se é relevante, como propôs Furet, atender aos circuitos ideológicos que colidem com os autores-viajantes logo nos *pontos de partida*, não é menos apreender esses circuitos como plurais, longe de serem unidimensionais e monolíticos. Trata-se, por isso, de reconhecer os efeitos dos imaginários sobre a URSS nos relatos, mas – e tomando as palavras de António José Saraiva – de perceber que os relatos são, em si, “resposta[s] aos estímulos do mundo exterior”, não sendo “resposta[s] acessív[eis] a um raciocínio de tipo mecanicista”⁵⁰⁴. E se é certo que, através dos relatos conseguimos aceder aos imaginários construídos sobre a URSS nos demais *pontos de partida*, não é menos certo que neles conseguimos observar as transformações a que esses imaginários foram sujeitos, ante processos de mediação, claro, mas, não menos importante, ante os próprios efeitos das experiências de viagem, *per si*.

5.3. Um produto da condição social do escritor-viajante?

«Será Alexandre Babo um ingénuo, um desprevenido em relação às grandes questões que se colocam hoje em relação à U.R.S.S.? Ou, pelo contrário, estará Babo nitidamente interessado em divulgar, em enaltecer, numa visão rápida e digestiva, mas de classe, a vitória das forças reaccionárias na pátria do socialismo?»⁵⁰⁵ Foi desta forma que n’*O Tempo e o Modo*, em setembro de 1973, se iniciava uma crítica, provavelmente elaborada por um militante da extrema-esquerda portuguesa, ao livro de Alexandre Babo, *Na Pátria do Socialismo*. O militante anónimo propunha ler a narrativa de Babo através de uma abordagem não tanto centrada nos conteúdos do relato, mas na categorização social do leitor-viajante. «Ser ou não ser burguês, eis a questão»⁵⁰⁶, era o mote que incentivava a recensão crítica ao livro. Era sob a lente da tese da instauração do capitalismo de Estado e do desenvolvimento de «uma burguesia

⁵⁰³ Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, p. 153.

⁵⁰⁴ António José Saraiva, *Ser ou não ser arte : estudos e ensaios de metaliteratura* (Lisboa: Gradiva, 1993).

⁵⁰⁵ «Alexandre Babo na Pátria do Socialismo», *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 18.

⁵⁰⁶ *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 18.

diferente (uma burguesia de Estado)»⁵⁰⁷ na URSS que o crítico sugeriu apreender as descrições de Babo. Ademais, era sob essa mesma lente que o autor propunha compreender o fascínio que «a pequena burguesia portuguesa»⁵⁰⁸ desenvolvera pela *Pátria do Socialismo*. Diz-nos a recensão que a «preocupação do autor em relação aos escritores é notória em todo o livro e denuncia objetivamente uma posição de classe. Como pequeno-burguês que é, o autor vai à Rússia com o metro-padrão da sua classe comparar a sua felicidade de cá com a felicidade de lá.»⁵⁰⁹ Continua ironizando, «porque não interrogou Babo os milhares e milhares de operários e camponeses soviéticos que conheceram Estaline, que lutaram lado a lado com ele contra os imperialistas e contra todos os reaccionários?»⁵¹⁰. Durante a recensão são ainda mobilizadas certas questões que tendiam a incomodar alguns comunistas, casos da tese da coexistência pacífica ou da Primavera de Praga. Caso, também, de Estaline⁵¹¹. A recensão era concluída da seguinte forma:

«No mundo de hoje, toda a cultura, toda a literatura e toda a arte pertencem a classes determinadas e estão subordinadas a políticas determinadas. O autor [...] não consegue fugir a esta fatalidade (para ele) dialéctica, por muito breve e leve que queira fazer passar a sua crónica de viagem. Babo serve objectivamente os interesses da burguesia de Estado soviética e enaltece a sua tomada de poder na U.R.S.S., talvez para retribuir a amabilidade do convite. Em todas as questões abordadas no livro transborda a marca de classe do autor, do pequeno burguês empedernido, ainda quando aparenta ser “incómodo”[outras aspas]. Ao terminar a sua “obrinha”, Babo remata: “Com esta visão me afasto da União Soviética”. Não fique triste Babo, se fisicamente houve um afastamento: espiritualmente (ideologicamente) cremos que jamais esteve tão perto...»⁵¹²

Recorrer à problematização da condição social do escritor-viajante foi outra das formas recorrentes de adereçar a questão das viagens à União Soviética e a da publicação de relatos de viagem. Retomemos, de novo, Ercílio de Azevedo. Em 1975, também ele recorreria à condição social dos viajantes para interpelar o mundo das viagens à URSS que, então, se abria, em Portugal, afirmando que só uns (que não ele) haviam sido convidados para a URSS a «a poder de amizades e de influências»⁵¹³.

Mas não só os críticos das narrativas de viagem consideraram relevante anteder às particularidades das condições sociais dos viajantes. Da mesma forma, alguns dos próprios

⁵⁰⁷ *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 18.

⁵⁰⁸ *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 18.

⁵⁰⁹ *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 19.

⁵¹⁰ *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 19.

⁵¹¹ «A questão de Estaline é uma questão política de fundo, e quem procura reduzi-la a pó ou quem pactua com essa posição desmascara-se com inimigos do povo soviético e da Pátria do Socialismo. Assim fazem todos os Krouchtchevs, todos os Babos do mundo.» em *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 20.

⁵¹² *O Tempo e o Modo*, nº 99, setembro de 1973, p. 120.

⁵¹³ Azevedo, «Os que não fomos à Rússia», p. 162.

escritores-viajantes fariam questão de mencionar as suas proveniências sociais como forma de esclarecer os motivos das suas jornadas. Vimos como este esquema se intrometeu, por exemplo, nas palavras de Carlos Santos quando este se reconheceu como parte de um grupo de «burgueses latinos»⁵¹⁴. No entanto, se a intenção de Carlos Santos ao mobilizar aquela caracterização aparenta ter como propósito único o enquadramento da sua excursão, em outros casos, assistir-se-ia à instrumentalização da condição social como forma de legitimação dos próprios discursos de viagem. Caso, por exemplo, do tal A. Vieira que se identificando como «um homem que por propensão natural [...], pertence às ciências exactas», explicaria que «só uma paixão política, intensa e abrasadora, podia separar - dos problemas da química-física e arrastar - para o estudo da economia»⁵¹⁵. Caso também de José Nunes, que aproveitou da sua associação à Ação Nacional Popular para legitimar as suas simpáticas palavras sobre a URSS, isto ante os discursos acusatórios da dita «*Senhora*» que o apelidou de mentiroso.

Foi, modo geral, este princípio que Paul Hollander, um historiador seduzido pela história social e não alheio aos estudos advindos da soviétologia, utilizaria para analisar um alargado compêndio de narrativas provenientes de experiências de viagem em geografias socialistas, entre a segunda metade da década de 20 e a década de 70 do século XX. Em *Political Pilgrims*, Hollander partiu de um amplo compêndio de narrativas de viagem enquanto um objeto reflexivo das características, ou natureza, de uma “classe social”, no caso, dos intelectuais ocidentais. Reconhecia, como outros, que se o estatuto social era fundamental para perceber quem viajava, merecia ser, também, analisado num sentido reprodutivo que influía para a própria construção de discursos. Por outras palavras, os discursos construídos sobre as experiências de viagem em coordenadas socialistas eram, eles próprios, produtos da condição social dos demais viajantes. Hollander identificaria, suportado neste princípio, algumas características dos discursos dos intelectuais ocidentais no decurso do século XX. Por exemplo, as tradições de pensamento utópico e a predisposição dos intelectuais ocidentais para as prolongarem, as agendas políticas propostas por estes para as suas sociedades de proveniência, a participação destes nos demais movimentos de rejeição da sociedade ocidental e, ainda, a alienação dos intelectuais. Hollander viu nos discursos de viagem o estatuto social dos intelectuais ocidentais do entre guerras e do segundo pós-guerra. Viu, reconhecendo a importância das “técnicas de hospitalidade” – talvez excessivamente –, os discursos de viagem como produto dos *pontos de partida* dos escritores-viajantes.

⁵¹⁴ Santos, *Como eu vi a Rússia*, p. XXI.

⁵¹⁵ A. Vieira, *O meu depoimento sobre o comunismo* (Lisboa, 1936), p. 7.

Algumas críticas seriam, no entanto, feitas ao estudo de Hollander. Caso de David-Fox que argumentaria que “Hollander’s characterization of Soviet intentions, however implicit, is impossible to miss: omniscient Soviet handlers appeared amused by the ease with which they manipulated foreign intellectual naifs”⁵¹⁶. O reducionismo no concernente à *agencialidade* dos escritores-viajantes pode ser, por isso, apontado ao estudo de Hollander. Mais, Hollander, não só reduzia a *agencialidade* dos escritores-viajantes na análise das relações destes com as instituições soviéticas, como também a reduzia ao importar uma só característica sinóptica – no caso, a “*natureza*”⁵¹⁷ de intelectuais (ocidentais) – para interpretar as viagens e as narrativas oriundas destas. Ainda assim, o estudo de Hollander demonstrara a pertinência de analisar estas narrativas no seu conjunto, num tempo longo e reconhecendo os particularismos sociais associados a quem viaja e a quem escreve.

A análise da proveniência social do escritor-viajante tem sido cara na análise das narrativas de viagem, especialmente no âmbito dos estudos sobre as viagens de intelectuais – os quais, de resto, aparentam ter contribuído de forma mais expressiva para a circulação destes discursos escrito. Contudo, a interpretação da dimensão social desses discursos entrelaçou-se com a análise de outras categorias sociais para além dos intelectuais. Martin Malia, por exemplo, reclamaria dos ocidentais, focando-se na construção ideológica da *Rússia* no contexto dos imaginários ocidentais⁵¹⁸. O historiador russo Aleksandr Etkind, partiu dos fellow-travelers, para investigar “the intricate interplay between national and ideological imaginations on both sides”⁵¹⁹. Por sua vez, Angela Kershaw⁵²⁰ e Julia Mickenberg⁵²¹ estudando, em particular, mulheres, dedicaram-se ao estudo das experiências de viagem na URSS no feminino, reconhecendo uma distinção teorizada por Todorov, a distinção “between what he called the “interior other” and the remote “exterior other”. Examples of the former might be women for men, peasants or workers for the elites, or “bourgeois specialists” for the Bolsheviks”⁵²².

⁵¹⁶ David-Fox, «The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes».

⁵¹⁷ Conceito, ademais, central no grosso da obra. Paul Hollander, *Political Pilgrims. Western intellectual in search of the good society*, 4ª (Londres e Nova Iorque: Routledge/Taylor & Francis Group, 2017).

⁵¹⁸ Martin Malia, *Russia under Western Eyes: From the Bronze Horseman to the Lenin Mausoleum* (Harvard: Harvard University Press, 1999).

⁵¹⁹ Aleksandr Etkind, *Tolkovanie puteshestvii: Rossiia i Amerika v travelogakh i intertekstakh* (Moscou, 2001) Citado em David-Fox, ‘The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes’, p. 305.

⁵²⁰ Kershaw, «French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929 – 1942».

⁵²¹ Mickenberg, *American Girls in Red Russia*.

⁵²² Tzvetan Todorov, *The Conquest of America: The Question of the Other*, trans. Richard Howard (New York, 1983) citado em David-Fox, ‘The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes’, p. 306.

5.4. O PCP e as narrativas de viagem

Foi logo no segundo número da sua primeira imprensa que o PCP publicou um relato de viagem. A prática era, como se sabe, mais antiga, sendo que a publicação e tradução de discursos de viagem oriundos, sobretudo, de sujeitos europeus vinha manifestando-se, desde 1918. Da autoria de «Lucia Liciaque»⁵²³, o texto relatava uma estada «no momento em que se operava a transformação dum sistema económico que se adaptava a uma situação nova»⁵²⁴, centrando-se nas observações da viajante sobre a infância, a educação e a formação das gerações na Rússia dos soviets. O texto dava conta das conquistas que «só a Rússia parece conhecer o segredo»⁵²⁵. Liciaque estava fascinada com os efeitos da missão bolchevique de «arrancar da ignorância os milhões de camponeses»⁵²⁶ e de formar uma geração de gente livre. As conquistas para os «filhos e filhas de operários comunistas, de soldados do exército vermelho, (...) [e] também orfãos»⁵²⁷ eram, nesse sentido, já várias e convidaram a autora a ver «ali a imagem da sociedade futura forte das capacidades desenvolvidas em comum dos homens e das mulheres»⁵²⁸. A intenção do PCP ao publicar este texto afigurava-se numa lógica de continuidade com a práticas anteriores já estabelecida, por exemplo, pela *Bandeira Vermelha*.

Como vimos, desde 1918 que as impressas operárias, em Portugal, foram acompanhando a presença de forasteiros europeus na Rússia revolucionária. Os primeiros relatos resultantes de idas à *nova Rússia*, ademais, contemporâneos das redes de saberes constituídas em redor da revolução de outubro, ao captarem o interesse dos demais movimentos operários internacionais, foram sendo apreendidos e apresentados de formas variadas entre 1918 e 1921 no contexto operário português. N^o *A Sementeira*, contactar com eles demonstrava-se como espécie de um exercício de reflexão, isto é, um outro exercício a ser considerado para o estudo da revolução⁵²⁹. Já na *Bandeira Vermelha* lê-los representava mais uma forma de aceder à *realidade* da revolução – numa equação que, valorizando os sujeitos externos à revolução, apresentou o viajante enquanto um agente *imparcial* e, por isso, o relato como uma fonte devida para

⁵²³ «Como a República dos Sovietes prepara uma geração de homens livre», *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

⁵²⁴ *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

⁵²⁵ *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

⁵²⁶ *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

⁵²⁷ *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

⁵²⁸ *O Comunista*, nº 2, 23 de outubro de 1921, p. 2

⁵²⁹ Por exemplo, n^o *A Sementeira*, pode ler-se: «É um depoimento que convém resumir e juntar à colecção de documentos e elementos de estudo que temos estado a reunir e que poderíamos enriquecer indenfinitivamente, se não fosse a exiguidade da *Sementeira*» “Um depoimento”, *A Sementeira*, nº40, julho de 1919, p. 250, itálico no original

compreender a revolução e as suas cadeias de acontecimentos. A publicação do texto da dita Lucia Liciaque, apresentando as conquistas da *nova Rússia*, parecia ir ao encontro das intenções estabelecidas outrora na imprensa *Bandeira Vermelha*.

Seja como for, após aquele segundo número, em outubro de 1921, o PCP não voltaria tão depressa a incluir relatos de viagem na sua imprensa. *O Comunista* só voltaria a acolher menções a narrativas de viagem aquando do lançamento d’*A Rússia dos Sovietes*, de José Carlos Rates, servindo como um instrumento para propagandear a obra. Diz-nos *O Comunista* que a obra de Rates havia sido «feita com o intuito de dar a conhecer a Rússia, tal como ela é»⁵³⁰. Era, de novo, a descrição do *real* que, mobilizando Rates, mobilizava os militantes do PCP a ler narrativas de viagem – sobretudo aquelas que faziam uma descrição simpática da *nova Rússia*.

Na década de 30, o PCP usaria o *Avante!* para pontualmente apresentar relatos de viagem. Fê-lo em julho e agosto de 1936 e em março e abril de 1937; e em julho de 1936, utilizando relatos elaborados por Angel Garcia de Huesca (anarcossindicalista da CNT e metalúrgico), por uma «delegação operária espanhola composta de sindicalistas, socialistas, comunistas e sem partido que visitou a União Soviética durante a celebração do 18.º aniversário da Revolução»⁵³¹. Aquela pluralidade de visões enriquecia a apresentação do *real*, sendo instrumentalizado o discurso de um anarcossindicalista e de um socialista da seguinte forma: «Um anarquista espanhol não teve receio de rectificar as suas concepções e dizer claramente o que pensava da U.R.S.S.. O camarada socialista destruiu a lenda de que na U.R.S.S. só se mostram certas cousas porque o resto não vale nada. É assim com o depoimento honesto de quantos trabalhadores que, não sendo comunistas, visitam a URSS que se consolidara o movimento que impedirá qualquer ataque à pátria dos trabalhadores»⁵³². Em agosto, transcreviam-se, traduzindo-se, as impressões de viagens dos «sábios franceses»⁵³³ como forma de demonstrar o desenvolvimento científico na URSS, sobretudo, na área da saúde pública, da investigação médica e do combate a doenças infecciosas.

Por seu turno, em março e abril de 1937⁵³⁴, apresentava-se a URSS «vista por operários portugueses [...] que desde bastante tempo vive na União Soviética»⁵³⁵ através das palavras de

⁵³⁰ «A Rússia dos Sovietes», *O Comunista*, nº 27, 14 de fevereiro de 1925, p. 2

⁵³¹ «No país do socialismo: A Verdade sobre a União Soviética», *Avante!*, nº 19, julho de 1936, p. 3

⁵³² *Avante!*, nº 19, julho de 1936, p. 3

⁵³³ «No país do socialismo: O que dizem os sábios franceses», *Avante!*, nº 20, agosto de 1936, p. 4

⁵³⁴ «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4; «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 31, segunda quinzena de março de 1937, p.2 ; «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 32, primeira quinzena de abril de 1937, p. 3

⁵³⁵ «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4

José Borges, «descarregador, militante da classe operária portuguesa, para defesa da qual tem dedicado o melhor de algumas décadas da sua vida»⁵³⁶. O testemunho de Borges ia, precisamente, ao encontro da demonstração do *real*, apresentando-se os salários dos trabalhadores, as condições de vida dos camponeses, os custos dos bens essenciais e as regalias sociais oferecidas aos trabalhadores. Discursos como os publicados entre 1936 e 1937 como bem se demonstra no caso dos discursos do anarquista e do socialista iam ao encontro de apresentar uma visão da URSS que, na ótica do PCP, se confrontava com a visão dominante que circulava em Portugal. Os discursos eram, assim, tão uteis para apresentar o *real*, como para desmascarar as *mentiras* e as *calúnias* que o regime (e não só) faziam circular.

No entanto, seria poucos meses após a circulação do testemunho de José Borges que no *Avante!* se podia ler uma revisão crítica a um livro de viagem. Os livros de André Gide também chegaram a militantes do PCP. Ora, se o discurso de Gide teve o condão de atrair as simpatias de alguns dos censores do Estado Novo, o mesmo não se passaria com os militantes comunistas responsáveis pela edição clandestina do *Avante!*. A crítica, em concreto, destinava-se ao segundo livro de Gide, *Retouches à mon Retour de l'URSS*, sendo ela reservada, particularmente, à figura de Gide e não tanto ao seu livro – referia-se, todavia, que «seria fácil refutar, uma a uma, as acusações caloniosas dirigidas por Gide à URSS – não no-lo permite, infelizmente, o espaço de que dispomos»⁵³⁷. Para o PCP, Gide, na «sua aliança espiritual com Trotski»⁵³⁸, analisava «a URSS sob o ângulo do fascismo de que se tornou um agente»⁵³⁹. Era, segundo o PCP, mais uma prova de uma «estreita comunhão dos trotsquistas com os fascistas»⁵⁴⁰. As «injúrias» de Gide a Rolland haviam também incomodado os redatores comunistas. Mas elas eram, em si, esclarecedoras para os comunistas que redigiram aquele texto. «Rolland continua, como até aqui, inteiramente integrado no espírito e nas realizações da União Soviética e que esta, pelos seus triunfos, pelos seus grandes progressos, continua e será sempre admirada e querida pela figura mais nobre e mais bela e uma das mais elevadas das letras mundiais.»⁵⁴¹ Conforme o descrito, também o PCP utilizaria do esquema *realidade-irrealidade* para confrontar alguns dos relatos, defendendo que alguns desses discursos de viagem – como os de Gide – serviam propósitos propagandísticos a favor das forças políticas a si opostas.

⁵³⁶ *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4

⁵³⁷ *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4

⁵³⁸ *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4

⁵³⁹ *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4

⁵⁴⁰ *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937, p. 4

⁵⁴¹ «André Gide ao serviço do fascismo», *Avante!*, nº 44, quarta semana de julho de 1937, p. 4

Seriam, no entanto, necessários mais de vinte anos para as narrativas de viagem regressarem ao corpo do *Avante!*. Em dezembro de 1958, «um grupo de camaradas portugueses»⁵⁴² usava das páginas da imprensa clandestina para resumirem «as suas impressões de visita a alguns países do campo socialista»⁵⁴³. Foi «na manhã em que o Sputnik II ganhava os ares com o seu pequeno tripulante vivo – a cadelinha “Laika”»⁵⁴⁴ que este grupo aterrou em Moscovo. O entusiasmo por tal feito era compassado com outros tantos entusiasmos. Um deles, o número de aviões comerciais que ligava as demais coordenadas do socialismo. Diz-nos o texto: «Quando hoje lemos na imprensa burguesa parangonas de exaltação aos “primeiros” aviões comerciais a jacto agora postos em serviço “*pela primeira vez no mundo*” sorrimo-nos desta mania dos records dos defensores do imperialismo e lembramo-nos desses TU-104 que enchem os aeródromos de Moscovo, Pequim, Praga, Bucareste, Budapeste e outros no mundo socialista há alguns anos. Voar nos aviões comerciais soviéticos é ter a garantia de que se chegará inteiro ao local de destino.»⁵⁴⁵ Bem vivos e no local de destino, os visitantes da URSS dizem-se fascinados com «uma vida intensa em plena expansão» e com a «solicitude dum governo verdadeiramente popular pelo bem-estar dos cidadãos» e com, «à distância, mas não muito longínquas, as perspectivas do Comunismo»⁵⁴⁶. Pisar aquele mundo que *floria como novo* fez este grupo de comunistas portugueses serem transportados para a sua casa, Portugal.

«Vir da nossa querida pátria submersa na noite fascista há mais de 32 anos e onde a riqueza mais faustosa vive paredes meias com a miséria negra, e pisar pela primeira vez a terra soviética donde desapareceu para sempre a exploração do homem pelo homem, é uma impressão única, inapagável, na nossa vida de proletários e comunistas.»⁵⁴⁷

Entre a segunda metade da década de 50 e a década de 60 e 70, o *Avante!* vai ser utilizado como um meio de divulgação de algumas iniciativas que juntaram portugueses e soviéticos em espaços comuns. Também será utilizado, pontualmente, para expor narrativas de viajantes comunistas. Em março de 1963, uma nova narrativa de viagem surge apresentada na imprensa clandestina do PCP, mas, desta vez o *ponto de chegada* era uma aldeia da Bulgária. Redigido por Francisco Miguel, do Comité Central do PCP, o texto relatava a surpresa deste com o progresso numa simples aldeia. Cinema novo com funcionamento diário, um posto médico com

⁵⁴² «O Socialismo em Marcha, Nós vimos florir um mundo novo», *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958, p. 4

⁵⁴³ *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958, p. 4

⁵⁴⁴ *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958, p. 4

⁵⁴⁵ *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958, p. 4

⁵⁴⁶ *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958, p. 4

⁵⁴⁷ *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958, p. 4

assistência médica grátis e estabelecimentos de venda com «tudo bem exposto e com um sistema de venda que mostra o elevado grau de civismo dos que compram e dos que têm a tarefa de vender»⁵⁴⁸. Era a política do governo que se devia de louvar ali. Ela é que seria «a responsável [por] levar aos campos, às aldeias, as condições de vida da cidade»⁵⁴⁹. Francisco Miguel, «vendo tudo isto com os [...] próprios olhos, palpando toda esta realidade»⁵⁵⁰ seria transportado para a *realidade* dos «nossos camponeses, das nossas aldeias pobres e entristecidas pela miséria dos seus habitantes, explorados, desempregados, doentes e sem assistência, vítimas de todos os vexames e de todas as injustiças»⁵⁵¹. Ainda assim, Francisco Miguel via que «também o nosso povo será capaz de construir o socialismo para viver livre e feliz como hoje já vive o povo da Bulgária»⁵⁵².

Mais tarde, a propósito das celebrações do cinquentenário da revolução de outubro um novo relato de viagem, surge no *Avante!*. Redigido por uma comunista, o relato vinha a propósito de uma visita realizada pela militante a convite do Komsomol. Tudo o que vira – a *realidade* – servira para reforçar em si «a certeza, exaltante para um comunista, dos grandes progressos obtidos pelo povo soviético sob o regime socialista nos domínios económico, militar, científico, técnico e cultural»⁵⁵³. Uma realidade pautada a «novos sucessos» que geram prosperidade, cultura e felicidade e que «sob a direcção do seu Partido e do Estado, o povo soviético conquista»⁵⁵⁴.

No pós-segunda guerra, estes curtos relatos vêm substituir a publicação traduzida dos curtos relatos de visitantes europeus. A redução do número de relatos de viagem no segundo pós-guerra, como identificara Couré, não aparenta, contudo, justificar esta substituição. Como vimos, a partir da década de 50, começam a entrar mais livros de viagem (à URSS) nas oficinas da censura do Estado Novo, o que, simultaneamente, pode significar uma provável maior circulação daquele tipo de livros de viagem por Portugal. No fundo, o que aparenta contribuir para esta substituição e, simultaneamente, para este ténue crescimento das narrativas de viagem fabricadas pelos comunistas portugueses é o despertar de um maior número de viagens entre Lisboa e Moscovo, realizadas, ademais, através dos canais do PCP a partir da segunda metade da década de 50. Ademais, podemos argumentar que os discursos de viagem dos comunistas

⁵⁴⁸ «Visita a uma aldeia da Bulgária», *Avante!*, nº 327, março de 1963, p. 2

⁵⁴⁹ *Avante!*, nº 327, março de 1963, p. 2

⁵⁵⁰ *Avante!*, nº 327, março de 1963, p. 2

⁵⁵¹ *Avante!*, nº 327, março de 1963, p. 2

⁵⁵² *Avante!*, nº 327, março de 1963, p. 2

⁵⁵³ «Uma comunista portuguesa fala sobre a sua viagem à União Soviética», *Avante!*, nº 383, outubro de 1967, p.

5

⁵⁵⁴ *Avante!*, nº 383, outubro de 1967, p. 5

portugueses no segundo pós-guerra continuariam a ser produzidos mediante duas principais questões: a demonstração da *realidade soviética* e a contraofensiva aos discursos anti-soviéticos. Seria neste esquema – dum lado a *verdade*, do outro a *mentira* – que se debruçaram, de um modo geral, as leituras que os militantes do PCP fizeram das narrativas de viagem.

O que vamos encontrar, contudo, nas narrativas de viagem publicadas por comunistas portugueses a partir de 1968 pode sugerir o início de uma transição no seio dos discursos comunistas. Uma transição que a ter ocorrido, deteve possíveis ligações aos efeitos da Primavera de Praga, à emergência de novas críticas (à esquerda e à direita) ao estado soviético e à própria atividade dos movimentos de oposição estudantil ao Estado Novo no contexto da década de 60. Depois, aprofundada nas ligações com o eclodir da situação revolucionária em Portugal. Ressalve-se que estas narrativas de comunistas publicadas em livro ressurgem quase quarenta anos após o último livro de viagem publicado por um militante comunista, no caso o de Rates e que elas foram produzidas, sobretudo, por intelectuais comunistas⁵⁵⁵. Ainda assim, é possível verificar uma distinção, na forma e no conteúdo, entre os livros de Francisco Dias da Costa (1968), Alexandre Babo, Óscar Lopes e Urbano Tavares Rodrigues (1973) e aqueles três relatos publicados no *Avante!*.

Nos livros daqueles intelectuais procurou-se desestatizar, sem desnacionalizar⁵⁵⁶, a imagem da URSS. Os discursos seriam, agora, mais orientados para o dinamismo alavancado pelo novo ser social que habitava na URSS o «*ser coletivamente*»⁵⁵⁷, o *ser* da sociedade dinâmica e plural, «multinacional e multirracial»⁵⁵⁸. O *ser* inscrito naquilo que Óscar Lopes definiu como o «o complexo mosaico etno-linguístico» cuja «preservação efectiva de toda uma extrema diversidade de tradições nacionais, cerca de 120», havia construído «o cidadão soviético» como um ser «extremamente sensível às realidades da geografia cultural», um ser incapaz de ignorar «a existência de uma nação portuguesa»⁵⁵⁹. Continuavam, é certo, os entusiasmos com os

⁵⁵⁵ No entanto, ao concertamos a nossa atenção nos textos de viagem de comunistas portugueses publicadas (em livro) nos últimos anos da ditadura devemos entendê-los como testemunhos que procuraram esquivar-se da censura do Estado Novo. Devemos também compreender que eles distinguem-se dos curtos textos publicados no *Avante!*, na década de 50 e 60, face à sua extensão.

⁵⁵⁶ Valoriza-se, na verdade, o que os soviéticos alcançaram no campo nacional e étnico. Veja-se o discurso de Alexandre Babo: «Nem sequer aprofundara o problema das nacionalidades, o verdadeiro sentido da U.R.S.S. [...]. Julgo ser essa uma das mais importantes realizações do nosso século. Frequentemente, encontrava gente que dizia: - «Sou soviético da Ucrânia», ou da Arménia, ou da Estónia, e era evidente o apego a duas noções de pátria, sem uma chocar com a outro. Há uma frase de Lenine que está na base da solução multinacional e multirracial da U.R.S.S. - «Ao mundo antigo, mundo de opressão nacional, de querelas nacionais ou de particularismo nacional, opomos a unidade dos homens de todas as nações, na qual nenhum privilégio, a mínima opressão do homem pelo homem pode ter lugar»» Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 1974, p. 78.

⁵⁵⁷ Rodrigues, *Viagem à União Soviética e outras páginas*, p. 24.

⁵⁵⁸ Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 1974, p. 78.

⁵⁵⁹ Lopes, *Convite para a URSS*, p. 12.

«contrastes gritantes do mais moderno»⁵⁶⁰ que se podia avistar na União Soviética. Mas, onde outrora figurou a excelência do sistema político soviético (do estado), passa a estar, nestes livros de viagem de intelectuais comunistas, a atividade da sociedade soviética. A relevância do estado (e do PCUS) não esvanecia dos imaginários. Mas no campo discursivo, o estado já não mais era o centro gravitacional gerador e norteador da modernidade soviética. Para esse centro aparenta regressar o dinamismo social – algo invocado pelas próprias fotografias anexadas aos livros de viagem. Paralelamente, o campo social e o campo económico tornar-se-iam, discursivamente, na forma como os comunistas comunicavam sublimemente sobre o estado soviético.

Os discursos apresentados nos livros mantiveram algumas continuidades com os discursos daqueles três textos no *Avante!*. A URSS continuou a representar nos imaginário e nos discursos o centro que contrapesava o poder da grande potência norte-americana e, nesse sentido, não são poucas as comparações (sempre favoráveis à União Soviética) estabelecidas pelos intelectuais comunistas entre o modelo socialista soviético e modelo capitalista ocidental⁵⁶¹. Era, aliás, através destas comparações que estes intelectuais introduziam discursivamente as vicissitudes existentes a Leste, denunciando, como o fez Dias da Costa, em 1969, «que o problema da

⁵⁶⁰ Babo, p. 16.

⁵⁶¹ Para uma crítica de um ex-comunista desta questão da comparação, regresse-se à questão do “porco socialista”: «Um camarada, empolgado pelo acontecimento, garantia-me que estava ali a prova da grande superioridade do sistema socialista. Segundo ele, a Rússia, que estava muito mais atrasada no momento da Revolução, conseguia agora fazer coisas muito maiores do que os países capitalistas. A prova era aquela porca monumental. Os Estados Unidos, de certeza, também já estavam ultrapassados nesse domínio. Dificilmente teriam porcos tão grandes. Quando lhe disse que já há uns dez ou doze anos vira uma porca semelhante na feira agrícola de Santarém, pensou que eu estava a brincar e tomou aquilo como uma ofensa ao sacrifício e às grandes realizações dos «amigos soviéticos». Não me foi fácil convencê-lo de que o que lhe dizia era a pura verdade. Mas tive de renunciar a que compreendesse que o problema da diferença entre o socialismo e o capitalismo não podia estar no grau de grandeza de dois porcos. E que o capitalismo seria sempre capaz de produzir um porco tão grande ou maior que o socialismo. Que a verdadeira diferença era a das relações entre os homens. E que o que o capitalismo nunca poderia oferecer era esse novo sistema de relações. Esta história do porco «socialista», embora anedótica, resume toda uma mentalidade. Por um lado, os «amigos da Rússia» — uns por inércia do passado, outros por ignorância, outros simplesmente por interesse — persistem em ver a dita «pátria do socialismo» não como ela é, mas segundo um certo ideal que gostariam que ela fosse. Por outro lado, e graças às sucessivas revisões ideológicas operadas pelo PCUS, o seu ideário socialista está hoje reduzido à competição económica com os Estados Unidos. Havemos de aceitar que, como projeto de transformação da sociedade, é muito pouco. Ou nada, para aqueles que se encontram nas sociedades europeias, mesmo na nossa, apesar do seu pouco desenvolvimento. Também me parece que a ótica dos «inimigos da Rússia», cuja alternativa é um novo endeusamento, o da China, não contém nenhum atrativo para os europeus. E por esta razão: o que aqui há a fazer não é nem criar uma nação unificada, nem um Estado, nem uma economia industrializada. Isso está feito, ao cabo de alguns séculos». Silva Marques, *Relatos da Clandestinidade - o PCP visto por dentro*, pp. 161-162.

habitação existe [na URSS] [...] como existe por todo o Mundo»⁵⁶². Mantiveram-se, da mesma forma, as críticas aos discursos anti-soviéticos⁵⁶³.

Conforme identificado, no decorrer da situação revolucionária desencadeada pelo 25 de abril de 1974, o número de narrativas de viagem aumenta e, com elas, aumentavam as narrativas especificamente produzidas pelos comunistas portugueses. Entre 1974 e 1977, o *Avante!* vai continuar a acolher pontualmente narrativas de viagem. Narrativas com propósitos não muito distantes das décadas anteriores. Apresentar o *real* e combater as narrativas mistificadoras, assim lhes chamava Babo, continuaram a ser as principais metas dos discursos. A partir de 1974, os comunistas vão ter a seu dispor novos meios para divulgar a (sua) *realidade soviética*. É aqui que se inscreve a Associação Portugal-URSS e a revista *Paz e Amizade*. Vejamos as palavras mobilizadas no seu primeiro número:

«Ao mesmo tempo, este boletim deveria funcionar como agente promotor de um conhecimento recíproco entre os dois países, procurando não apenas limpar ou desfazer as teias da desinformação, mas também estreitar laços de militante amizade. Dessa forma, contribuiria, ainda que em pequena escala, para um ambiente mais saudável de distensão, aproximação e entendimento entre os povos do mundo. São esses os propósitos fundamentais de Paz e Amizade, que agora inicia a sua trajetória e vem ocupar um espaço próprio na nossa imprensa. Sempre animados por um espírito francamente aberto, compreensivo e anti-sectário — que consideramos imprescindível —, procuraremos oferecer regularmente uma informação formativa e noticiosa sobre as diversas atividades da nossa Associação, que já hoje são muitas. Em estreita cooperação com associações congêneres de amizade com outros países, e em particular com a Associação U.R.S.S.-Portugal — que já opera em Moscovo no quadro geral das Sociedades Soviéticas de Amizade com os países estrangeiros —, iremos proporcionar aos nossos assinantes e leitores uma grande diversidade de conteúdos. Através de artigos, relatos, entrevistas e outros materiais informativos e culturais, pretendemos facilitar o melhor entendimento possível dos nossos objetivos. Vale destacar que, em 1975 e 1976, assinámos dois importantes convênios culturais com a Associação U.R.S.S.-Portugal, reforçando ainda mais essa cooperação.»⁵⁶⁴

Seria, assim, no fórum da AP-URSS que alguns comunistas portugueses iriam reorientando os seus discursos sobre a URSS, promovendo-se ali, além das viagens em si mesmo, um espaço de circulação das próprias narrativas. A AP-URSS inscrevia-se, também, nesse sentido, nas disputas de significação que se continuaram a travar sobre a União Soviética no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Sendo, com efeito, um espaço onde se procedeu à elaboração de discursos que, embora afastados da propaganda soviética propriamente dita, continuaram a emitir um certo fascínio, uma certa admiração pela União Soviética.

⁵⁶² Dias da Costa, p. 108

⁵⁶³ «o nosso livro [...] ajudará a desmontar tanta intriga e calúnia que visam minar a paz, a confiança dos povos na sua luta por um futuro de justiça e prosperidade» Coelho e Fernandes, *No País dos Sovietes. 60 anos depois de Outubro*, p. 5.

⁵⁶⁴ «Editorial», *Paz e Amizade*, nº 1, primeiro trimestre de 1976, p. 2.

As perspetivas que animaram a revista *Paz e Amizade* e, ademais, livros como o *Portugueses na URSS* ou a *URSS a seis vozes* mobilizaram-se, também, como uma arma na disputa de significações. Afinal, a pluralidade de visões sobre a URSS que podemos encontrar naquela revista e naqueles livros, reproduzindo vários *reais*, contribuiria, simultaneamente, para enfrentar as vastas imputações feitas à dita visão monolítica e sectária dos comunistas em relação à URSS, como, da mesma forma, para afirmar uma e outra vez (note-se a relevância da repetição) determinados traços da *realidade soviética*. Uma *realidade* que, no fundo, se queria, nesta época, *normalizada*⁵⁶⁵ e dissociada do “fogo das paixões ideológicas que animaram o período do entreguerras”⁵⁶⁶. Vejamos a abertura do livro editado por Gina de Freitas, em 1977.

«No Portugal de hoje, dividido e perturbado na reconstrução do seu destino, a comprovação documental das realidades vividas pelo povo soviético na sua marcha ascendente para o futuro, nos seus comportamentos sociais e na sua inconfundível dinâmica de civilização e da cultura, é uma lição exemplar. Sem paralelos no tempo ou espaço, as populações da União Soviética prosseguiram, nos últimos 60 anos, pela via do socialismo, a edificação, pela primeira vez intentada na história, de uma sociedade sem classes, sem exploração do homem pelo homem, com oportunidades de realização justa dos frutos do trabalho, plenamente abertas a todos os que nela nascem. A epopeia da construção e distribuição coletiva dos seus resultados gigantescos só pôde ser conhecida pelo povo português, durante mais de meio século, de forma parcial, muitas vezes deformada ou ridiculamente falsificada. O esforço desenvolvido desde o 25 de Abril para preencher o enorme vazio de ignorância e distorções que o fascismo manteve ferreamente ainda está no seu início. Apenas começa a delinear-se um conhecimento aberto e franco da verdade soviética, na diversidade imensa das suas perspetivas. Para isso, têm contribuído poderosamente as visitas recíprocas, a divulgação dos depoimentos individuais que delas resultam e a comunicante força moral dos encontros diretos. Como foi dito na longínqua Arménia a Lopes Graça: «Estivemos muitos anos separados». Mas essa separação já se dilui na frequência e naturalidade dos contactos, que vão abrindo cada vez mais largamente as portas para além das barreiras da distância geográfica e da língua.»⁵⁶⁷

Descrever o *real* (a *verdade*) ou disseminar propaganda anti-soviética (a *mentira*). Foi com esta grelha que os comunistas interpelaram as narrativas de viagem. Mas não só as narrativas de viagem. Vejamos ainda a crítica que, em outubro de 1976, no *Avante!* se escreve ao Aleksandr Solzhenitsyn, autor do afamado *Arquipélago Gulag*.

«No arsenal da propaganda anticomunista largamente utilizado pelo imperialismo, os “dissidentes” da União Soviética surgem como personagens particularmente queridas e

⁵⁶⁵ «na verdade, a U.R.S.S. já deixou de ser um país lendário. Correram rios de tinta em depoimentos sobre este sexto do mundo onde, há 55 anos, se deu a mais dramática revolução social de toda a história. Nos últimos tempos, centenas de portugueses, incluindo entidades oficiais, se deslocaram a Moscovo ou Leningrado, para participar em congressos ou concursos, ou em viagem de negócios, e por fim em cruzeiros turísticos que atravessaram esse país [...]. E assim passou a fase das revelações sensacionais, aquela em que era possível traçar as imagens aparentemente mais estranhas e todavia mais obedientes a esquemas previstos. Hoje, os rasgos pitorescos ou interpretativos não são tão fáceis de apreender, e precisam mesmo de rectificar-se de ano para ano, a julgar pelas diferenças entre o que vimos agora e o que outros tinham visto ainda há pouco tempo.» Lopes, *Convite para a URSS*, p. 13.

⁵⁶⁶ A expressão é de José Neves: Neves, «Prefácio», p. 10.

⁵⁶⁷ Freitas, *Portugueses na URSS - Entrevistas de Gina Freitas*, p. 12.

acarinhadas. [...] No mundo capitalista, os “dissidentes” – gente a quem a sociedade socialista não convém para os seus propósitos de ambição pessoal, “intelectuais” que trocariam de boa-vontade o bem-estar do seu povo pelas posições de destaque que o mundo capitalista concede a quem aposta no anticomunismo e no anti-sovietismo, os que se rebelam contra a falta de liberdade concedida os detratores do socialismo e lhe preferem a “liberdade” burguesa assente no individualismo e, em última análise, na exploração do homem pelo homem – são “heróis”, pela façanha de se voltarem contra a sua pátria, baluarte do socialismo [...]. Inscrevendo-se numa vasta rede de calúnia, conjuntamente com o negócio das “fugas”, o fomentar e acarinhar dos “dissidentes” do mundo socialista, desenvolve-se toda uma campanha que oscila entre as formas mais grosseiras e primárias e as mais sofisticadas, com que se pretende convencer a opinião pública internacional da existência de repressão na URSS [...]. Não lhes faltam – e se lhes faltam inventam-nos – o escritor reaccionário que “escolhe a liberdade” e finalmente revela ao mundo capitalista a sua verdadeira cara: a de um traidor à pátria, como foi o caso Soljensitsine [...] tão grande foi o escândalo provocado pelas suas declarações quando chegou à “liberdade” – era um defensor do nazismo, do obscurantismo e mostrou uma tendência especial para o dinheiro ganho com facilidade.»⁵⁶⁸

Podemos, talvez, argumentar que, modo geral, os comunistas portugueses leram as narrativas, associando-as à própria dimensão dialética que atribuíam à história. Ainda assim, importa reter que nem todos os comunistas leram estas narrativas num esquema onde de um lado residia a *verdade* e do outro a *mentira*. Pode ser, por isso, relevante regressar a algumas considerações tecidas anteriormente e lembrar que alguns comunistas reconheceram que nenhuma observação conseguiu escapar ao campo do subjetivo, reconhecendo, com efeito, que a ideologia foi uma e outra vez acompanhando as narrativas de viagem, dos comunistas e dos *outros* que não o foram. Não é menos relevante notar, ainda, que este esquema maniqueísta da *verdade/mentira* foi também acompanhando as recensões críticas e, até mesmo, as obras historiográficas elaboradas a propósito das narrativas de viagens à URSS, esquema esse que se encontrou também nos próprios relatos – basta retomar ao próprio título do livro de Ferreria do Amaral. Mas, de novo, estes modelos empregues para ler as narrativas de viagem aparentam dizer-nos menos sobre a *realidade soviética*⁵⁶⁹ propriamente dita e mais sobre quem os usa.

⁵⁶⁸ «A calúnia contra a URSS arma ao serviço do capital», *Avante!*, nº 141, 28 de outubro de 1976, p. 11.

⁵⁶⁹ Em todo o caso, o autor da dissertação também procurou aceder à *realidade* soviética, dialogando com algumas leituras do campo historiográfico que, apesar de não citadas diretamente, influenciaram indiretamente a compreensão deste sobre a URSS. Citam-se aqui as mais relevantes e que ainda não haviam sido citadas: Ronald Grigor Suny, *Red Flag Unfurled: History, Historians and the Russian Revolution*. (Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2017); Ronald Grigor Suny, *Red Flag Wounded Stalinism and the Fate of the Soviet Experiment* (Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2020); Sheila Fitzpatrick, *A Revolução Russa* (Lisboa: Tinta da China, 2017); Sheila Fitzpatrick, *Everyday Stalinism Ordinary Life in Extraordinary Times Soviet Russia in the 1930s* (Oxford: Oxford University Press, 1999); Jochen Hellbeck, *Revolution on my mind: Writing a diary under Stalinism*. Cambridge (Nova Iorque: The New Press, 1995). Mark Edele, *Debates on stalinism* (Manchester: Manchester University Press, 2020); Stephen Kotkin, *Magnetic Mountain: Stalinism as a Civilization* (Cambridge: Harvard University Press, 1995). Suny, *The Cambridge History of Russia - The Twentieth Century*. Marcel van der Linden, *Western Marxism and the Soviet Union* (Leiden e Boston: Brill, 2007).

CONCLUSÃO

Ainda hoje os comunistas portugueses são confrontados com os discursos que historicamente produziram em relação à União Soviética. Recordar-se, por vezes, o «Sol da terra» como forma de assinalar os fascínios – ilusões, segundo alguns – que os comunistas portugueses nutriam para com a URSS, servindo, até mesmo, para caracterizar politicamente os comunistas portugueses como históricos fiéis vassallos de Moscovo. Discursos como estes inscrevem-se, no entanto, numa historicidade mais lata, cujas difusas origens podem ser rastreadas nas palavras de Sidónio Pais – «Canalhas, que podeis perder Portugal!» – proferidas em resposta aos «Viva à Rússia»⁵⁷⁰ entoados nas comemorações do armistício de 1918. Esta matriz discursiva foi-se reformulando e ajustando aos *ares* de cada tempo: da fabricação salazarista do “comunista” como ameaça à nação às alegações dos grupos maoistas à dita cegueira pequeno-burguesa do PCP face à *realidade soviética*, passando pelas reconfigurações dos anticomunismos em Portugal no contexto revolucionário e da estabilização democrática.

Não se trata aqui de subscrever ou de desconfiar de tais discursos, mas antes de compreendê-los como parte de uma construção discursiva mais lata e que se destinou a interpelar o PCP e a União Soviética e a configurar as ligações entre ambos no decurso do século XX. De um modo geral, essa discursividade assentou na ideia de que a proximidade entre o PCP e a URSS foi simultaneamente uma consequência do funcionamento histórico do movimento comunista internacional e um produto da vontade política, mais ou menos consciente, do partido. Uma discursividade que, por vezes, procurou agrilhetar o PCP a certas características sinópticas da União Soviética – os crimes do estado, por exemplo – e que apresentou os comunistas portugueses como cúmplices ou, no melhor dos casos, como ingénuos ou como manipulados. Em todo o caso, se é verdade que estes mesmos discursos nos oferecem pistas relevantes sobre a história relacional entre o PCP e a URSS, também nos informam sobre os imaginários daqueles que acusaram os comunistas portugueses de procurarem *sovietizar* Portugal.

Os comunistas portugueses reagiram às imputações que os seus adversários políticos lhes fizeram. E mobilizaram, por vezes, grelhas não muito distantes dos seus críticos para interpelar a história das relações do seu partido com a URSS. Afinal, também os próprios comunistas identificaram iniciativa política para declarar a sua independência face à União Soviética. As palavras de Cunhal a Maria João Avillez são, a este respeito, exemplificativas, com o dirigente

⁵⁷⁰ Citado em Flausino Torres, *História Contemporânea do Povo Português – II* (Lisboa: Prelo, 1968), p. 120.

partidário a enfatizar a independência (ideológica, mas não só) do PCP face à URSS, sustentando-a na dimensão do patriotismo dos comunistas portugueses. Foi esse mesmo patriotismo que Rui Nepomuceno, comunista madeirense, reconheceu a Cunhal, assinalando também ele a independência do PCP face à União Soviética:

«O Álvaro Cunhal chamou-me e foi-me chamar a atenção: “Olha, tu vais ver isto e aquilo. Olha que nós não queremos isto para cá”. [...] aquele modelo, enfim, nós não queríamos para Portugal»⁵⁷¹

Historicamente situado e reativo às críticas e acusações de que lhes eram dirigidas, este discurso sugere, em si, o reconhecimento comunista de algumas das fragilidades do sistema soviético.

Com efeito, e retomando a principal pergunta que orientou esta dissertação, podemos sintetizar que, para alguns, os comunistas portugueses teriam dito da URSS aquilo que bem foram entendendo, num quadro interpretativo pautado pelo reconhecimento da vontade política (da iniciativa) dos comunistas – pensados como agentes de Moscovo ou como patriotas portugueses. Para outros, os discursos comunistas sobre a URSS foram ditados pelas exigências do tempo histórico – os comunistas teriam, assim, apresentado a União Soviética como o “Sol da terra” enquanto forma de enfrentar a desmoralização imposta pela opressão a que foram sujeitos durante a ditadura ou apresentaram-na nesse mesmo sentido com o fim de acederem ao financiamento soviético para as suas missões políticas. Outros ainda sustentam que os comunistas portugueses reproduziram mecanicamente as diretrizes soviéticas numa relação pautada pela manipulação ou pela colaboração, ou que os discursos comunistas sobre a URSS não passaram de cegueiras ideológicas.

Mas consideremos, antes de mais, as mutações que marcaram as relações entre o PCP e a URSS. Retomemos a questão das viagens, manifestação concreta dessa mais ampla história relacional que atravessou o grosso do século XX.

Viagens e ligações Lisboa-Moscovo

Observámos que as viagens de naturais de Portugal à *nova Rússia*, especialmente as dos conexos ao movimento operário, só se iniciaram em 1921. No tempo da Iª República, ainda que as relações diplomáticas entre Portugal e a Rússia dos Sovietes se encontrassem formalmente suspensas, registaram-se algumas viagens, fosse através dos canais do recém-fundado PCP,

⁵⁷¹ Nepomuceno, *História de Vida do Comendador Rui Nepomuceno*, p. 148.

fosse por intermédio da IC e da ISV, fosse no contexto de iniciativas jornalísticas ou de convites para congressos.

A instalação da ditadura militar, a partir do 28 de maio de 1926, aparenta, nos primeiros anos, pouco interferir nas jornadas que, longe de cessarem, se intensificam entre 1926 e 1929. Em contextos turísticos ou relacionados às comemorações do decénio da revolução de outubro e, ainda, aos congressos da IC e da ISV, as viagens entre Portugal e a URSS vão-se mantendo, apesar de ténues quando comparadas com outras situações nacionais.

Será, entretanto, com a instituição do Estado Novo, em 1933, mas, sobretudo, com o eclodir da guerra civil espanhola que a «muralha proibitiva» de que Babo nos falava se robustece, a tal ponto que os próprios turistas que pisaram o solo português com registos de estadas na URSS viram as suas vidas embrulhadas em complicações. Ainda assim, durante o Estado Novo vamos assistir à concretização de jornadas rumo à União Soviética, especialmente através do PCP. Viagens que Babo, na sua metáfora, entendeu como «fendas». Congressos da IC e da IJC continuariam a incentivar viagens, surgindo, também, viagens de Lisboa para Moscovo em contexto de exílio e de formação académica e política. Todavia, entendemos que a rigidez da dita «muralha» não foi homogénea para todos os naturais de Portugal: o regime pouco pareceu interferir com algumas viagens de carácter comercial.

No tempo da Segunda Guerra, epitomado pelo encerro de alguns dos principais corredores por onde os viajantes passavam para chegar ao *Pais dos Sovietes*, raros foram os que conseguiram caminhar do extremo ocidental da Europa para o oriental. As viagens retomariam no segundo pós-guerra. O PCP reorganizado lança Álvaro Cunhal para uma longa viagem, entre 1947 e 1948, com o fim de restabelecer as ligações do partido com o movimento comunista internacional, suspensas desde 1938. A partir da viagem de Cunhal e ao passado que o PCP se vai estabelecendo como a principal força de oposição ao regime salazarista, as viagens de Lisboa para Moscovo vão intensificar-se especialmente através dos canais do PCP, mas também através de outros canais. Ainda assim, a conjuntura dos primeiros anos da década de 50 – pautada pelo aprisionamento de Cunhal e pela crise de direção que lhe sucede – seria marcada por uma reaproximação lenta do PCP ao movimento comunista internacional, marcado naqueles anos pelo Cominform.

De um modo geral, é a partir da segunda metade da década de 50, correspondente ao momento de relançamento das visitas temporárias no *Pais dos Sovietes* e, ademais, ao momento da afirmação da tese da coexistência pacífica e da denúncia dos crimes do estalinismo na URSS, que as ligações entre portugueses e soviéticos se aceleram de tal forma que se torna difícil ao

regime reprimir todas as iniciativas relacionais. Festivais da juventude, eventos científicos e artísticos e congressos pela paz vão estimulando série de viagens – uma boa parte delas, acompanhadas pelo regime ditatorial e outras tantas, uma vez concretizadas, geradoras de repressão para os viajantes.

É, também, a partir deste momento que a atividade internacional do PCP se intensifica e, com ela, as viagens: ora conduzidas diretamente a partir de Portugal (para as quais importaram os aparelhos de fronteira controlados pelo partido), ora conduzidas através das coordenadas dos exílios dos comunistas portugueses. A vindicação do PCP quanto ao restabelecimento das relações entre Portugal e a URSS nesta segunda metade dos anos 50, decorre do aproximar do PCP com o movimento comunista internacional. No entanto, as relações comerciais que se vão desenvolver entre agentes económicos portugueses e soviéticos ajustar-se-iam, não às propostas do PCP, mas à estratégia empreendida de sectores e grupos económicos (os da cortiça, por exemplo), no quadro do desenvolvimento capitalista em Portugal.

A instalação de Álvaro Cunhal em 1961, contextualizada numa mais alargada estratégia política de colocar a maioria do secretariado do PCP no exterior como resposta à repressão ditatorial, contribuiu para o crescimento das viagens transnacionais dos comunistas portugueses, como contribuiu para o aprofundamento das relações do PCP com o movimento comunista internacional. Crescem, nesta época, o número de estudantes de famílias comunistas na URSS, assim como crescem as passagens de comunistas pelas demais coordenadas do socialismo, ora em estadas temporárias, ora em contextos de exílio. Em 1964, o PCP organiza o seu VI Congresso em Kiev, ao passo que se tornava usual a representação de comunistas portugueses em reuniões bilaterais e internacionais, em Congressos do PCUS e em congressos de outros partidos comunistas, como também se tornavam usuais as reuniões do Comité Central do PCP em coordenadas socialistas.

Mesmo com o desencantamento originado pela Primavera de Praga, alguns comunistas portugueses, apoiando a intervenção da URSS, não dispensarão de continuar a visitá-la. Os abanões que o regime sofre naquele mesmo ano em que Praga é ocupada pelo exército soviético, influíram, também, nesta história das viagens. Será, a partir do marcelismo que observamos um aumento das discussões em prol da celebração de relações diplomáticas com a União Soviética, reconhecendo-se, não obstante, uma mais longa vigência de relações comerciais. Se pressões da sociedade civil vinham crescendo desde os anos 50, elas intensificam-se no decorrer do marcelismo e, já em 1973, podemos encontrar o *Avante!* a constatar a operacionalidade da Intourist em Portugal, promovendo viagens organizadas ao *País dos Sovietes*.

A «muralha proibitiva» do regime colapsa, enfim, com a derrocada da ditadura. O contexto da revolução dos cravos será, por isso, um momento em que as ligações entre Lisboa e Moscovo são potencializadas. Relações diplomáticas são rapidamente estabelecidas nos primeiros meses seguidos ao 25 de abril e iniciam-se várias diligências intercambiais (culturais, comerciais, científicas) a tal ponto que um visitante estadunidense vai mostrar os seus receios para com tantos eventos soviéticos no país do PREC.

Associações de Amizade com os países socialistas emergem, revistas soviéticas chegam aos quiosques das cidades portuguesas e representantes da URSS começam a apresentar-se na festa do *Avante!* e em outros eventos celebrados nos demais territórios portugueses. Paralelamente, aumentam as viagens de portugueses à União Soviética. E, claro, os comunistas portugueses vão continuar a integrá-las. A constância das viagens Lisboa-Moscovo manter-se-á durante os anos 70 e os anos 80 até ao fim da União Soviética, em 1991.

Com efeito, o que os comunistas portugueses disseram ter visto a Leste modificou-se no plano em que o próprio Leste se transformou e na medida em que os próprios comunistas e os demais *pontos de partida* e meios de comunicação se alteraram. Se nos anos 30 o *País dos Sovietes* era, à distância, observado por comunistas como uma realidade longínqua, tanto geográfica como politicamente, uma realidade, até certo nível, projetada como utópica, no sentido como sobre ela refletiram alguns jovens comunistas aprisionados nas prisões do Estado Novo, em 1974, as distâncias, encurtadas pelo desenvolvimento técnico dos meios de transporte e de comunicação, pelo intensificar das jornadas Lisboa-Moscovo e pelo estabelecimento de vias de contacto diplomáticas, pouco pareciam importar num mundo onde a utopia passava cada vez menos pelo território do *País dos Sovietes* e cada vez mais pelo do *País dos Cravos*.

Por outras palavras, o que os comunistas disseram ter visto na União Soviética nunca foi sempre o mesmo. Os discursos modificaram-se historicamente na forma e no conteúdo. E são, talvez, as modificações e, não menos importantes, as permanências que mais podem interessar aos historiadores dos comunismos no século XX. Dito isto, retomemos às principais conclusões tecidas em função das narrativas de viagem que se apresentaram em Portugal, manifestações, sugeriu-se, dos discursos e imaginários sobre a URSS que circularam no extremo ocidental da Europa.

Narrativas de viagem

Originadas a partir das viagens e operando diretamente sobre os imaginários construídos em torno daquele particular *ponto de chegada*, as narrativas de viagem sobre visitas ao *País dos Sovietes* atravessaram o século XX, estendendo-se, sob a forma de memórias, ao próprio século XXI. Nelas descreveram-se maravilhas e terrores, narraram-se esperanças e desilusões, e elas serviram, da mesma forma, para se explicarem confirmações e dissidências. Frequentemente transportadas para livros, artigos em jornais e revistas e até mesmo diários, estas narrativas foram sendo estudadas em várias investigações historiográficas, sendo que alguns historiadores identificaram que a época áurea destas narrativas, num plano quantitativo, se concentrou no entreguerras. Elas continuariam, é certo, no segundo pós-guerra, momento em que, aliás, se intensificam as próprias viagens para a URSS. Não obstante, alguns historiadores identificaram que o crescente número de visitantes não se traduziu diretamente no crescimento da publicação de narrativas de viagem – pelo contrário.

No contexto português, o interesse por estas narrativas cedo floresceu como uma consequência da curiosidade pela revolução de outubro. Em 1918, encontramos na imprensa do movimento operário as peripécias das viagens à *nova Rússia* de certos sujeitos europeus. No entanto, o primeiro livro de viagem, redigido por um natural de Portugal, só se tornou público, em 1925, pela mão do primeiro secretário-geral do PCP, José Carlos Rates. Novos livros de viagem seriam, depois, publicados nos primeiros anos da ditadura militar e ainda alguns durante o período do Estado Novo. Além destes, outros foram os que redigidos por forasteiros que não portugueses chegaram a Portugal. Na década de 40 e de 50 não são publicados nenhuns relatos por naturais de Portugal, apesar de livros de viagens oriundos de outras geografias continuarem a circular, muitas vezes de forma clandestina. Apesar de narrativas de viagem poderem ser sinalizadas no *Avante!* clandestino nos anos 50 e 60, o intensificar da publicação destas narrativas cumprir-se-ia, vis-à-vis com a retirada de Salazar da cena política, momento ademais coevo da Primavera de Praga e do Maio de 68. Seria, por isso, a partir de 1968 que livros de viagens à União Soviética começariam a ser fabricados cada vez mais por oriundos de Portugal, à medida que as próprias viagens se intensificavam. Foi, nesse sentido, entre 1968 e 1977, que se publicaram mais livros com narrativas de viagem pela União Soviética, sendo que, após o 25 de abril de 1974, com o intensificar das viagens que já vinha marcando passo desde finais dos anos 60, narrativas de viagem como estas desdobram-se cada vez mais para outros formatos além dos livros. O momento de aumento quantitativo destas publicações conheceria, não obstante, um abrandamento nos anos 80, sendo que, mesmo nestes anos continuaram a surgir

livros de viagem (alguns até publicados por editoras soviéticas) e artigos no *Avante!* ou em revistas como a *Paz e Amizade* ou a *Mulheres*.

Estas narrativas de viagem não passaram despercebidas aos seus contemporâneos e foram, por isso, lidas por críticos literários e historiadores, por aqueles interessados em apreender a *realidade soviética* e por censores do Estado Novo, por anarquistas e maoistas e, claro, pelos próprios militantes do PCP. Vimos como quatro principais grelhas analíticas se prenderam à interpretação das narrativas de viagem. Uns primaram por ler estas narrativas como produtos do aparelho manipulatório do estado soviético. Outros leram-nas enquanto resultado de visões modeladas pela ideologia de quem as escrevia. Outros ainda, sugeriram que a leitura daquelas narrativas se devia aliar com o estudo da condição social do escritor-viajante. Paralelamente, não foram poucos os que importaram uma grelha analítica fundada no princípio da *verdade vs mentira* para analisarem os discursos dos viajantes.

Argumentou-se nesta dissertação que estes próprios modos de ler as narrativas de viagem merecem ser analisados como produtos historicamente delimitados. Produtos de certas expectativas para com o género da literatura de viagem onde, supostamente, estas narrativas se inscreveram, mas, talvez mais importante, produtos das demais mundivisões que emergiram e que atuaram no decurso do século XX. Defendeu-se, assim, que, no fundo, estas críticas interpelaram tanto as narrativas de viagens propriamente ditas como o mundo onde elas se produziram e onde elas procuraram atuar, informando-nos mais sobre os imaginários dos críticos dos relatos de viagem do que sobre os imaginários dos escritores-viajantes. Sustentou-se, ademais, que estas críticas foram também elas interagindo com os próprios discursos dos viajantes, de resto, modificando-os.

Além disso, observou-se que uma boa parte dos autores e coautores de livros e artigos de viagem publicados em Portugal pertenceram ao PCP. No entanto, excetuando Carlos Rates, os militantes comunistas só começariam a pronunciar-se textualmente sobre as suas visitas em livros, após 1969. Dos textos por eles escritos, podem ser feitas sistematizações, consoante os objetivos e os interesses investigativos, reconhecendo-se, não obstante, que se é certo que nestes textos podemos encontrar vários denominadores comuns, não é menos certo que eles também transportam várias particularidades que os afastam uns dos outros. Nesse sentido, é pertinente defender que é legítimo estudar estes textos com o fim de apurar o funcionamento das “técnicas de hospitalidade” aplicadas aos visitantes portugueses, no particular, ou com o fim de reconhecer as afinidades discursivas dos intelectuais comunistas, a fim de distinguir as narrativas dos comunistas das narrativas de outros que não o foram, com o fim de compreender

os fascínios produzidos em torno da modernidade soviética ou, não menos importante, com o fim de apreender as formas como a revolução russa foi acompanhando os imaginários construídos no decurso do século XX.

Com efeito, será igualmente legítimo analisar estas narrativas com a intenção de aceder aos imaginários comunistas construídos ao redor do *País dos Sovietes*. Isto é, com o intuito de aceder àquilo que fomos definindo como ideologia (comunista). Todavia, conforme se foi chamando à atenção, o facto de estas narrativas se constituírem deliberadamente como discursos com a intenção de serem lidos por outros, merece da nossa parte um reconhecimento. Um reconhecimento que António José Saraiva colocou nos seguintes termos:

“É frequente ouvir que um determinado romance, quadro ou filme é um bom documento de esta ou daquela realidade psicológica, sociológica ou económica, sendo por isso uma grande obra de arte. Digamos, em resumo, que para tais pessoas a obra de arte vale na medida em que é um bom documento de. Mas o que é um documento? A uma primeira abordagem é de lembrar que uma característica eliminatória de todo o documento é não ter intenção de o ser. O documento fabricado para ser documento já não é documento disso para que foi fabricado, já não vale para documentar o que com ele se queria documentar. Mas vale, sim, para documentar outra coisa; ou melhor, necessita de uma explicação em que se toma em linha de conta a intenção do fabricante.”⁵⁷²

Assim, se é nossa intenção compreender os discursos de viagem à URSS dos comunistas portugueses devemos compreendê-los como mediações. Em alguns casos, mediações entre aqueles que eram os discursos oficiais do PCP e as experiências vivenciadas pelos viajantes; mediações entre o discurso oficial dos soviéticos (recorde-se que dois livros são publicados por editoras soviéticas) e a visão dos viajantes; mediações entre aquilo que os viajantes julgaram ser os discursos dominantes sobre a União Soviética e o que julgaram ser discursos desajustados; mediações que recorreram a metodologias comparativas e historicistas; e mediações, quase sempre, projetadas a pensar na existência de um leitor⁵⁷³.

Ideologias, trânsitos e mediações

E, afinal, *o que é que os comunistas portugueses afirmaram ter visto no País dos Sovietes?*

A resposta recai tanto naquilo que o *País dos Sovietes* lhes exibiu como no que cativou as sensibilidades dos comunistas viajantes. Recai naquilo que os viajantes conseguiram captar e no que julgaram merecedor de ser divulgado e que passou, antes de se transformar em discurso,

⁵⁷² António José Saraiva, *Ser ou não ser arte: estudos e ensaios de metaliteratura* (Lisboa, 1993), p. 75.

⁵⁷³ A este respeito aqueles dois diários podem-nos ser úteis para repensar a pergunta desta dissertação.

em texto, por filtros subjetivos que, como reconheceu Urbano Tavares Rodrigue, não deixaram de ser ideológicos. A resposta está nas paisagens, nas gentes, nos edifícios, nas avenidas, nos bens alimentares, nos museus, nos estádios desportivos e nos inúmeros vocábulos mobilizados para os caracterizar e descrever.

Atendendo aos denominadores comuns no respeitante aos conteúdos ideológicos presentes nas narrativas de viagens dos comunistas portugueses, é nos possível aceder ao campo dos imaginários comunistas relativos à URSS. Um campo acidentado e nada monolítico que, tal como os próprios viajantes, foi permanecendo em trânsitos ininterruptos. Ainda assim, algumas considerações podem ser elaboradas a propósito destes imaginários e daqueles discursos.

Uma das sistematizações realizadas no contexto da historiografia portuguesa sobre a representação da URSS nos imaginários comunistas foi feita por José Neves, como já referimos. Neves propôs-se a investigar as mutações que esse imaginário sofreu desde a década de 20 até à década de 60. E, partindo precisamente do relato de viagem de José Carlos Rates, Neves iria argumentar, como vimos, que os discursos comunistas em Portugal, em detrimento das suas ligações históricas com a cultura política anarquista, mostrar-se-iam, à partida, reticentes com propostas mais nacionalistas e estatocêntricas. Num outro contexto, Neves alongar-se-ia a este respeito argumentando ainda que é possível sinalizar um horizonte utópico nos discursos como os de Rates, um horizonte utópico que, não obstante, não deixou de exigir “uma conceção mais científica da política e da militância”⁵⁷⁴. O imaginário da URSS sofreria, no entanto, modificações, resultantes, reconhece ainda Neves, do contexto internacional e, durante a década de 30, e com o início da Segunda Guerra Mundial, “a celebração da modernidade soviética foi objecto de uma nacionalização e de uma estatização”⁵⁷⁵. Continua José Neves:

“o prestígio revolucionário que o Exército Vermelho acumulara no final dos anos 10 e no início dos 20, durante a guerra civil, transformou-se paulatinamente em prestígio estatal soviético e em prestígio nacional russo, ambos especialmente exaltados no contexto da Segunda Guerra Mundial. No *Avante!*, em 1942, modela-se a figura do “patriota soviético” e os patriotismos entrelaçam-se [...]. Com a Segunda Guerra Mundial, o estado soviético instala-se definitivamente no centro de uma hierarquia de onde se espera que contrapeso o excesso de poder da grande potência norte-americana. Onde andes, apesar de tudo, figurava institucionalmente a IC, agora, encontravam-se o estado soviético e a nação russa. Persistem, é certo, os elogios à modernidade soviética: medem-se aa palmo as “Grandes Obras do Comunismo”, do canal Lenine [...] às novas barragens e centrais eléctricas, das avenidas novas de Moscovo aos novos estádios de Baku e em Leningrado [...]. Mas agora os méritos desta modernidade tendem a ser imputados à iniciativa desenvolvimentista do Estado e não tanto ao dinamismo do proletariado e dos seus soviets. A Rússia dos Sovietes surge agora como a Rússia dos Povos, o estado soberano modelar que liberta e que não oprime povos [...]. Se os

⁵⁷⁴ Neves, «A militância comunista enquanto prática utópica– da resistência antifascista à sociedade pós-disciplinar», p. 54.

⁵⁷⁵ Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*, p. 153.

EUA são o estado imperialista por excelência, a Rússia surge [...] como modelo de estado pós-imperialista”⁵⁷⁶.

No segundo pós-guerra, conforme observado, poucas são as narrativas de viagem publicadas por comunistas portugueses. Ainda assim, esta descrição dos imaginários dos comunistas portugueses proposta por Neves aparenta ser pertinente para interpretar aqueles três exemplos de testemunhos de viagem publicados no *Avante!* (em 1958, 1963 e 1967). Nos três assiste-se a uma exaltação do estado soviético, sendo este apontado como o principal responsável pelo desenvolvimento soviético. Desenvolvimento esse que se entrelaçou com os aviões utilizados por alguns comunistas portugueses em 1958, com o transporte das condições de vida da cidade para uma aldeia na Bulgária visitada por Francisco Miguel em 1963 e com os grandes progressos obtidos nos domínios económico, militar, científico, técnico e cultural observados por uma comunista portuguesa no ano do cinquentenário de outubro de 1917.

Mas, nem por isso, estes discursos perdiam o seu horizonte utópico. Referências como estes podem ser inscritas naquilo que aquele mesmo historiador definiu como “utopismo técnico-científico” que, a partir da segunda metade do século XX, começa a assumir “maior importância entre os comunistas”⁵⁷⁷. Reconheça-se, no entanto, que “a persistência deste horizonte utópico na cultura política comunista teve, pelo menos, dois efeitos: contribuiu perversamente para o obscurecimento dos aspetos mais negros do chamado “socialismo real” e ajudou a tornar possível a resistência antifascista em países como Portugal”⁵⁷⁸.

Apesar de se julgar necessária uma fundamentação mais aprofundada que a aqui feita, julgamos pertinente avançar com algumas hipóteses para interpretar os discursos comunistas sobre a URSS nos finais da década de 60 e na década de 70, reconhecendo, no entanto, limitações como a ausência de livros de viagem publicados por comunistas portugueses entre as décadas de 30 e 60, reconhecendo que alguns dos livros de viagem se publicaram quando a censura ainda era operacional em Portugal e reconhecendo que os discursos que se analisaram pertenceram, sobretudo, a intelectuais comunistas. Propôs-se vagamente que a partir de 1968, os relatos dos intelectuais comunistas portugueses começam a evidenciar uma possível reorientação no campo dos discursos comunistas. Propôs-se, ademais, que esta dita reorientação vai assumir maior expressividade no contexto da revolução portuguesa, momento a partir do qual o PCP passa a estar submetido ao eleitoralismo, ao escrutínio democrático e ao confronto político com outras forças partidárias e onde o princípio do *socialismo real* se sublinhava do

⁵⁷⁶ Neves, p. 153.

⁵⁷⁷ Neves, «A militância comunista enquanto prática utópica– da resistência antifascista à sociedade pós-disciplinar», p. 54.

⁵⁷⁸ Neves, p. 69.

lado de lá. Firmaram-se, há pouco, três prováveis aspetos dessa reorientação, no caso: o reconhecimento mais explícito de certas vicissitudes no contexto soviético; o desvanecimento de princípios mais estatocêntricos na explicitação da modernidade soviética; uma recuperação do imaginário do dinamismo social como forma de apresentar o funcionamento do mundo soviético, no particular, e o mundo socialista, no geral. Mantendo-se, claro, a orientação nacionalista dos discursos e o fascínio pela modernidade soviética. No entanto, parece pertinente verificar que, à medida que mais e mais idos de Portugal aterraram nas coordenadas soviéticas e vice-versa, isto é, à medida que aqueles territórios e aquelas gentes se tornam cada vez menos distantes, o *Pais dos Sovietes* saía do campo, para regressamos a Óscar Lopes, dos «país[es] lendário[s]»⁵⁷⁹. Resta, no entanto, apurar se o horizonte utópico associado à União Soviética esvanece da cultura política comunista nesta época.

Ainda assim, as narrativas dos viajantes comunistas, cruzadas ainda com fascínios que não dispensaram de continuar a ser divulgados a propósito da URSS, revelam também alguns princípios que circularam ao redor dos imaginários comunista nos anos 70 e 80. Nelas, por exemplo, reconhece-se a importância do progresso técnico-científico e aplaudem-se as iniciativas de redistribuição de riqueza, nelas defende-se a paz e o fim do imperialismo, nelas o passado dos fascismos é condenado e valorizam-se as iniciativas de *patrimonialização* do passado do socialismo, nelas enfatiza-se a apologia pelo acesso popular às universidades e à cultura erudita, como se celebra a elevação nacional da cultura popular e do desporto massificado, nelas vindica-se uma sociedade sem classes (tal como a soviética) e discute-se a importância da emancipação feminina. Estes princípios, no entanto, aparentam resultar mais dos imaginários que já circulavam nos *pontos de partida* do que das viagens propriamente ditas.

Mas, o *ponto de chegada* também originou trânsitos nos imaginários dos viajantes comunistas. Para José Augusto Nunes que nem sequer era comunista, mas também para vários comunistas portugueses, passear pelas coordenadas soviéticas serviu, também, para deambular por um Portugal imaginado, um Portugal que, enfim, não deixou de se querer renovado, um Portugal onde filhas e filhos de operário pudessem vir a estudar em universidades públicas, um Portugal, para regressar às palavras de Francisco Miguel, ainda em 1963, onde «também o nosso povo será capaz de construir o socialismo para viver livre e feliz como hoje já vive o povo da Bulgária»⁵⁸⁰. Foi, aliás, um ponto onde vários comunistas, como Rui Nepomuceno, reconheceriam que a valência do socialismo não residia na importação de modelos, nem em

⁵⁷⁹ Lopes, *Convite para a URSS*, p. 10.

⁵⁸⁰ «Visita a uma aldeia da Bulgária», *Avante!*, n.º 327, março de 1963, p. 2.

qualquer intenção de *sovietização* dos países, residia, isso sim, na capacidade de «cada país, possuir um modelo... [...] em cada país, o modelo tem que ser adequado à forma de ser de cada país, ao Estado de cada país, porque se não caímos em aberrações»⁵⁸¹. Todavia, o *ponto de chegada* foi afetando de formas tão diversas cada um dos visitantes que pode ser, por isso, pertinente ver como a adesão ao coletivismo de Hortênsia Neves é repensada quando chegou a hora de esta entrar nos banhos públicos de Moscovo⁵⁸² e, da mesma forma, poderá valer a pena pensar como a observação de uma porca se relacionou com a confirmação da grandeza do socialismo face ao capitalismo para alguns comunistas.

No decurso do século XX, os discursos comunistas sobre o *País dos Sovietes* (dos quais as narrativas de viagem) (auto)percecionaram-se como discursos intrínsecos à disputa das significações sobre o sistema soviético, intrínsecos, ademais, à própria dimensão dialética da história que os comunistas reconheciam. Com efeito, os próprios comunistas julgaram, por várias vezes, que a contra-hegemonia passava pelas significações da URSS, corpo político representativo do socialismo. Os discursos comunistas sobre a União Soviética, no geral, e as narrativas de viagem, no particular, percecionaram-se como desmistificadores e foram instrumentalizados com o intuito de expor a *realidade soviética tal como ela era*, processo no qual o “*é-verdade-porque-estive-lá-e-vi-com-os-meus-próprios-olhos*”⁵⁸³ repetido a diferentes vozes, sobretudo após o 25 de abril de 1974, assumiu uma importante dimensão estratégica. A assumir uma importante dimensão estratégica no campo dos discursos esteve também a lógica comparativa, informada, é certo, por aquilo que se nomeia como um nacionalismo

⁵⁸¹ Nepomuceno, *História de Vida do Comendador Rui Nepomuceno*, p. 148.

⁵⁸² «No outro dia, levantei-me às 6h30 e perguntei à empregada onde era a casa de banho. Indicou-me o corredor, na cave. Eu estava no segundo andar e, portanto, pouco me agradou ter de descer à cave para me lavar. Ainda mais me desagradou ter que passar pela receção. Mas lá fui. Quando cheguei ao fim do corredor da cave, vi uma porta indicando «homens» e outra «mulheres». Abri a porta indicada para «mulheres» e deparei-me com uma pequena sala vazia, que dava para outra divisão. Abri essa segunda porta e encontrei-me noutra sala com um banco comprido e uns cabides. Ao abrir uma terceira porta, vi cinco cubículos, sem portas, com chuveiros de água quente e fria. Não estava a perceber muito bem para que serviriam tantos chuveiros, mas o que eu precisava era de me duchar. Fechei a segunda porta, que só tinha um trinco, e a terceira, que tinha chave. No entanto, tive uma grande surpresa: mal me meti sob o chuveiro, ouvi alguém bater à porta. Respondi que esperassem, mas nada — a pessoa que batia fê-lo cada vez com mais força e começou a ralar. Claro que continuei a insistir para que esperasse, mas ela não queria esperar. Pelo contrário, batia com mais violência e gritava diversas coisas, incluindo que o banho era coletivo. Nessa altura, já começara a vestir-me e protestava contra aquela ideia de banho coletivo. Mas a rapariga, enfurecida, gritava: «Na nossa organização, tudo é coletivo! Quem não estiver bem, que se vá embora!» Ainda retorqui que bem sabia que lá quase tudo poderia ser coletivo, mas que o banho também o fosse é que não me parecia certo. Entretanto, ela abriu a porta e deparei-me com uma jovem de uns vinte anos, que imediatamente, diante de mim, se despiu e entrou debaixo do chuveiro, sem deixar de repetir que ali era assim. Mais tarde, quando contei aos meus colegas o que me tinha acontecido no banho, fartaram-se de rir e fizeram vários comentários divertidos. No fim, decidimos que só lá iríamos em horários em que não encontrássemos cidadãs soviéticas, para evitarmos o banho coletivo.» Hortênsia Neves de Sousa, *A minha viagem à União Soviética* (Didáctica Editora, 1973), pp. 51-52.

⁵⁸³ A expressão é de José Neves em: Neves, «Prefácio», p. 14. Itálico no original.

metodológico e ainda, em alguns relatos, a combinação de um discurso de “estilo aventureiro [típico] de alguma literatura de viagem” com o uso de “uma linguagem própria de um relatório de avaliação”⁵⁸⁴.

Em todo o caso, o situar histórico destes discursos permite-nos, ainda, aceder a certas imagens observadas pelos comunistas em Portugal e, na verdade, em outras coordenadas por eles pisadas. Não é demais lembrar que o que possibilitou muitos dos fascínios comunistas pela União Soviética foi também um resultado das condições criadas pela ditadura salazarista. Como também não é demais lembrar que o fascínio pela URSS, mais ou menos utópico, foi uma peça na engrenagem da resistência à ditadura. Ainda assim, a desconfiança do leitor contemporâneo pode ser rapidamente levantada quanto a determinadas ilações redigidas pelos comunistas portugueses. É sabido, por exemplo, que a habitação foi «um problema considerado [...] dos mais graves»⁵⁸⁵ na URSS. Reconhecendo tal, sentenciá-riamos rapidamente alguns comunistas portugueses por criticarem, antes elogiarem, alguns dos programas de habitação soviética onde, segundo Babo, «num apartamento de três divisões, com um quarto de banho e uma cozinha, alojavam-se três famílias de três ou quatro pessoas cada»⁵⁸⁶. Todavia, a ausência de críticas e, até mesmo, os ténues elogios revelam tanto a visão comunista sobre a URSS, quanto o contraste com o que estes viam, por exemplo, em Portugal, onde as “barracas” e a ausência de políticas públicas em função da habitação em Portugal no tempo da ditadura, apesar de se quererem escondidas, eram visíveis.

Outros pontos de partida, outros pontos de chegada

Com tudo isto dito, resta-nos propor alguns *pontos de partida* para investigações futuras.

Desde já, importa sublinhar que uma prospeção aos imaginários comunistas através das narrativas de viagem mereceria um esforço analítico mais aprofundado. Assim, a investigação das narrativas beneficiaria não só de um alargamento da análise no campo das fontes (averiguando-se outros jornais e revistas e pesquisando-se novos diários, por exemplo), como também de ser submetida a um exercício comparativo com outros relatos de viagem de outros militantes comunistas, estabelecendo-se destinações e afinidades nas culturas políticas comunistas do século XX. Paralelamente, seria ainda necessário estabelecer conclusões mais aprofundadas no respeitante aos efeitos dos enquadramentos sociais nos produtores das

⁵⁸⁴ Neves, p. 12.

⁵⁸⁵ Babo, *Na Pátria do Socialismo*, 1974, p. 20.

⁵⁸⁶ Babo, p. 21.

narrativas de viagem, reconhecendo-se as distinções entre relatos de intelectuais comunistas como Óscar Lopes de relatos de dirigentes comunistas como Francisco Miguel e de relatos de trabalhadores militantes do PCP.

Outro eixo de análise sugestivo prende-se com o estudo das ditas “técnicas de hospitalidade” aplicadas pelos soviéticos aos visitantes portugueses. Eixo interessante ante a realização de que as viagens Lisboa-Moscovo enfrentaram durante o grosso do século XX aquela «muralha» de que Babo nos falava, interessante, ademais, se se projetarem comparações com a receção de outros forasteiros que não portugueses. Nesta linha de investigação, as narrativas de viagens seriam relevantes, mas o acesso aos arquivos soviéticos poderia fornecer pistas pertinentes para um entendimento mais amplo das dinâmicas e receção e, não menos importante, de representação.

Sustentamos que as viagens aqui analisadas se inscrevem num campo de relações entre Portugal e o dito mundo socialista que, de um modo geral, permanece pouco explorado pela historiografia. Justifica-se, desta forma, um estudo aprofundado das relações entre Portugal e os países socialistas, numa perspetiva que ultrapasse as ligações comerciais e diplomáticas (importantes, de resto) e que se debata, por exemplo, com a diplomacia cultural, a circulação de saberes técnicos e a construção das imagens do *outro*.

FONTES

a) Arquivos

Arquivo da CIA (<https://www.cia.gov/readingroom/home>)

Arquivo Fundação Mário Soares e Maria Barroso

Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional Portuguesa

Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Arquivo do Ministério do Interior – Gabinete do Ministro

Arquivo Oliveira Salazar

Arquivo PIDE

Arquivo Secretariado Nacional de Informação – Direção dos Serviços de Censura

Marxists Internet Archive (www.marxists.org)

b) Imprensa

A Bandeira Vermelha

A Batalha

A Força (jornal de prisão)

A Sementeira

Amizade e Cultura

Avante!

O Comunista

Paz e Amizade

Seara Nova

Tribuna Livre

Vértice

Vida Soviética

c) Narrativas de viagem

a. Livros

- Amaral, J. M. Ferreira do. *O paraíso bolchevista e... a mentira: uma viagem à Rússia*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1935.
- Babo, Alexandre. *Na Pátria do Socialismo*. Lisboa: Prelo, 1973.
- . *Na Pátria do Socialismo*. 2ª. Lisboa: Prelo, 1974.
- Barros, Henrique de. *U.R.S.S. 1970 apontamentos e reflexões de viagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1971.
- Calisto, Vasco. *Viagem ao Leste da Europa: Lisboa-Moscovo-Lisboa em automóvel*. Lisboa: Gazeta do Sul, 1967.
- Cardia, Mário. *Países socialistas de Leste: concepções ideológicas diferentes? ou modalidades de ideologias em via de revisão? (crónicas de viagem)*. Porto e Lisboa: Sopime Ed., 1968.
- Castrim, Mário, José Goulão, Rui Lima Jorge, Helena Neves, António Melo, e Carlos Pinhão. *URSS - Reportagem a seis vozes*. Lisboa: Editorial Caminho, 1980.
- Coelho, António Borges, e Blasco Hugo Fernandes. *No País dos Sovietes. 60 anos depois de Outubro*. Moscovo: Edições Progresso, 1979.
- Dias da Costa, Francisco. *No Mundo dos Lilases - Breves notas de viagem à Checoslovaquia, à União Soviética e à Polónia passando pelas Alemanhas*. Vila Real de Santo António: Of. da Emp. Litográfica do Sul, 1970.
- Freitas, Gina de, ed. *Portugueses na URSS - Entrevistas de Gina Freitas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1977.
- Gama, Eurico. *A minha experiência russa (Crónicas de Viagem)*. Braga, 1971.
- Gonçalves, António Sebastião. *U.R.S.S.: um pouco do muito que vi*. Lisboa: Notícias, 1975.
- Lopes, Óscar. *Convite para a URSS*. Porto: Inova, 1973.
- . *Setembro na URSS (1972-1974)*. 2ª. Porto: Editora Inova, 1974.
- Neves de Sousa, Hortênsia. *A minha viagem à União Soviética*. Lisboa: Didáctica, 1973.
- Nunes, José Augusto. *Breves impressões duma curta viagem à U.R.S.S. Carta aberta ao embaixador de Portugal em Moscovo Senhor Dr. Mário Neves*. Lisboa, 1975.

Porto, César. *A Rússia Hoje e Amanhã. Uma excursão ao país dos soviets*. Lisboa: Livraria Peninsular Editora, 1929.

Príncipe, César. *Na URSS a convite de Deus*. Moscovo: Edições Progresso, 1986.

Quadros, António. *Uma visita à Rússia: impressões e reflexões. O interesse português pela cultura russa*. Lisboa: Sociedade da Expansão Cultural, 1969.

Rates, Carlos. *A Rússia dos Sovietes*. Lisboa: Guimarães, 1925.

———. *A Rússia dos soviets*. Editado por César Oliveira. 2ª. Lisboa: Seara Nova, 1976.

Ribeira, Herlander. *Crónicas da Rússia dos Sovietes*. Lisboa: Gráfica, 1927

Rodrigues, Urbano Tavares. *Viagem à União Soviética e outras páginas*. Lisboa: Seara Nova, 1973.

Santos, Carlos. *Como eu vi a Rússia*. 1ª. Porto: Livraria Civilização Editora, 1927.

Sousa, Hortênsia Neves de. *A minha viagem à União Soviética*. Didáctica Editora, 1973.

Uma viagem à União Soviética em poema. Lisboa: ASA, 1985.

b. Artigos em revistas e jornais

«A URSS vista por uma criança», *Avante!*, nº 138, 7 de outubro de 1976

«No regresso de Artek um pioneiro confessa: Valeu a pena ir a este passeio», *Avante!*, nº 200, 24 de novembro de 1977

«O Socialismo em Marcha, Nós vimos florir um mundo novo», *Avante!*, nº 268, primeira quinzena de dezembro 1958

«Três jovens portuguesas falam sobre a juventude Soviética», *Avante!*, nº 24 18 de outubro de 1974

«Uma comunista portuguesa fala sobre a sua viagem à União Soviética», *Avante!*, nº 383, outubro de 1967

«Viagem à União Soviética em pouco mais de três horas», *Avante!*, nº 193, 6 de outubro de 1977

«Viagem à URSS de uma delegação de Ativistas», *Paz e Amizade*, nº 25, 1º trimestre de 1982

«Viagem à URSS e França», *Paz e Amizade*, nº 25, 1º trimestre de 1982

- «Viagens à URSS: visite as 15 repúblicas da URSS», *Paz e Amizade*, nº 25, 1º trimestre de 1982
- Albuquerque, Luís. «Visitar a URSS», *Paz e Amizade*, nº 12, 4º trimestre de 1978
- Alves, Jorge F. «As viagens da Associação», *Paz e Amizade*, nº 47, 2º bimestre de 1987
- Alves, Padre Constantino. «Impressões de uma viagem», *Paz e Amizade*, nº 38, 3º trimestre de 1985
- Borges, José. «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 30, primeira quinzena de março de 1937
- . «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 31, segunda quinzena de março de 1937
- . «A URSS vista por operários portugueses», *Avante!*, nº 32, primeira quinzena de abril de 1937
- Cabral, Alexandre. «Um domingo tranquilo em Moscovo», *Paz e Amizade*, nº 22, 2º trimestre de 1981
- Cabral, Fernanda Damas. «URSS, país da felicidade», *Paz e Amizade*, nº 32, 1º trimestre de 1984
- Cadima, Adriano; Costa, Orlando. «Notas de Viagem», *Paz e Amizade*, nº 3, 3º trimestre de 1976
- Campos, A. F. «Uma viagem à URSS», *Paz e Amizade*, nº 28, 4º trimestre de 1982
- Careto, Raquel. «Terra de Liberdade e de Paz», *Paz e Amizade*, nº 46, 1º bimestre de 1987
- Carrington da Costa, Rui Braga. «Visita ao Serviço de Reanimação do Hospital Botkine em Moscovo», *Separata do Jornal do Médico* LXVIII, n.º 1354, janeiro de 1969.
- Coelho, António Borges. «O que tem esta cidade?», *Paz e Amizade*, nº 28, 4º trimestre de 1982
- Correia, Natália. «Entrevistando Natália Correia», *Paz e Amizade*, nº 55 e 56, 4º e 5º bimestre de 1988
- Costa, José Pereira. «Uma viagem da Associação», *Paz e Amizade*, nº 49, 4º bimestre de 1987
- Costa, Orlando da. «Impressões de Viagem: 120 horas a duas colunas», *Paz e Amizade*, nº 17, 1º trimestre de 1980
- . «Impressões de Viagem: 120 horas a duas colunas», *Paz e Amizade*, nº 21, 1º trimestre de 1981

- . «Notas de Viagem», *Paz e Amizade*, nº 5, 1º trimestre de 1977
- Delgado, Abel. «Notas de Viagem», *Paz e Amizade*, nº 36, 1º trimestre de 1985
- Ferreira, Eduardo Moradas. «Depoimentos: O Forum Internacional de Moscovo», *Paz e Amizade*, nº 48, 3º bimestre de 1987
- . «Encontro com a Arménia», *Paz e Amizade*, nº 22, 2º trimestre de 1981
- Ferreira, Rui Lopes. «Viagem à URSS», *Paz e Amizade*, nº 12, 4º trimestre de 1978
- Figueiredo, Ilda. «Entrevistando Ilda Figueiredo», *Paz e Amizade*, nº 55 e 56, 4º e 5º bimestre de 1988
- Fontes, Padre António. «Um padre barrosão em Moscovo» *Paz e Amizade*, nº 38, 3º trimestre de 1985
- Gonçalves, António. «Um turista em grupo, na URSS» *Paz e Amizade*, nº 49, 4º bimestre de 1987
- Gonçalves, Egito. «Depoimentos: O Forum Internacional de Moscovo», *Paz e Amizade*, nº 47, 2º bimestre de 1987
- Jara, António Bellini. «Recortes de apontamentos de viagem», *Paz e Amizade*, nº 43, 4º bimestre de 1986
- Leitão, Leonoreta. «A minha verdade sobre a URSS», *Paz e Amizade*, nº 37, 2º trimestre de 1985
- Letria, José Jorge. «"Kírov": um kolkhoze de pescas onde o futuro já começou» *Paz e Amizade*, nº 14, 2º trimestre de 1979
- . «Conhecer a Estónia Soviética. Entre os gelos do Báltico, o calor fraternal» *Paz e Amizade*, nº 13, 1º trimestre de 1979
- Miguel, Francisco. «Visita a uma aldeia da Bulgária», *Avante!*, nº 327, março de 1963
- Mouga, Fernando. «Algumas notas sobre uma viagem à URSS», *Paz e Amizade*, nº 54, 3º bimestre de 1988
- Moura, Virgínia. «30 dias na URSS», *Paz e Amizade*, nº 33, 2º trimestre de 1984
- . «Impressões de Viagem», *Paz e Amizade*, nº 9, 1º trimestre de 1978
- Namora, Fernando. «Notas de viagem», *Paz e Amizade*, nº 1, 1º trimestre de 1976
- Namorado, Joaquim. «Instantâneos de uma viagem à URSS», *Paz e Amizade*, nº 42, 3º bimestre de 1986

- Neves, Helena. «Viagem: Dez dias com as mulheres do país da perestroika», *Mulheres*, nº 130, fevereiro de 1986
- Novus Lusitanus. «Rápida visita à Lituânia», *Paz e Amizade*, nº 4, 4º trimestre de 1976
- Nunes, Avelãs. «Notas sobre a viagem a Moscovo e à Moldávia», *Paz e Amizade*, nº 53, 2º bimestre de 1988
- Paredes, Carlos. «União Soviética: Paz e Liberdade para todo o Mundo», *Paz e Amizade*, nº 6 2º trimestre de 1977
- Paulo, Rogério. «Quatro encontros na União Soviética», *Paz e Amizade*, nº 9, 1º trimestre de 1978
- . «U.R.S.S: Ensino teatral e formação de espectadores I», *Seara Nova*, nº 1477, novembro de 1968
- . «U.R.S.S: Ensino teatral e formação de espectadores II», *Seara Nova*, nº 1479, janeiro de 1969
- Rebelo, Dulce. «A juventude e o socialismo», *Paz e Amizade*, nº 22 2º trimestre de 1981
- . «Delegados portugueses visitam a Estónia (Dias de Portugal na URSS)», *Paz e Amizade*, nº 48, 3º bimestre de 1987
- Ribeiro, Padre Manuel. «Ninguém ama aquilo que não conhece», *Paz e Amizade*, nº 38, 3º trimestre de 1985
- Ribeiro, Rogério. «Notas de Viagem à R.S.S da Arménia», *Paz e Amizade*, nº 11, 3º trimestre de 1978
- Rodrigues, Urbano Tavares. «Através da U.R.S.S.: Do novo mundo siberiano ao fabuloso oriente soviético (I)», *Seara Nova*, nº 1533, julho de 1973
- San-Gálíos, K. de. «No regresso da Sibéria», *Paz e Amizade*, nº 17, 1º trimestre de 1980
- Santos, V. Costa. «Moscovo por 40º abaixo do zero», *Paz e Amizade*, nº 18, 2º trimestre de 1980
- . «VIII Congresso da FIR: Recordações de Minsk», *Paz e Amizade*, nº 14, 2º trimestre de 1979
- Seabra-Dinis, Joaquim. «Apontamentos sobre a Arménia», *Paz e Amizade*, nº 11, 3º trimestre de 1978
- . «O I Encontro Internacional das associações de amizade», *Paz e Amizade*, nº 10, 2º trimestre de 1978

- Sérgio, Manuel. «Desporto na União Soviética», *Paz e Amizade*, nº 1, 1º trimestre de 1976
- Silva, Vicente da. «Notas de Viagem», *Paz e Amizade*, nº 4, 4º trimestre de 1976
- Silveira, Maria João. «O MDM na República do Cazaquistão», *Paz e Amizade*, nº 15, 3º trimestre de 1979
- Simões, J. Santos. «Rumo ao futuro» *Paz e Amizade*, nº 13, 1º trimestre de 1979
- Simões, Joaquim Ribeiro. «Uma semana na União Soviética», *Paz e Amizade*, nº 20, 4º trimestre de 1980
- Valente, Manuel Alberto. «Estónia - o tamanho não conta», *Paz e Amizade*, nº 16, 4º trimestre de 1979

c. Memórias de viagens

- Amorim, Américo. «Depoimento». Em *Relações entre Portugal e a Rússia: séculos XVIII e XX*, editado por Instituto Diplomático, 136. Lisboa: M.N.E, 1999.
- Ferreira, Francisco. *26 anos na União Soviética. Notas de exílio do Chico da C.U.F.* Lisboa: Edições Afrodite, 1975.
- Milhazes, José. *As minhas aventuras no País dos Sovietes.* Alfragide: Oficina do Livro, 2017.
- Militão, Amélia. *Vida que era a Segunda – Memórias de uma Estudante Portuguesa na URSS.* Albergaria-a-Velha: Paciência de Elefante, 2015.
- Namora, Fernando. *URSS mal amada bem amada.* Venda Nova: Bertrand Editora, 1986.
- Nepomuceno, Alexandra. *História de Vida do Comendador Rui Nepomuceno.* Madeira: Imprensa Acadêmica, 2024.
- Neves, Mário. *Missão em Moscovo : experiência da primeira embaixada portuguesa no país dos soviets.* Lisboa: Inquérito, D.L., 1986.
- Pato, Helena. *A noite mais longa de todas as noites: 1926-1974.* Lisboa: Edições Colibri, 2018.
- Seabra, Zita. *Foi Assim.* Lisboa: Alêtheia, 2007.
- Silva Marques, José Augusto da. *Relatos da Clandestinidade - o PCP visto por dentro.* Lisboa: Edições Jornal Expresso, 1976.
- Tengarrinha, Margarida. *Memórias de uma Falsificadora. A Luta na Clandestinidade pela Liberdade de Portugal.* Lisboa: Edições Colibri, 2018.

Ventura, Cândida. *O «Socialismo» que eu Vivi - Testemunho de uma ex-dirigente do PCP*. Lisboa: O Jornal, 1984.

Vieira, A. *Moscovo por um Antigo Funcionário do Komintern*. Lisboa: Editorial Império, 1936.

———. *O meu depoimento sobre o comunismo*. Lisboa: Editorial Império, 1936.

———. *O stalinismo por um antigo comunista que trabalhou no Komintern*. Lisboa: Sociedade de Tipografia, 1937

Vieira, Alexandre. *Delegacia a um congresso sindical*. Lisboa, 1960.

d. Diários

Dionísio, Mário. *Passageira Clandestino - IV (1974-1980)*. Odivelas: Casa da Achada - Centro Mário Dionísio, 2023.

Chicó, Maria Alice. *Viagem à União Soviética*. 1986

e. Outros

Neves, Gambetta. *O Licor Vermelho*. Lisboa: Imp. Beleza, 1933.

Reis, Romeu Cunha. *Relatório ao Comité Central – Fantasia Heroica*. Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras, 2013.

Tiago, Manuel. *Fronteiras*. Lisboa: Edições Avante!, 1998.

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque F., German. «III. Peregrinaje político: intelectuales latinoamericanos de viaje por los países socialistas». Em *La Trinchera Letrada: Intelectuales latinoamericanos y Guerra Fría*, 61–80. Santiago: Ariadna Ediciones, 2011. <http://books.openedition.org/ariadnaediciones/230>.
- Almeida, Maria Antónia Pires de. *A revolução no Alentejo: memória e trauma da reforma agrária em Avis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.
- Arefyev, V., e Z. Mieczkowski. «International Tourism In The Soviet Union In The Era Of Glasnost And Perestroyka». *Journal of Travel Research* 29, nº 4 (abril, 1991): 2–6.
- Avillez, Maria João. *Conversas com Álvaro Cunhal e outras lembranças*. Lisboa: Círculo Leitores, 2004.
- Azevedo, Ercílio de. «Os que não fomos à Rússia». Em *Os cravos na ferradura*, por Fernando Barradas e Ercílio de Azevedo, 161–162. Lisboa: Intervenção, 1975.
- Bantman, Constance. «Internationalism without an International? Cross-Channel Anarchist Networks, 1880-1914». *Revue belge de Philologie et d'Histoire* 84, nº 4 (2006): 961–81. https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_2006_num_84_4_5056.
- Barata, André. «Reler O Partido com Paredes de Vidro». Em *Álvaro Cunhal—Política, História e Estética*, editado por José Neves, 203–212. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- Barton, Susan. *Working-Class Organisations And Popular Tourism, 1840-1970*. Manchester: Manchester University Press, 2011.
- Bebiano, Rui. *O Poder da Imaginação. Juventude, rebeldia e resistência nos anos 60*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.
- Becker, Elizabeth. *Overbooked: the Exploding Business of Travel and Tourism*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 2013.
- Bezerra, Antony Cardoso. «As viagens, os regimes, os olhares: Fernando Namora na União Soviética e nos Estados Unidos». *Metamorfoses* 16, nº 1 (2019): 82–97.
- Blas, Luis Perdices de, e José Luis Ramos Gorostiza. «El experimento económico soviético a examen: La mirada de los viajeros españoles (1917-1936)». *iblio3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales* 22, nº 1.218 (2017). <http://www.ub.es/geocrit/b3w-1218.pdf>.
- Boyd, Julia. *Travellers in the Third Reich – The Rise of Fascism Throught the Eyes of Everyday People*. Londres: Elliott and Thompson, 2017

- Cardina, Miguel. *Margem de Certa Maneira O Maoismo em Portugal 1964-1974*. Lisboa: Tinta da China, 2011.
- Caute, David. *The Fellow-Travellers. Intellectual Friends of Communism*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1988.
- Cœuré, Sophie. *La grande lueur à l'Est: les Français et l'Union soviétique (1917-1939)*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.
- Corney, Frederick C. *Telling October. Memory and the making of the Bolshevik Revolution*. Ithaca: Cornell University Press, 2004.
- Cornick, Martyn, Martin Hurcombe, e Angela Kershaw. *French Polical Travel Writing in the Interwar Years: Radical Departures*. Londres: Routledge, 2017.
- Crossman, Richard, ed. *The God that failed us*. 6º ed. Nova Iorque, Toronto e Londres: Bantam Books, 1964 [1949].
- Cunha, Adelino. *Os Filhos da Clandestinidade. A História da Desagregação das Famílias Comunistas no Exílio*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2016.
- . «Os Comunistas Portugueses no Exílio (1960-1974)». Dissertação de Doutoramento ao abrigo do programa Interuniversitário de Doutoramento em História, especialidade em Dinâmicas do Mundo Contemporâneo, Universidade de Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora, 2015.
- David-Fox, Michael. «"From Illusory Society to Intellectual Public": VOKS, International Travel and Party-Intelligentsia Relations in the Interwar Period». *Contemporary European History* 2, nº 1 (2002): 7–32.
- . *Showcasing the Great Experiment: Cultural Diplomacy & Western Visitors to the Soviet Union (1921-1941)*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012.
- . «The Fellow Travelers Revisited: The “Cultured West” through Soviet Eyes». *The Journal of Modern History* 75, nº 2 (2003): 300–335.
- Dores, Armando Myre. «Profundas raízes de uma grande amizade». *Paz e Amizade*, 1984. <https://www.associacaogagarin.pt/images/stories/2013/20130605DecimoAniversario.pdf>
- Dreyfus, Michel, Bruno Groppo, Claudio Ingerflom, Roland Lew, Cluade Pennetier, Bernard Pudal, e Serge Wolikow. *O Século dos Comunismos*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- Duarte, Diogo. *O anarquismo e a arte de governar. Portugal (1890-1930)*. Lisboa: Outro Modo, Le Monde diplomatique – edição portuguesa, 2023.

- Edele, Mark. *Debates on stalinism*. Manchester: Manchester University Press, 2020.
- Edelman, Robert. *Serious Funs: a history of spectator sports in the USSR*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.
- Engels, Friedrich. *Condition of the Working Class in England*. Moscovo: Panther Edition, 1969 [1845]. <https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/condition-working-class-england.pdf>.
- Engerman, David. *Modernization from the other shore – American intellectuals and the romance of russian development*. Londres: Harvard University Press, 2003.
- Faria, Daniel Telmo. «O Comunismo: um anátema estado-novista». *Revista de História das Ideias*, nº 17 (1995): 229–61.
- Fayet, Jean-Francois. «“Welcome to the land of Lenin”. History of the 10th anniversary of the October Revolution.» *Politika*, 25 de junho de 2019. <https://www.politika.io/en/notice/welcome-to-the-land-of-lenin-history-of-the-10th-anniversary-of-the-october-revolution>.
- Fayet, Jean-Francois, Valerie Gorin, e Stefanie Prezioso. *Echoes of October: International Commemorations of the Bolshevik Revolution 1918-1990*. Londres: Lawrence & Wishart Ltd, 2017.
- Ferreira, Francisco. *Álvaro Cunhal – Herói Soviético*. Lisboa: Edição de autor, 1976.
- Ferreira, Pedro Soares. *Entre o Terror e a Esperança. A Revolução Russa na sociedade portuguesa (1917-1921)*. Lisboa: Caleidoscópio, 2009.
- Ferro, Marc. *A Cegueira - uma outra história dos nossos tempos*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017.
- Fitzpatrick, Sheila. *A Revolução Russa*. Lisboa: Tinta da China, 2017.
- . *Everyday Stalinism Ordinary Life in Extraordinary Times Soviet Russia in the 1930s*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- Fonseca, Pedro Protes da. *Incorrigível - A História Desconhecida de Carlos Rates. De primeiro secretário-geral do PCP a apoiante de Salazar*. Lisboa: Ponto de Fuga, 2021.
- Freire, João. «“A Sementeira”, do arsenalista Hilário Marques». *Análise Social*, nº 67-68–69 (1981): 767–826.
- . «O pensamento anarquista (e algumas das suas práticas) e o iberismo». Em *Península Ibérica – Nações e Transnacionalidade entre dois séculos (XIX-XX)*, editado por Sérgio Campos Matos e Luís Bigotte Chorão, 191–208. Lisboa: Húmus, 2017.

- Furet, François. *The passing of an illusion : the idea of communism in the Twentieth Century*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- Fussel, Paul. *Abroad - British Literary Traveling Between the Wars*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1980.
- Gama, José Eduardo Cipriano Pereira da. «O Movimento Operário Português em Inícios do Século XX. Cultura Política e Reportórios de Luta: o Caso de A Sementeira (1908-1919)». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2023.
- Gonçalves, Bento. *Palavras Necessárias – A Vida Proletária em Portugal de 1872 a 1927*. Porto: Inova, 1974.
- Gonçalves, Gil. «Península Rubro-Negra – F.A.I. e o iberismo libertário no Entre Guerras (1927-1936)». *História. Revista da FLUP* 10, nº 1 (2020): 29–52.
- Gorsuch, Anne E. «Time Travelers: Soviet Tourists to Eastern Europe». Em *Turizm: The Russian and East European Tourist under Capitalism and Socialism*, editado por Anne E. Gorsuch e Diane P. Koenker, 205–26. Londres, 2006.
- Guimarães, Paulo Eduardo. «O iconoclasmo acrata e a crise da consciência revolucionária em Portugal nos anos 20». *A Ideia - Revista de cultura libertária*, outubro de 2017: 136–142.
- Hazanov, Alex. «Porous Empire: Foreign Visitors And The Post-Stalin Soviet State». Doctor of Philosophy, University of Pennsylvania, 2016.
- Hedin, Astrid. «Illiberal deliberation: Communist regime travel controls as state capacity in everyday world politics». *Cooperation and Conflict* 54, nº 2 (2019): 211–33. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0010836718815522>.
- Hellbeck, Jochen. *Revolution on my mind: Writing a diary under Stalinism*. Cambridge. Nova Iorque: The New Press, 1995.
- Hobsbawm, Eric. *A Era dos Extremos. História Breve do Século XX 1914-1991*. Lisboa: Editorial Presença, 2002.
- Holland, Patrick, e Graham Huggan. *Tourists with Typewriters: Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. Michigan: The University of Michigan Press, 1996.
- Hollander, Paul. *Political Pilgrims: Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China, and Cuba, 1928-1978*. Lanham: University Press of America, 1990.
- Humbertz-Droz, Jules. «Relatório e Memórias de Jules Humbertz-Droz sobre a sua missão e permanência em Portugal em 1923». Em *O Primeiro Congresso do Partido Comunista Português*, editado por César Oliveira. Lisboa: Seara Nova, 1975.

- Instituto Diplomático. *Relações entre Portugal e a Rússia: séculos XVIII e XX*. Lisboa: M.N.E, 1999.
- Ioannidou, Alexandra. «Travel writing: Greek Intellectuals in the Soviet Union». Em *Semantyka Rosji na Bałkanach*, editado por Jolanta Sujecka, 129–148. Warszawa, 2011.
- Jameson, Frederick. *The political unconscious: Narrative as a socially symbolic act*. Londres: Routledge, 1983
- Junqueira, Mary Anne. «Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador». Em *Cadernos de Seminários de Pesquisa*, editado por Mary Anne Junqueira e Stella Maris Scatena Franco, II:44–61. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.
- Katsakioris, Constantin. «Students from Portuguese Africa in the Soviet Union, 1960–74: Anti-colonialism, Education, and the Socialist Alliance». *Journal of Contemporary History* 1, nº 56 (2021): 142–165.
- Kershaw, Angela. «French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929 – 1942». *e-Rea. Revue électronique d'études sur le monde anglophone* 4.2 (2006). <https://journals.openedition.org/erea/250>.
- Koenker, Diane. *Club Red: vacation travel and the Soviet dream*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2013.
- . «The Russian Revolution as a Tourist Attraction». *Slavic Review* 76, nº Special Issue 3: 1917–2017, The Russian Revolution a Hundred Years Later (2017): 753–762.
- Kotkin, Stephen. *Magnetic Mountain: Stalinism as a Civilization*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- Koukouna, Anastasia, e Margarite Poulos. «Introduction: Travels: A transnational communist practice». *Twentieth Century Communism*, nº 26 (2024): 5–19.
- Kravitz, Samantha A. «The Business of Selling the Soviet Union: Intourist and the Wooing of American Travelers, 1929-1939». Dissertação de mestrado em Arte (História), Concordia University, 2006.
- Kundráťová, Linda. *Os contactos da oposição portuguesa antissalazarista com a Checoslováquia entre 1933-1974: contribuição para o estudo das relações luso-checas*. Praga: Praga, 2003. https://www.cd25a.uc.pt/storage/media/pdf/Biblioteca%20digital/3erPremioIX_LindaKudratova.pdf.
- Lazaro, João. «A Cooperativa Indústria Social. Uma experiência coletiva na monarquia constitucional». *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 21 (2021): 37–55. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/24523>.

- Leal, Ernesto Castro. *Partidos e Programas. O campo partidário republicano português (1910-1926)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- . «A Revolução Russa de Outubro de 1917 e os primórdios do regime comunista: aspectos da recepção pública e da dinâmica política em Portugal (1917-1926)». *História Crítica*, nº 64 (2017): 39–60. <https://journals.openedition.org/histcrit/pdf/3484>
- Linden, Marcel van der. *Western Marxism and the Soviet Union*. Leiden e Boston: Brill, 2007.
- Lindim, Isabel. *Carlos Antunes Memórias de um Revolucionário*. Lisboa: Oficina do Livro, 2024.
- Madeira, João. *Carlos Aboim Inglês. Um intelectual comunista entre ação e pensamento*. Lisboa: Assembleia da República, 2020.
- . *História do PCP*. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- . «O Partido Comunista Português e a Guerra Fria: “sectarismo”, “desvio de direita”, “Rumo à vitória” (1949-1965)» Tese de Doutoramento em História Institucional e Política Contemporânea, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, 2011.
- . *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista Português e os Intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.
- Malia, Martim. *Russia under Western Eyes: From the Bronze Horseman to the Lenin Mausoleum*. Harvard: Harvard University Press, 1999.
- Margulies, Sylvia R. *The Pilgrimage to Russia. The Soviet Union and the Treatment of Foreigners, 1924-1937*. Madison: University of Wisconsin Press, 1968.
- Mazuy, Rachel. *Believing rather than seeing? Travels in Soviet Russia (1919-1939)*. Paris: Odile Jacob, 2002.
- Mickenberg, Julia L. *American Girls in Red Russia*. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.
- Mickiewicz, Ellen. «Efficacy and Evidence. Evaluating U.S. Goals at the American National Exhibition in Moscow, 1959». *Journal of Cold War Studies* 13, nº 4 (2011): 138–171.
- Muñiz, Manuel. «Viajeros cubanos a la Unión Soviética: la experiencia del periplo y las formas del relato en las plumas de Julio Antonio Mella, Sergio Carbó y Rubén Martínez Villena (1927-1932)». *Revista de la Red Intercatedras de Historia de América Latina Contemporánea*, nº 3 (2015): 44–59.
- Nepomuceno, Alexandra. *História de Vida do Comendador Rui Nepomuceno*. Madeira: Imprensa Acadêmica, 2024.

- Neves, José. «A militância comunista enquanto prática utópica– da resistência antifascista à sociedade pós-disciplinar». *Ler História*, nº 69 (2016): 51–70.
- . *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no século XX*. Lisboa: Tinta da China, 2011.
- . «Prefácio». Em *Visita à URSS*, por Urbano Tavares Rodrigues, 9–14. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017.
- . «The foreign road to the homelandd: Paris and the national turn of a Portuguese Communist». *Twentieth Century Communism - A Journal of International History*, nº 7 (2014): 63–81.
- Nygaard, Bertel. «Wilhelm Weitling and Early German Socialism». Em *The Cambridge History of Socialism*, editado por Marcel van der Linden, 214–231. Cambridge: Cambridge University Pres, 2022.
- Orlov, I.B., e A.D. Popov. «“Show All the Advantages of Socialism”: Foreign Tourism in the USSR and Soviet Management of Visitors’ Impressions». *Russian Studies in History* 59, nº 3 (2020): 184–225. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10611983.2021.2014746>.
- Pacheco Pereira, José. *Álvaro Cunhal, uma biografia política. O Secretário-Geral*. Vol. 4º. Lisboa: Temas e Debates, 2015.
- . *Álvaro Cunhal, uma biografia política. «Daniel», o jovem revolucionário*. Vol. 1º. Lisboa: Temas e Debates, 1999.
- . *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. Duarte, o Dirigente Clandestino*. Vol. 2º. Lisboa: Temas e Debates, 2001.
- . *Álvaro Cunhal, uma biografia Política. O prisioneiro (1949-1960)*. Vol. 3º. Lisboa: Temas e Debates, 2005.
- . «Intervenção de “António” na XII Reunião Plenária da Internacional Comunista». *Estudos sobre o Comunismo*, nº 0 (julho de 1983): 27–31.
- Pedersen, Sune Bechmann. «Eastbound tourism in the Cold War: the history of the Swedish communist travel agency Folkturist». *Journal of Tourism History* 10, nº 2 (2018): 130–145.
- Pedersen, Sune Bechmann, e Christian Noack. *Tourism and Travel during the Cold War Negotiating Tourist Experiences across the Iron Curtain*. Londres e Nova Iorque: Routledge/Taylor & Francis Group, 2019.
- Perdigão, Rui. *O PCP visto por dentro e por fora*. Lisboa: Fragmentos, 1988.

- Pereda, Ignacio García. *Junta Nacional da Cortiça (1936-1972)*. Lisboa: Euronatura, 2009.
- Pereira, Bernardo Fatcher. «União Soviética, relações com». Em *Dicionário de História de Portugal*, editado por António Barreto e Filomena Mónica, 9: 555–558. Porto: Figueirinhas, 2002.
- Pereira, Carolina Henriques, e Fábio Alexandre Faria. *Refugiados em Portugal no século XX. Entre a hospitalidade e a intransigência*. Lisboa: Manuscrito Editora, 2024.
- Pereira, Joana Dias. «A era dos congressos: reivindicações políticas do movimento associativo na crise do liberalismo». Em *Construção do Estado, Movimentos Sociais e Economia Política*, editado por Joana Dias Pereira, Ana Sofia Ferreira, e Manuel Loff, 37–52. Lisboa: Instituto de História Contemporânea, 2021. <https://ihc.fcs.unl.pt/era-congressos/>.
- . «Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo da península de Setúbal». Em *Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo da península de Setúbal*, I: 260–271. Lisboa: NOVA-FCSH, 2013.
- Pereira, Leonardo José da Silva. «Portugal e a URSS: 1974 – 1976». Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2024.
- Pinheiro, Magda. «Transportes e urbanização na margem sul do estuário do Tejo: o concelho de Almada». *Ler História*, nº 43 (2002): 157–177.
- Pinto, José Silva, ed. *Ser ou não ser por uma abertura a leste*. Lisboa: Editora Arcádia, 1973.
- Pinto, Pedro Miguel Ferreira Rios. «O PCP e a desagregação da URSS: (1985-2007)». Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2018.
- Pires, Leonardo Aboim, Gil Gonçalves, e Manuel Canudo. «Nuevos Amigos: Alcances de la solidaridad internacional con la Reforma Agraria Portuguesa, 1975-1977». Apresentado na X Congreso de la Asociación de Historial del Presente, Madrid, 2024.
- Quental, Antero de. *O que é a Internacional? — O Socialismo Contemporâneo. O Programma da Internacional. A Organização da Internacional. Conclusões*. Lisboa: Typographia do Futuro, 1871. <https://www.marxists.org/portugues/quental/1871/mes/40.htm>.
- Quintela, João. *Para a história do movimento comunista em Portugal*. Porto: Afrontamento, 1976.
- Raban, Jonathan. *For Love and Money: Writing-Reading-Travelling 1968- 1987*. Londres: The Picador, 1988.
- Richardson, William. *To the World of the Future: Mexican Visitors to the USSR, 1920-1940*. Pittsburgh: Center for Russian and East European Studies, 1993.

- Richmond, Yale. *Cultural Exchange and the Cold War*. Pennsylvania: Penn State Press, 2003.
- Rosas, Fernando. *História de Portugal - O Estado Novo (1926-1974)*. Editado por José Mattoso. Vol. VII. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- . *Salazar e os fascismos*. Lisboa: Tinta da China, 2019.
- Sá, Victor de. «Reflexão (cronológica) sobre o Sidonismo». *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto* 6 (1989): 355–361. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2148.pdf>.
- Salmon, Shawn. «Marketing Socialism: Inturist in the Late 1950s and Early 1960s». Em *Turizm: The Russian and East European Tourist under Capitalism and Socialism*, editado por Anne E. Gorsuch e Diane P. Koenker, 186–204. Londres, 2006.
- Samara, Maria Alice. *Verdes e Vermelhos. Portugal e a Guerra no Ano de Sidónio Pais*. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.
- Saraiva, António José. *Ser ou não ser arte: estudos e ensaios de metaliteratura*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- Silva, Joaquim Palminha. *Jaime Batalha Reis na Rússia dos Sovietes ou Dez Dias que Abalaram um Diplomata Português*. Porto: Afrontamento, 1984.
- Silva, José. *Memórias de um operário*. Vila Nova de Famalicão: Livr. Júlio Brandão, 1971.
- Slezkine, Yuri. *As Casas dos Sovietes: Dois Ensaio e Uma Entrevista*. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2024.
- Soares, Bernardo. *Livro do Desassossego*. Editado por Richard Zenith. 9a. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.
- Spode, Hasso. «El turista». Em *El hombre del siglo XX*, editado por Ute Frevert e Heinz-Gerhard Haupt, 125–150. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- Stern, Ludmila. *Western Intellectuals and the Soviet Union, 1920–40. From Red Square to the Left Bank*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2007.
- Studer, Brigitte. «Le voyage en U.R.S.S et son ‘retour’». *Le Mouvement social*, nº 205 (2003): 3–8.
- . *Travellers of the World Revolution: A Global History of the Communist International*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2023.
- Suny, Ronald Grigor. *Red Flag Unfurled: History, Historians and the Russian Revolution*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2017.

- . *Red Flag Wounded Stalinism and the Fate of the Soviet Experiment*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2020.
- . *The Cambridge History of Russia - The Twentieth Century*. Vol. III. III vols. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Taillet, Alisson. «El modelo soviético en los años 1930: los viajes de María Teresa León y Rafael Alberti a Moscú». *Cahiers de civilisation espagnole contemporaine*, nº 9 (2012). <https://journals.openedition.org/ccec/4161>.
- Tarcus, Horácio. *Primeros viajeros al País de los Soviets: Crónicas Porteñas (1920 - 1934)*. Buenos Aires: Bibliotecas Buenos Aires, 2017.
- Teodoro, José Miguel. «A Confederação Geral do Trabalho (1919-1927)». Tese de doutoramento, História (História Contemporânea), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/17967>.
- Thompson, Carl. «Travel Writing Now, 1950 to the Present Day». Em *The Routledge companion to travel writing*, 196–213. Nova Iorque: Routledge, 2016.
- Torbakov, Igor. «Celebrating Red October: A Story of the Ten Anniversaries of the Russian Revolution, 1927–2017». *Scando-Slavica* 64, nº 1 (2018): 7–30.
- Torres, Flausino. *História Contemporânea do Povo Português – II*. Lisboa: Prelo, 1968.
- Tôrres, Raquel Mundim. «Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagens de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)». Dissertação de Doutoramento em História, Universidade de São Paulo, 2019.
- Trindade, Luís. *O estranho caso do nacionalismo português: o salazarismo entre a literatura e a política*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- Vandervelde, Émile. *Três Aspectos da Revolução Russa*. Lisboa: Edições Spartacus, 1925.
- Varela, Raquel. *História do PCP na Revolução dos Cravos*. Lisboa: Bertrand, 2011.
- Ventura, António. «O primeiro delegado operário português na União Soviética». *Seara Nova*, nº 1589, dezembro de 1977: 9–14.
- . «Os primeiros contactos – Portugal e a Rússia Soviética». *Revista História*, nº 30 (abril de 1981): 44–46.
- Vester, Michael. «A Reforma Agrária Portuguesa como Processo Social». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 18-19–20 (1986): 481–516.
- Vieira, Alexandre. *Em volta da minha profissão: Subsídios para a História do movimento operário no Portugal continental*. Lisboa: Gráf. Boa Nova, 1950.

———. *Para a história do sindicalismo em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1970.

Vilhena, Marcos Nunes de. «Receção e percepção da Revolução Russa na crise do sistema demoliberal português – uma análise de imprensa». Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2013.

Žižek, Slavoj. *The Sublime Object Of Ideology*. Londres e Nova Iorque: Verso Books, 1989.

ANEXOS

**Tabela 1. Livros de viagem (ou com segmentos dedicados a viagens pela URSS)
publicados por escritores portugueses (1925 – 1986)**

Livro de viagem ou com segmentos dedicados à viagem				Viagem e viajante			
Ano de publicação da primeira edição	Nome do livro	Visado pela censura 1934 - 1974	Autor	Ano da viagem	Contexto da viagem	Ligação do autor-viajante com o PCP	Locais visitados e mencionados no relato
1925	<i>A Rússia dos Sovietes</i>	Sim, 1934	José Carlos Rates	1924	V Congresso da IC	Secretário-geral do PCP na década de 20, depois, dissidente comunista	Moscovo e Lenigrado
1927	<i>Como eu vi a Rússia</i>	Não	Carlos Santos	1926	Viagem de lazer com a agência Derutra	Não	Moscovo e Lenigrado
1927	<i>Crónicas da Rússia dos Sovietes</i>	Não	Herlander Ribeiro	1926	Viagem de lazer com a agência Derutra	Não	Moscovo e Lenigrado
1929	<i>A Rússia Hoje e Amanhã. Uma excursão ao país dos soviets</i>	Sim, 1960	César Porto	1925	Congresso de educação	Não. Ligado ao movimento anarcosindicalista	Leningrado, Moscovo, Saratov e Tbilisi
1935	<i>O paraíso bolchevista e... a mentira: uma viagem à Rússia</i>	Não	J. M. Ferreira do Amaral	1934	"Excursão de prazer"	Não	Leningrado
1936	<i>Moscovo por um antigo funcionário do Komintern</i>	Não					
1936	<i>O meu depoimento sobre o comunismo</i>	Não	A. Vieira				
1937	<i>O stalinismo por um antigo comunista que trabalhou no Komintern</i>	Não		?	Alegadamente, funcionário do Komintern	?	Moscovo, Leningrado, ?
1960	<i>Delegacia a um congresso sindical</i>	Não	Alexandre Vieira	1928	IV Congresso do ISV	Não. Ligado na década de 20 aos movimentos sindicais	Moscovo, Leningrado, Kharkov
1967	<i>Viagem ao Leste da Europa: Lisboa-Moscovo-Lisboa em automóvel</i>	Não	Vasco Calisto	1965	Viagem de carro (intenções publicitárias para a Volkswagen)	Não	Brest, Minsk, Smolensk, Moscovo, Orel, Kursk, Kharkov, Kiev, Jitomir, Lvov

1968	<i>Países Socialistas de Leste concepções ideológicas diferentes ou modalidades de Ideologias em via de revisão?</i>	Não	Mário Cardia	1967	8.º Congresso da União Internacional da Imprensa Médica	Não	Checoslováquia, Hungria e Roménia
1968	<i>No Mundo dos Lilases - Breves notas de viagem à Checoslovaquia, à União Soviética e à Polónia passando pelas Alemanhas</i>	Não	Francisco Dias da Costa	1968	Viagem de lazer?	Sim	Kiev, Kharkov, Orel, Moscovo, Leningrado
1969	<i>Uma Viagem à Rússia: impressões e reflexões</i>	Não	António Quadros	1968	Viagem de lazer?	Não	Moscovo e Lenigrado
1971	<i>U.R.S.S. 1970 apontamentos e reflexões de viagem</i>	Não	Henrique Barros	1970	14ª Conferência da Associação Internacional dos Economistas Agrícolas	Não. Ligado, depois, ao Partido Socialista	Leningrado, Minsk, Kiev, Moscovo, Sochi
1971	<i>A minha experiência russa (Crónicas de Viagem)</i>	Não	Eurico Gama	1971	Viag+H17:H18em de lazer (férias)	Não	Leningrado, Novgorod, Moscovo e Minsk
1973	<i>A minha viagem à União Soviética</i>	Não	Hortênsia Neves	1972	Viagem de trabalho (didática do idioma russo) através da Sociedade de Amizade France-URSS	Não	Sotchi, Moscovo e Leningrado
1973	<i>Convite para a URSS</i>	Não	Óscar Lopes	1972	Viagem realizada a convite da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais entre Povos	Sim	Moscovo, Leningrado, Tibilisi, Signáqui

1973	<i>Na Pátria do Socialismo</i>	Não	Alexandre Babo	1972	Viagem realizada a convite da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais entre Povos	Sim	Moscovo e Leningrado
1973	<i>Viagem à União Soviética e outras páginas</i>	Não	Urbano Tavares Rodrigues	1973	Viagem realizada a convite da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais entre Povos	Sim	Moscovo, Leningrado, Oomsk, Novosibirsk, Irkutsk, Bratsk, Tachkent
1974	<i>26 anos de Exílio na União Soviética</i>	-	Francisco Ferreira (Chico da CUF)	1936-1965	Exílio na URSS	Publica o livro enquanto "dissidente" comunista	Moscovo, Leningrado e Kiev
1975	<i>Breves Impressões dum curta viagem à U.R.S.S. Carta aberta ao embaixador de Portugal em Moscovo, Senhor Dr. Mário Neves</i>	-	José Augusto Nunes	1975	Excursão em grupo	Não	Moscovo e Leningrado
1975	<i>URSS um pouco do muito que vi</i>	-	A. Sebastião Gonçalves	1970	14ª Conferência da Associação Internacional dos Economistas Agrícolas	Não	Leningrado, Minsk, Kiev, Moscovo, Sochi
1976	<i>Relatos da Clandestinidade – o PCP visto por dentro</i>	-	J. A. Silva Marques	1965	VI Congresso do PCP	Publica o livro enquanto "dissidente" comunista	Moscovo, Kiev
			António Vitorino d' Almeida	Na década de 60 e depois do 25 de abril de 1974	"Fui lá enquanto pianista"	Esteve ligado ao MDP/CDE	Moscovo
			Vicente Campinas	Depois do 25 de abril de 1974	Excursionismo	Sim, teve atividade clandestina ligada ao PCP	Moscovo e Leningrado
			Carlos Carvalho	1973 e 1974	1973: integrado numa delegação sindical clandestina; 1974: delegação da Intersindical Nacional	Sim	Moscovo e Leningrado

1977

*Portugueses na
URSS
(entrevistas de
Ginas de
Freitas)*

Mário Vieira de Carvalho	1977	Viagem a propósito dos acordos de intercâmbio no contexto da Associação Portugal-URSS	Sim	Moscovo, Leningrado, Tachkent e Riga
Mário Castrim	Depois do 25 de abril de 1974	?	Sim	Moscovo
Eduardo Prado Coelho	Depois do 25 de abril de 1974	?	Sim	Moscovo
Ramiro Correia	1975	?	Próximo do PCP	Moscovo e República da Lituânia
Maria Velho da Costa	1971 e 1976	Convites da União dos Escritores Soviéticos	Não	Moscovo, Leningrado, Baku, Tshkent e Samarcanda
Blasco Hugo Fernandes	1977	Viagem enquanto diretor da Associação Portugal-URSS	Sim	Moscovo
José Gomes Ferreira	1971 e 1976	Convites da União dos Escritores Soviéticos	Sim	Moscovo, Leningrado, Baku, Tshkent e Samarcanda
Correia da Fonseca	Depois do 25 de abril de 1974	?	?	Moscovo, Leningrado e Kalínine
Fernando Lopes Graça	1977	Visita às comemorações do 1º de maio	Sim	Moscovo e cidades na Arménia
Silva Graça	1975	Visita oficial, enquanto Secretário de Estado da Juventude e Desportos, a convite do governo soviético	Sim	Moscovo

		Vasco Pinto Leite	1974 e 1975	1974: visita com fim de "estudar com os dirigentes soviéticos um plano de acordo cultural entre Portugal" e a URSS; 1975: visita enquanto delegado português ao Festival Internacional de Cinema	?	Moscovo e Leningrado
		Fernanda Mestrinho	?	Viaja integrada num grupo quase exclusivamente de construtores civis	?	Moscovo, Lenigrado, Kiev e Karkov
		Armando Myre-Dores	Viveu na URSS	Viveu na URSS	Sim	-
		Luís Francisco Rebelo	Depois do 25 de abril de 1974	Viagem a propósito do estudo de um programa de intercâmbio cultural e em função de contactos com os meios teatrais soviéticos	Sim	Moscovo, Leningrado e Tbilissi
		Urbano Tavares Rodrigues	Antes e depois do 25 de abril de 1974	Motivos vários	Sim	-
1979	<i>No País dos Soviéticos 60 Anos depois de Outubro</i>	António Borges Coelho	1979	"Trabalho de repórter"	Sim	Moscovo, Leningrado e Volgogrado
		Blasco Hugo Fernandes	1979	"Trabalho de repórter"	Sim	Moscovo, Tiumen, Surgut e Kiev
1980	<i>URSS reportagem a seis vozes</i>	Mário Castrim	1979	Viagem realizada em detrimento de reportagens jornalísticas	Sim	Moscovo, Baku e Suvelian
		José Goulão	1976, 1979	Viagem realizada em detrimento de reportagens jornalísticas	Sim	Moscovo, Brest e Minsk
		Rui Lima Jorge	1979	Viagem realizada em detrimento de reportagens jornalísticas	Sim	Moscovo e Minsk

			Helena Neves	1979	Viagem realizada em detrimento de reportagens jornalísticas	Sim	Moscovo e Kiev
			António Melo	1979	Viagem realizada em detrimento de reportagens jornalísticas	Sim	Khatin, Minsk
			Carlos Pinhão	1979	Viagem realizada em detrimento de reportagens jornalísticas	Sim	Moscovo e Minsk
1984	<i>O Socialismo que eu vivi</i>	-	Cândida Ventura	1958	Visita em contexto de exílio (França-URSS)	Publica o livro enquanto "dissidente" comunista	Moscovo e Sochi
1985	<i>Uma viagem à União Soviética em Poema</i>	-	?	1983	?	?	Moscovo, Leningrado, Pskov, Bratsk, Alma-atá, Tashkent
1986	<i>URSS a convite de Deus</i>	-	César Príncipe	1973: "Há alguns anos fez duas viagens à União Soviética para recolher a matéria deste livro"	Viagem a convite da Igreja Ortodoxa Russa	Sim	Visita várias localidades das demais Repúblicas da URSS: Moscovo, Leningrado, Kiev, Riga, Baku, Rumxichkes, Issik, Tachkent
1986	<i>URSS mal amada bem amada</i>	-	Fernando Namora	1973	Viagem realizada a convite da União das Associações Soviéticas para a Amizade e as Relações Culturais entre Povos	Esteve próximo dos meios do PCP no tempo da ditadura	Moscovo, Leningrado, Oomsk, Novosibirsk, Irkutsk, Bratsk, Tachkent, Bukhará e Samarcanda

Tabela 2. Narrativas de viagem publicadas na revista *Paz e Amizade* (1976 – 1989)

Nº	Data	Artigo	Autores
1º	1º trimestre de 1976	Notas de Viagem	Fernando Namora
		Desporto na União Soviética	Manuel Sérgio
3º	3º trimestre de 1976	Notas de Viagem	Adriano Cadima + Orlando Costa
4º	4º trimestre de 1976	Rápida visita à Lituânia	<i>Novus Lusitanus</i> (Correspondente permanente em Moscovo)
		Notas de Viagem	Vicente da Silva (coronel)
5º	1º trimestre de 1977	Notas de Viagem	Orlando da Costa
6º	2º trimestre de 1977	União Soviética: Paz e Liberdade para todo o Mundo	Carlos Paredes
9º	1º trimestre de 1978	Quatro encontros na União Soviética	Rogério Paulo
		Impressões de Viagem	Virgínia Moura
10º	2º trimestre de 1978	O I Encontro Internacional das associações de amizade	Joaquim Seabra-Dinis
11º	3º trimestre de 1978	Apontamentos sobre a Arménia	Joaquim Seabra-Dinis
		Notas de Viagem à R.S.S da Arménia	Rogério Ribeiro
12º	4º trimestre de 1978	Visitar a URSS	Luís Albuquerque
		Viagem à URSS	Rui Lopes Ferreira
13º	1º trimestre de 1979	Rumo ao futuro	J. Santos Simões
		Conhecer a Estónia Soviética. Entre os gelos do Báltico, o calor faternal	Jose Jorge Letria
14º	2º trimestre de 1979	"Kírov": um kolkhoze de pescas onde o futuro já começou	José Jorge Letria
		VIII Congresso da FIR: Recordações de Minsk	V. Costa Santos
15º	3º trimestre de 1979	O MDM na República do Cazaquistão	Maria João Silveira
16º	4º trimestre de 1979	Estónia - o tamanho não conta	Manuel Alberto Valente
17º	1º trimestre de 1980	Impressões de Viagem: 120 horas a duas colunas	Orlando da Costa
		No regresso da Sibéria	K. de San-Gálíes
18º	2º trimestre de 1980	Moscovo por 40º abaixo do zero	V. Costa Santos
20º	4º trimestre de 1980	Uma semana na União Soviética	Joaquim Ribeiro Simões (coronel)
21º	1º trimestre de 1981	Impressões de Viagem: 120 horas a duas colunas	Orlando da Costa
22º	2º trimestre de 1981	Um domingo tranquilo em Moscovo	Alexandre Cabral
		A juventude e o socialismo	Dulce Rebelo
		Encontro com a Arménia	Eduardo Moradas Ferreira
25º	1º trimestre de 1982	Viagem à URSS de uma delegação de Ativistas	-
		Viagem à URSS e França	-
		Viagens à URSS: visite as 15 repúblicas da URSS	-
28º	4º trimestre de 1982	O que tem esta cidade?	António Borges Coelho
		Um viagem à URSS	A. F. Campos
32º	1º trimestre de 1984	URSS, país da felicidade	Fernanda Damas Cabral
33	2º trimestre de 1984	30 dias na URSS	Virgínia Moura
36	1º trimestre de 1985	Notas de Viagem	Abel Delgado
37	2º trimestre de 1985	A minha verdade sobre a URSS	Leonoreta Leitão

38	3º trimestre de 1985	Um padre barrosão em Moscovo	Padre António Fontes
		Ninguém ama aquilo que não conhece	Padre Manuel Ribeiro
		Impressões de uma viagem	Padre Constantino Alves
42º	3º bimestre (Maio e Junho) de 1986	Instantâneos de uma viagem à URSS	Joaquim Namorado
43º	4º bimestre (Julho e Agosto) de 1986	Recortes de apontamentos de viagem	António Bellini Jara
46º	1º bimestre (Janeiro e Fevereiro) de 1987	Terra de Liberdade e de Paz	Raquel Careto
47º	2º bimestre (Março e Abril) de 1987	Depoimentos: O Forum Internacional de Moscovo	Egito Gonçalves
		As viagens da Associação	Jorge F. Alves
48º	3º bimestre (Maio e Junho) de 1987	Depoimentos: O Forum Internacional de Moscovo	Eduardo Moradas Ferreira
		Delegados portugueses visitam a Estónia (Dias de Portugal na URSS)	Dulce Rebelo
49º	4º bimestre (Julho e Agosto) de 1987	Um turista em grupo, na URSS	António Gonçalves
		Uma viagem da Associação	José Pereira Costa
53º	2º bimestre (Março e Abril) de 1988	Notas sobre a viagem aa Moscovo e àa Moldávia	Avelãs Nunes
54º	3º bimestre (Maio e Junho) de 1988	Algumas notas sobre uma viagem à URSS	Fernando Mouga
55º e 56º	4º e 5º bimestre (Julho a Outubro) de 1988	Entrevistando Natália Correia	Natália Correia
		Entrevistando Ilda Figueiredo	Ilda Figueiredo

Tabela 3. Relatos de viagem (à URSS) nos relatórios de livros censurados (1934 – 1974)

COTA	ANO	AUTOR	NOME DO LIVRO	CENSURADO?
PT-TT-SNI-DSC-35-8-26	18/07/34	Carlos Rates	<i>A Rússia dos Sovietes</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-3-80	07/09/34	Louis Charles Royer	<i>El amor em los soviets</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-91	19/09/34	Henri Barbusse	<i>A Nova Rússia</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-111	03/12/34	Magdalena Lauret	<i>Una Mujer en la Rusia</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-187	01/06/36	Ramon J. Sender	<i>Madrid - Moscú</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-484	26/11/37	Sir Walter Citrine	<i>A la Recherche de la verité em Russie</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-3-513	29/12/37	André Gide	<i>Retour de L'URSS</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-512	29/12/37	André Gide	<i>Retouches à mon retour de l'URSS</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-3-537	08/02/38	Kléber Legay	<i>Um mineur Français Chez Les Russes</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-639	01/06/38	Émilie Sohreiber	<i>Como se vive na Rússia dos Sovietes</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-673	28/07/38	Elise Despréaux	<i>Trois ans chez les tsars rouges</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-3-695	08/09/38	Louise Bosserdet	<i>Une Française em URSS</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-715	03/11/38	Jean-Gérard Fleury	<i>Um Homme libre chez les soviets</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-727	16/12/38	J. Bouré	<i>Vu et entendu en URSS</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-3-733	22/12/38	Jean Pons	<i>Journées Sovietiques</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-3-1022	1940	Herlander Ribeiro	<i>Crônicas da Rússia dos Sovietes</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-1-2181	10/03/43	?	<i>Que vi na Rússia</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-4-2250	14/05/43	Feliks Topolski	<i>Russia in war</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-4-3031	1947	Pierre Neyret	<i>Moscou 1945</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-4-3038	1947	Jules Cotte	<i>Um Ingénieur Français em URSS</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-4-3008	18/04/47	Jorge Amado	<i>Vida de Luís Carlos Prestes</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-4-2995	19/04/47	Jean Fonteyne	<i>Droit et justice em URSS</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-4-3075	11/08/47	nd [Charles Plisnier]	<i>Faux Passeports</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-4-3928	14/01/49	Henry A. Wallace	<i>Missão na Ásia Soviética</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-8-4098	25/06/49	Jogn Steinbeck	<i>Journal Russe</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4434	30/10/50	Pierre Debraay	<i>Um Catholique retour de l'URSS</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4489	23/12/50	Richard Hilton	<i>Military attaché, in Moscow</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4553	19/05/51	Emile Vandervelde	<i>Três Aspectos da Revolução Russo</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4663	07/01/52	Aldo Cucchi	<i>Uma Visita à Rússia</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4737	11/08/52	A. Alfredo Varela	<i>Un periodista argentino em la Union Sovietica</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4845	24/10/52	Fernand Corcos	<i>Une visite a la Russie Nouvelle</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-4879	10/02/53	?	<i>O amor na Rússia Bolchevista</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5020	04/09/53	Jurema Yary Finamour	<i>4 semanas na União Soviética</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5116	03/02/54	Herlander Ribeiro	<i>Crônica da Rússia dos Sovietes</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5129	03/02/54	William L. White	<i>Impressões sobre os russos</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5477	04/10/55	Henri Carier-Bresson	<i>Moscou</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5814	26/12/56	Raul Rieiro da Silva	<i>A Rússia vista por um médico brasileiro</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5820	11/01/57	José Guilherme Mendes	<i>Moscovo - Varsóvia - Berlim</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-5832	24/01/57	Michael Gordey	<i>Visa pour Moscou</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-6047	08/07/57	Dominique Lapierre	<i>Em liberté sur les routes d'URSS</i>	NÃO

PT-TT-SNI-DSC-35-5-6128	05/12/57	Louis Fischer	<i>Retour à Moscou</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-6157	12/04/58	Paul-Louis Mignon	<i>Le Théâtre em URSS</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-6173	16/06/58	Marquis de Custine	<i>Voyage em Russie</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-5-6175	17/06/58	Princesse Zinnaïda Schakovskoy	<i>Ma Russie Habillée em URSS - Retour au pays natal</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-6189	05/07/58	Armando Gatti	<i>Sibérie - Zero + L'infini</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-5-6372	13/03/59	Alberto Moravia	<i>Um Mois em URSS</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-2-6487	03/02/60	Charles Vildrac	<i>Russie Neuve</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-2-6515	16/02/60	César Porto	<i>A Rússia, Hoje e Amanhã</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-2-6520	16/02/60	Carlos Santos	<i>Como eu vi a Rússia</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-2-6516	19/02/60	Maurice Hindus	<i>Santa Rússia</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-2-6590	01/07/60	John Gunther	<i>A Rússia por dentro</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-2-6779	28/12/60	Gilbert Gensac	<i>URSS Insolite</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-2-7060	19/04/62	Louis de Villefosse	<i>L'oeuf de Wyasma</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-2-7057	05/05/62	Curzio Malaparte	<i>Em Russie et en Chine</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-2-7128	14/07/62	Sacha Simon	<i>Cheers Sovietiques</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-7-7264	02/02/63	Michel Ayih-Dosseh	<i>Les Soviétiques et l'Afrique</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-7-7265	02/02/63	Lucien Laurat	<i>L'URSS sans oeillères</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-7-7398	29/10/63	Nascimento Brito	<i>Um jornalista brasileiro na Russia</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-7-7500	12/08/64	Victorio Martorelli	<i>No país dos Sputniks</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-7-7878	26/09/66	Jorge Amado	<i>O mundo da Paz</i>	SIM
PT-TT-SNI-DSC-35-7-7964	05/12/66	Vasco Calixto	<i>Numa viagem de automóvel de Lisboa a Moscovo</i>	NÃO
PT-TT-SNI-DSC-35-6-8803	26/11/70	Francisco Dias da Costa	<i>No Mundo dos Lilases</i>	NÃO